

LIVRO QUE
DEU ORIGEM
AO FILME

B
BERTRAND BRASIL

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *NEW YORK TIMES*

13 HORAS

OS SOLDADOS SECRETOS DE BENGHAZI

MITCHELL ZUCKOFF

com a Equipe de Segurança do Anexo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Do autor:

Perdidos em Shangri-La

MITCHELL ZUCKOFF

*com membros da Equipe
de Segurança do Anexo*

13 Horas

Os soldados secretos de Benghazi

Tradução
Marcelo Hauck

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2016

Copyright © 2014 by Truth & Courage L.L.C.

Publicado mediante acordo com Grand Central Publishing, Nova York, NY, EUA. Todos os direitos reservados.

Arte de capa ©2015 Paramount Pictures. Todos os direitos reservados.

Título original: 13 hours: the inside account of what really happened in Benghazi

Editoração da versão impressa: Futura

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
2016

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Z86t

Zuckoff, Mitchell

13 horas [recurso eletrônico] : os soldados secretos de Benghazi / Mitchell Zuckoff ;
tradução Marcelo Hauck. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2016.

recurso digital

Tradução de: 13 hours: The inside account of what really happened in benghazi

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui índice remissivo

ISBN 978-85-286-2111-2 (recurso eletrônico)

1. Terrorismo - Estados Unidos - Prevenção. 2. Operações militares - Estados Unidos.
3. Operações militares - Líbia. 4. Guerra contra o terrorismo, 2001-2012. 5. Guerra
contra o terrorismo, 2001-2012 - Operações de busca e salvamento - Estados Unidos. 6.
Estados Unidos - Relações exteriores - 2001-2012. 7. Estados Unidos - Política e
governo - 2001-2012. 8. Livros eletrônicos. I. Hauck, Marcelo. II. Título.

16-30043

CDD: 359.984073

CDU: 327(73)'2001/2012'

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2o andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2076 — Fax: (0xx21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Para JCS, SPS, TSW e GAD
Veritas et Fortitudo

SUMÁRIO

NOTA AO LEITOR

ELENCO

PRÓLOGO

UM Benghazi

DOIS O Anexo

TRÊS O Embaixador

QUATRO 11 de setembro de 2012

CINCO Invasão

SEIS Gunfighter Road

SETE Morto em Batalha

OITO Contra-ataque

NOVE Zumbilândia

DEZ Alvo Blindado

ONZE Bombardeio?

DOZE Morteiros!

TREZE Comboio

EPÍLOGO

UMA NOTA SOBRE AS FONTES

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

AGRADECIMENTOS

ÍNDICE REMISSIVO

NOTA AO LEITOR

Este livro documenta as últimas horas de um posto avançado em um dos lugares mais perigosos do mundo. Baseado em relatos exclusivos em primeira mão, ele descreve o ataque sangrento, as perdas trágicas e os atos heroicos no Complexo da Missão Especial do Departamento de Estado dos EUA e na vizinha base da CIA chamada Anexo, em Benghazi, na Líbia, da noite de onze de setembro de 2012 até a manhã do dia seguinte.

Ele não é sobre o que as autoridades do governo dos Estados Unidos sabiam, disseram ou fizeram depois do ataque nem sobre a ininterrupta controvérsia em relação a pontos de discórdia, política eleitoral e supostas conspirações e acobertamentos da verdade. Não é sobre o que aconteceu em salas de conferência no Capitólio, antessalas da Casa Branca, salas de reunião do Departamento de Estado ou nos bastidores de programas de entrevistas na TV. É sobre o que aconteceu na linha de frente, nas ruas e nos telhados de Benghazi, quando balas voavam, prédios queimavam e bombas choviam. Quando vidas foram salvas, perdidas e para sempre transformadas.

Os homens dos quais as experiências constituem a alma e o dorso deste livro estão bem conscientes da tempestade política em torno de Benghazi. Eles reconhecem que a palavra em si perdeu suas amarras; não é mais tão somente o nome de uma empoeirada cidade mediterrânea portuária na

costa nordeste da Líbia. Eles sabem que alguns americanos usam Benghazi como uma abreviação para a prevaricação, ou coisa pior, do governo dos Estados Unidos. Eles também entendem que suas explicações e revelações serão usadas como provas para fundamentar alegações e acusações das quais escolheram não participar.

Isso não quer dizer que eles não se preocupem com essas questões. É que esse simplesmente não é o propósito desses homens. A intenção deles é deixar um registro para a história, da maneira mais acurada possível, sobre o que fizeram, o que viram e o que aconteceu com eles — e com os amigos, colegas e compatriotas — durante a Batalha de Benghazi.

Embora escrito como uma narrativa, esta é uma obra de não ficção. Nenhuma cena ou cronologia foi alterada, nenhuma licença dramática foi feita e nenhum personagem foi inventado ou criado a partir da mistura de mais de um sujeito. Descrições de antes, durante e imediatamente depois da batalha vieram dos homens que estavam lá, de relatos verificados ou de ambos. Todos os diálogos foram ditos ou escutados em primeira mão por fontes primárias. Pensamentos atribuídos a indivíduos vieram diretamente desses indivíduos.

As principais fontes deste livro foram os cinco contratados da força de segurança americana, conhecidos como “operadores”, que responderam ao ataque surpresa ao Complexo diplomático de Benghazi, que lideraram o contra-ataque e executaram o resgate dos funcionários do Departamento de Estado e dos moradores do Anexo da CIA. Muitos nomes foram trocados ou omitidos por motivos de privacidade e segurança, mas todas as descrições e informações sobre os indivíduos são verdadeiras. Detalhes confidenciais

foram omitidos, em conformidade com o contrato de confidencialidade entre empregados e contratados secretos do governo. Essas alterações e omissões não têm efeito material na história e não adultera os fatos conhecidos. Os relatos individuais dos operadores estavam fundamentalmente em sintonia, mas às vezes havia divergências de detalhes, como por exemplo, em que momento uma determinada chamada de rádio foi feita. Sempre que possível, a narrativa reflete as variadas perspectivas, que podem ser atribuídas à vertiginosa natureza dos acontecimentos, à névoa de guerra e à preocupação primordial dos membros da equipe em permanecerem vivos, em vez de prestarem atenção em cronologias.

As fontes secundárias incluem entrevistas adicionais, fotos e vídeos, os volumosos registros em documentos públicos, relatos e testemunhos do Congresso, e notícias da mídia. Tais fontes, creditadas onde apropriado no texto e referenciadas na “Bibliografia Seleccionada”, foram usadas para fornecer contexto, preencher lacunas de períodos em que as fontes primárias não estavam presentes e para confirmar ou aprimorar as recordações dos participantes. Informações adicionais sobre o livro estão disponíveis no final do livro, no item “Uma nota sobre as fontes”.

Relatos anteriores desses acontecimentos, em livros, revistas e outras mídias, perturbaram ou até mesmo indignaram os homens cujas histórias são contadas aqui. Versões com diálogos ficcionalizados, incidentes imaginários, reivindicações falsas ou exageradas e alegações sensacionalizadas não serviram a outro propósito senão inflamar e ofuscar. O objetivo dos membros da verdadeira equipe de segurança foi relatar a Batalha de Benghazi por meio da lente mais transparente possível. Eles e a família de um sexto operador têm uma participação financeira neste livro, mas a única exigência editorial deles foi de que a história contasse a verdade.

Seria uma bobagem pensar que este ou qualquer outro relato seja a última palavra sobre eventos com implicações tão abrangentes. Mas depois de tantas palavras já terem circulado, e das tantas outras que estão por vir, considere este livro uma expressão vinda diretamente do campo de batalha, dos homens que sabem, a partir da dura experiência e das memórias chamuscadas, o que realmente aconteceu durante aquelas angustiantes treze horas.

— Mitchell Zuckoff

ELENCO

A EQUIPE DE SEGURANÇA DO ANEXO:

Dave “D.B.” Benton — ex-sargento da marinha e oficial da SWAT, D.B. era um franco-atirador cujas especialidades incluíam resgate de refém, operação de ação direta, vigilância, reconhecimento, combate a curta distância. Antes de Benghazi, foi condecorado por seu trabalho de prestador de serviço de segurança no Iraque, Afeganistão e em outros locais. Taciturno e reflexivo, casado e pai de três filhos, D.B. frequentemente fazia parceria em Benghazi com seu grande amigo Kris “Tanto” Paronto.

Mark “Oz” Geist — Com quarenta e seis anos, era o membro mais velho da equipe. O calmo Oz passou doze anos no Corpo de Fuzileiros Navais, nesse período trabalhou em uma unidade de inteligência, mais tarde foi chefe de polícia em uma cidade no Colorado, onde cresceu. Depois de administrar uma empresa de investigação particular, em 2004 tornou-se contratado do Departamento de Estado no Iraque. Oz casou-se duas vezes, teve um filho com sua primeira esposa e uma enteada adolescente e uma menina com a segunda mulher.

Kris “Tanto” Paronto — ex-membro do 75º Regimento Ranger do Exército, o loquaz Tanto tinha uma personalidade tão colorida quanto as muitas tatuagens em seu corpo musculoso. Com quarenta e um anos, tinha passado uma década trabalhando como operador de segurança contratado — um trabalho que ele considerava parte da batalha entre o bem e o mal — em países espalhados pelo Oriente Médio. Tanto tinha mestrado em Justiça Criminal, era dono de uma firma de assessoria em seguros e tinha um filho e uma filha com a segunda esposa.

Jack Silva — Ex-SEAL¹ da Marinha, Jack serviu durante uma década, quando participou de missões em Kosovo e no Oriente Médio. Introspectivo e inteligente, Jack saiu dos SEALs para passar mais tempo com seus dois filhos pequenos e sua esposa, que soube, quando Jack trabalhava em Benghazi, que estava grávida. Com trinta e oito anos, Jack dividia seu tempo entre o trabalho de segurança como contratado e o setor imobiliário, pois comprava, reformava e vendia propriedades. Jack frequentemente fazia parceria com o companheiro e também ex-SEAL Tyrone “Rone” Woods.

John “Tig” Tiegen — Tig tinha trinta e seis anos, era ex-sargento da Marinha do Colorado e passou vários anos prestando serviços de segurança para a Blackwater. Trabalhou para a empresa no Afeganistão, Paquistão e Iraque antes de entrar para a Global Response Staff (GRS) da CIA. Quieto e meticuloso, casado e pai de gêmeos ainda pequenos, Tig estava no meio de sua terceira viagem a Benghazi pela GRS, o que fazia dele o membro da equipe mais experiente na cidade. Ele sempre fazia equipe com “Oz” Geist.

Tyrone “Rone” Woods — Rone tinha quarenta e um anos, era um musculoso ex-SEAL da Marinha que serviu durante duas décadas antes de

retornar à vida civil em 2010. Durante os anos em que foi SEAL, Rone serviu na Somália, no Afeganistão e Iraque, onde ganhou uma medalha Estrela de Bronze representando sua bravura. Casado duas vezes, pai de três filhos, Rone era enfermeiro e paramédico. Como desejava passar mais tempo com a família, Rone tinha decidido que Benghazi seria a sua última viagem com a GRS da CIA.

Nota:

1. Força de operações especiais da Marinha dos Estados Unidos. Os membros de suas equipes são considerados soldados altamente qualificados, capazes de atuar no mar (*sea*), no ar (*air*) na terra (*land*), e são essas três palavras que dão origem ao acrônimo da unidade, SEAL. (N. T.)

OUTROS PARTICIPANTES ESSENCIAIS:

J. Christopher Stevens — O embaixador americano na Líbia era um jovial homem de 52 anos, solteirão, natural da Califórnia e um funcionário de carreira do Serviço de Relações Internacionais que se dedicava a melhorar as relações entre os Estados Unidos e os países árabes.

Sean Smith — Smith era funcionário do setor de comunicação do Departamento de Estado durante o dia e famoso por seu hábito noturno de jogar online. Com 34 anos, casado e pai de dois filhos, Smith trabalhou para o Departamento de Estado durante dez anos depois de ter servido a Força Aérea.

Glen “Bub” Doherty — Ex-SEAL da Marinha, o simpático Bub foi membro da equipe da GRS sediada em Trípoli que seguiu de avião para Benghazi depois do início do ataque. Com 42 anos, divorciado e sem filhos, Bub era uma carismática mistura de disciplina e cordialidade. Era colega de Rone e Jack desde os tempos de SEAL e tornou-se amigo de Tanto quando trabalharam juntos em Trípoli.

“Bob” — Funcionário da CIA, Bob ocupava o cargo mais alto da agência em Benghazi. Ele supervisionava todas as atividades de inteligência e o pessoal do Anexo, inclusive os operadores de segurança.

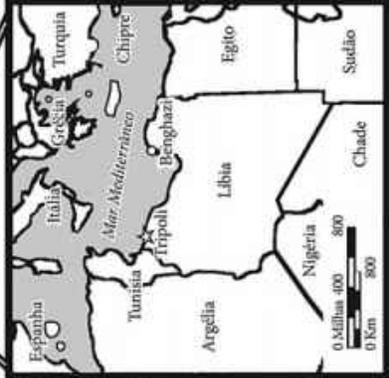
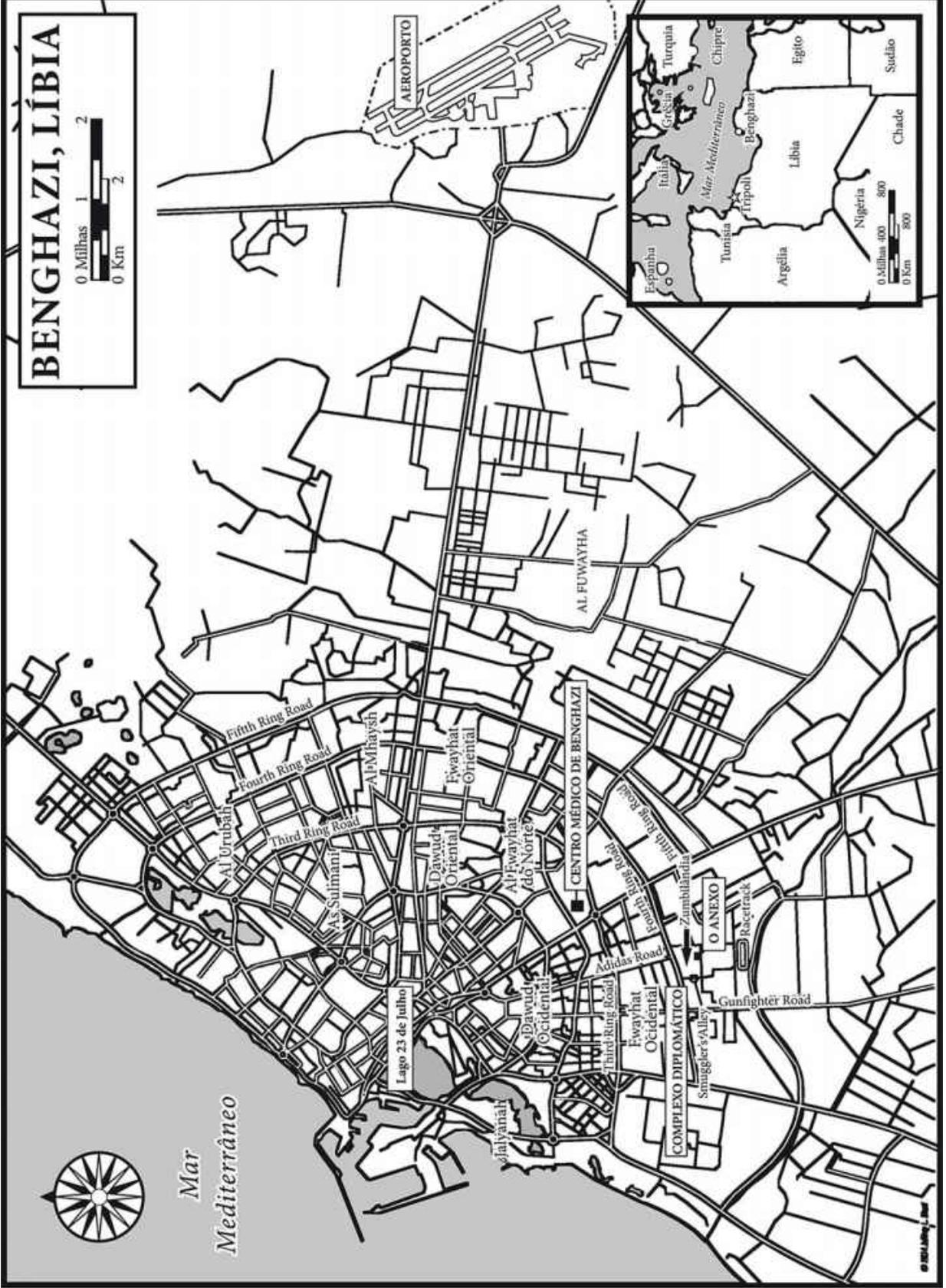
“Henry” — Civil na faixa dos sessenta anos, Henry trabalhava como tradutor no Anexo e acompanhou a equipe de segurança em sua missão de resgate no Complexo diplomático.

Alec Henderson — Agente que ocupava o cargo mais alto na Segurança Diplomática do Departamento de Estado em Benghazi, Henderson estava dentro do Centro de Operações Táticas quando o ataque começou. Ele disparou o primeiro alarme e ligou para o Anexo e a embaixada de Trípoli para solicitar ajuda.

David Ubben — Um agente da Segurança Diplomática sediado em Benghazi que tinha passado um tempo no Exército americano. Quando o ataque começou, Ubben e dois agentes da Segurança Diplomática que viajaram para Benghazi com o embaixador Stevens correram para seus alojamentos para pegar seus rifles e coletes à prova de balas.

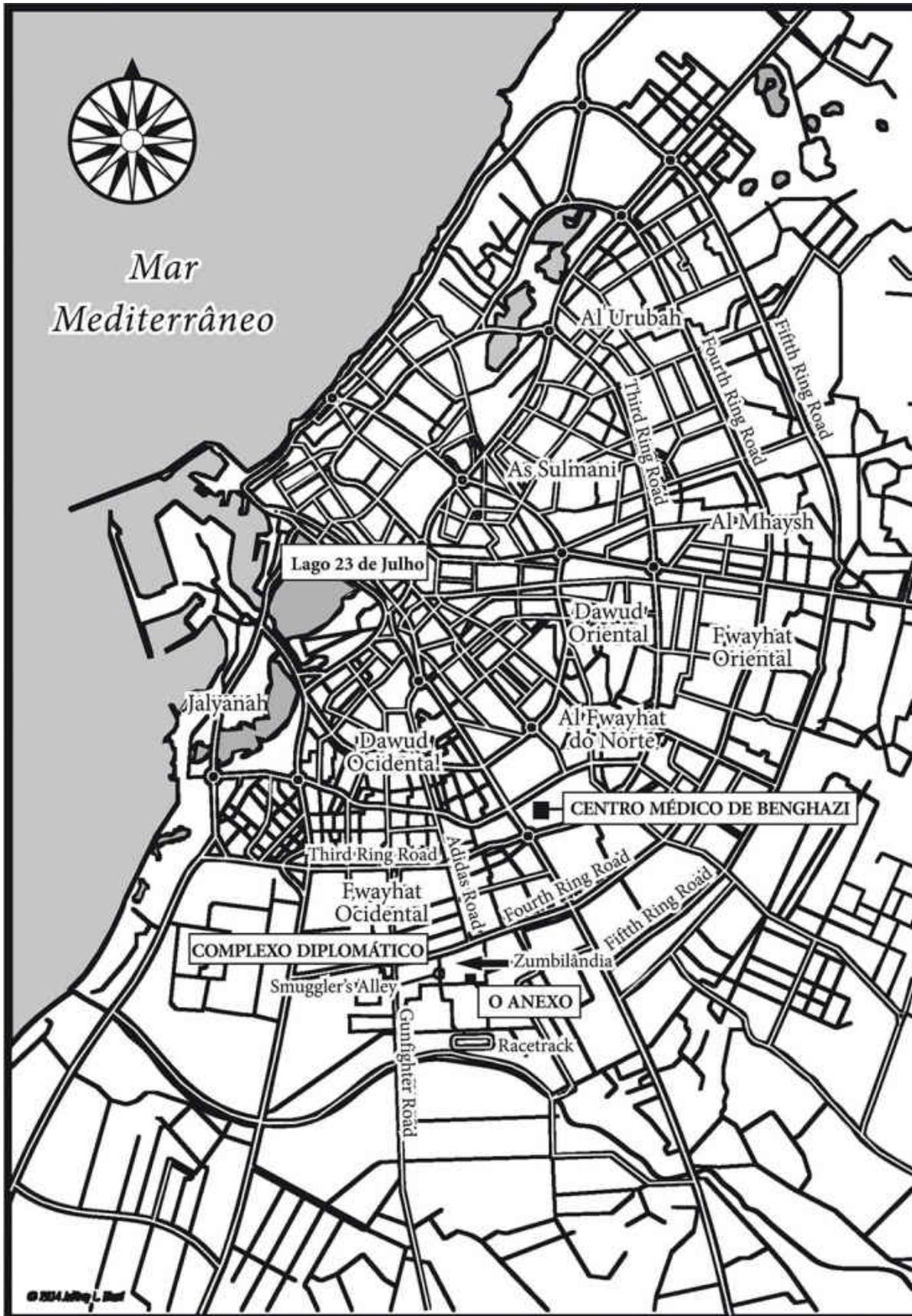
Scott Wickland — Agente da Segurança Diplomática sediado em Benghazi e designado para proteger o embaixador Stevens. Ex-nadador de resgate da Marinha dos Estados Unidos, Wickland conduziu Stevens e o especialista em informática Sean Smith para a zona de segurança do casarão quando o ataque começou.

BENGHAZI, LÍBIA

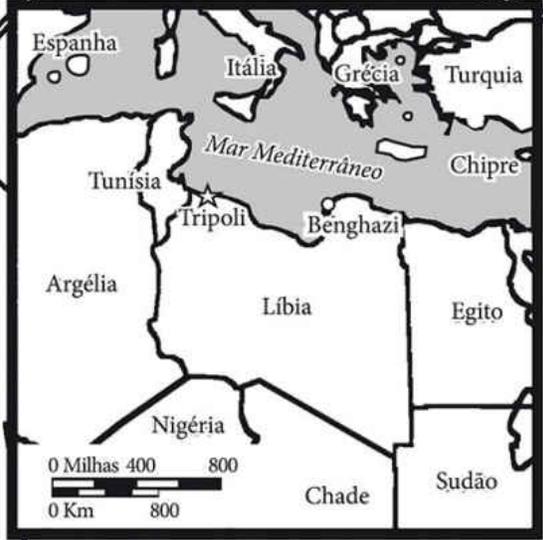
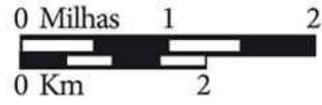




Mar
Mediterrâneo



BENGHAZI, LÍBIA



Prólogo

Uma multidão sedenta por sangue avança sobre o posto diplomático dos Estados Unidos em Benghazi, na Líbia, um local protegido de maneira ineficaz. Sitiados, os enviados e funcionários americanos se recolhem em uma sala trancada quando os tiros disparados pelos agressores se aproximam. Os americanos rezavam e clamavam pelo resgate, ligando para Washington e aliados próximos. Se nenhuma ajuda chegasse, eles temiam três destinos: seriam mortos pelos invasores, sufocariam com a fumaça ou seriam queimados vivos. Nesse meio tempo, eles lutariam.

Era cinco de junho de 1967.

A guerra entre Israel e Egito tinha acabado de começar, e as notícias matinais no rádio em Benghazi estavam repletas de declarações falsas informando que aviões militares americanos tinham fornecido cobertura aérea aos ataques israelenses, ou bombardeado o Cairo a pouco menos de mil e cem quilômetros dali. Centenas de moradores de Benghazi lotaram as ruas e se reuniram em frente ao consulado da República Árabe Unida, como o Egito era chamado na época. O grupo de manifestantes expandiu com parte dos dois mil operários egípcios que estavam na Líbia para construir um estádio olímpico. Eles rapidamente se tornaram violentos. A multidão pegava pedras das ruas destruídas e seguia em direção a um prédio que fora a sede de um banco italiano e que abrigava o consulado americano.

Um grupo de guardas líbios abandonou os seus postos. Os agressores bombardearam o prédio com pedras e o invadiram pelas janelas quebradas e pela pesada porta da frente. À medida que a horda se aproximava, os oito homens e duas mulheres americanas dentro do prédio queimavam documentos sigilosos freneticamente. Os funcionários do consulado estavam todos armados, mas o oficial responsável, John Kormann, recorda-se de ter ordenado que ninguém atirasse a fim de não enfurecer ainda mais a multidão. Os americanos lançaram bombas de gás para conter o ataque furioso. Encurralados, receberam seus inimigos com coronhas de fuzil e cabos de machado, depois se retiraram por uma larga escada de mármore. Refugiaram-se em uma sala blindada no segundo andar usada como centro de comunicação do consulado.

Incapazes de alcançar suas presas, mas se recusando a ir embora, os agressores saquearam o prédio e o incendiaram. Kormann temia que os invasores jogassem gasolina por baixo da porta da sala blindada para queimar ou sufocar os americanos. Ele guardou para si esse pensamento enquanto o fogo consumia o consulado. Um consolo para Kormann e seus colegas foi que o calor intenso e a grossa fumaça obrigaram a multidão a recuar. Os americanos compartilharam cinco máscaras de gás enquanto queimavam documentos ultrassecretos e inutilizavam máquinas criptográficas.

Alguns deles subiram no telhado para continuar a queimar documentos, mas voltaram para dentro quando um grupo de homens em um telhado adjacente usou uma escada para fazer uma ponte entre os prédios e correram em direção a eles. Incapazes de chegar aos funcionários do consulado, os agressores cortaram a adriça que hasteava a bandeira americana em um mastro no alto do telhado e a deixaram dependurada frouxamente em frente ao prédio. Um capitão do Exército americano pediu

permissão a Kormann para içar a bandeira novamente. Kormann negou, porém mais tarde ele cedeu. “Eu fui um paraquedista de combate na Segunda Guerra Mundial”, escreveu. “Eu sabia o que o desafio e um pouco de coragem podia fazer pelos soldados sob tensão mortal. Uma demonstração de coragem pode ser contagiante e inspiradora, bem como um ato de covardia pode ser desmoralizante.” Desviando das pedras jogadas lá de baixo, o capitão subiu com destreza no telhado e restituiu a bandeira de estrelas e listras ao seu lugar de direito.

Os funcionários do Departamento de Estado em Washington discutiam opções de resgate, incluindo aí o envio de uma unidade da Marinha e o uso de soldados paraquedistas. Mas a execução desses planos levaria mais tempo do que os americanos tinham. Enquanto isso, os americanos aprisionados recebiam ligações telefônicas esporádicas de seus colegas britânicos que tinham um batalhão posicionado fora de Benghazi devido a um tratado de aliança. Quatro tentativas por parte de cinquenta soldados britânicos de chegar aos americanos foram rejeitadas ou proteladas, e a multidão ateou fogo em um veículo blindado britânico.

Sem a possibilidade de resgate à vista, Kormann tirou da parede uma foto do Presidente Lyndon Johnson e de sua esposa, Lady Bird Johnson. Ele quebrou a moldura, virou a foto e escreveu que, o que quer que acontecesse, tinham cumprido o dever deles. Todos na sala blindada enfumaçada assinaram a nota de despedida.

Quando a noite chegou, uma mensagem deturpada deu aos funcionários do Departamento de Estado a impressão incorreta de que os americanos estavam próximos da morte. O secretário de estado Dean Rusk apelou novamente aos britânicos. Duas horas depois, uma fileira de carros blindados fez uma nova tentativa. Dessa vez, os britânicos abriram caminho até o consulado e resgataram todos os dez americanos em segurança.

Quarenta e cinco anos depois, em 11 de setembro de 2012, o posto diplomático dos Estados Unidos em Benghazi foi repentinamente cercado por uma multidão assassina. Novamente, os agressores não conseguiram chegar até suas presas, então eles saquearam prédios e atearam fogo com intenção de matar. Mas, desta vez, nenhuma tropa britânica ou de outra nacionalidade amiga estava perto o bastante para empreender um resgate.

Com incêndios alastrando-se, homens armados aglomerando-se, funcionários do Departamento de Estado procurando abrigo e o embaixador dos Estados Unidos desaparecido, foi feita uma ligação por um dos consternados americanos:

— Se não chegarem aqui rápido, nós todos vamos morrer!

Para atender àquele chamado havia um grupo de guerreiros de elite que tinham saído das forças armadas dos Estados Unidos e se juntado a uma organização secreta que protegia agentes de inteligência no exterior. Eles tinham ido para Benghazi como oficiais de segurança para diplomatas americanos e agentes da CIA, mas naquele momento precisariam recorrer ao antigo treinamento que fizeram, dois SEALs da marinha, um Ranger do Exército e três Fuzileiros Navais. Eles sabiam que estariam em número imensamente menor, mas também sabiam que eram a única esperança de seus companheiros americanos.

Esta é a história deles.

UM

Benghazi

Jack Silva inclinou-se em direção à janela do avião da Turkish Airlines que se aproximava do Aeroporto Internacional de Benina, em Benghazi. Ele olhou para a sombra da aeronave correndo sob o deserto cor de caramelo. Jack acreditava profundamente em Yin e Yang, o conceito chinês de que existe uma conexão entre forças aparentemente opostas, como luz e escuridão, vida e morte. Portanto, não era surpresa que duas ideias conflitantes tenham surgido em sua cabeça. Primeiro o entusiasmo: *Quais serão as aventuras que este lugar me proporcionará?* Em seguida veio o contrapeso, a preocupação: *Será que verei minha família de novo?*

Era agosto de 2012, e Jack estava prestes a se juntar à equipe da organização secreta dos Estados Unidos em Benghazi chamada Global Response Staff (GRS). Criada depois dos Ataques de Onze de Setembro, a GRS era composta por funcionários de segurança permanentes da CIA e complementada por operadores militares especiais como Jack, que foi contratado com base em um acordo lucrativo. Os funcionários da GRS serviam de guarda-costas para espões, diplomatas e outros trabalhadores americanos em campo. Quanto mais perigoso o cargo, mais provável que os operadores da GRS estivessem por perto, nas sombras, protegendo enviados

americanos que concentravam informações. Poucos trabalhos, se é que havia algum para comparar, eram mais perigosos do que o serviço em Benghazi, na Líbia.

Como ex-SEAL da Marinha, Jack se encaixava perfeitamente na GRS. Estava com 34 anos, possuía autocontrole e uma beleza sombria, tinha 1,88m e carregava 95 quilos em sua musculosa estrutura. Com seu vestuário habitual composto de uma camiseta de malha preta e bermuda cáqui, Jack parecia um robusto trabalhador de construção. No avião, entretanto, de camisa social enfiada para dentro da calça também social e de sapato marrom, ele poderia ser confundido com um empresário americano em busca de oportunidades de importação/exportação, dez meses depois da morte do ditador deposto Muamar Kadafi. Pelo menos era isso o que desejava Jack quando o avião pousou.

A chegada do ex-SEAL marcava a sua primeira visita à Líbia e o início de sua sexta viagem como operador da GRS; suas missões anteriores o tinham levado ao Oriente Médio e a outros lugares. Para fins oficiais em Benghazi, Jack diria simplesmente que trabalharia na equipe de segurança do governo dos Estados Unidos. Homens que protegem espões não revelam esse fato.

Antes de sair do avião, Jack tirou a aliança de casamento dourada e a colocou em uma caixinha por segurança. Tinha adquirido o hábito anos antes, depois de decidir que não queria que seus inimigos soubessem que tinha família: esposa e dois filhos pequenos aguardando que voltasse para casa no Noroeste Pacífico. Jack pisou no asfalto e sentiu o sequíssimo calor da tarde do verão líbio. Seus óculos estilo aviador eram uma proteção modesta para a branca e severa claridade do sol do Norte da África. Ao entrar no deteriorado terminal, Jack passou por uma porta e chegou a um lugar em que havia uma esteira de bagagem, e mais de cem pessoas aglomeradas em um espaço que já estaria lotado com a metade delas. Seus

companheiros de busca por bagagem, a maioria deles homens, gritavam em árabe e gesticulavam loucamente enquanto brigavam por suas malas. O ar estava repleto de moscas e tinha um fedor nauseante de suor ressecado. Jack dava respiradas curtas pela boca numa inútil tentativa de se livrar de ambos.

Estava alerta desde o momento em que descera do avião, uma reação automática sempre que Jack chegava a território hostil. Hiperatento e com o semblante sério, todos os seus movimentos eram pensados, calculados para transmitir por meio da linguagem corporal que não estava a fim de confusão, mas que também não recuaria caso acontecesse algo. Jack sentiu os olhares dos estranhos sobre si e sabia que pelo menos alguns deles estavam armados. Sabia também que todos que o observavam tinham chegado à mesma conclusão instantânea: americano. Suspeitava que pelo menos alguns deles desejavam vê-lo morto.

Enquanto esperava pelas malas, Jack avistou um homem corpulento e barbudo de pé com as costas na parede depois da multidão. Os olhos do homem examinavam cuidadosamente a aglomeração enquanto seu corpo permanecia imóvel como um lagarto em um galho de árvore. Estava com uma calça cargo cáqui e uma camisa social azul-marinho para fora da calça, Jack sabia: para ocultar a arma na cintura. Os olhares se encontraram por um instante. Jack voltou o olhar para a esteira de bagagens, e o homem barbudo continuou sem expressão, colado na parede.

Quando o ex-SEAL pegou as malas, o homem desencostou da parede, se virou para a porta de saída e seguiu para a alfândega. Jack o seguiu mantendo uma distância curta entre eles. No momento em que Jack colocou o pé do lado de fora do terminal, ele e o barbudo se aproximaram e acertaram o passo. Continuaram sem se falar enquanto o sujeito levava Jack para uma caminhonete Toyota coberta de poeira.

Jack jogou as malas atrás e entrou no lado do passageiro. O barbudo ajeitou-se atrás do volante. Com um único e experiente movimento, ele se abaixou e pegou uma pistola.

— Está carregada — disse ele, estendendo o braço e entregando-a pela coronha.

Jack relaxou quando pegou a arma. Ele estendeu a mão direita e deu um forte aperto de mão em seu companheiro ex-SEAL e colega de GRS Tyrone Woods, cujo codinome era “Rone”.

— Como é que estão as coisas, irmão? — cumprimentou Rone, com um sorriso radiante emergindo em meio à barba agrisalhada.

Quando Rone ligou a caminhonete, eles contaram as novidades sobre suas vidas e famílias, depois deixaram de lado aqueles pensamentos, tal como alianças de casamento guardadas em caixas. Rone foi em direção à saída do aeroporto que levava a um bairro nobre chamado Fwayhat Ocidental. O destino deles era o imóvel alugado da CIA conhecido como Anexo, o centro de operações secreto da agência em Benghazi. A menos de dois quilômetros do Anexo ficava o local que representava a presença dos Estados Unidos na cidade: uma propriedade murada conhecida como Complexo da Missão Especial dos Estados Unidos e que servia como base para os diplomatas do Departamento de Estado.

Quando a conversa se voltou para o trabalho, Rone informou a Jack sobre as particularidades do lugar traiçoeiro onde trabalhariam para manter outros americanos em segurança. O que se ressaltava na mensagem de Rone era que eles ficariam bem ocupados, que teriam que permanecer alertas, mas que não havia nada em Benghazi com que eles não conseguiriam lidar. De alguma maneira estranha, Rone disse, tinha quase gostado do lugar.

Porém, algo no jeito com que seu velho amigo descreveu Benghazi — uma cidade sem lei em que não havia ninguém no controle, onde as

fronteiras entre os aliados dos americanos e seus inimigos mudavam e borravam, onde só podiam confiar um no outro — deu a Jack a nítida impressão de que Rone considerava que aquela seria a mais perigosa missão deles até então.

Jack tinha aterrissado em um país que a maioria dos americanos conhecia apenas por meio de manchetes perturbadoras. Uma nação no Norte da África praticamente do mesmo tamanho do Alasca, a Líbia é um vasto deserto com uma pequena faixa de solo fértil na costa norte. A oeste ficam Tunísia e Argélia, a leste, Egito, e ao sul, Níger, Chade e Sudão. O país é dividido em três regiões: Tripolitânia, que fica no oeste e cuja capital é Trípoli; Cirenaica, no leste, cuja capital é Benghazi; e Fezânia, no árido sul. A maioria dos seis milhões de líbios vive em Trípoli e Benghazi ou nos arredores dessas cidades, à beira do Mar Mediterrâneo. Cerca de 97 por cento da população é de muçulmanos sunitas.

Uma breve história da Líbia conta com um inventário de invasões por forças externas. Se um império tem navios e exércitos no Mediterrâneo, a lista de “o que conquistar” inclui os dois portos mais importantes da Líbia, Trípoli, no oeste, e Benghazi, no leste, separados pelo Golfo de Sidra. Ao longo do milênio, os invasores incluíram fenícios, persas, romanos, bizantinos e otomanos. Às vezes, impérios concorrentes dividiam a criança. Os gregos reivindicaram a área ao redor de Benghazi em 630 a.C, enquanto os romanos se instalaram perto de Trípoli. Historiadores dizem que os gregos chegaram até mesmo a dar o nome Líbia, usando-o como termo para descrever a parte que ia do norte da África a oeste do Egito.

Em 74 a.C. os romanos tinham conquistado o leste da Líbia, unindo temporariamente o leste e o oeste. Então chegaram os Vândalos, uma tribo germânica que expulsou os romanos e ganhou o nome por saquearem o leste. Os otomanos invadiram Trípoli em 1551 e governaram a Líbia por mais de três séculos, com limitado sucesso no controle das sempre tensas tribos do leste ao redor de Benghazi.

Enquanto sucessivos conquistadores dominavam e sangravam a Líbia, duas tribos árabes saíram do Egito e chegaram às suas areias. Com início no século onze, a tribo Bani Hilal se instalou perto de Trípoli e a tribo Bani Salim, no leste. A Bani Salim voluntariamente se misturou e se casou com os berberes nativos ao redor de Benghazi. Depois de gerações, o resultado foi uma região homogênea, étnica e religiosamente, o que um historiador chamou de “arabização total” da Líbia oriental.

Durante os anos 1800, os turco-otomanos desistiram da esperança de controlar Benghazi. Os turcos permitiram que o leste da Líbia existisse como um estado semi-independente do grupo Muçulmano Senussi, que pregava uma forma pura de Islamismo sob a qual os seguidores conduziam todos os aspectos de suas vidas de acordo com os ensinamentos do profeta Maomé. Enquanto Trípoli e o oeste da Líbia amadureceram e se transformaram em uma região relativamente moderna, o leste da Líbia manteve os antigos costumes governados por laços tribais e leis religiosas. Devido a essa divisão, é impossível entender o presente da Líbia sem contrastar Benghazi com sua irmã maior, mais rica, mais bonita e secular, Trípoli.

Em 1912, o exausto império otomano assinou um pacto secreto que deu à Itália o controle tanto do oeste quanto do leste da Líbia. Trípoli adaptou-se ao domínio da Itália, mas a Líbia do leste lutou contra a colonização, especialmente de um país cristão. Em 1920, os italianos já não suportavam mais. Esgotada pela Primeira Guerra Mundial, Roma concedeu a Idris al-

Senussi, chefe da rígida ordem religiosa Senussi, a autonomia do leste da Líbia.

Quando Benito Mussolini ascendeu ao poder na Itália dois anos mais tarde, o ditador fascista queria que Benghazi fizesse parte do seu império. Anos de ferozes combates se seguiram. Em setembro de 1931, as forças italianas finalmente capturaram e enforcaram o líder dos guerrilheiros da oposição, Omar al-Mukhtar, um sheik senussi que se tornou um mártir da independência líbia. Mesmo sem Mukhtar, Mussolini decidiu destruir qualquer oposição entrincheirada ao redor de Benghazi. Ele construiu uma cerca de mais de trezentos quilômetros ao longo da fronteira com o Egito e, de acordo com algumas estimativas, deportou um terço da população civil do leste da Líbia para campos de concentração. Ele executou mais doze mil.

Com Benghazi sob controle italiano, ondas de trabalhadores chegaram vindas do outro lado do mediterrâneo. Os nativos árabes foram forçados a executar trabalho braçal, privados de educação escolar e excluídos da política. A Segunda Guerra Mundial piorou ainda mais a situação, já que Benghazi foi bombardeada centenas de vezes enquanto as potências do Eixo e dos Aliados negociavam o controle dos escombros. Pilotos britânicos fizeram a adaptação de uma canção popular para que ela representasse a carnificina, com uma letra que continha o verso “Saímos para bombardear Benghazi”. Como um animal por muito tempo sofrendo maus-tratos, Benghazi foi se tornando má e desconfiada.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a Líbia foi dividida entre os britânicos, os franceses e os americanos. O petróleo ainda estava para ser descoberto, então ninguém queria responsabilidades coloniais por uma caixa de areia árabe pobre e bombardeada. Em 1951, os Aliados ajudaram a fundar o Reino Unido da Líbia, uma monarquia constitucional independente governada pelo líder muçulmano Idris al-Senussi. O título era

melhor do que o trabalho: o rei Idris tinha a soberania sobre o país mais pobre do mundo e o menos alfabetizado.

Isso mudou radicalmente em 1959 com a descoberta de imensas reservas de petróleo, o bastante para chegar a se responsabilizar por dois por cento do fornecimento global, ou por mais de um milhão de barris exportados por dia em 2012. Repentinamente, o rei Idris tinha dinheiro para esbanjar com os amigos e com projetos pessoais esdrúxulos no leste, seu local de origem, deixando Trípoli e o oeste deteriorarem. Tanto no leste quanto no oeste, a elite ficou rica enquanto o restante permaneceu pobre.

Em 1969, enquanto o rei Idris, aos oitenta anos de idade, estava no exterior, o momento mostrou-se propício para um golpe de Estado liderado por um oficial do exército de 27 anos sedento por poder: Muamar Kadafi. Durante os 42 anos seguintes, o instável, brutal e egocêntrico Kadafi ganhou a alcunha conferida por Ronald Reagan: “Cachorro Louco do Oriente Médio.”

Desde o início, Kadafi preocupava-se com a inclinação rebelde de Benghazi e seus laços com o exilado rei Idris. Então ele extorquiu a região até deixá-la seca. Antes, a capital da Líbia tinha se alternado entre Trípoli e Benghazi; Kadafi fez de Trípoli a capital permanente. Ele transferiu a Corporação Nacional do Petróleo de Benghazi para Trípoli, a despeito do fato de que a maior parte do petróleo do país estava no leste. Ele levou embora um memorial que fora erguido em Benghazi em homenagem a Omar al-Mukhtar, por temer que o povo de lá se reagrupasse em apoio ao legado do mártir rebelde. O que eles por fim fizeram.

Enquanto hospitais, escolas e o padrão de vida melhoravam em Trípoli, Benghazi sofria opressão e negligência, embora fosse o petróleo desta o que pagava as contas de Trípoli. O povo de Benghazi se enfurecia vendo Kadafi se louvar com incontáveis estátuas e intermináveis homenagens. A amarga

separação entre Benghazi e Trípoli não era apenas política e cultural, mas física. Nenhuma ferrovia ou rodovia ligava as duas cidades, apenas estradas estreitas, que serpenteavam por quase mil quilômetros de deserto.

Em meio a toda confusão, um conforto para o povo de Benghazi era o time de futebol local, o Al-Ahly Benghazi SC, cujo nome traduzido significa “o time do povo”. Kadafi favoreceu os times rivais de Trípoli e desdenhou o Al-Ahly Benghazi. Esse ódio ficou mais profundo quando o time de Benghazi ganhou o campeonato de 1974, uma vitória que coincidiu com o aniversário do golpe de Kadafi. Os torcedores de Benghazi inundaram as ruas para comemorar o triunfo de seu time, ignorando o marco do governo de Kadafi. Ele não iria esquecer nem perdoar.

Anos depois, o jogador de futebol filho de Kadafi, Saadi, se tornou dono, empresário, diretor e capitão de um time de futebol chamado Al-Ahly Trípoli. Saadi arrancou do Al-Ahly Benghazi os melhores jogadores e subornou ou ameaçou juízes para garantir vitórias. No segundo semestre de 2000, o Al-Ahly Benghazi estava à beira da desgraça: uma derrota mais e ele cairia da primeira divisão do campeonato do país. Saadi Kadafi foi a Benghazi deleitar-se com a agonia de seus rivais.

À medida que os árbitros tomavam decisões questionáveis, a multidão ficava agitada. Quando a derrota parecia inevitável, algo explodiu. A humilhação de seu querido time de futebol tornou-se o símbolo de tudo o que Benghazi tinha tolerado de Kadafi, desde execuções públicas à pobreza implacável em meio a uma espetacular riqueza oriunda do petróleo. O técnico do Al-Ahly Benghazi deu um empurrão no juiz. Torcedores invadiram o campo e depois se espalharam pelas ruas. Eles incendiaram o prédio da Federação Nacional de Futebol e apedrejaram os monumentos do regime de Kadafi.

Como era de se prever, as penalidades foram severas: oito pessoas presas, trinta levadas a julgamento em Trípoli e três condenadas à morte. No dia 1º de setembro de 2000, no 31º aniversário do golpe de Kadafi, as forças de segurança dele invadiram violentamente a sede do clube Al-Ahly Benghazi. Destruíram mobília, memorabilia e troféus, depois demoliram o imóvel. O clube estava suspenso indefinidamente.

Benghazi conseguiu sua vingança uma década depois, em 2011. Após sofrer mais incontáveis injúrias e testemunhar as revoluções da primavera árabe no Egito e na Tunísia, a cidade se tornou o berço da Guerra Civil Líbia que deu um fim ao governo de Kadafi e à sua vida.

A chegada de Jack a Benghazi era o último capítulo na aventureosa vida de um combatente. Ele cresceu no Norte da Califórnia, era filho único de imigrantes que tinham uma jornada de trabalho longa o bastante para poder mandá-lo para uma escola particular. Quando criança, Jack passava o máximo que conseguia do lado de fora de casa, construindo fortes e imaginando o que seria necessário para sobreviver se os inimigos dos Estados Unidos invadissem sua cidade natal. Ele se sobressaia em Ciências e Matemática, mas depois de um único dia de faculdade decidiu que já tinha educação formal suficiente. Jack alistou-se na Marinha com um único objetivo: tornar-se um SEAL.

Jack tinha dezenove anos e terminara seu treinamento militar de campo quando foi enviado para um programa de instrução militar de dez semanas. Lá, Jack atormentou seus instrutores para que lhe conseguissem um teste de admissão na Escola Básica de Demolição Subaquática, o primeiro passo no processo de um ano para se tornar SEAL. Mas quando a oportunidade

chegou sem aviso prévio, Jack estava divertindo-se tanto nas suas aulas de instrução militar de dia e curtindo à noite que deixou seu treinamento físico um pouco de lado.

O teste de admissão era apenas uma fração daquilo que era necessário para se tornar um SEAL, mas era difícil o suficiente para eliminar candidatos que não tinham capacidade de se tornarem um deles. Os amigos de Jack achavam que o marinheiro jovem e esforçado com certeza estava dentro. Ele conseguiu nadar os quase quinhentos metros dentro do tempo requerido. Jack saiu da piscina e excedeu muito o número de flexões de braço, fez mais de oitenta em dois minutos. Em seguida, foram os abdominais e ele novamente ultrapassou a quantidade exigida. Então chegou a hora das barras. O teste de admissão requeria que os candidatos fizessem oito barras completas com praticamente nenhum descanso entre os exercícios. Depois de semanas de displicência, Jack fez seis, depois se esforçou para fazer a sétima. Seus músculos berravam. Seus pulmões doíam. Seus braços estavam em chamas. Ele chegou à metade da oitava, mas não conseguiu passar o queixo por cima da barra.

Jack ficou pendurado ali, recusando-se a desistir, mas faltou-lhe força para se erguer um pouco mais. O SEAL veterano que aplicava o teste em Jack o estimulou:

— Se eu acender um isqueiro na sua bunda você consegue subir até a barra?

Jack tentou novamente, mas não conseguiu. Quando caiu no chão, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Jack voltou para o quarto e contou que tinha sido reprovado aos amigos, que ficaram chocados.

Ele se lembrava disso como um dos momentos mais traumatizantes e motivadores de sua vida. Em vez de ir para o lendário programa de treinamento dos SEALs e se tornar um operador especial de elite, Jack

passou os dois anos seguintes como piloto da marinha em um porta-aviões. Quando sua chance seguinte chegou, Jack destruiu todas as categorias do teste de admissão para o SEAL. Quando terminou o treinamento, Jack tinha começado a apreciar o Yin e Yang que vivenciara nos dois anos anteriores. O humilhante fracasso e suas consequências lhe deram o potencial e a força de vontade para ser aprovado no brutal processo seletivo e ganhar seu Tridente, a estimada insígnia dos SEAL, enquanto dezenas de outros aspirantes a guerreiros desistiam.

Jack não falava muito sobre suas proezas, mas durante uma década no serviço militar, passou temporadas em mais de vinte países e cumpriu missões em Kosovo e no Oriente Médio. Ele deixou os SEALs para passar mais tempo com a família que crescia e para tentar a sorte nos negócios. Jack comprava e vendia imóveis, reformava e revendia propriedades e trabalhava para estar um passo à frente do tumultuado mercado.

Quando Jack e Rone juntaram forças como operadores da Global Response Staff (GRS) em Benghazi, os dois ex-SEALs da Marinha já eram amigos há aproximadamente uma década. Eles se conheceram quando ambos eram instrutores no centro de treinamento do Comando de Operações Navais Especiais em Niland, na Califórnia. Em um dia não muito tempo depois de terem se conhecido, Jack passou uma noite bebendo num bar de lá e não quis voltar para casa dirigindo. Ele caminhou até o apartamento de Rone, que era próximo, onde planejava apagar até a manhã do dia seguinte. Sem saber quem estava à sua porta, Rone saiu pela janela só de cueca e segurando uma pistola. Ele deu a volta movimentando-se taticamente e foi até a porta, com a arma em punho para flanquear o suposto intruso. Quando viu que era Jack bêbado, Rone baixou a arma e deu uma gargalhada.

Quando Rone não estava lhe apontando uma arma, Jack o considerava inteligente e competente, um líder natural e talvez a mais motivada e aplicada pessoa que já tinha conhecido, um elogio nada pequeno entre veteranos de Operações Especiais.

Rone tinha 41 anos, tinha se casado duas vezes e era pai de três filhos. Ex-lutador da época do ensino médio, gostava de motos velozes, carros potentes, especialmente do Ford Mustang Cobra. Rone tinha o peito largo de levantador de peso, cabelo castanho claro, um queixo carnudo e antebraços que pareciam bate-estacas. Ele recebeu seu Tridente de SEAL em 1991, depois de participar duas vezes da Hell Week, um teste torturante de cinco dias e meio de resistência mental e física, tolerância a dor e frio, trabalho em equipe e determinação, tudo com menos de quatro horas de sono. Como SEAL, Rone serviu com bravura na Somália, no Afeganistão e no Iraque, onde recebeu a Estrela de Bronze representando coragem. A nota elogiosa descreveu seu “feito heroico, sua extraordinária conduta, zelosa iniciativa e total dedicação ao dever” na província de al-Anbar no oeste do Iraque. Além de guerreiro, ele curava as pessoas, pois era enfermeiro e paramédico. Rone desligou-se dos SEALs em 2010, após vinte anos de serviço. Comprou um bar chamado The Salty Frog em Imperial Beach, na Califórnia, e ajudava a mulher em sua prática odontológica.

Enquanto Rone e Jack estavam se adaptando à vida civil, as agências governamentais dos Estados Unidos começaram a depender cada vez mais de veteranos de Operações Especiais dispostos a fornecer segurança a americanos nos pontos mais perigosos do mundo. Jack e Rone ouviram rumores entre os SEALs sobre a abertura de vagas para exímios ex-

operadores. Ambos viram a chance para voltarem à camaradagem e ao propósito que adoravam quando eram SEALs. E ainda tinha o dinheiro. Cada viagem feita por um prestador de serviço da GRS geralmente durava vários meses e, mesmo com generosos períodos de folga entre as viagens, operadores contratados normalmente ganhavam mais de 150 mil dólares por ano.

Se o desafio e o dinheiro eram o Yin, o perigo era o Yang. Eles trabalhavam como agentes secretos em equipes pequenas, em lugares onde as pessoas viam a mera presença de americanos armados como uma provocação. Em dezembro de 2009, três operadores da GRS estavam entre os sete americanos mortos em Khost, no Afeganistão, quando um agente triplo a serviço da al-Qaeda detonou uma bomba suicida no complexo da CIA.

Jack, Rone e dezenas de outros ex-operadores especiais colocaram os riscos e as recompensas na balança, e então escolheram se juntar à GRS. Entre eles havia outro amigo próximo de Jack da época dos SEALs, um operador bem-humorado e divertido chamado Glen “Bub” Doherty. Jack e Glen tornaram-se SEALs no mesmo ano, e Glen também era um contratado da GRS que trabalhava em Trípoli, na Líbia. Como não era de se surpreender no mundo restrito dos ex-SEALs, Glen e Rone também tinham se tornado amigos.

Mais de quinze anos depois de Jack ter se tornado um SEAL, ele lembrou-se do alerta de um de seus instrutores: “Deem uma olhada ao redor da sala. Em vinte anos, metade de vocês já terão partido. Caras sentados ao seu lado serão mortos em acidentes de treinamento, ou em combate, ou de outra maneira qualquer.” Quanto mais tempo ele permanecesse prestando serviço de operador, Jack sabia, mais provável de aquele prognóstico tornar-se

verdadeiro. Talvez para ele, talvez para Glen ou Rone, ou quem sabe para todos eles.

No alvorecer da revolução líbia, o povo de Benghazi expressou seus agradecimentos aos americanos por seu esforço em ajudar na luta contra Kadafi. Em maio de 2011. O *The New York Times* publicou uma matéria sobre como motoristas de taxi, tradutores e cafés recusavam o pagamento de americanos. Jovens de Benghazi agitavam a bandeira americana ao lado das flâmulas rebeldes. Pelo que consta, alguns pais colocaram o nome de suas filhas recém-nascidas de Susan, em homenagem a Susan Rice, a secretária de estado nas Nações Unidas do governo de Obama, pelo apoio dela à criação de uma zona de exclusão aérea que impediu o tráfego de aviões de guerra de Kadafi pela região.

“Os americanos, aliás, todos os ocidentais são tratados aqui com uma receptividade e gratidão raramente vistas em quaisquer outros países muçulmanos... em provavelmente meio século ou mais”, exaltava o artigo no *Times*. “As pessoas sorriem e param o que estão fazendo para cumprimentá-los e são impressionantemente corteses.”

Mas o exultante artigo termina com uma observação discordante. O último parágrafo descreve uma bala zunindo sobre a cabeça de um estrangeiro enquanto praticava corrida, provavelmente o repórter: “O som do disparo de fuzil chegou um segundo depois, da maneira como acontece com um projétil de alta velocidade. Quem quer que tenha dado o tiro não estava disposto a se revelar, pelo menos, ainda não.” Ele prenunciava o que estava por vir.

Pouco mais de um ano depois, a Benghazi pela qual Rone e Jack andavam na caminhonete não mais agitava bandeiras americanas nem lhes oferecia refeições de graça.

Depois que Kadafi foi arrastado para fora de um fosso, sodomizado e morto por combatentes rebeldes em outubro de 2011, milícias fortemente armadas que derrubaram o regime se empenhavam para expandir seus papéis em uma Líbia pós-revolucionária. Com a aprovação do fraco governo de transição da Líbia, e na ausência de uma força militar ou policial forte, os combatentes revolucionários das milícias locais viraram soldados da guarda nacional, para ostensivamente impedir que Benghazi debandasse para o caos.

Algumas milícias se mantiveram aparentemente gratas aos americanos. Os membros de uma delas, a maior e mais bem armada, a Brigada dos Mártires de 17 de Fevereiro, foram contratados para fornecer segurança e agir como uma “Força de Reação Rápida” para proteger o Complexo da Missão Especial do Departamento de Estado dos EUA em Benghazi. Financiada pelo Ministro da Defesa da Líbia, a milícia 17 de Fevereiro construiu bases e instalações para treinamento, reuniu um arsenal de armas leves e pesadas e alistou nada menos que 350 membros organizados em batalhões.

O relacionamento dos Estados Unidos com a milícia 17 de Fevereiro e a confiança que tinham nela eram um exemplo clássico de como as peculiaridades de Benghazi levavam a alianças estranhas. A milícia tirou seu nome de um incidente ocorrido em 17 de fevereiro de 2006, durante o qual forças de segurança da Líbia mataram aproximadamente uma dúzia de pessoas durante um protesto violento no consulado italiano em Benghazi. Os manifestantes, que atearam fogo no prédio do consulado e em diversos carros, estavam furiosos com um ministro do governo italiano, que tinha

usado uma camisa com estampas de charges representando o profeta Maomé. O nome da milícia também fazia referências ao dia 17 de fevereiro de 2011, o início da revolução que derrubou Kadafi.

Dúvidas sobre se os corpos diplomáticos dos Estados Unidos podiam confiar na milícia 17 de Fevereiro persistiam, pelo menos em relação àqueles membros suspeitos de ter violentos sentimentos antiamericanos. Nenhuma dessas dúvidas existia em relação a várias outras milícias inimigas declaradas dos Estados Unidos.

A cidade abrigava pelo menos duas milícias islamistas linha dura, alinhadas ideologicamente com a al-Qaeda, que desdenhavam abertamente a América e o ocidente. Uma perigosa milícia antiamericana era a Brigada Ansar al-Sharia, cujo nome significava “Partidários da Lei Islâmica” e seus membros acreditavam que a democracia é anti-Islâmica e que toda autoridade é derivada do profeta Maomé.

Alguns membros das milícias radicais islamistas de Benghazi tinham lutado contra as tropas americanas no Iraque depois da invasão em 2003. Esses jihadistas transformados em milicianos não eram apenas altamente motivados a matar americanos, eles tinham os meios para fazer isso: depois da queda de Kadafi, Benghazi estava inundada de armas deixadas pela revolução.

A posse de armas de fogo tinha sido declarada ilegal desde que a Líbia ganhara sua independência. Mas quando os soldados de Kadafi foram expulsos da cidade combatentes rebeldes invadiram os depósitos onde o regime estocava milhares de AKs-47 e armas mais poderosas. Depois da revolução, todos que ainda não tinham uma arma podiam simplesmente comprar em um grande mercado ao ar livre chamado al-Funduq. Além do mercado de usados, depois das barraquinhas de comida com ovos, pimentas e aves, mercadores de armas abriam os porta-malas dos carros para expor

pistolas, fuzis de assalto, granadas, morteiros, lançadores de foguete e metralhadoras prontos para serem acoplados em caminhonetes. O resultado do fluxo livre de armas podia ser visto nas macas ensopadas de sangue do único hospital de Benghazi equipado para cirurgias complexas: 1.761 ferimentos à bala em 2011, enquanto a média nos dois anos anteriores fora de 41.

A abundância de armas, a falta de um governo líbio que funcionasse e o persistente sentimento antiocidental presente em algumas milícias levaram a um escancarado aumento de incidentes durante a primavera e o verão de 2012. Em dois de abril, um veículo diplomático blindado britânico foi atacado depois de entrar em um protesto local. No dia seis, uma bomba caseira foi jogada por cima de um muro do Complexo da Missão Especial dos EUA. Quatro dias depois, outra bomba caseira foi arremessada em um comboio de Ian Martin, o enviado especial das Nações Unidas na Líbia. Em maio, uma granada lançada por foguete atingiu os escritórios do Comitê Internacional da Cruz Vermelha em Benghazi. Uma organização antes desconhecida, o grupo Omar Abdul Rahman, reivindicou a responsabilidade e fez uma ameaça contra os Estados Unidos em sites de mídia social.

Os ataques se agravaram no dia seis de junho, quando um artefato explosivo improvisado abriu um buraco no muro ao redor do Complexo diplomático dos EUA. Ninguém ficou ferido, mas a vulnerabilidade do Complexo ficou evidente. Um grupo pró-al-Qaeda assumiu a autoria e chamou o atentado de retaliação pela morte do comandante da al-Qaeda, Abu Yahya al-Libi, um nativo da Líbia oriental morto em um ataque com drones no Paquistão. Cinco dias mais tarde, no dia 11 de junho de 2012, agressores dispararam uma granada lançada por foguete no carro em que estava Sir Dominic Asquith, o embaixador

britânico na Líbia, quando ele passava por Benghazi. Asquith não se feriu, mas dois membros de sua equipe de segurança, sim. O ataque aconteceu a pouco menos de um quilômetro do Complexo diplomático dos EUA. Os operadores americanos reagiram e levaram seus companheiros britânicos feridos para o hospital. No dia seguinte, o Reino Unido fechou seu consulado em Benghazi e retirou de lá seus funcionários.

A avaliação crítica do governo dos EUA sobre os acontecimentos em Benghazi na primavera e no verão de 2012 dizia: “o contexto geral é de violência política, assassinatos de ex-oficiais do regime, ilegalidade e uma dominante ausência geral da autoridade do governo central na Líbia oriental.”

No dia 25 de junho, o embaixador americano na Líbia, J. Christopher Stevens, emitiu um comunicado para Washington citando fontes locais que disseram que o “extremismo islâmico” parecia estar aumentando na Líbia oriental e que a bandeira preta e branca da al-Qaeda “tinha sido flagrada várias vezes flamulando em estabelecimentos governamentais e instalações para treinamento”.

No dia dois de agosto, ainda que Jack estivesse a caminho para juntar-se à equipe da GRS em Benghazi, Stevens enviou outro comunicado a Washington em busca de novos guarda-costas. O embaixador advertiu que “as condições de segurança na Líbia... [estão] imprevisíveis inconstantes e violentas.”

Dois anos antes de se encontrarem no aeroporto de Benghazi, Jack e Rone trombaram inesperadamente no lobby de um hotel na Costa Leste. Ambos haviam se inscrito para participar de uma seleção e um treinamento para se

tornarem operadores da GRS. Por coincidência, o amigo deles e companheiro da época de SEAL Glen “Bub” Doherty também estava lá.

Várias vezes desde que entraram para a GRS, Rone e Jack tinham sido designados para os mesmos lugares perigosos. Rone geralmente chegava antes e depois mandava um e-mail criptografado para Jack informando a ele o que precisava levar e o que esperar do lugar. Foi esse o caso em Benghazi, onde Rone chegara um mês antes, em sua segunda viagem à cidade. Jack se sentia como um menino novo na escola com o veterano experiente esperando para lhe mostrar o lugar. Mas isso mudaria em breve. Rone disse a Jack que aquele verão em Benghazi seria seu último trabalho para a GRS. Seu contrato expiraria no início de setembro, e ele queria passar mais tempo com a esposa para ajudá-la a criar o filho pequeno.

Durante o tempo em que Rone dirigia depois que saíram do aeroporto e Jack observava com atenção os arredores, eles se armavam para o que estava por vir. O aeroporto era fora da cidade, vinte quilômetros a leste do centro de Benghazi. Rone foi por um caminho indireto, dando voltas e mais voltas para certificar-se de que não estavam sendo seguidos.

Antes de pegar o voo para Benghazi, Jack usou mapas do Google Earth para entender as condições básicas do lugar. O estudo que fizera do mapa lhe mostrou que a cidade tinha um tamanho aproximado ao de Atlanta, um traçado parecido com a metade de um alvo com o ponto no centro dele. Saindo do porto havia cinco anéis-rodoviários em curva e no formato de uma meia-lua, cujos nomes iam de First Ring Road até Fifth Ring Road. Estradas retas cruzavam os anéis rodoviários, levando o trânsito para eles ou o afastando. Do céu, Benghazi parecia uma teia de aranha.

Depois de alguns minutos de carro, Rone e Jack chegaram a um posto de verificação que não passava de uma construção de cimento crivada de balas

atravessada no canteiro central da estrada. Rone diminuiu a velocidade até parar e dois jovens se aproximaram do caminhão plataforma com AKs-47 e vestidos com uma mistura de fardas militares rasgadas e roupas civis. Em um dos lados, outro jovem líbio estava de pé na caçamba de um veículo militar improvisado conhecido como “Técnico”: uma caminhonete com uma metralhadora pesada instalada na parte de trás.

Rone tinha uma boa razão para ser cauteloso. Há muitas semanas, ele e outro operador da GRS voltavam do aeroporto de carro com a caçamba carregada de suprimentos quando membros de uma milícia islamista radical os pararam sob a mira de armas. Rone e o outro operador acreditavam que seus inimigos eram do grupo extremista Brigada Ansar al-Sharia. Os milicianos fortemente armados disseram a Rone que os suprimentos agora pertenciam a eles.

Rone e o outro operador levantaram seus fuzis de assalto e se recusaram a ser roubados. Rone pediu reforço pelo rádio aos seus companheiros operadores da GRS que ainda estavam no Anexo. Mas o oficial mais graduado da CIA em Benghazi, um homem conhecido publicamente apenas como “Bob”, em vez disso prometeu que alertaria a Brigada dos Mártires de 17 de Fevereiro e que a milícia supostamente aliada agiria como Força de Reação Rápida.

Por terem escutado o pedido de ajuda de Rone, outros operadores no Anexo pegaram suas armas e seus equipamentos e correram para um carro blindado. Mas Bob, o chefe da base da CIA, ordenou a eles que ficassem quietos no lugar. Depois de tensos quinze minutos, durante os quais vários operadores discutiram com Bob, Rone informou pelo rádio que tinha saído daquela situação conversando e sem dar um tiro. Se a situação tivesse piorado, os americanos, em menor número e com menos armas, teriam tido

pouca chance. Nem um membro “aliado” do 17 de Fevereiro chegou para ajudar.

Semanas depois, os operadores da GRS ainda estavam espumando. Tensões cada vez mais exasperadas com o chefe da CIA em Benghazi se tornaram um problema constante. Um dos operadores que tinha menos papas na língua categorizou Bob como um fraco, ou como ele coloca: “um bosta de um carreirista” focado na aposentadoria e em uma confortável pensão do governo. Outra possibilidade era a de que a primeira preocupação de Bob era não estragar o disfarce da CIA, ainda que isso significasse deixar os operadores se defenderem sozinhos.

Quando Rone e Jack foram parados vindos do aeroporto, Rone sabia que eles encontrariam um posto de verificação relativamente cordial e quase oficial. Rone mostrou calmamente o documento que o identificava como funcionário do governo dos EUA. O jovem o analisou e gesticulou para eles. Rone contou a Jack o confronto a mão armada que acontecera no mês anterior e o alertou sobre barreiras improvisadas na estrada que grupos milicianos levantavam inesperadamente. Alguns operadores da GRS chamavam as milícias traiçoeiras de “gangues com armas”, cheias de jovens nervosos e turbinados por causa das folhas de khat que mascavam. Se Rone e Jack cruzassem com esses milicianos, provavelmente teriam que lutar, fugir ou as duas coisas.

Dirigindo na direção oeste por trechos estéreis da rodovia que Rone chamava de “Estrada do Aeroporto”, Jack via cavalos subnutridos fuçando lixo, ovelhas desgrenhadas e muros pichados com grafites em árabe. À medida que se aproximavam de áreas mais densamente habitadas, a

paisagem se transformava em comércios caindo aos pedaços com lan houses, lojas de narguilés e lojas de tecido, flanqueadas por barraquinhas de beira da estrada onde as pessoas vendiam aos berros tomates e melões. Não chovia em Benghazi de junho a agosto, por isso a poeira do deserto cobria tudo, desde os carros e as lojas até as pessoas nas ruas.

A maioria dos homens pelos quais Jack e Rone passaram estavam com roupas ocidentais, embora alguns usassem roupas largas de algodão que os operadores chamavam de “pijamas masculinos”. As mulheres eram escassas nas ruas e as poucas que Jack viu usavam abayas e hijabs, os tradicionais manto e véu muçulmanos. Crianças e gatos selvagens perambulavam pelas vias sem asfalto fora das ruas principais, e Jack via meninos de cinco a sete anos brincando com um pneu descartado. Jack e Rone conversaram sobre levarem seus filhos para um país de terceiro mundo para lhes mostrar o quanto eram afortunados.

Enquanto Rone continuava a percorrer seu caminho tortuoso, Jack reparava o mais comum estilo arquitetônico de Benghazi: construções de concreto inacabadas e envolvidas por andaimes. Sentiu o cheiro de diesel, carne assada, frutas podres e, cortando tudo isso, urina e fezes. A cidade com mais de setecentos mil habitantes tinha uma insuficiente estação de tratamento de esgoto. Os resíduos escorriam para as ruas, o solo e o lago 23 de julho, uma lagoa entre o centro da cidade e o porto, onde as famílias faziam piqueniques.

Enquanto continuava o tour, Jack entendeu que a infraestrutura da cidade estava arruinada ou era inexistente. A eletricidade ligava e desligava ao acaso. Campos secos exibiam enormes pilhas de sacos plásticos. Se as leis de trânsito existiam, ninguém as conhecia ou se preocupava com elas. Todos os carros pareciam estar com as luzes de freio queimadas. O trânsito rotineiramente engarrafava até nos menores cruzamentos. Os “Técnicos”

eram mais comuns do que os carros de polícia. Jack viu um carro em chamas numa rua secundária, mas nem uma pessoa à vista, somente uma matilha de cachorros selvagens fuçando em busca de comida.

Porém, além da sujeira e do caos, havia toques de beleza natural, desde montanhas verdes além dos limites da cidade, altivas palmeiras na beirada de praias de areia branca, até o cintilante azul do Mar Mediterrâneo. Se a brisa soprasse da maneira correta, um bafejo salgado atravessava o fedor da cidade. Videiras e goiabeiras embelezavam majestosos casarões antigos. Salpicadas pela região havia impressionantes ruínas de civilizações passadas. Sonhadores que fechassem os olhos e tapassem o nariz imaginariam que Benghazi tinha a matéria-prima para acolher um resort de praia.

Rone seguiu de carro pela Fifth Ring Road, nos confins da cidade, para evitar barricadas temporárias e postos de verificação. Ele cortou caminho pelo Fourth Ring Road, depois seguiu para o bairro Fwayhat Ocidental. Aquele era o melhor endereço de Benghazi, tinha restaurantes decentes e lojas caras, onde os enviados estrangeiros restantes agrupavam-se em imóveis cercados por muros de blocos de concreto, barro e pedra, com arame farpado e cacos de vidro no topo. Embora o bairro fosse melhor do que a maioria, ainda era Benghazi.

Assim que se aproximaram do Anexo da CIA, Rone ensinou a Jack os nomes que os operadores da GRS usavam para se referirem às ruas locais, como Racetrack, Gunfighter e Adidas. Não muito longe do destino final deles, Rone falou pelo rádio com a portaria principal para que ele e Jack não ficassem vulneráveis enquanto aguardavam alguém deixá-los entrar. Em breve Jack conheceria os outros operadores contratados no Anexo, homens que ficaria conhecendo como Tanto, Tig, D.B. e Oz, bem como o funcionário da CIA que era o Líder da Equipe da GRS.

Na mensagem de rádio, Rone relatou que tinha controle mínimo da caminhonete, e com isso queria dizer que tinha deixado o veículo sozinho durante um período enquanto estava no aeroporto. Um funcionário da agência que supervisionava a segurança do Anexo teria que fazer uma inspeção debaixo do capô, ao redor das rodas e em qualquer outro lugar em que alguém que odiasse os americanos pudesse ter plantado uma bomba.

Rone e Jack chegaram a um portão de aço em um muro de concreto e tijolo de três metros de altura. Câmeras de segurança abaixaram-se na direção deles. Embora aquele local devesse supostamente ser secreto, ou pelo menos discreto, Jack percebeu imediatamente que eles não estavam enganando ninguém. Até mesmo um observador casual notaria a segurança rígida, para não mencionar a grande quantidade de americanos entrando e saindo dali de carro dia e noite.

O portão para o complexo do Anexo da CIA em Benghazi foi aberto. Um guarda levantou a cancela de aço e acenou para que Rone e Jack entrassem.

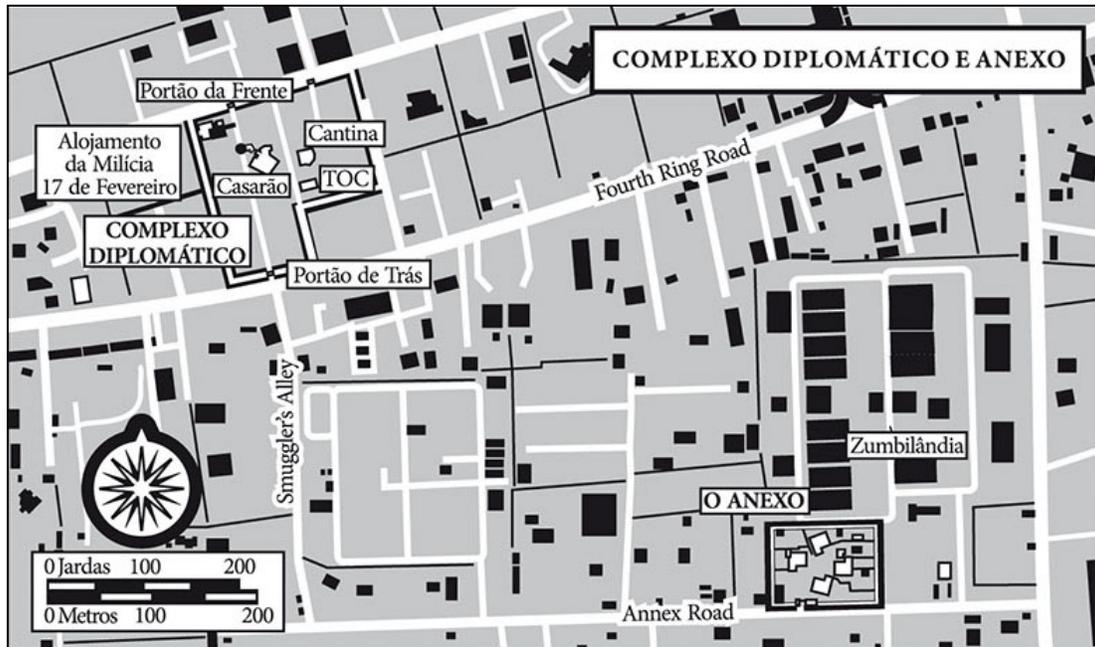
DOIS

O Anexo

Rone e Jack chegaram ao Anexo da CIA, um exuberante oásis murado no áspero deserto de Benghazi. Originalmente construído por um rico líbio dono de hotel como um condomínio para abrigar diversas famílias, o terreno era quase quadrado e tinha mais de oito mil metros quadrados. Seu tamanho generoso, seus muros, suas várias casas, mas, principalmente, a proximidade do Complexo da Missão Especial do Departamento de Estado, faziam dele uma base de operações ideal para o serviço secreto de inteligência. Por um bom preço, o dono do hotel ficou feliz em alugá-lo para os americanos e se mudar com a família para outro lugar.

O Anexo tinha como principais características a existência de uma guarita de vigilância, uma casinha de jardineiro e quatro confortáveis casas de um andar, cada uma com aproximadamente trezentos metros quadrados de área. Gramados grandes e bem-cuidados estendiam-se atrás de cada casa até os muros ao redor. Elas foram adaptadas para que servissem a uma combinação de local de trabalho e alojamentos residenciais para cerca de vinte americanos no local, incluindo o chefe da base da CIA em Benghazi, Bob; seu adjunto, oficiais de inteligência; analistas; tradutores; especialistas; e operadores da GRS. Uma larga entrada para carros atravessava

diagonalmente o terreno do Anexo. No centro ficava um pátio triangular pequeno onde quatro tartarugas perambulavam à sombra de uma mesa de piquenique.



Depois que conferiram se a picape tinha explosivos, Rone levou Jack de carro a casa mais afastada do portão e que os americanos chamavam de “Prédio C”. Centro de Comando do Anexo, o Prédio C abrigava a área de inteligência mais segura, a Área de Informações Confidenciais Compartimentadas, ou SCIF em inglês (pronuncia-se *skiff*), acessível somente por uma porta pesada de aço com uma tranca codificada.

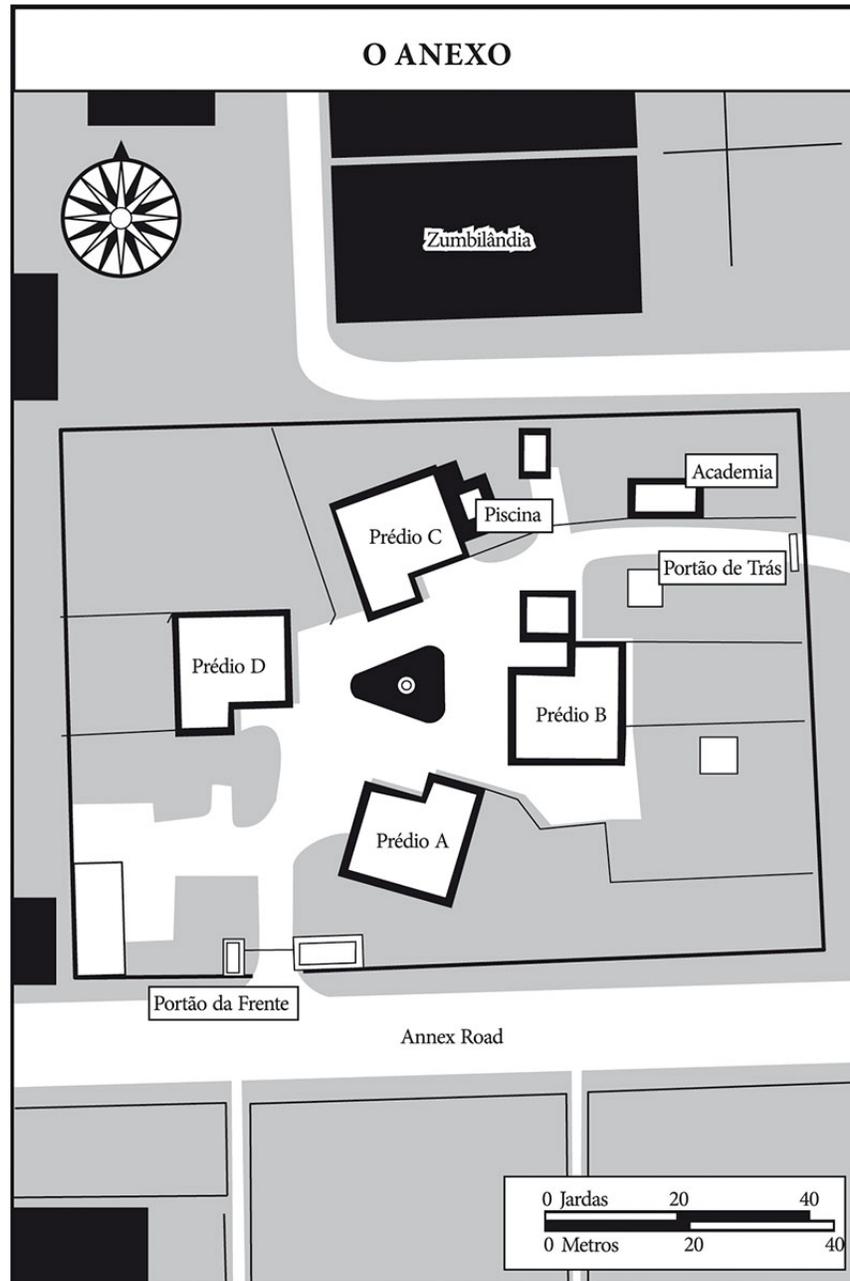
O Prédio C também tinha uma cozinha que fora transformada em uma área médica, dois quartos e uma sala de onde os funcionários da segurança do Anexo observavam os monitores que transmitiam o que filmavam as câmeras montadas nos muros que cercavam a área, espalhadas pelo perímetro. Rone apresentou Jack para a equipe de segurança, um intérprete, vários funcionários e o chef da CIA, Bob.

Também no Prédio C ficava a Sala da Equipe da GRS, o Posto de Comando dos operadores, onde havia um sofá com muitas marcas de uso, e uma parede com cubículos de madeira que pareciam armários de colégio sem portas. Os cubículos estavam abarrotados com fuzis de assalto, óculos de visão noturna, capacetes, coletes, munição e tudo mais que os operadores precisavam para manter os outros americanos a salvo. Alguns operadores personalizavam seus cubículos, pendurando fotos de suas esposas e seus filhos. Ao longo de outra parede havia mesas com computadores e um quadro branco onde ficava a escala semanal dos operadores. Um segundo quadro branco continha anotações e informações sigilosas da inteligência.

Sempre que um oficial de inteligência da CIA planejava uma reunião com uma fonte para obtenção de informações, ele ou ela, sempre que possível, avisavam os operadores da GRS com pelo menos uns dois dias de antecedência para que planejassem a segurança. Se não conheciam bem a área, os operadores iam para seus computadores e usavam um software de mapeamento especial desenvolvido para operações militares. Em seguida, se o tempo permitisse, eles iam se ambientar ao local e se familiarizar com as pessoas que o frequentavam. Porém, Rone disse a Jack que esse cenário era raro; os oficiais de inteligência em Benghazi dificilmente lhes davam muito tempo, então ele precisaria estar pronto para a luta imediatamente. Tudo em Benghazi tinha pavio curto, Rone explicou, tornando difícil para os operadores sentirem-se confortáveis em relação a fornecerem a segurança adequada.

No lado leste do Prédio C havia geradores e uma piscina em forma de dente de tubarão, com uma água pantanosa verde-amarronzada e uma meia dúzia mais ou menos de peixinhos dourados batizados com os nomes de vários dos operadores. Os operadores construíram um sistema de filtragem,

cobriram parcialmente a piscina com um deque de madeira e a chamaram de “o lago”.



Atrás do Prédio C havia portas de vidro que ficavam de frente para o muro norte do Anexo. Do outro lado desse muro havia um enorme estábulo com mais de uma dúzia de cabanas com telhado de zinco. Dava para os

moradores do Anexo escutarem ovelhas indo para o abate berrando e gemendo lá dentro. Rone contou a Jack que os operadores chamavam a área ao norte e ao leste do anexo de “Zumbilândia”, porque ela parecia um set de filme sobre mortos-

vivos. Do lado oposto ao do muro leste havia uma área de quatro mil metros quadrados de mato e árvores, e depois dela ficava uma casa de um andar. Ao sul, do outro lado da Annex Road, havia outras casas e um prédio de concreto de quatro andares em construção. Mais ao sul, a aproximadamente um quilômetro de distância, havia uma pista de terra oval para corridas de cavalo. As corridas aconteciam todas as noites de quinta-feira, quando se apresentavam enérgicos garanhões árabes. A oeste do Anexo havia outra propriedade com uma única e grande casa de concreto.

O Complexo da Missão Especial ficava localizado a noroeste do Anexo, do outro lado da Fourth Ring Road, a apenas um quilômetro de distância em linha reta e a dez minutos de caminhada.

Os operadores tinham fixado cacos de vidro no alto dos muros do Anexo para aumentar a segurança, mas os muros não serviam de proteção contra o forte cheiro de estrume e as nuvens de moscas atraídas para a vizinhança pelo estábulo, pela pista de corrida de cavalos e pelo lago. Véus de insetos que não paravam de zumbir transformavam a vida dos operadores da GRS num inferno. Moscas pousavam em seus rostos suados e faziam barulho nos ouvidos quando levantavam peso em uma área de musculação improvisada que eles chamavam de “academia da prisão”, localizada em um estacionamento à direita do Prédio C.

Rone continuou a mostrar o lugar para Jack. O Prédio A, o mais próximo do portão da frente, tinha quatro quartos e a principal área em que eram servidas as refeições, onde um chef americano as preparava com os ingredientes locais mais frescos que conseguia. Frango e arroz eram

frequentes, mas às vezes eles se deleitavam com grossos filés. O chef ganhou a afeição dos operadores da GRS ao manter a geladeira cheia de sobras para as noites em que voltavam tarde. O Prédio B, no lado leste do Anexo, tinha alojamento e local de trabalho, assim como no Prédio D, que ficava no lado oeste, onde Rone deixou Jack com suas malas.

Jack levava em consideração três critérios para avaliar um local de trabalho da GRS: comida boa, um bom local para malhar e o quarto. Rone assegurou que a comida seria boa, mas que, fora isso, Benghazi era um fiasco. A área para malharem era um cubículo zoneado, e Jack teria que dividir o quarto. Uma cortina pesada amarrada no meio fornecia uma privacidade precária. Ao menos se daria bem com seu colega de quarto, um operador da GRS chamado “Tig” Tiegen.

Tig era um calmo ex-fuzileiro naval de trinta e seis anos. Tinha cabelo castanho, um cavanhaque bem aparado e uma expressão cautelosa que ele ocasionalmente relaxava e transformava em sorriso. Tinha um metro e oitenta, pesava noventa quilos sólidos como rocha, usava óculos com aro fino e exibia duas tatuagens de dragão, uma em cada lado do peito. Tig cresceu no Colorado numa situação que geralmente levava a lugar nenhum ou a coisa pior: uma família destruída, que incluía um pai que desapareceu antes do aniversário de três anos de Tig. Ele desenvolveu uma atitude em relação à escola que ia de rude a entediado, fazendo com que fosse fácil para os professores ignorá-lo, o que estava bom para Tig.

Quando Tig era um desmotivado aluno do ensino médio, certa noite passou na casa da namorada de um amigo bem na hora em que estavam com filés na grelha.

— Você quer um? — perguntou o pai da garota.

Quando Tig respondeu que queria, o sujeito disse:

— Vá cortar a grama.

A conexão entre trabalho pesado e recompensa, disciplina e ordem, nunca tinha feito parte da vida dele. Ter conseguido o filé em troca de seu trabalho deu a Tig uma satisfação que mal conseguia descrever. Ele tampouco conhecia a namorada de seu amigo, mas depois de um mês se mudou para um quarto que o pai dela construiu para ele no porão. Com a ajuda de seu pai substituto, Tig pôs-se em um novo caminho. Ele alistou-se nos Fuzileiros Navais antes de seu aniversário de dezoito anos porque era o lugar mais difícil que encontrou para provar sua capacidade.

Tig saiu dos Fuzileiros Navais como sargento, mas não queria parar de exercer o serviço militar, por isso, em 2003, ele se candidatou para o cargo de operador contratado. Depois de um ano no Acampamento Militar Doha, no Kuwait, e de passar algum tempo em casa, Tig se juntou a uma empresa militar privada chamada Blackwater. A partir de então, prestou serviços de segurança no Afeganistão, Paquistão e Iraque, onde escapar de tiros de morteiro se tornou parte de sua rotina diária. Teoricamente, Tig não possuía certas qualificações para se tornar operador da GRS, mas sua experiência e persistência lhe renderam uma chance no programa de seleção. Ele conquistou o seu lugar. Em sua primeira viagem para Benghazi, em fevereiro de 2012, Tig voltou mais cedo para casa quando sua esposa, uma ex-mecânica especializada em motores a diesel do Exército dos Estados Unidos, deu à luz gêmeos prematuros que nasceram com duas semanas de antecedência, um menino e uma menina.

Quando Jack chegou, Tig estava em sua terceira passagem pela região, o que fazia dele o mais experiente operador da GRS em Benghazi. Tig era um pouco ríspido e não era muito de falar, mas os seus companheiros

operadores aprenderam a apreciar sua inteligência sardônica e seu humor negro. Um dia ele encontrou um lança-chamas em Benghazi e o usou para criar uma série de fotos encenadas nas quais ele parecia um herói de filme de ação que marchava sozinho por uma rua abandonada atendo fogo nas coisas. Nenhum dos outros operadores duvidava que pudessem contar com Tig quando a ação fosse real. Tig considerava a lealdade sua maior força, mas também sua maior fraqueza:

— Sou leal a pessoas que já tentaram me sacanear.

Os operadores eram escravos do serviço anunciado no quadro branco da Sala da Equipe, que era geralmente atualizado por Rone, que tinha o posto mais alto entre os contratados e era o Líder de Equipe Assistente. Intermináveis tarefas aguardavam os oficiais de inteligência da CIA, que incluíam desde coletar informações pela desassossegada cidade até aumentar a quantidade de fontes locais. Geralmente estavam ocupados com atividades altamente confidenciais típicas de espões ocidentais em países instáveis. Como todos os oficiais de inteligência em países muçulmanos, uma de suas tarefas era constantemente saber se a afinidade com a al-Qaeda e a filiação ao grupo estavam aumentando.

Os oficiais de inteligência da CIA no século 21, ou COs, estavam mais para oradores de formatura do que para alguém com licença para matar, do tipo Jason Bourne. Isso significava que eles precisavam de operadores da GRS, ainda que os COs sempre agissem como se pudessem lidar melhor com o perigo sozinhos. Os operadores em Benghazi sentiam que os COs os tratavam como excesso de bagagem, criando empecilhos e dificultando seu trabalho. E todo operador em Benghazi tinha uma história sobre jovens e

inexperientes oficiais de inteligência distraidamente se metendo em encrencas ou não conseguindo perceber uma ameaça, e que só se livraram do perigo graças a uma escolta de um GRS.

Em uma noite, não muito tempo depois de Jack chegar, ele e Rone se juntaram para proteger um oficial de inteligência em uma operação de coleta de informações no coração da cidade. Rone e Jack conduziam uma contravigilância para se certificarem de que o funcionário da CIA não estava sendo seguido. Sem ser visto, Jack percebeu que dois homens árabes começaram a seguir lentamente o oficial de inteligência, que caminhava distraído na direção do carro de Rone. Jack tentou ligar para Rone e informá-lo sobre o que estava acontecendo e para marcar um novo local de encontro, assim o disfarce de Jack não seria descoberto quando ele voltasse para o carro. Isso se provou impossível, então Jack foi até o banco do passageiro e disse ao oficial de inteligência atrás:

— Você está sendo seguido.

Os homens desconhecidos pularam dentro do carro e começaram a seguir de perto os americanos. Rone pisou fundo no acelerador, evitando com habilidade os habituais engarrafamentos e bloqueios na estrada. No fim, Rone despistou os sujeitos e levou os companheiros em segurança de volta para o Anexo.

O operador da GRS Kris “Tanto” Paronto descreveu as falhas dos oficiais de inteligência no afiado vernáculo de um entusiasmado ex-Ranger do exército:

— Eles não são COs combatentes, são coletores de informações. São umas porras de uns burocratas, é isso o que são. Eles são pessoas inteligentes, mas a inteligência não engana uma bala. Eles não querem a gente lá, mas só até alguma coisa ruim acontecer.

Tanto tinha se deparado com uma atitude similar de alguns funcionários da CIA em trabalhos anteriores na sua carreira na GRS, mas não considerava ninguém pior que Bob, o chefe da base da CIA em Benghazi:

— Na opinião dele, nós somos seguranças de supermercado.

Ninguém na equipe da GRS, e talvez ninguém em Benghazi, tinha uma personalidade mais forte que a de Tanto. O resumo básico de sua vida podia descrever um sem-número de pessoas: quarenta e um anos, um metro e setenta e cinco, setenta e nove quilos, cabelo castanho, olhos cor de avelã, o filho do meio de um treinador de futebol, atleta talentoso, entusiasta da pescaria, casado duas vezes, pai dedicado de um filho que ele chamava de “Bubba” e de uma menina que ele chamava de “Princesa”; ex-membro do 75º Regimento Ranger do Exército; mestre em Justiça Criminal, dono de uma firma de assessoria em seguros.

Uma imagem mais vívida de Tanto vem de sua sincera autoavaliação: adolescente vândalo, viciado em adrenalina, uma vez traficante de esteroides, “pavio curto”, exagerado nas pegadinhas que faz com os outros, “um pouquinho egocêntrico”, amigo do tipo que leva um tiro pelo outro, guerreiro e companheiro de equipe, “o pior presidente do grêmio estudantil na história da escola onde fez o ensino médio”, marido imperfeito em série, operador contratado que perambulava por Kabul com as janelas abertas e tocando “La Bomba”, do Ricky Martin, no último volume. Uma breve versão de sua filosofia de vida: “Se você vai morrer, morra gargalhando. Gargalhando e lutando.”

Outra característica peculiar de Tanto eram as tatuagens em seu corpo musculoso. A que tinha na caixa torácica era como se sua pele tivesse sendo rasgada para revelar a bandeira americana lá dentro. Um de seus ombros exibia a insígnia completa dos Rangers do Exército. Outra que cobria as costas de ombro a ombro era uma versão personalizada da pintura icônica

de Rafael que retrata São Miguel derrotando Satanás. Em vez da lança de madeira, Tanto disse ao tatuador para dar ao santo um escudo de cruzado e uma lança feita com um crucifixo. O desenho refletia o desejo que Tanto tinha de destruir os demônios na sua vida, demônios que acabaram com seu primeiro casamento e interromperam sua carreira militar.

— Também simboliza o meu trabalho — disse ele. — Você se sente um anjo vingador. Você está matando, destruindo, ou repelindo o mal neste mundo. Tem muito lá fora, e as pessoas ainda não entendem isso. Elas acham que podem argumentar com ele. Não podem. Eles são maus e vão matar você. Eu não quero que as Cruzadas voltem — complementa Tanto, que passou uma década trabalhando como operador contratado, boa parte do tempo em países muçulmanos. — Mas às vezes eu acho que elas *deveriam* voltar. A tatuagem é mais ou menos um emblema do guerreiro cristão, o que muitos de nós pensamos e acreditamos ser. Acreditamos ser guerreiros em favor dos EUA, guerreiros em favor uns dos outros, mas também guerreiros em favor de Deus. Eu não explodo e mato meninas. Não vou pirar e sair matando mulheres indiscriminadamente. Nunca atirei em ninguém que não tivesse atirando em mim.

Outro “Tantoísmo”:

— A última coisa que você vai ter quando o dinheiro acabar e todo mundo te abandonar é a sua palavra. Os seus culhões e a sua palavra. Se você não puder falar que mandou ver lá fora e que fez tudo o que pôde para proteger as pessoas, você não tem nada. Se você não é honesto e não está disposto a dar a sua vida pelo seu irmão, você não vale o seu peso em mijo.

Tanto tinha um lugar especial em seu coração para o credo dos Rangers, particularmente para a quinta estrofe, que começa assim: “Energeticamente enfrentarei os inimigos do meu país. Eu os derrotarei no campo de batalha,

pois sou mais bem treinado e lutarei com toda a força. Rendição não é uma palavra do vocabulário Ranger.”

Tanto mantinha as coisas animadas no Anexo da CIA em Benghazi.

Tagarela, sempre fazia parceria com seu grande amigo e colega de quarto, o taciturno Dave “D.B.” Benton. Com 38 anos, D.B. tinha cabelo preto, olhos castanhos e um físico compacto e musculoso. Filho do meio de pais mestiços, D.B. cresceu na Pensilvânia, onde odiava a escola, adorava ficar ao ar livre e idolatrava um avô que o ensinou “respeito, integridade, coragem, humildade, empatia e disciplina.” Acima de tudo:

— Ele me ensinou como ganhar e me ensinou como perder.

A carreira militar parecia uma herança natural. O pai de D.B. foi da força médica da Marinha e seus tios serviram ao Exército e aos Fuzileiros Navais. Seu irmão mais velho foi Fuzileiro antes de D.B. e os dois serviram juntos de 1993 a 2000. Durante os anos em que foi sargento dos Fuzileiros Navais, D.B. serviu como membro de uma Força Marítima para Propósitos Especiais, uma unidade de Operações Especiais — treinados para serem capazes de executar tudo, de resgate de reféns a operações de ação direta. D.B. era franco-atirador, cujas especialidades incluíam vigilância, reconhecimento e combates a curta distância.

Após sair do Corpo dos Fuzileiros Navais, D.B. entrou para uma equipe da SWAT na Geórgia, mas depois do Onze de Setembro sentiu-se compelido a voltar para o serviço militar. Ele já estava em contato com o recrutamento dos Fuzileiros Navais quando um amigo lhe contou sobre a oportunidade de trabalhar para o Departamento de Estado como prestador de serviços de segurança pessoal. Desde então, D.B., colecionou vários prêmios por desempenho sob fogo inimigo em locais que incluem Iraque, Afeganistão e Haiti. Um desses prêmios foi recebido no Iraque, em 2004, quando D.B.

trabalhou para o Departamento de Estado, por meio da empresa Blackwater. Ele era o líder de uma equipe em um comboio de cinco veículos que sofreu uma emboscada enquanto atravessava Bagdá depois de escoltar o Secretário de Estado Colin Powell até o aeroporto. Quando o motorista do veículo que liderava o comboio acelerou na direção de um local seguro, D.B. calmamente manteve o restante do comboio atualizado em relação ao que estava acontecendo, o que permitiu que eles reagissem aos insurgentes e escapassem da emboscada sem baixas, de acordo com a nota elogiosa que recebeu.

Casado com a namorada dos tempos de ensino médio, D.B. tinha um filho e duas filhas. Sua maior preocupação era a possibilidade de decepcionar alguém que confiava nele, então se mantinha vigilante o tempo todo para impedir que isso acontecesse. Seu autor preferido era Joseph Campbell, que ficou famoso por seus textos sobre a criação de mitos e a jornada do herói. Ele considerava uma das máximas de Campbell especialmente importante: “Um herói é alguém que deu sua vida para algo maior que si mesmo.”

A amizade de D.B. com Tanto foi selada quando trabalharam juntos para o Departamento de Estado em Bagdá, em 2004. No final de um dia de trabalho, eles estavam relaxando no teto de uma Humvee quando um foguete Katyusha de fabricação russa voou por suas cabeças e entrou em uma barraca que tinha mais de trinta militares contratados lá dentro. D.B. sabia que a reação natural de algumas pessoas seria correr para o lado contrário. Mas ele e Tanto simultaneamente reagiram da maneira oposta e correram lado a lado para dentro da barraca cheia de fumaça para ver quem precisava de ajuda. Nos anos seguintes, os dois achavam que tinham desenvolvido um sexto sentido que lhes permitia saber como o outro reagiria quando a situação ficava fora de controle.

Passeios além dos muros do Anexo, chamados de “rolés” podiam acontecer a qualquer momento, à noite ou de dia. Embora Benghazi fosse inseguro para a maioria dos Ocidentais, os operadores tinham orgulho de conhecerem a cidade como nativos e de se sentirem confortáveis e confiantes o bastante para andar de carro ou a pé em quase todos os lugares que queriam. Os motores de seus carros e SUVs passavam por uma manutenção meticulosa, embora as partes exteriores estivessem sempre amassadas. Carros sem amassados ou sujeira, em Benghazi, significavam que seus donos eram pessoas ricas, americanos ou as duas coisas.

Com as barbas grandes e usando as roupas locais, os operadores tentavam se misturar ou pelo menos não sobressaírem demais. Comiam em restaurantes, frequentavam cafés e hotéis, faziam compras em lojas e bazares, e chegavam até mesmo a passear como turistas em um pequeno museu de arte localizado num palácio antigo perto do porto. As viagens de Tanto formaram a sua impressão de Benghazi como uma cidade miserável e selvagem, dominada por milícias perigosas e abastecida com petróleo, armas e “o glorioso dinar”.

Porém, os operadores tinham consciência de que a falta de habilidade no idioma árabe e o seu porte distintamente americano colocavam alvos em suas costas. Portanto, eles se esforçavam para chamar a menor atenção possível.

Geralmente os operadores viajavam armados com facas escondidas e pistolas. Algumas tinham coldres de couro customizados que lhes permitiam esconder suas armas sem que ficassem salientes na roupa. Jack desenvolveu uma técnica de saque rápido — levantar a camisa com a mão esquerda e pegar a pistola com a direita — que um antigo pistoleiro do Velho Oeste

teria invejado. Nos carros eles carregavam as armas longas com confiável poder letal.

Dependendo do perigo que percebiam em um rolé, os operadores optavam por veículos blindados e usavam coletes à prova de balas com um acessório extra que chamavam de “peito de pombo”. Com igual frequência eles usavam carros sem blindagem comprados no local aos quais chamavam de veículos de “pele macia” e abstinham-se de colete à prova de bala individual para evitarem chamar a atenção para seus movimentos. Muitas vezes sentiam-se mais seguros usando a discrição do que coletes.

Às vezes toda a Equipe da Global Response Staff estava de serviço em um rolé, mas geralmente trabalhavam em pequenos grupos, e Jack e Rone eram escalados juntos com frequência. O colega de quarto de Jack, Tig, geralmente era parceiro de Mark Geist, cujo codinome era “Oz”.

Robusto e seguro de si, com quarenta e seis anos, Oz era o membro mais velho da Equipe. Com um metro e oitenta e três, pesando mais de noventa quilos, Oz tinha um cabelo louro volumoso, penetrantes olhos azuis e um jeito de menino do interior. Durante todo o ensino médio, Oz montou touros em rodeios e domou cavalos selvagens. Desde criança sonhava se tornar soldado, policial, cowboy ou bombeiro e realizou os três primeiros.

Neto de um comandante de tanque da Segunda Guerra Mundial, Oz lembrava-se de na juventude armazenar o feno, salvar um bezerro durante o nascimento virando-o no ventre da mãe e de arrancar as penas de galinhas cujos pescoços tinham sido torcidos pela avó. Ele tinha uma cicatriz de um centímetro e pouco no lábio superior por ter levado um coice na boca quando estava marcando o couro de um bezerro. Oz entrou para o Corpo de

Fuzileiros Navais quando fez dezoito anos. Depois de doze anos de serviço, incluindo um tempo na unidade de inteligência, Oz saiu para se tornar subxerife e investigador de polícia. Em seguida ele se tornou chefe de polícia da cidadezinha no leste do Colorado onde cresceu, depois abriu uma firma de investigação particular em que fazia agente de fiança e trabalhava como caçador de recompensas.

Antes de trabalhar como operador da GRS, Oz prestou serviços de segurança para o Departamento de Estado no Iraque, com início em 2004. Lá, ele também treinara equipes da SWAT no Iraque e fornecera proteção pessoal a um ex-primeiro ministro quando trabalhou em outra firma americana prestadora de serviços. O currículo incomum de Oz incluía prestação de serviço de segurança para companhias de aviação russas e ucranianas. Casado duas vezes, Oz tinha um filho com sua primeira esposa e uma enteada adolescente e uma filha pequena com a segunda mulher.

Com Rone, Jack, Tig, Tanto, D.B. e Oz trabalhava um jovem funcionário da CIA. Ele não tinha nem o histórico nem o treinamento militar dos operadores contratados, mas as regras da agência fizeram dele o Líder da Equipe da GRS em Benghazi. A identidade dele era confidencial, então os outros operadores da GRS geralmente chamavam pelo codinome que usavam para se comunicar com ele pelo rádio ou abreviando o nome do cargo dele, Líder de Equipe.

Boa parte dos seis operadores contratados eram amigos de longa data, como Jack e Rone, e Tanto e D.B. Alguns já tinham trabalhado juntos antes, como Tig e D.B., em Benghazi e outros locais, e outros faziam a sua primeira viagem pela GRS juntos. Independentemente de já se conhecerem ou não antes de chegarem a Benghazi, estavam todos ligados através da rede de ex-operadores especiais e prestadores de serviços de segurança. Por exemplo, Jack e Tanto nunca tinham trabalhado juntos antes de Benghazi, mas

possuíam uma ligação por meio de um terceiro operador. Enquanto trabalhava como prestador de serviço em Trípoli, Tanto se tornara amigo de Glen “Bub” Doherty, um SEAL que fora um antigo camarada de Jack e Rone e que continuava trabalhando na equipe de segurança da GRS na capital da Líbia.

Algumas equipes de segurança da GRS coexistiam, mas não se entrosavam, o que não é de se surpreender dado o número de machos-alfa movidos a testosterona entre os operadores e a diferença da experiência em relação aos serviços prestados no passado. Alguns se tornavam rabugentos e reservados devido às adversas e estressantes condições sob as quais trabalhavam. A equipe da GRS em Benghazi durante setembro de 2012 poderia certamente ter seguido esse caminho. Porém, ela se solidificou. Eles confiavam uns nos outros em situações tensas e gostavam de trabalhar e sair juntos. Quando o chef tinha uma noite de folga, eles corriam para a cidade e se fartavam de pizza e shawarma. Às vezes, à noite, quando o trabalho tinha acabado, eles acendiam uma fogueira em um tambor de duzentos litros, sentavam-se ao redor do “lago” e ficavam conversando, fumando narguilé e rindo uns dos outros. Todos estavam entre os trinta e tantos e os quarenta e tantos anos, todos tinham viajado muito e todos tinham esposa e filhos que amavam e podiam sustentar mais facilmente com o pagamento da GRS. Todo o bem-

estar que sentiam uns com os outros se desfez quando Rone, Tanto e D.B. foram escalados para voltar para casa no início de setembro. Em vez de partirem, os três estenderam a sua permanência em Benghazi para ajudar na visita do embaixador dos EUA que estava por vir.

Quando não estavam trabalhando ou planejando os próximos passos, os operadores da GRS limpavam suas armas, praticavam tiro, atualizavam seu software de mapeamento e outras ferramentas de computador, além de fazerem manutenção em seus veículos. Dia e noite, sempre que estavam no Anexo, tinham consciência de que eram a Força de Reação Rápida: se alguém do Anexo ou do Complexo da Missão Especial do Departamento de Estado estivesse em perigo, eles reagiriam.

Enquanto aguardavam, a maioria jogava videogame. Uma voz chamava pelo rádio, ordenando aos operadores que se apresentassem para o “treino tático”. Os caras da GRS sabiam que aquele era o código para um torneio de *Call of Duty*, no Xbox, no Prédio B. Durante os jogos, que tinham uma competitividade feroz, Tanto e Oz discutiam um com o outro, começando inevitavelmente com “A sua mãe” e terminando com sugestões anatomicamente nada confortáveis.

Durante as refeições ou quando estavam apenas perambulando pelo Anexo, uma piada recorrente era citar uma fala cliché de filmes de terror ou de guerra: “Eu tenho um mau pressentimento sobre isso.” Eles liam, conversavam, assistiam a filmes piratas comprados em lojas de lá, recebiam e enviavam e-mails, malhavam, corriam e dormiam. Jack chamava sua cama de “máquina do tempo”, porque cada hora de olho fechado o transportava para uma hora mais perto do momento em que retornaria para a família. Esse desejo se tornou mais intenso depois de uma conversa via Skype com a esposa, pouco tempo depois de chegar a Benghazi. Ela o surpreendeu com a novidade de que estava grávida. Seu entusiasmo foi moderado pela ideia de que aquela seria mais uma boca a ser alimentada, mais um gasto com faculdade a ser planejado e, acima de tudo, mais uma pessoa confiando que ele chegaria em casa em segurança.

A rotina de Jack que não estava relacionada ao trabalho também incluía visitas regulares a uma grande oliveira que ficava ao lado do Prédio D e que servia de lar a um louva-a-deus verde-neon quase tão grande quanto sua mão. A árvore tinha uma planta carnívora com uma única abertura na parte de cima para que assim as moscas atraídas pela isca não conseguissem sair. Jack observava de perto como o louva-a-deus ficava imóvel acima da abertura, fundindo-se com as folhas. No momento em que sua presa pousava, o louva-a-deus atacava, agarrando a mosca com suas patas dianteiras delgadas e pontudas e a devorava. O louva-a-deus tinha uma barriga protuberante, testemunha de sua velocidade e da infundável oferta de comida. Entre as moscas, o louva-a-deus sempre virava sua cabeça triangular e observava calmamente Jack observá-lo. Depois de o louva-a-deus ter comido três ou quatro moscas, ele saía do lugar em que estava perto do bufê da planta carnívora e subia um pouco mais na árvore. O louva-a-deus fascinava Jack, que o considerava um animal de estimação. Contudo, em uma cidade hostil onde americanos eram alvos perfeitos para extremistas radicais que conseguiam se fundir sem esforço algum ao seu redor, Jack também conseguia se identificar com as moscas.

Enquanto Jack estudava o louva-a-deus, Tanto tinha uma maneira diferente de passar o tempo entre os rolés. Ao caminhar pelo Anexo, ele passava por uma câmara de segurança e disparava a dançar enlouquecidamente, depois retomava a caminhada como se nada tivesse acontecido. Tanto também gostava de conhecer os líbios que eles contratavam como guardas locais. Um deles sempre o interceptava querendo chocolate, por isso Tanto o apelidou de “Snickers”. Tanto mantinha o seu novo camarada bem abastecido e observou que o guarda, antes magrelo, tinha ganhado um pneuzinho.

— Você tenta fazer amizade com eles, aí no mínimo os caras servem como um maldito quebra-molas se a gente for atacado — disse ele. — É uma questão de conquistar o apoio deles.

Tanto tinha opiniões fortes em relação à maioria das coisas, nenhuma delas mais forte do que sua visão em relação ao melhor tipo de operador da GRS em um lugar como Benghazi.

— Os caras que ficam pilhados o tempo todo não são bons operadores da GRS. Eles não duram no serviço. Você tem que ser capaz de interagir, de ir a um restaurante e sair pela cidade, dar uma caminhada e comprar um jornal, tomar um café. Se você fica o tempo todo com aquela cara de que está prestes a cair na porrada, o pessoal local vai sacar isso rápido pra cacete. Só que você também não pode ser tão marcha lenta a ponto de não conseguir se ligar na mesma hora e acelerar a duzentos por hora.

Tanto tinha orgulho de acelerar:

— De zero a duzentos em cinco segundos, se não mais rápido.

Geralmente toda sexta-feira os membros da equipe do Complexo iam de carro até o Anexo para serem atualizados sobre a situação e conversarem sobre a semana seguinte. Os visitantes eram membros da Agência de Segurança Diplomática, conhecida como DS, os responsáveis no Departamento de Estado por garantir a lei e a segurança. O Congresso criou a agência em 1985, como parte da reação ao bombardeio em 1983 à embaixada dos EUA e ao quartel do Corpo de Fuzileiros Navais em Beirute. Outro incentivo foi o sequestro em 1979 de Adolph Dubs, o embaixador dos EUA no Afeganistão. Dubs morreu durante uma tentativa de resgate. Nenhum outro embaixador americano foi morto desde então.

Dentro dos Estados Unidos, mais de dois mil funcionários da DS trabalhavam para o Serviço de Segurança Diplomática, para proteger o Secretário de Estado e visitantes dignitários, todos desde Yasser Arafat ao Dalai Lama. Em solo americano, esses agentes da DS também emitiam liberações de segurança, conduziam investigações de cibersegurança e combatiam fraudes de passaporte e visto. O papel mais importante e geralmente mais arriscado para os agentes da Segurança Diplomática era fora das fronteiras americanas.

Globalmente, aproximadamente oitocentos agentes da DS, mais trinta mil prestadores de serviço de segurança supervisionavam o salvo-conduto da política externa americana. O trabalho deles era proteger funcionários e informação sigilosa em aproximadamente 275 postos avançados diplomáticos em 157 países. O trabalho era interminável. Entre 1998 e 2012, um estudo governamental revelou que funcionários e instalações diplomáticas dos EUA sofreram 273 ataques “significativos”, não incluídos aí os quase constantes ataques à Embaixada dos EUA em Bagdá, desde 2004.

Os agentes da DS atribuíram um nível de ameaça a cada posto avançado diplomático com base em seis categorias: terrorismo internacional, terrorismo local, violência política, crime, roubo de informações e ameaça a computadores. Os níveis de ameaça eram baixo, médio, alto ou crítico. Eles consideravam que os dois últimos níveis tinham “sério” ou “grave” impacto nos diplomatas americanos. Durante 2012, mais da metade de todos os postos diplomáticos americanos ao redor do mundo, relacionados a ameaças terroristas, estavam categorizados nos níveis “crítico” ou “alto”. Porém apenas catorze eram considerados perigosos demais a ponto de a DS julgar o nível de ameaça como “crítico” ou “alto” em todas as categorias. Dois deles eram na Líbia: Trípoli e Benghazi.

Na opinião dos agentes da DS na Líbia, um dos maiores eventos no verão de 2012 era uma visita de cinco dias a Benghazi, com início no dia 10 de setembro, planejada pelo embaixador J. Christopher Stevens, que normalmente ficava sediado na embaixada em Trípoli.

Para ajudar os agentes da DS antes da visita de Stevens, os operadores da GRS no Anexo conduziram uma avaliação de segurança no Complexo da Missão Especial, onde Stevens ficaria. Durante a inspeção, Tanto perguntou aos agentes da DS quantos membros da equipe de segurança estariam presentes no momento da visita do embaixador, sem incluir os milicianos locais e outros líbios contratados como guardas. Cinco, lhe responderam, cada um armado com um fuzil de assalto M4, a principal arma do exército dos EUA. Tanto soube que juntos os agentes da DS tinham aproximadamente doze anos de experiência militar. Ele sabia que os operadores do Anexo tinham coletivamente algo em torno de cem anos de experiência militar e, como contratados, boa parte dela em equipes de segurança de elite. A equipe da GRS também tinha armas maiores e mais poderosas.

— Se vocês forem atacados por qualquer elemento grande — Tanto informou a eles —, vocês vão morrer.

Ao tomar consciência que tinha causado mais impacto do que almejava, Tanto amenizou:

— Se precisarem de assistência, nós ajudaremos.

Durante a primeira semana de setembro, a apenas poucos dias da visita do embaixador, Rone usou seu conhecimento de enfermeiro e paramédico e deu um curso de reciclagem para todos os funcionários do Anexo. Ele

passou para o pessoal a reação apropriada em campo a ferimentos a bala, lesões por explosão e outros traumas. Depois de uma instrução em sala de aula no Prédio D, Rone organizou um exercício prático ao ar livre, usando Jack como uma “vítima” supostamente atingida por um granada. Ketchup substituiu o sangue na perna exposta de Jack. Rone mostrou a todos o correto uso do torniquete e a maneira certa de remover uma vítima em segurança.

Em outro dia, Rone e Jack dirigiram-se ao Complexo diplomático com Bob, o chefe da base no Anexo. Enquanto Bob estava em reunião, Jack e Rone sentaram-se a uma mesa em um pátio coberto do lado de fora com dois agentes da DS, David Ubben e Scott Wickland, Ubben era um cara grande, de um metro e noventa e três e cento e treze quilos, tinha cabelo escuro e um bigode de pontas salientes que estava deixando crescer por causa de uma aposta com os agentes de segurança do Departamento de Estado. Wickland tinha um metro e setenta e oito, um físico mediano, cabelo castanho claro e olhos claros. A penugem rala sobre o lábio superior informava que Wickland também estava participando da competição de bigode. Jack e Rone estavam prontos para declarar Ubben o vencedor.

Os quatro homens conversaram sobre suas famílias e carreiras militares anteriores, Jack e Rone tinham sido SEALs, Ubben, do Exército e Wickland, nadador de resgate da Marinha. Wickland e Ubben confidenciaram aos operadores que estavam reiteradamente solicitando mais pessoal da Segurança Diplomática para o Complexo porque estavam com uma equipe muito reduzida. Essas solicitações entravam por um ouvido e saiam pelo outro, eles contaram a Jack e Rone, e não conseguiam entender por quê.

Esforçando-se para ajudar, os operadores organizaram um treinamento para ensinar aos agentes da DS métodos de reagir a um ataque terrorista. A situação que encenaram era de uma força inimiga que tentava invadir o

Anexo, mas os operadores explicaram que os mesmos princípios se aplicariam se o alvo fosse o Complexo diplomático. Eles treinaram maneiras de reagir a “atiradores ativos” dentro dos muros e como ficar de olho em todo o pessoal que precisava de proteção; principalmente o embaixador, uma prática que os operadores chamavam de “responsabilidade principal”. Os operadores fizeram demonstrações dos protocolos que usavam em tais eventos para simultaneamente repelir o ataque e garantir a segurança dos funcionários que eles chamavam de “não atiradores”. Quando o treinamento terminou, Jack concluiu que aquela equipe reduzida e a falta de treinamento militar de operador especial colocariam os cinco agentes da DS que estariam fazendo a segurança do embaixador em extrema desvantagem, caso o Complexo viesse a ser atacado.

Tomando café da manhã juntos à mesa, Jack e Rone sempre discutiam falhas na segurança tanto do Complexo quanto do Anexo. Como operadores contratados, eles não tinham poder algum de mudar o sistema de segurança. Mas isso não os impedia de identificar buracos no escudo defensivo, antecipar estratégias que os terroristas poderiam usar para atacá-los e discutir várias reações potenciais. Alguns dos pontos fracos sobre os quais discutiam eram estruturais e envolviam a arquitetura das propriedades que acolhiam o Anexo e o Complexo. Alguns dos problemas identificados estavam focados no nível dos funcionários e em treinamento. Os cenários macabros iam de carros bomba estacionados do lado de fora do muro do Anexo até a invasão do Complexo por uma grande quantidade de agressores.

À medida que o aniversário dos Ataques de Onze de Setembro se aproximava, o que coincidia com a visita do embaixador, Rone colocou uma folha de papel grande em um quadro branco na Sala da Equipe da GRS. Nele havia uma mensagem impressa e os operadores da GRS tinham certeza de

que ela chegara de algum lugar alto na cadeia do serviço secreto em Washington. Como vários operadores se lembraram, o comunicado do serviço secreto advertia: *Estejam informados: possuímos relatos de pessoas no campo que afirmam que uma instalação ocidental ou uma Embaixada/Consulado/Governo americano será atacado na próxima semana.* Se essas não foram as palavras exatas, essa foi a mensagem clara que os operadores apreenderam do comunicado.

Como precaução, os operadores levaram coletes à prova de balas, armas longas, munição, óculos de visão noturna e outros equipamentos táticos para seus quartos, para que pudessem mais rapidamente “jock up”, termo que usam para se referirem ao ato de se prepararem para a batalha. Houve discussões durante algum tempo sobre “localizar” o Complexo e o Anexo em uma mesma propriedade, então Bob, o chefe do Anexo sugeriu que fizessem uma experiência. Ele pediu à equipe da Segurança Diplomática no Complexo da Missão Especial para se mudar para o Anexo durante a visita do embaixador, a fim de ter mais camadas de proteção. A sugestão foi negada.

Nos dias depois que Rone pregou no quadro o comunicado do serviço secreto, a equipe da GRS assinou o papel para mostrar que o tinha lido. Aquilo ficou na cabeça de todos eles, mas ninguém estava nervoso por isso. Quando Oz o leu, chegou à conclusão de que faltava a data específica e a localização, então ele não tomou nenhuma atitude especial:

— Com exceção de permanecer extremamente vigilante, como sempre, não havia nada com que se preocupar.

Quando Tanto viu que todos da equipe tinham rubricado o comunicado, ele o descolou do quadro branco e o rasgou em pedacinhos. A data era 11 de setembro de 2012.

TRÊS

O Embaixador

Debaixo de um escaldante sol líbio, Chris Stevens abriu seu sorriso de dentes brilhantes, pegou uma tesoura e aproximou-se de uma fita vermelha levando aquilo muito a sério. Mas antes de encostar a lâmina no cetim, ele fez um gesto típico seu: convidou uma autoridade do Ministério das Relações Exteriores da Líbia, Abdurrahman al-Gannas, para fazer as honras junto com ele. Com as mãos direitas juntas segurando a tesoura, Stevens e al-Gannas cortaram a fita, disparando uma salva de palmas dos trabalhadores da Embaixada Americana e das autoridades líbias enquanto um grupo de jornalistas gravava a cena.

Era 26 de agosto de 2012, na ocasião da reabertura da Seção Consular da Embaixada dos EUA em Trípoli, a unidade responsável pela concessão de visto. Incluir al-Gannas no ritual da fita era uma manobra clássica de Stevens. Como embaixador americano na Líbia na era pós-Kadafi, Stevens considerava essencial promover e proteger os interesses dos EUA e, para isso, trabalhava de mãos dadas, literal e figurativamente, com o embrionário governo líbio e com o povo que ele devia supostamente representar. Laços baseados em confiança e conexões pessoais, Stevens acreditava, levavam a uma diplomacia bem-sucedida.

— A reabertura da Seção Consular criará novas oportunidades para aprofundar os laços entre nossos dois países — disse ele aos presentes. — As relações entre governos são importantes, mas as relações entre pessoas são a verdadeira base da mútua compreensão. É por isso que a reabertura da nossa Seção Consular é um marco tão importante nas relações entre nossos dois países. Portanto, a minha mensagem para os líbios hoje é *ahlan wasahlan bikum*. Vocês são bem-vindos para visitar os Estados Unidos, e aqui está a porta!

A cerimônia era uma das realizações mais comuns que Stevens levava a cabo em seu papel de embaixador da Líbia. Longe da vista dos repórteres, ele se encontrava com colegas diplomatas e líbios que ocupavam posições altas e baixas, de ministros do governo a autoridades locais, empresários poderosos a pequenos lojistas, sempre com o objetivo de fornecer aos estrategistas políticos em Washington informações essenciais sobre os conflitos no Norte da África. Os contatos de Stevens quase sempre ficavam tão confortáveis na presença dele que dispensavam totalmente as formalidades e usavam seu primeiro nome. A informalidade agradava Stevens, e a maneira como os falantes de árabe pronunciavam “Chris” o divertia tanto que ele assinava os e-mails para os amigos imitando gentilmente essa pronúncia: *Quiris*.

Stevens sabia que ainda havia muito trabalho. Quando a cerimônia da Seção Consular terminou, ele retornou para as ininterruptas tarefas práticas da diplomacia. Nos dias por vir ele participaria de longas reuniões de terno e gravata, mas também sentaria descalço no chão da casa subterrânea de um berbere e usaria as mãos para comer um prato bagunçado de massa de pão sovado, carneiro cozido e ensopado de tomate chamado *bazeen*. Teria uma pequena trégua ao viajar para Estocolmo para o casamento de gala de um amigo e de lá para Viena, onde teria dois dias de folga. Duas semanas depois

do corte da fita, Stevens faria uma espécie de retorno para casa: sua primeira visita como embaixador à cidade onde a revolução líbia começou, Benghazi.

Geralmente existem dois tipos de embaixadores americanos: negociadores notórios ou líderes cívicos enviados a locais glamorosos como França e Reino Unido como retribuição por contribuições ou apoio político, e burros de carga enviados para lugares hostis como a Líbia como recompensa por experiência e know-how. Chris Stevens era um exemplo deste último.

Batizado John Christopher Stevens, ele tinha 52 anos, nunca foi casado, estava em boa forma física, tinha uma testa grande coroada por um volumoso cabelo louro ficando grisalho. Seu ofuscante sorriso chamava a atenção das pessoas e os olhos azuis expressivos a prendiam. Eles podiam flamejar raiva quando necessário, porém, mais frequentemente, exibiam a verdadeira natureza de Stevens: cuidadoso, questionador, compreensivo, determinado e paciente.

Criado no Norte da Califórnia, Stevenson tocava saxofone e era filho de um advogado com uma violoncelista. Formou-se em História em 1982 na Universidade da Califórnia em Berkeley. Passou dois anos no Corpo da Paz lecionando inglês na remota Cordilheira do Atlas no Marrocos, e ali se apaixonou pela região e encontrou sua vocação. Em 1989, formou-se advogado pela Faculdade Hastings de Direito em São Francisco, na Califórnia, depois se tornou mestre em Segurança Nacional pelo National War College. Dois anos após ter se tornado advogado, Stevens trabalhou com lei de comércio exterior em Washington, DC, mas seu coração foi fisgado pelo Serviço Internacional.

O foco dele era o Oriente Médio e, ao entrar para o Departamento de Estado, participou de missões na Arábia Saudita, Síria, no Egito e em Israel, onde trabalhou com questões palestinas durante a segunda intifada. Tornou-se fluente em árabe e desenvolveu um gosto pelo forte e melado chá que rega as ocasiões nas quais os relacionamentos na região são forjados. Entre um cargo no exterior e outro, Stevens trabalhava na política do Oriente Médio na sede do Departamento de Estado em Washington e era membro do Comitê de Relações Internacionais do Senado.

Em 2007, Stevens foi nomeado Chefe Adjunto de Missão, depois agente diplomático da Embaixada dos EUA em Trípoli. Um ano após ter chegado à Líbia, Stevens ganhou uma nota de pé de página em uma das muitas histórias estranhas sobre Kadafi. Um comunicado diplomático revelado pela WikiLeaks mostrava que, em agosto de 2008, Stevens diplomaticamente alertou a Secretária de Estado, Condoleezza Rice, que o líder líbio estava com seus olhos luxuriosos mirados nela. “Um autoproclamado intelectual e filósofo”, Stevens escreveu a Rice, “ele há vários anos aguarda ansiosamente a oportunidade de compartilhar com a senhora as opiniões que tem sobre assuntos globais”. Durante a visita de Rice à Líbia em 2008, Kadafi confessou que tinha uma queda por ela. Mais tarde ela chamou o galanteio de “esquisito e um pouco assustador.”

Stevens retornou para Washington para chefiar a Unidade de Assuntos Multilaterais Nucleares e de Segurança do Departamento de Estado. Mas quando a revolução líbia começou no início de 2011, a administração de Obama queria alguém experiente para lidar com os rebeldes. Em março de 2011, Stevens tornou-se o Representante Especial dos Estados Unidos para a organização política dos rebeldes antiKadafi, o Conselho Nacional de Transição da Líbia, TNC, sediado em Benghazi.

Sem linhas aéreas comerciais operando na zona de guerra, Stevens arranhou um navio de carga grego para transportá-lo até Benghazi junto com mais dez agentes da DS e um adido político. O porão do navio estava repleto de veículos blindados, equipamento de segurança e suprimentos necessários para criar uma estação diplomática temporária. Eles chegaram no dia 5 de abril de 2011, passaram uma noite a bordo do navio, depois se estabeleceram em quartos no Hotel Tibesti, no centro da cidade. Líderes rebeldes em Benghazi encontravam-se frequentemente no Tibesti, que também abrigava enviados italianos e catarianos, agentes das Nações Unidas e jornalistas estrangeiros que cobriam a guerra.

A embaixada em Trípoli tinha suspenso as operações e evacuado todos os americanos seis semanas antes, sendo assim, a chegada de Stevens fez dele o diplomata dos EUA com o cargo mais alto na Líbia. Ele e o agente político Nathan Tek marcaram imediatamente uma série interminável de reuniões com os oficiais da TNC e com líderes civis e empresariais para fornecer aos estrategistas políticos informações sobre a revolta e para, com a expectativa de que haveria uma Líbia pós-Kadafi, desenvolver relacionamentos. Como Stevens disse em um artigo publicado em uma revista do Departamento de Estado, de dezembro de 2011, eles também conseguiram auxílio não letal para o TNC e criaram um programa em cooperação com o conselho rebelde para reunir mísseis antiaéreos chamados MANPADS.

No dia primeiro de junho de 2011, uma explosão no estacionamento do Hotel Tibesti destruiu dois carros e estourou janelas a centenas de metros. Um porta-voz rebelde descreveu aquilo como uma tentativa dos legalistas de Kadafi de mostrar que ainda podiam atacar à vontade. Logo em seguida, a equipe de segurança de Stevens entendeu o que os agentes dos EUA descreveram como “uma ameaça plausível” contra a missão do enviado especial e correram para encontrar outro local para ficarem.

No dia 21 de junho de 2011, Stevens e sua equipe se mudaram para um refúgio onde havia goiabeiras florescendo e palmeiras, grandes faixas de gramados verde-esmeralda, fileiras de videiras apinhadas de uvas roxas e flores abundantes. Localizado em Fwayhat Ocidental, a frente da propriedade tinha uma rua de cascalho. O muro de trás fazia fronteira com a Fourth Ring Road.

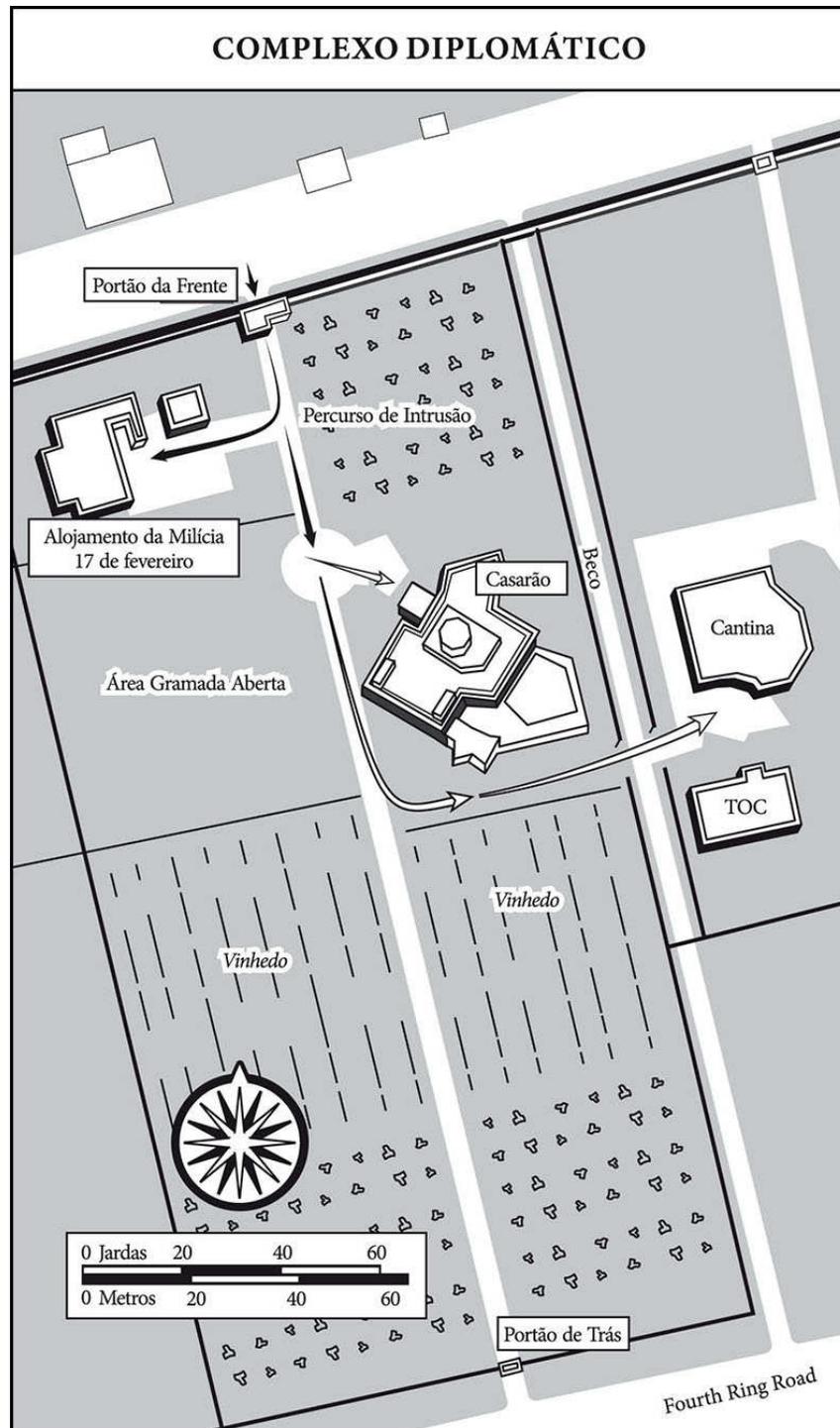
Entre seus convenientes encantos, a propriedade ficava em frente a um sofisticado restaurante chamado Venezia, famoso entre os líbios abastados e os corpos diplomáticos multinacionais. Durante o verão, aquele local que já havia sido um complexo privado foi reformado para melhorar a segurança. Em agosto de 2011, foi intitulado Complexo da Missão Especial em Benghazi.

O Complexo tinha aproximadamente três verdejantes hectares. Algo na propriedade que agradava os funcionários da Segurança Diplomática era que os prédios principais ficavam bem distantes dos muros que a rodeavam, o que protegia os habitantes dos carros-bomba. Além disso, a equipe da DS providenciou para que algumas partes dos muros fossem reforçadas e aumentadas até três metros, embora algumas áreas tenham ficado com dois metros e meio. Rolos de arame farpado cobriam praticamente toda a extensão superior do muro.

Dentro e fora dos três portões da propriedade, barreiras New Jersey de concreto foram dispostas em ziguezague para impedir que caminhonetes ou carros-bomba abrissem caminho para o Complexo. Cancelas de aço foram instaladas para controlar a entrada de veículos na propriedade, o que acontecia primordialmente por um imponente portão principal cheio de barras pontiagudas na parte superior, que ficava no muro norte e era

chamado de Portão C1. Ao lado desse portão principal para a entrada de veículos havia um portão estreito para pedestres.

Um portão secundário afastado à direita no mesmo muro era chamado de B1, ou portão Bravo. O terceiro portão de acesso ao Complexo, no muro oposto ao portão principal, era chamado de portão C3 e ficava de frente para a Fourth Ring Road. Outras melhorias de segurança providenciadas na propriedade foram fortificações com sacos de areia, iluminação de alta intensidade, dispositivos de detecção de explosivos, Sistema de Notificação de Defesa Interna — conhecido como alarme deitar e proteger — para o caso de o Complexo sofrer um ataque.



Todos os prédios foram reforçados com medidas de segurança, começando pela maior construção da propriedade, um imóvel amarelo de dois andares construído de concreto conhecido como Casarão C. Era nele

que Stevens morava e trabalhava e o lugar depois ganhou o carinhoso apelido de “Château Christophe”. Parte do Casarão C, na área em que havia vários quartos, foi transformada em zona de segurança, com grades de metal nas janelas. Na entrada para a zona de segurança havia um pesado portão de metal com tranca dupla, parecido com uma cela de prisão. As portas de madeira exteriores foram reforçadas com aço. Como proteção complementar, a zona de segurança continha um quarto do pânico construído como último refúgio, basicamente uma sala sem janela que continha água, suprimentos médicos e outros artigos de primeira necessidade.

O Prédio B, uma segunda edificação que ficava no lado direito do Complexo, era conhecido também como Cantina e possuía quartos e uma área em que eram servidas as refeições. Ao lado da Cantina havia um terceiro prédio, o Centro de Operações Táticas, conhecido como TOC, que servia de departamento de segurança e comunicação dos agentes da DS alocados no Complexo. O quarto e último prédio na propriedade era uma casa de hóspedes ao lado do portão da frente que fora transformada em alojamento. Ela normalmente abrigava quatro guardas de segurança líbios armados, todos membros da milícia 17 de Fevereiro. Juntamente com os milicianos havia outros guardas da região, desarmados, que eram empregados por meio de um contrato com uma empresa de segurança britânica chamada Blue Mountain Lybia.

Para as pessoas que não têm experiência em segurança, as precauções provavelmente pareceram impressionantes. Mas no reino da proteção diplomática moderna, o Complexo da Missão Especial em Benghazi era apenas modestamente seguro. Alguns até diriam inseguro, dada a história recente e em relação a outros postos avançados diplomáticos dos Estados Unidos em lugares hostis.

Após os bombardeios de 1983 na Embaixada Americana e no alojamento dos Fuzileiros Navais em Beirute, e dos bombardeios de 1998 nas embaixadas dos EUA em Nairóbi e Dar es Salaam, o Congresso decidiu fortalecer os padrões de segurança em embaixadas e consulados. As construções tinham que ser projetadas para resistir a granadas lançadas por foguetes e as propriedades precisavam ter medidas dissuasivas para evitar que forças hostis entrassem em massa. As construções tinham ainda que ser resistentes ao fogo.

Mas o Complexo da Missão Especial em Benghazi nunca foi uma embaixada ou um consulado. Arrendado a um custo de aproximadamente meio milhão de dólares por ano, ele era oficialmente apenas um posto avançado residencial temporário para enviados americanos e seus protetores da DS. Os rigorosíssimos padrões de segurança impostos pelo Congresso não se aplicavam a ele, então as fortificações no Complexo ficavam sujeitas basicamente a juízos de valor. Em retrospecto, percebe-se que esses juízos de valor eram inadequadíssimos. Uma análise crítica do governo feita em dezembro de 2012 concluiu que o Complexo “possuía um perímetro frágil e muito extenso, uma cerca interior incompleta, nenhuma armadilha e portões de entrada e portas sem reforço. Benghazi também era muitíssimo mal abastecida de armas, munição, [armas não letais] e equipamento de segurança contra incêndio, inclusive máscaras de fuga.”

Menos de seis meses depois de Stevens e sua equipe terem se mudado para o Complexo, Kadafi tinha morrido e a embaixada dos EUA em Trípoli tinha sido reestabelecida sob a chefia do embaixador Gene Cretz. Stevens voltou para Washington e o posto de enviado especial ficou desocupado.

Em dezembro de 2011, um mês depois de Stevens ir embora de Benghazi, um memorando circulou pelo Departamento de Estado argumentando em favor da presença contínua dos EUA em Benghazi. Uma razão para se manter o Complexo, alegava o memorando, era assegurar aos habitantes do leste da Líbia que os Estados Unidos iriam contestar se o novo governo sediado em Trípoli os negligenciasse ou os maltratasse como fizera Kadafi. Embora nenhum enviado especial tenha sido escolhido para substituir Stevens, o Complexo em Benghazi permanecia aberto e era vigiado por um grupo de funcionários do Departamento de Estado que, por períodos curtos, se revezavam e, quando lá estavam, eram chamados de “Diretor Responsável”.

No início de 2012, Cretz foi designado embaixador de Gana e Stevens era a escolha natural para substituí-lo. Na audiência de confirmação diante do Comitê de Relações Exteriores do Senado, Stevens adotou um tom de otimismo: “Há uma formidável boa vontade para com os Estados Unidos na Líbia atualmente. Os líbios reconhecem o papel-chave desempenhado pelos Estados Unidos na construção de apoio internacional para o levante contra Kadafi. Eu via essa gratidão frequentemente quando servi em Benghazi — desde o nosso compromisso com a liderança da revolução até o nosso trabalho inicial com a sociedade civil e as organizações de mídia.”

Quando Stevens foi confirmado embaixador, o Departamento de Estado o exibiu em um vídeo que o rerepresentava aos líbios. Ele falou sobre sua criação, sua educação e suas experiências enquanto fotos de seus anos anteriores na Líbia e em outras partes do mundo árabe apareciam na tela. “Agora estou empolgado por voltar para a Líbia para continuar o excelente trabalho que começamos”, afirma Stevens no vídeo, “e construir uma parceria sólida entre os Estados Unidos e a Líbia para ajudar vocês, povo líbio, a atingir seus objetivos.” Ele concluiu prometendo que os dois países

iriam “trabalhar juntos para construir uma Líbia livre, democrática e próspera.” A prioridade de Stevens seria ganhar confiança em vez de pontos, respeito duradouro em vez de concessões superficiais. Ele desafiaria a imagem estereotipada do embaixador americano presunçoso; ao contrário, Stevens irradiaria humildade.

Armado com seu novo cargo, o embaixador Stevens chegou a Trípoli no dia 26 de maio de 2012. Ele passou os três meses seguintes reestabelecendo relacionamentos dos tempos em que tinha ficado na capital. Mas seu otimismo foi testado desde o início por instabilidade e violência.

De seu escritório em Trípoli, Stevens observava em primeira mão a deterioração da situação da segurança na Líbia durante o final da primavera de 2012. Além de sua apreensão sobre a embrionária democracia árabe, Stevens se preocupava consigo mesmo e com seus funcionários. No início de junho, ele mandou um e-mail para a autoridade do Departamento de Estado em Washington, solicitando permissão para que dois Destacamentos de Segurança Móvel, conhecidos como equipe MSD, compostos de seis homens cada, fossem mantidos na Líbia durante as eleições nacionais que aconteceriam em julho e agosto. Stevens escreveu que o pessoal do Departamento de Estado “se sentiria bem mais seguro se pudéssemos manter duas equipes MSD conosco nesse período para [dar apoio aos] nossos funcionários e [fornecer segurança pessoal] para mim, para o Chefe Adjunto [da Missão] e para os visitantes VIP.” A solicitação foi negada, disseram a Stevens, que devido a limitações de pessoal e outros compromissos.

Um mês depois, no dia nove de julho de 2012, Stevens e o pessoal da segurança da embaixada, conduzidos pelo agente da DS Eric Nordstrom, solicitaram ao Departamento de Estado para estender a presença de uma Equipe de Segurança Local, ou SST, que era constituída de dezesseis

operadores especiais militares da ativa. O Departamento de Defesa do Comando da África, responsável pela unidade, queria estender a permanência da equipe em Trípoli. Mas autoridades do Departamento de Estado decidiram que agentes da DS e guardas contratados na região podiam fazer o serviço e que os operadores da SST não eram necessários. Nas semanas seguintes, o general Carter Ham, chefe do Comando da África, perguntou duas vezes a Stevens se ele queria que a SST permanecesse na Líbia. Apesar da solicitação anterior para estender a permanência da equipe, Stevens não se oporia à decisão das autoridades do Departamento de Estado. Ele recusou as ofertas de Ham e a SST foi embora da Líbia, ainda que Stevens estivesse seguindo em frente com seus planos de visitar a tensa cidade de Benghazi.

Por mais preocupado que estivesse com a segurança, para o seu pessoal, Stevens permaneceu aparentemente otimista, até mesmo inspirador. Ele posava para tantas fotos com crianças, avós, autoridades locais e lojistas líbios que os funcionários da embaixada brincavam que provavelmente não existia uma pessoa em Trípoli que *não* tivesse uma foto com o embaixador americano.

No dia no final de agosto de 2012 em que Stevens sentou-se no chão para jantar na casa de um berbere, estava acompanhado da jovem agente do Serviço Internacional chamada Hannah Draper. Algumas semanas antes ela escrevera em um blog um post deslumbrado sobre ele: “O embaixador Stevens é uma lenda na Líbia por ter passado quase todo o período da revolução em Benghazi, estabelecendo ligação com os rebeldes e liderando uma equipe reduzidíssima de americanos no local para apoiar os esforços humanitários e reunir-se com líderes políticos em ascensão. Vários líbios me contaram o quanto significa para eles que Stevens tenha ficado aqui durante a revolução, perdendo amigos e sofrendo privações ao lado de líbios

comuns. Não poderíamos pedir um embaixador melhor para representar aos Estados Unidos durante este período crucial na história líbia.”

Ainda que Draper soasse como uma subordinada intimidada, a postagem em seu blog refletia uma crença muito ampla entre diplomatas e autoridades na Líbia e em Washington: Chris Stevens tinha a inteligência e a coragem que fazia dele o homem certo para aquele trabalho monumental. Um trabalho, também, perigoso.

Dois dias antes de Stevens e Draper comerem o *bazeen*, o Departamento de Estado emitiu um alerta de viagem à Líbia com um tom bem áspero, advertindo que “a violência política na forma de assassinatos e veículos-bomba aumentou tanto em Benghazi quanto em Trípoli... o conflito entre milícias pode eclodir a qualquer momento e em qualquer lugar do país.”

Ainda assim, Stevens se recusava a abandonar seu otimismo. “A atmosfera como um todo mudou para melhor”, escreveu ele em um e-mail para amigos e a família no verão de 2012. “As pessoas sorriem mais e estão muito mais abertas aos estrangeiros. Americanos, franceses e britânicos estão gozando de uma atípica popularidade. Vamos desejar que isso dure.” Pelo menos essa era a visão dele de Trípoli.

Quando Stevens chegou a Benghazi no dia 10 de setembro de 2012, mais de nove movimentados meses tinham se passado desde a última vez em que colocara os pés na cidade. A aparição pública da visita seria para cortar mais uma fita, esta em uma escola local. A cerimônia celebraria a abertura de um “Cantinho Americano”, um “espaço amigável e acessível” patrocinado pelo governo dos EUA cheio de livros bilíngues, revistas, filmes, pôsteres, guias e outros materiais para os líbios aprenderem sobre os Estados Unidos. O

homem líbio que administrava a escola tinha resgatado um piloto de combate americano que se ejetara de seu avião F-15 abatido durante a revolução de 2011.

Longe dos olhos do público, Stevens pretendia retomar o contato com velhos amigos e solidificar o relacionamento com autoridades governamentais locais, empresários e diplomatas estrangeiros em Benghazi. Ele parecia ter uma visão bem realista do perigo que enfrentava. “As milícias são poderosas no local”, escreveu ele em seu diário no dia seis de setembro, de acordo com o *The New York Times*. “Condições arriscadas, incluindo carros-bomba, ataques ao consulado”, continuava Stevens, “‘lista negra’ islamita em Benghazi. Eu sou alvo de acordo com um proeminente site (acabaram as minhas corridinhas fora do Complexo).”

A segurança foi composta por dois agentes da DS que acompanharam Stevens desde Trípoli. Três outros agentes já estavam posicionados no Complexo da Missão Especial, o que fazia com que fosse um total de cinco o contingente de DSs em Benghazi.

David McFarland, um agente político do Departamento de Estado também estava no Complexo para cumprimentar Stevens. Ele já estava servindo temporariamente em Benghazi como Diretor Responsável. Com a chegada de Stevens, McFarland voltaria para Trípoli no dia seguinte de manhã. O último americano no Complexo era um especialista em informática do Departamento de Estado que chegara uma semana antes para garantir que o embaixador pudesse contar com uma comunicação segura. Seu nome era Sean Smith, embora muitos de seus amigos o chamassem de “Vile Rat”.

Com trinta e quatro anos, Smith era funcionário do Departamento de Estado há uma década, depois de ter passado seis anos na Força Aérea. Casado e pai de dois filhos, ele tinha um cavanhaque aparado, um sorriso

irônico que transformava seus olhos em fendas estreitas e uma reputação lendária na comunidade de jogos online.

Steve era um grande jogador de EVE Online, um jogo de ficção científica em que os jogadores pilotam espaçonaves customizadas por milhares de galáxias digitais. Embora a fantasia futurista seja aparentemente sobre mineração pelo universo afora, EVE é um jogo dentro de outro jogo. A ação mais intensa vem das maquinações políticas de dezenas de milhares de assinantes que pagam e organizam alianças. A persona online e o codinome de Smith era “Vile Rat”, um diplomata e espião que manipula relações complexas em favor de sua aliança, chamada GoonSwarn. Na vida real ele era tranquilo, inteligente e humilde. Na vida fantasiosa, seu avatar era astucioso e parecia um doppelgänger maligno de Smith, com um nariz aquilino e uma cara eternamente fechada. A única coisa que Smith e seu avatar tinham em comum era a cabeça raspada. Para passar o tempo durante suas folgas em Benghazi, Smith mantinha contato regular não somente com a família, mas também com seus companheiros jogadores de EVE.

Além dos sete americanos, no Complexo da Missão Especial também havia três membros da milícia 17 de Fevereiro que moravam no alojamento próximo ao portão da frente. Um quarto miliciano que normalmente morava com eles estava ausente há vários dias, segundo ele por doença na família. A confiança nos guardas era, na melhor das hipóteses, suspeita. Durante os meses anteriores à visita do embaixador, uma inspeção feita pelo governo dos EUA revelou que o Complexo “foi vandalizado e atacado... pelos mesmos guardas que estavam lá para protegê-lo.”

Além disso, no local havia um grupo desarmado de guardas líbios que prestavam serviço por meio de um contrato com a Blue Mountain. O tempo todo havia cinco deles trabalhando em turnos ininterruptos de oito horas cada. Eles abriam e fechavam os portões, faziam a detecção de metal e

verificavam as bagagens no portão de entrada. O papel mais importante deles era fazer a ronda no local para garantir um alerta rápido em caso de ataque.

Quando Stevens chegou ao Complexo, os agentes da DS que lá moravam mostraram a ele os aprimoramentos e melhorias no Casarão C desde a última vez em que ele estivera ali, nove meses antes como enviado especial. O tour providenciado pelo responsável pela segurança pessoal de Stevens, o agente da DS Scott Wickland, também deu ao embaixador a oportunidade de familiarizar-se com a configuração de sua moradia temporária em Benghazi.

A área principal do espaçoso casarão tinha uma parte aberta de uns duzentos metros quadrados. Depois do hall de entrada havia uma cozinha moderna e uma sala de jantar formal à esquerda, uma sala ampla no centro e uma área para café da manhã à direita. A bem equipada residência era decorada com um estilo moderno, ainda que antiquado, do Oriente Médio, com poltronas e sofás confortáveis e estofados e tapetes persas espalhados pelo chão de mármore bege e preto cintilante. Pinturas a óleo e arandelas adornadas enfeitavam as paredes e no teto havia lustres de cristal extravagantes. Pesadas cortinas cor de noqueira emolduravam as janelas combinando com mesas de madeira escura e outros móveis caros. Atrás da casa na parte de fora havia uma piscina e um vestiário, resquícios da anterior encarnação do Complexo como casa luxuosa.

Por último, Wickland conduziu Stevens à parte mais importante do casarão, a zona de segurança. Quando estavam ali, o agente da DS ensinou

ao embaixador como destrancar e abrir janelas para fuga emergencial em seu quarto.

Em seguida, os agentes da DS levaram Stevens de carro até o Anexo da CIA que ficava bem perto, onde todos da propriedade estavam agrupados na sala do Prédio D para conhecerem o embaixador. Stevens fez um discurso padrão sobre o status político e de segurança na Líbia, o progresso que estava sendo feito, e os desafios por vir. Jack e alguns outros operadores da GRS cumprimentaram o embaixador e pararam de prestar atenção. Eles o acharam afável e acessível, mais amigável que muitos dos diplomatas formais do governo com quem já tinham se encontrado. Contudo não precisavam ficar escutando conversa sobre o quanto Benghazi estava instável e o quanto a situação melhoraria no final. Quando a reunião terminou, Stevens e o agente da DS retornaram para o Complexo diplomático.

Nesse momento, Benghazi era o lar de aproximadamente trinta americanos em espaços oficiais: sete no Complexo da Missão Especial e o restante no Anexo da CIA.

Naquela noite, a programação de Stevens era se encontrar com o prefeito de Benghazi e a câmara municipal no hotel El Fadeel. A reunião era para ser privada, mas membros da câmara municipal estavam tão empolgados com a presença de Stevens que alertaram repórteres locais. Isso multiplicou exponencialmente a ameaça à segurança. Um dos agentes da DS que protegia Stevens pediu reforço ao Anexo e disse aos operadores que a DS não tinha agentes suficientes para proteger Stevens em um evento público tão importante.

A necessidade de segurança adicional dos operadores do Anexo era especialmente crítica. Na época da visita de Stevens, os milicianos da 17 de Fevereiro estavam preparando uma paralização. Estavam insatisfeitos e tinham se recusado a acompanhar os movimentos do veículo do diplomata americano pela cidade para protestar contra baixos salários e expedientes muito longos. Mesmo assim, autoridades dos EUA ainda consideravam oficialmente que a Brigada dos Mártires de 17 de Fevereiro era a Força de Reação Rápida no caso de um ataque ao Complexo. Um memorando com data do dia anterior à chegada do embaixador a Benghazi delineava o acordo entre o posto diplomático dos EUA e a milícia, “No caso de um ataque ao Complexo da Missão dos EUA”, de acordo com o documento obtido depois pelo *The Washington Post*, os americanos “demandarão apoio adicional à Brigada dos Mártires de 17 de Fevereiro.” O documento informava que os milicianos receberiam o equivalente líbio a aproximadamente 28 dólares por dia, e os combatentes da milícia providenciariam suas próprias armas e munição.

Com os milicianos recusando-se a proteger o embaixador quando ele se movimentava por Benghazi, Rone e Jack se voluntariaram para acompanhar Stevens na reunião do dia dez de setembro no hotel. A única condição deles era que agiriam como uma unidade de segurança secreta, longe dos olhares dos repórteres e das câmeras. Mesmo que não fossem identificados como operadores contratados da CIA, uma foto deles em um jornal local poderia muito bem aumentar as chances de se tornarem alvos depois.

Ocorreu a Jack que se os simpatizantes da al-Qaeda ou uma milícia radical islamista quisesse matar o embaixador, nem ele nem Rone fariam muita diferença. Não haveria um tiroteio, Jack pensou, mas uma explosão gigantesca que destruiria o hotel El Fadeel e tudo o mais num raio de meio

quarteirão. Mas os temores de Jack não se confirmaram e o evento ocorreu tranquilamente.

Em seguida, Stevens jantou com um proeminente hoteleiro e empresário do ramo de alimentos e bebidas chamado Adel Jalu. Depois, o embaixador e seus protetores retornaram em segurança para seus respectivos aposentos no Complexo e no Anexo.

Antes de dormir, Stevens fez algumas anotações em seu diário, e fragmentos foram publicados mais tarde no site SOFREP.com. Com seu garrancho de canhoto, Stevens escreveu: “De volta a Benghazi depois de nove meses. É uma sensação grandiosa, dadas todas as lembranças.” Sobre as autoridades com quem se encontrou no El Fadeel, Stevens escreveu: “Eles são um grupo de profissionais impressionante e sincero — orgulhosos de seu serviço nos comitês, todos trabalhando como voluntários... Houve um pouco de acidez sobre o porquê de tanta demora para voltar a Benghazi e sobre embaixadores que vinham para conversar, mas não faziam nada posteriormente. Mas no geral foi uma boa reunião.”

Stevens notou uma troca de “palavras acaloradas” entre seu convidado para jantar, Adel Jalu, e o tradutor e amigo do embaixador, Bubaker Habib, diretor do Centro de Conhecimento de Língua Inglesa. O tema da discussão foi a Irmandade Muçulmana, a organização política determinada a ver os estados árabes governados pela rígida lei islâmica, ou xariá. Stevens não falou em seu diário qual foi o seu posicionamento no debate durante o jantar.

Mais tarde naquela mesma noite, 10 de setembro de 2012, Jack e Rone sentaram-se juntos na sala de estar do Prédio D no Anexo para assistir ao

filme *300*, que exibia aquele monte de sandálias e lanças na tela de uma TV enorme. Os operadores da GRS gostavam de ficar revendo a história empapada de sangue do destemido rei Leônidas e aquela pequenina força de soldados espartanos, excedidos pelo exército persa numa proporção de 10 mil por um, em Termópilas, em 480 a.C.

Jack notou a modelada barba ostentada pelo ator Gerard Butler, que fez o papel do rei guerreiro: bem aparada nas laterais, comprida e cheia no queixo. Ele olhou para Rone, depois para a tela, e para Rone novamente.

— Você está tentando deixar a barba igual a do *300*, não está? — perguntou Jack.

Rone manteve os olhos na tela e deu um largo sorriso:

— Tô.

QUATRO

11 de setembro de 2012

Nas primeiras horas da terça-feira, dia 11 de setembro de 2012, Benghazi despertou do sono quando o chamado dos almuadens para a oração *Fajr* ecoou pela cidade antiga. “*Allahu Akbar!* [Deus é supremo!],” proclamam eles. “*Ashadu anna Muhammadan Rasool Allah!...Hayya ‘ala-s-Salah!* [Eu testemunho que Maomé é o mensageiro de Deus!... Venham rezar!]” A primeira das cinco devoções diárias dos muçulmanos devotos ressoou e esvaiu-se. Logo em seguida, o sol despontou no horizonte. Minutos depois, às 6h43 da manhã, três homens em um carro com marcas que o identificavam como sendo da polícia líbia diminuiu a velocidade até parar na rua de cascalho no lado norte do Complexo diplomático dos EUA.

Um homem vestido com farda policial subiu até o segundo andar de um prédio em construção vizinho ao restaurante Venezia de onde se tinha vista panorâmica do Complexo. A farda dele carregava a insígnia do Conselho Supremo de Segurança da Líbia, conhecido como SSC, uma coalizão de milícias que constituiu uma força policial rudimentar para a cidade bruta. Os outros dois homens permaneceram dentro do carro ligado e em ponto morto. O carro exibia emblemas da SSC, que tinha as cores vermelha, preta e verde do movimento rebelde líbio.

O local elevado na construção era vantajoso para o homem fardado, que teve uma visão clara sobre o muro e o interior do Complexo. Ele conseguia ver os prédios e as fortificações, inclusive do Château Christophe, o casarão onde o embaixador Chris Stevens dormia. O homem também conseguia ver um mastro onde a bandeira americana esvoaçaria a meio mastro ao longo do dia, em respeito ao décimo primeiro aniversário do Onze de Setembro. O homem gravou o que viu com a câmera de um telefone celular.

Nos dias antes da visita do embaixador, agentes da DS tinham pedido para que um carro identificado da SSC ficasse posicionado do lado de fora do Complexo durante 24 horas por dia enquanto Stevens estivesse na propriedade. Normalmente, quando eles chegavam ao Complexo, os policiais da SSC avisavam os guardas da região que tinham sido empregados ali. Porém, nenhum guarda líbio nem agente americano da DS tinha sido informado que alguém da SSC visitara o Complexo naquela manhã, muito menos que tirara fotos do local de maneira furtiva. Os operadores têm duas palavras para descrever pessoas desconhecidas que fotografam locais seguros sem avisar ou sem permissão: “vigilância”, para coletar informações, e “reconhecimento”, para ganhar vantagem tática. A vigilância de uma unidade diplomática americana era preocupante, e a reação a ela devia ser, no mínimo, a contravigilância para descobrir a identidade do observador e a intenção dele. O reconhecimento era pior, já que antevia uma ofensiva militar ou uma ação combativa.

Um guarda da Blue Mountain Lybia que trabalhava no turno da manhã viu o fotógrafo e saiu pelo portão do Complexo para falar com ele. Abordado pelo guarda desarmado, o homem com a farda da SSC negou estar fazendo algo errado, voltou para o carro e foi embora com seus dois companheiros e suas fotos.

Mesmo antes do aparecimento do fotógrafo, Stevens tinha planejado passar o dia dentro dos muros do Complexo para evitar transformar-se em um tentador alvo para os simpatizantes da al-Qaeda ou pessoas com sentimentos antiamericanos no aniversário do Onze de Setembro. A agenda do embaixador incluía conversas no Casarão C com um juiz de um tribunal de apelação, o dono de uma transportadora que tinha um irmão com aspirações políticas e com um analista político. A última reunião que tinha agendada para o dia era com o Cônsul Geral da Turquia, Ali Akin, que tinha ajudado os americanos na primeira vez que Stevens esteve em Benghazi, em abril de 2011.

O relato do guarda da Blue Mountain sobre o episódio com o fotógrafo fez com que os agentes americanos da DS ficassem em alerta máximo. Dois agentes pediram ao guarda para lhes mostrar onde ele havia visto o homem fardado para definir o que o fotógrafo tinha sido capaz de observar. Um agente da DS também informou ao pessoal no Anexo da CIA sobre o incidente suspeito, como parte de seu acordo de longa data que estipulava o compartilhamento de informações sobre segurança em relação a eventos em que os operadores da GRS precisavam ser chamados para agir como Força de Reação Rápida.

Além disso, um agente da DS espalhou a notícia sobre o fotógrafo entre os comandantes da milícia 17 de Fevereiro, que presumiam ser aliada dos americanos. Os líderes da milícia 17 de Fevereiro disseram aos agentes da DS que fariam uma reclamação em nome dos americanos ao escritório local da SSC.

Individualmente, Stevens revisava o texto de uma reclamação que tinha esboçado sobre o incidente e que ele queria que fosse entregue às

autoridades policiais. “No início da manhã de hoje”, informava o esboço, como noticiado pela revista *Foreign Policy*, “um dos nossos aplicados guardas fez um relato preocupante. Próximo ao nosso portão principal, um membro da força policial foi visto num andar superior de um prédio em frente ao Complexo. Foi relatado que essa pessoa estava fotografando o interior da Missão Especial dos EUA.” Outra reclamação, direcionada ao escritório do Ministério das Relações Exteriores da Líbia, começava com a queixa de que a solicitação de proteção policial para o Complexo durante a visita de Stevens fora ignorada. “As maiores autoridades do Ministério das Relações Exteriores nos garantiu que forneceria todo o apoio durante a visita do embaixador Stevens a Benghazi. Entretanto, entristece-nos ter de informar que a presença da polícia no nosso portão principal tem ocorrido apenas ocasionalmente”, comunicava ela. “Passamos muitas horas sem qualquer apoio policial.”

Onze de setembro foi um típico dia de meio expediente nos escritórios do governo líbio, onde os burocratas tinham aperfeiçoado a arte de chegar tarde, demorar muito no almoço e sair cedo. Quando Stevens terminou o texto, não havia nenhum funcionário líbio para receber o documento. As reclamações teriam que esperar pelo menos mais um dia.

No final da manhã, Stevens mandou comunicados para Washington e eles continham um relatório semanal de incidentes relacionados à segurança. Ele descreveu a “crescente frustração com a polícia e as forças de segurança” por parte dos Líbios. Anteriormente, um policial local da SSC informou a Stevens que eles eram fracos demais para manter o país seguro.

Também no dia onze de setembro, Stevens aprovou um comunicado, que mais tarde seria criticado pelo *The Daily Beast*, que levantava a perturbadora possibilidade de dois líderes de milícias líbias em Benghazi aparentemente aliadas terem se virado contra os Estados Unidos. O comunicado dizia que

os líderes das milícias acreditavam que os Estados Unidos estavam apoiando um de seus rivais em sua candidatura a primeiro-ministro. Se o líder rival ganhasse um voto no dia seguinte, 12 de setembro de 2012, no Parlamento Líbio, Stevens escreveu, os dois descontentes líderes milicianos avisaram que “não continuariam a garantir segurança em Benghazi, uma atividade crítica que eles declararam estar executando atualmente.”

Entre envios de comunicados, participações em reuniões e trabalho burocrático Stevens recebeu uma perturbadora mensagem de texto de George Hicks, o Chefe Adjunto da Missão em Trípoli, portanto o segundo na cadeia de comando entre os diplomatas dos EUA na Líbia.

“Chris” — escreveu Hicks, “você está ciente do que está acontecendo no Cairo?”

Stevens respondeu que não, então Hicks explicou que manifestantes tinham atacado violentamente a embaixada dos EUA na capital egípcia. Stevens compartilhou a notícia com um membro da sua equipe de segurança e seguiu em frente com os afazeres do dia.

Individualmente, um dos agentes da DS em Benghazi, Alec Henderson, ficou sabendo dos protestos no Cairo por intermédio de um colega em Trípoli. De seu posto no Complexo, Henderson ligou para o Anexo para se assegurar de que todos os americanos em Benghazi estivessem cientes dos crescentes distúrbios a pouco mais de mil quilômetros dali, no Egito.

Sem dúvidas, o protesto no Cairo foi desencadeado pelas notícias dadas pela mídia egípcia sobre o trailer de um filme amador anti-islâmico chamado *A inocência dos muçulmanos*, que tinha sido postado no YouTube. O filme, feito por um cristão egípcio-americano com um histórico de fraudes bancária e muitos pseudônimos, difamava o profeta Maomé ao retratá-lo como um bufão sanguinário e adúltero, homossexual e molestatador de crianças.

Notícias falsas sugeriram que o governo dos EUA estava de alguma maneira envolvido na produção do filme, o que inflamou a raiva entre os egípcios muçulmanos. A embaixada no Cairo pode ter involuntariamente contribuído com essa impressão ao fazer uma declaração desajeitada ao meio-dia repudiando o vídeo. Como Gregory Hicks contou ao embaixador Stevens, os manifestantes egípcios tinham escalado o muro da embaixada e queimado a bandeira americana. Eles a substituíram por uma bandeira preta jihadista com uma inscrição em árabe que dizia: “Não existe outro Deus a não ser Alá e Maomé é o mensageiro Dele.”

O dia 11 de setembro de 2012 começou como um dia típico para os operadores da GRS no Anexo. Como primeira atividade do dia, Tig acompanhou Bob, o chefe da base, seu adjunto, e um oficial de inteligência até uma reunião marcada para as 9h com contatos líbios em um escritório na Fourth Ring Road, quase exatamente em frente ao portão de trás do Complexo diplomático. Lá, Tig escutou Bob e os outros funcionários discutindo sobre as autoridades líbias terem perguntado a respeito da localização do Anexo. Depois, Tig fez a segurança para os agentes da CIA quando eles foram ao Complexo para informar o embaixador e os agentes da DS que os líbios com quem tinham se encontrado os alertaram sobre a existência de uma ameaça aos prédios do governo local naquele dia. Tig escutou Steve dizer que não estava preocupado porque ele tinha a intenção de ficar dentro dos muros do Complexo, e porque a ameaça foi aparentemente feita por um grupo de líbios contra outro.

Depois de um café da manhã com mingau de aveia e ovos, Oz trombou com Rone do lado de fora do Prédio A. Eles sentaram e desfrutaram do café,

da conversa e da brisa quente da manhã. Oz estava lendo *Não há dia fácil*, um livro de memórias de um ex-membro do SEAL Team Six sobre a incursão para matar Osama bin Laden. Por dias ele vinha alfinetando Rone: “Ei, escrever livros faz parte do treinamento de um SEAL?” , sabendo que Rone tinha ressalvas sobre um SEAL falar sobre seu trabalho.

— Eu terminei aquele livro — comentou Oz. — Agora eu posso te emprestar... Sei que está querendo ler.

— Ah, vai se foder — respondeu Rone, voltando para o seu café.

A agenda de Oz para o dia estava tranquila: ia jogar *Call of Duty*, malhar, dar uma cochilada, beliscar alguma coisa à tarde e tomar um banho. À noite, estava escalado para escoltar uma oficial de inteligência em um jantar com um próspero empresário líbio e sua esposa. Oz e a oficial de inteligência, que tinha se tornado amiga do casal líbio por contatos de trabalho, deixou o Anexo por volta das seis horas da tarde. Eles pararam em uma cafeteria com internet para comprar café e depois seguiram de carro pela orla até a casa luxuosa de seus anfitriões. Durante o percurso, a oficial de inteligência, para jogar conversa fora, perguntou se o Anexo realmente precisava de tantos oficiais de segurança e operadores da GRS. Oz garantiu a ela que precisavam de cada um deles. Quando o pôr do sol se avizinhou pouco antes das sete nada parecia fora do comum. A tarde estava clara e Benghazi, com sua costumeira agitação e tumulto.

Oz, a oficial de inteligência e o casal líbio acomodaram-se ao redor de uma refeição tradicional do norte da África: kebab de cordeiro, tâmaras e bolinhos doces feitos de delicadas camadas de massa filo com pistache e mel. Conversaram sobre política e sobre a vida em seus respectivos países. Depois do jantar, os anfitriões serviram chá e montaram um narguilé, mas estava faltando o bojo da parte de cima onde ficava o tabaco. Usando sua faca de combate, Oz fez um buraco em uma pera, deixando-a com o formato

de um bojo de narguilé improvisado. O anfitrião admirou a habilidade e a faca dele, então Oz o surpreendeu ao dá-la de presente.

No final da tarde, Tig e Rone começaram a antecipar a manhã seguinte, pois estavam escalados para proteger o embaixador durante uma visita planejada aos escritórios da Companhia de Petróleo do Golfo Árabe. Os agentes da DS no Complexo não estavam familiarizados com a região onde ficava a companhia de petróleo, já que geralmente confiavam em um motorista local para levá-los aos lugares. Mas Tig e Rone conheciam bem a área e concordaram em servir de equipe de reconhecimento.

Quando a noite caiu, os dois operadores foram de carro para o local em que ficavam os escritórios para examinar e se certificar de que conheciam o lugar aonde levariam Stevenson no dia seguinte. No caminho de volta para o Anexo, por volta das oito e trinta da noite, Rone e Tig passaram em frente ao Complexo de carro. Estava tudo calmo. Rone ligou para os agentes da DS com seu telefone celular.

— Ei — disse Rone ao agente da DS —, nós descobrimos onde é o lugar. Você quer que a gente dê uma passada aí agora pra te contar onde é ou você quer que a gente espere?

O agente da DS disse a Rone para esperarem até de manhã. Enquanto voltavam de carro para o Anexo, Rone e Tig conversaram sobre o quanto achavam perturbador os agentes da DS conhecerem tão pouco os arredores a ponto de terem que confiar em um motorista local para rodar com eles por Benghazi.

No geral, todos os operadores da GRS se preocupavam com a visita do embaixador estar cheia de pontos de vulnerabilidade. A preocupação

número um era o corte da fita no Cantinho Americano porque ela tinha sido anunciada com antecedência. Mas ao conversarem entre si, os operadores concluíram que Stevens poderia ser alvo a qualquer momento e em qualquer lugar durante os cinco dias de visita porque a equipe de segurança do Departamento de Estado tinha pouquíssimos funcionários.

De volta ao Anexo por volta das nove da noite, Tig deixou Rone e o Líder da Equipe da GRS na Sala da Equipe no Prédio C. Ele caminhou até o Prédio D, que ficava ao lado, e foi para o quarto que dividia com Jack.

Quando Tig chegou, Jack estava se preparando para capotar. Eles disseram boa noite e depois se recolheram cada um para o seu lado da cortina pesada que tinham pendurado para terem mais privacidade. Jack se despiu, tirou as lentes de contato e as colocou em uma prateleira de fácil acesso. Ajeitou cuidadosamente roupas limpas em uma cadeira ao lado da cama e enfiou a carteira, que não tinha nada além de dinheiro e sua identidade do governo, em um bolso da calça que ele tinha separado. Como sempre, tinha deixado sua aliança encaixotada em uma penteadeira junto com uma sacola trançada que continha seus cartões de crédito, carteira de motorista e outros itens pessoais. As coisas valiosas ficariam bem guardadas enquanto durasse a viagem. Jack colocou a pistola que estava dentro do coldre na cabeceira da cama, assim estaria preparado para um confronto imediato, caso necessário.

Jack olhou para um armário de equipamentos aberto. Como os outros operadores da GRS, ele arrumou seu fuzil de assalto, colete à prova de balas e outros equipamentos ali perto obedecendo a um comunicado do serviço secreto sobre um possível ataque a um alvo americano. Jack conectou seu

radiotransmissor a um carregador sobre um criado-mudo ao lado da cama. Todos os operadores mantinham os rádios à mão 24 horas por dia, para que assim estivessem disponíveis instantaneamente em caso de emergência. Com tudo organizado, Jack estava fazendo jus ao seu cargo de “soldado de assalto”: sentou na cama nu, lendo e-mails em seu laptop. Começou a pensar em uma mensagem para a esposa.

Tanto passara parte do dia trabalhando no software de mapeamento, mostrando aos oficiais de inteligência do Anexo as localizações de terroristas em Benghazi e na cidade de Derna, cerca de 250 quilômetros a leste. Quando a noite caiu, Tanto e D.B. estavam de serviço como Força de Reação Rápida. Eles relaxavam com café e assistiam ao filme de ação mitológico *Fúria de titãs*. Durante uma pausa, D.B. ligou para a família em casa. Eles voltaram para o filme enquanto aguardavam Oz e a oficial de inteligência voltarem do jantar.

Enquanto os protestos continuavam na Embaixada dos EUA no Cairo, notícias na mídia relatavam tumultos se espalhando por outros países muçulmanos da região. Os operadores da GRS foram informados sobre os eventos no Egito, mas não viram nem ouviram nada que sugerisse que alguém em Benghazi estivesse irritado por causa de um trailer ofensivo no YouTube de um filme antimuçulmano. Ao que tudo indicava na tranquila região ao redor do Complexo e do Anexo, o dia 11 de setembro de 2012 iria passar pela história como um dia comum em Benghazi.

No Complexo, às sete e quarenta da noite, Stevens e um dos agentes da DS acompanharam o Cônsul Geral da Turquia, Ali Akin, até o portão principal. O Sol tinha se posto aproximadamente uma hora antes, estava escuro e quando eles pisaram na vazia estrada de cascalho, Stevens despediu-se de Akin, depois voltou para o Casarão C.

Meia hora depois, uma equipe de segurança britânica deixou veículos e equipamentos de comunicação no Complexo, uma atividade rotineira depois do fechamento do consulado britânico três meses antes. Nada parecia fora do comum quando o embaixador saiu pelo portão com Akin nem quando a equipe britânica foi embora por volta das oito e meia da noite.

Às nove horas da noite, os sete americanos no Complexo estavam se preparando para se recolher. O especialista em comunicação Sean Smith estava em seu quarto no Casarão C, onde tinha ficado conversando online com um amigo do EVE. Mais cedo naquela noite, quando o amigo disse que eles se falariam de novo em breve, Smith respondeu melancolicamente: “Isso se a gente não morrer hoje à noite. Nós vimos um ‘policia’ que toma conta do Complexo tirando fotos.”

Três agentes da DS sentaram-se juntos do lado de fora do casarão e ficaram conversando sob as estrelas perto da piscina. Um deles era Scott Wickland, o segurança pessoal de Stevens. Também do lado de fora estava o competidor bigodudo companheiro de Wickland, David Ubben. Relaxando com Wickland e Ubben havia um dos agentes da DS que tinha acompanhado Stevens na vinda de Trípoli. O outro agente da DS que também tinha viajado com Stevens estava de sentinela dentro do Casarão C, assistindo a um vídeo na TV de tela plana na sala.

O quinto e mais graduado agente da DS em Benghazi, Alec Henderson, estava no prédio conhecido como Centro de Operações Táticas, o TOC. O seu turno tinha terminado, então normalmente não haveria ninguém monitorando os vídeos de segurança dentro do TOC, uma prática já estabelecida, pois o Complexo confiava que os guardas contratados ali na região ficariam de olho no perímetro quando nenhum agente estivesse de serviço. A ideia era de que aqueles guardas líbios desarmados entrassem em contato pelo rádio com os agentes da DS caso surgisse algum problema. Mas Henderson queria terminar de preencher uns formulários, então ele foi ao TOC antes de dormir.

Todos os cinco agentes estavam somente com suas pistolas, como sempre faziam quando estavam dentro dos muros do Complexo. Seus “kits” com colete à prova de balas, capacete, rádio, fuzil de assalto M4, outras armas e munição estavam guardados em seus quartos. Os kits de Wickland e Henderson estavam no Casarão C, o de Ubben, no TOC, e os kits pertencentes aos dois agentes de Trípoli estavam no prédio Cantina, em frente ao TOC.

Depois de dar boa-noite ao diplomata turco, Stevens retirou-se para seu quarto no casarão para relaxar. Uma edição recente da revista *The New Yorker* o aguardava, mas antes ele registrou seus pensamentos. “É tão bom estar de volta a Benghazi”, Stevens escreveu em seu diário na página com data de 11 de setembro, de acordo com o site SOFREP.com. “Uma conexão emocional muito mais forte com este lugar — com as pessoas, mas também com o clima de cidade pequena & o ar úmido & o verde & o complexo espaçoso.”

Steven recontou brevemente as reuniões do dia, depois escreveu uma última e inquietante frase no diário daquele dia: “Intermináveis ameaças à

segurança...” As reticências da elipse minguavam na direção do final da página.

Às nove e dois da noite, um inesperado veículo passou pela rua de cascalho do lado de fora do Complexo: uma caminhonete Toyota com a insígnia da polícia SSC. Ela estacionou em frente ao portão C1, o principal, mas os homens lá dentro permaneceram em seus assentos, não procuraram os guardas líbios nem outra pessoa qualquer no Complexo. O veículo da SSC arrancou quarenta minutos depois de ter chegado.

É possível que a breve presença do veículo tenha sido uma resposta à solicitação dos americanos para que houvesse proteção da SSC 24 horas por dia durante a visita do embaixador. A outra possibilidade era mais desagradável: seus movimentos estavam, de alguma maneira, conectados ao fotógrafo misterioso que tinha chegado naquela manhã em um veículo com emblemas similares. Talvez não tivesse nada a ver com uma dessas possibilidades. Ou quem sabe fosse um sinal. Quase no mesmo momento em que a caminhonete da SSC saiu do Complexo, tiros e uma explosão ressonaram.

Várias dezenas de homens entoando cânticos em árabe e atirando com AKs-47 para cima abarrotaram a entrada de pedestres ao lado do portão principal. No final, eles chegaram a mais de sessenta. Alguns eram barbudos, outros estavam de barba feita. Outros usavam camisa preta e calça camuflada, outros, jeans e camisa branca ou colorida. Alguns usavam colete tático à prova de bala estilo militar. Outros estavam de “pijama masculino”. Alguns tinham walkie-talkies. Alguns eram jovens e magros, outros, corpulentos e de meia-idade. Outros escondiam o rosto com lenço, mas a

maioria, não. Os agressores não usavam insígnia, e nenhum dos americanos viram onde eles tinham se juntado nem exatamente quando chegaram ao portão. Uma coisa era certa: eles demonstravam o desejo em comum de aterrorizar americanos no Complexo da Missão Especial. Ou coisa pior.

Não ficou claro quem foi que abriu o portão, mas a responsabilidade pela entrada era dos guardas da Blue Mountain Lybia. De acordo com alguns relatos, os invasores armados ameaçaram os guardas desarmados, que cederam imediatamente. Uma análise crítica feita pelo Governo dos EUA levantou a possibilidade de que os guardas locais “pouco qualificados” deixaram o portão de pedestres abertos “depois de verem os agressores e fugiram dali.” Não conseguiram nenhuma prova de que os guardas da Blue Mountain estavam em conluio com os agressores, talvez eles fossem incompetentes. Como apontado no relatório, “eles já tinham deixado o portão sem tranca antes.” Para complicar ainda mais as coisas, o monitor da guarita estava quebrado e novas câmeras de vigilância, que já tinham sido enviadas ao Complexo, ainda não haviam sido instaladas.

Quando os agressores entraram, os três milicianos armados da 17 de Fevereiro e os cinco guardas da Blue Mountain Lybia fugiram para pontos no sul e no leste dentro do Complexo. Confiar nos guardas líbios para soarem o alarme, alertarem os agentes da DS e servirem como uma primeira linha de defesa fora um erro, já que não fizeram nada disso antes de abandonarem seus postos. Eles se apressaram pela escuridão na direção da Cantina e do TOC, onde sabiam que encontrariam agentes da DS mais bem treinados e armados. Alguns dos líbios empregados no Complexo aparentemente seguiram até portão de trás que dava para a Fourth Ring Road.

Com o portão principal aberto e sem guardas, os agressores não encontraram resistência. Eles chegaram livres ao terreno bem cuidado.

Quase imediatamente após invadirem o Complexo, os agressores tinham a propriedade sob seu completo controle sem que um tiro tivesse sido disparado na direção deles.

Deste ponto em diante, suas ações sugeriram uma mescla de planejamento tático, talvez com base em reconhecimento, e confusão oportunista. Os agressores pegaram galões de cinco litros de combustível guardados perto dos geradores novos que ainda não haviam sido instalados ao lado do alojamento da 17 de Fevereiro, logo depois do portão principal. Eles espalharam diesel ao redor da construção onde ficavam os alojamentos e em dois veículos estacionados ali perto, depois botaram fogo. Enquanto chamas alaranjadas e a densa fumaça preta subiam ao céu da noite, os invasores correram na direção do coração do complexo: o Casarão C.

Dentro do seu quarto no casarão, Sean Smith escutou o início do tumulto. “PUTA MERDA”, ele digitou para um de seus amigos de jogo, “TIROS”.

Alec Henderson, o agente da DS que estava preenchendo os formulários no TOC, também escutou tiros junto com uma explosão. Os agentes da DS estavam acostumados a escutar tiros e explosões quando o Sol se punha, mas aqueles pareciam bem mais perto do que de costume. Henderson saiu de sua mesa e caminhou até a janela do TOC, mas viu somente os sacos de areia empilhados do lado de fora. Quando estava voltando para a sua mesa, Henderson deu uma olhada para um grande monitor que mostrava simultaneamente um tabuleiro de damas de imagens em preto-e-branco de

aproximadamente doze câmeras espalhadas pelo Complexo. Ele focou no quadrado no monitor que mostrava a imagem capturada por uma câmera apontada para a entrada principal.

Em uma questão de segundos, a tela mostrou de dezesseis a vinte agressores armados correndo para dentro do Complexo pelo portão principal. Pelo menos dois deles tinham tecidos do tamanho de lençóis de cama de solteiro, um preto e outro branco, ambos com textos em árabe.

Henderson afastou-se do monitor e acionou o interruptor do sistema de alarme que fazia a sirene de advertência bradar em alto-falantes espalhados pelo Complexo. Uma voz gravada avisava repetidamente. “Abaixar e se proteger! Ficar longe das janelas!” Henderson apertou o botão que acionava o sistema de alto-falantes e gritou: “Atenção, Complexo, atenção, Complexo! Isto não é um treino.” Ele soltou o botão e a voz gravada e a sirene voltaram, soando como uma sirene da polícia britânica, com sua cadência alternando tons alto e baixo.

Henderson pegou seu iPhone e ligou para o Anexo da CIA ali perto e para a Embaixada em Trípoli.

— Chefe — ele disse a John Martinec, o chefe dos agentes da DS em Trípoli —, estamos sendo atacados!

Enquanto Henderson trabalhava para alertar o Complexo e assegurar a ajuda na segurança, tiros retumbaram de vários locais, pois os terroristas tinham controlado a propriedade. Seguindo o protocolo, ele voltou para o trabalho e assumiu o posto de oficial de comunicações emergenciais, usando seu telefone celular e rádios para permanecer em contato com o Anexo, Trípoli e seus companheiros agentes da DS no Complexo.

A repentina explosão de tiros e a cantoria dos homens que correram para dentro do Complexo despertaram os quatro agentes da DS no Casarão C. Os agentes da DS que assistiam a um filme correram para fora para se juntar a Scott Wickland, David Ubben e o outro agente de Trípoli no pátio. Ubben correu uns cinquenta metros para o outro lado do Complexo com os agentes de Trípoli, em direção à Cantina e o TOC, para pegarem seus fuzis de assalto M4, coletes e outros equipamentos que estavam nos quartos.

Como “guarda-costas” de Stevens, Wickland tinha como responsabilidade principal fazer a segurança do embaixador. Ele correu para dentro do Château Christophe e resgatou seu kit, que incluía uma escopeta de combate, um fuzil de assalto, colete à prova de balas e rádio. Wickland rapidamente reuniu Stevens e Sean Smith no casarão à penumbra. Berros, cantos e disparos de arma de fogo ecoavam do lado de fora. Wickland instruiu o embaixador e o especialista em comunicação a colocarem seus coletes à prova de balas enquanto trancava todos os três atrás do portão da zona de segurança do casarão. O agente da DS deu a Stevens seu telefone celular e passou um rádio para Alec Henderson no TOC, para lhe informar a sua localização e que até o momento estavam bem.

Com seu fuzil, sua escopeta e sua pistola prontos, Wickland encontrou um lugar protegido dentro da zona de segurança de onde conseguia ver o portão sem ser visto por ninguém do outro lado. A posição defensiva deu-lhe uma linha clara para atirar em qualquer um que tentasse violar a zona de segurança.

Com o celular de Wickland e com o seu próprio telefone, Stevens ligou exaltado para a Embaixada em Trípoli e para seus contatos locais em busca de ajuda. Ele ligou duas vezes para o número de seu adjunto em Trípoli, George Hicks, mas ele não atendeu.

Por volta das nove e quarenta e cinco da noite, na Embaixada dos EUA em Trípoli, o chefe da DS em Trípoli, John Martinec, entrou correndo no casarão onde Hicks estava assistindo a um de seus programas de televisão favoritos.

— Greg! Greg! — gritou Martinec. — O consulado está sendo atacado!

Ao chamar o Complexo de consulado, Martinec estava usando abreviatura diplomática comum; a Missão Especial em Benghazi nunca foi oficialmente um consulado. Depois de dar o recado, Martinec correu de volta para o Centro de Operações Táticas da embaixada.

Ao pegar o telefone, Hicks encontrou duas chamadas perdidas, uma do celular de Stevens e outra de um número que ele não conhecia. Ele rediscou para o segundo número e Stevens atendeu.

— Greg, nós estamos sendo atacados!

Enquanto falava com Stevens, Hicks moveu-se na direção do TOC da embaixada. O serviço de telefonia celular em Trípoli era irregular e a ligação de Stevens falhava quando Hicks começou a responder:

— Ok...

Ele tentou falar várias vezes nos dois números que estavam registrados em sua lista de chamadas não atendidas, mas não conseguiu.

Quando chegou ao TOC da embaixada, Hicks viu John Martinec ao telefone com Alec Henderson, que, em Benghazi, tinha o mesmo cargo que o seu, e que se mantinha entocado no TOC do Complexo de Benghazi.

Henderson reportou que todos os sete americanos no complexo já tinham entrado em contato e que o embaixador e Sean Smith estavam dentro da zona de segurança com Scott Wickland. Martinec espalhou a notícia.

Hicks mostrou a outro agente da DS o número desconhecido em seu telefone, aquele que tinha usado para falar com Stevens. O agente contou a Hicks que aquele número era do telefone celular que pertencia ao guarda-costas do embaixador, Scott Wickland.

Martinec desligou o telefone com Henderson, fez um resumo do que estava acontecendo para Hicks e disse-lhe que pelo menos vinte agressores armados tinham violado o Complexo de Benghazi. Hicks ligou para Bob, o chefe da CIA em Benghazi, que lhe disse que o Anexo estava ciente e que se preparava para enviar ajuda. O pequeno grupo de operadores do Anexo estava se aprontando, todos eles dispostos, motivados e confiantes de que conseguiriam repelir o ataque e salvar os americanos aprisionados.

Quando saiu do Casarão C, Ubben correu para seu quarto no TOC para pegar o kit. Um dos agentes da DS de Trípoli também correu para o TOC, pois se enganou ao acreditar que o embaixador estivesse lá dentro. Quando o agente soube que Stevens estava no casarão, ele correu o mais rápido que podia até a Cantina para ir ao quarto armar-se e colocar o colete. Lá, ele trombou com um agente da DS amigo seu que também estava lotado em Trípoli e juntos eles decidiram voltar ao Casarão C para ajudar Chris Stevens, Sean Smith e Scott Wickland.

Uma estradinha de tijolos com uns cinco metros de largura no máximo, separava a Cantina da Villa C. Quando os dois agentes da DS de Trípoli pararam do lado de fora da Cantina, trombaram com um dos guardas líbios da Blue Mountain que tinham fugido quando o ataque começou. Juntos os três homens se aproximaram da estradinha que sabiam que teriam que atravessar para chegar ao Casarão C.

Intrusos armados lotavam a escura estradinha não muito longe de onde eles planejavam atravessar. Tentar chegar ao Casarão C iria expor o paradeiro deles e transformá-los em alvos fáceis para um tiroteio. Os agentes da DS de Trípoli e o guarda da Blue Mountain recuaram para dentro da Cantina e se entrincheiraram em um quarto dos fundos.

Depois de pegar as armas e o equipamento, David Ubben permaneceu com seu colega da DS, o agente Alec Henderson, dentro do TOC trancado, onde estava seguro, e usaram os telefones e rádios enquanto observavam os monitores com os vídeos do ataque acontecendo ao redor deles. Além de ligarem para a Embaixada dos EUA em Trípoli e pra o Anexo da CIA ali perto, entraram em contato também com o quartel general da milícia 17 de Fevereiro e o Centro do Comando de Segurança Diplomática em Washington, onde, de acordo com o horário local, eram quatro da tarde.

Alguns minutos depois do início do ataque, os sete americanos no Complexo da Missão Especial estavam completamente na defensiva e separados em três localidades diferentes: dois agentes da DS lotados em Benghazi, Alec Henderson e David Ubben, estavam trancados dentro do TOC; dois agentes de Trípoli estavam entrincheirados dentro da Cantina com um guarda local; e o embaixador Chris Stevens, o especialista em comunicação Sean Smith e o agente da DS Scott Wickland estavam entregues à própria sorte na zona de segurança do casarão.

Os invasores armados estavam em vantagem com o ataque surpresa. Agora eles perambulavam livremente pelo parcamente iluminado Complexo, atirando e entoando cânticos à medida que se aproximavam dos prédios em bandos, destruindo o que estava em seu caminho, alguns roubando o que conseguiam carregar, todos tentando encontrar os americanos.

Imediatamente depois da primeira ligação de Alec Henderson pedindo ajuda, os radiotransmissores se espalharam pelo Anexo, agora desperto: “Todos os GRSs, encontrem-se no CP.”

A chamada de rádio foi feita pelo Líder da Equipe do GRS, calmamente, mas com firmeza, ele ordenava aos operadores que se reunissem no Posto do Comando, outro nome para o Área de Informações Confidenciais Compartimentadas no Prédio C. Todos os operadores encontravam-se no terreno do Anexo, com exceção de Oz, que ainda estava no jantar com a oficial de inteligência.

Tanto e D.B. abandonaram *Fúria de titãs*, levantaram-se do sofá e começaram a se aprontar. Tanto, relaxado com sua bermuda cargo, não achou que a chamada pelo rádio tinha sido especialmente urgente. Ele imaginou que estavam sendo chamados para uma repreensão por terem, de alguma maneira, irritado seus chefes. Já tinha acontecido antes, como da vez em que Tanto pendurou uma foto no Posto do Comando do ator Robert Downey Jr. da época do filme *Trovão tropical*, com a seguinte legenda: “Nunca seja um retardado completo.”

— E aí, Tanto — perguntou D.B. —, o que você fez agora?

Tanto se perguntou a mesma coisa, mas não estava preocupado. Ele achou que levaria uma bronca e voltaria para o filme.

Menos de vinte segundos depois da primeira chamada, o rádio emitiu uma nova mensagem: “Precisamos da GRS aqui na sala agora. AGORA!” O tom era totalmente diferente.

Tanto e D.B se entreolharam.

— Que merda, tem alguma coisa acontecendo mesmo — comentou Tanto a caminho da porta.

Sem saber que vidas de americanos estavam em perigo, Tanto ficou entusiasmado pela possibilidade de uma saída noturna repentina:

— Vai rolar alguma diversão hoje à noite.

Tanto olhou para o seu pulso. Não importa que depois todo mundo tenha dito que o ataque começou às nove e quarenta e dois da noite. Ele tinha certeza de que seu relógio marcava nove e trinta e dois. Ele e D.B pegaram os seus kits, que tinham metralhadora leve, além de suas pistolas e seus fuzis de assalto. Eles se prepararam e seguiram em direção ao Prédio C.

Os operadores saíram depressa, mas não desordenadamente, para evitar que os trabalhadores do Anexo entrassem em pânico, já que não tinham treinamento para permanecer calmos e controlados durante as batalhas. O Líder da Equipe da GRS os encontrou na estradinha do lado de fora mais ou menos a meio caminho do Prédio C.

— O consulado está sendo invadido — contou ele a Tanto e D.B.

À distância, eles escutavam tiros e explosões vindos da direção do Complexo. Tanto escutou alguém gritando em árabe usando um megafone. Não conseguia compreender direito, mas escutava o canto: “*Allahu Akbar! Allahu Akbar!*”.

Ainda nu em seu quarto, Jack colocou seu laptop de lado quando escutou a primeira chamada para se reunirem. Ainda não tinha começado a digitar seu e-mail noturno para a mulher, mas imaginou que faria isso depois de uma pequena interrupção. Na primeira chamada, Jack começou a se vestir e colocou primeiro a calça jeans sem cueca.

Seu colega de quarto, Tig, com sua roupa de dormir, colocou os chinelos.

— Aguenta aí — disse Tig do outro lado do cobertor pendurado que dividia o quarto deles. — Vou ver o que é que está acontecendo.

Tig saiu. Assim que fez isso, escutou a segunda chamada para reunirem-se e correu pela estradinha até o Prédio C.

— Ei, o Departamento de Estado está sendo atacado! — disse o Líder da Equipe a Tig, que imediatamente se virou e voltou para o Prédio D. Jack estava sem camisa do lado de fora.

— O consulado está sendo atacado — informou Tig.

Ambos aceleraram o passo, vestiram correndo roupas civis depois se prepararam com um aparato militar completo: armas, colete, munição, capacete, óculos de visão noturna e outros equipamentos. Eles também pegaram kits médicos pessoais com agentes de coagulação, compressas de gaze Kerlix esterilizadas e torniquetes já desembulhados para que pudessem ser usados com uma mão se a outra estivesse machucada, segurando uma arma ou se tiver sido arrancada. Essa foi uma das dicas reforçadas por Rone durante o exercício de treinamento médico.

Quando os operadores se preparavam para ir embora, cada um deles pegou sua mochila individual com itens que incluíam uma bússola, um GPS, munição extra, uma lanterna, pilhas e em alguns casos os seus passaportes diplomáticos.

Jack colocou suas lentes de contato, mas fez isso com tanta pressa que elas não ficaram na posição correta. Ele saiu do Prédio D com a vista embaçada.

Do TOC na Embaixada em Trípoli, o Chefe Adjunto da Missão, Gregory Hicks, ligou para o Centro de Operações no Departamento de Estado em Washington para relatar o ataque e informar aos funcionários de lá qual era a reação que planejavam. Depois fez um turbilhão de ligações para autoridades líbias. Hicks ligou para o chefe de gabinete do presidente Mohamed Magariaf para informá-lo sobre o ataque e solicitar ajuda imediata. Ele fez uma solicitação similar ao chefe de gabinete do primeiro ministro líbio. Em seguida, Hicks ligou para o diretor responsável pela relação do país com os Estados Unidos no Ministério Líbio de Relações Exteriores, Abdurrahman al-Gannas. Menos de três semanas antes, al-Gannas tinha apertado a mão de Stevens em Trípoli quando compartilharam a honra de cortar a fita na cerimônia da Seção Consular. Agora Hicks queria que al-Gannas retribuísse a amizade de Stevens e ajudasse a salvar sua vida.

Durante uma ligação entre Hicks e Bob, o chefe do Anexo, eles concordaram em mobilizar uma equipe de reação composta de operadores americanos lotada na embaixada em Trípoli. Um dos membros da equipe seria o ex-SEAL Glen “Bub” Doherty, que se juntaria a seus amigos Rone, Jack e Tanto. Hicks e outros funcionários da embaixada em Trípoli começaram a trabalhar para fretar um pequeno jato comercial líbio para levar o reforço para Benghazi.

Enquanto isso, o adido de defesa na embaixada regularmente atualizava também as autoridades em Washington e o Comando Militar dos EUA na África conhecido como AFRICOM. Funcionários da embaixada ligaram para o pessoal do Aeroporto Internacional de Benina para solicitar suporte e

cooperação logísticos, prevendo a chegada dos operadores de Trípoli e uma eventual evacuação de todos os americanos em Benghazi.

David McFarland, chefe da seção política da embaixada, tinha acabado de retornar a Trípoli depois de dez dias em Benghazi como autoridade principal da Missão Especial. McFarland ligou para seus contatos na milícia e falou com líbios que faziam vários serviços para o Complexo para incitá-los a repelir o ataque com força esmagadora.

Diplomatas americanos também fizeram ligações para líderes da milícia Brigada dos Mártires de 17 de Fevereiro, autoridades das Nações Unidas e diplomatas das embaixadas de nações aliadas na Líbia. Hicks então ligou para Washington para atualizar as notícias.

Às dez e cinco da noite em Benghazi, ou quatro e cinco da tarde em Washington, o Centro de Operações do Departamento de Estado soltou um alerta para a Sala de Situação da Casa Branca, o FBI, e para o Escritório do Diretor de Inteligência Nacional, entre outras agências-chave do governo e da inteligência. “Missão Diplomática em Benghazi Sob Ataque”, ela dizia. “[Aproximadamente] vinte pessoas armadas dispararam tiros; também foi possível escutar explosões. O embaixador Stevens, atualmente em Benghazi... está na zona de segurança [do Complexo].”

Cinco minutos depois do primeiro pedido de socorro que Alec Henderson fez do Complexo, Tanto, D.B., Rone, Tig e Jack estavam prontos e reunidos do lado de fora do Prédio C. Eles conversavam e perguntaram se alguém

sabia quantos americanos estavam no Complexo e que tipo de armas havia lá. A resposta: sete americanos com armas leves. Com base nos tiros, nas explosões que continuavam a escutar e nas informações de que talvez houvesse algumas dezenas de agressores, os operadores sabiam que estariam lidando com o que Tanto chamou de “uma força substancial.”

Tig disse ao Líder da Equipe da GRS que eles poderiam ir de carro por uma estradinha estreita de terra bem a oeste do Anexo que os operadores chamavam de “Smuggler’s Alley”, ou “Beco dos Contrabandistas”, porque ela os levaria direto à Fourth Ring Road e ao portão de trás do Complexo. Mas o Líder da Equipe disse que alguns agentes da DS falaram que o portão de trás do Complexo tinha sido violado, então os operadores deveriam escolher outra rota.

O Líder da Equipe da GRS informou aos operadores que eles não entrariam sozinhos. Disse que entrariam com um grupo grande de guerrilheiros da 17 de Fevereiro que cumpririam a promessa da milícia de servir como Força de Reação Rápida. Falou ainda que parecia que os agressores estavam armados com AKs-47 e RPGs, e que os americanos no Complexo estavam separados em vários grupos. O Líder da Equipe instruiu os cinco operadores a ficarem prontos e aguardarem o sinal dele para partirem.

Eles jogaram o equipamento em um BMW sedan azul-escuro e uma SUV preta e quadrarona da Mercedes. Ambos eram blindados, com janelas à prova de bala e pneus chamados de “*run-flats*”, projetados para funcionar mesmo se atingidos por tiros, pregos ou estilhaços de bomba. Ambos os veículos eram tunados para ficarem parecidos com carros de corrida, mas eram sujos e detonados por fora para que não chamassem a atenção quando se movessem na direção do Complexo. Os operadores estacionaram os

veículos do lado de fora do Prédio C, virados para o portão, com o BMW na frente.

Rone assumiu a direção do BMW, Jack foi no banco do passageiro, e Tig entrou atrás armado com um lança-granadas, uma metralhadora leve e duas bandoleiras de munição. Tanto e D.B. pularam no banco da frente do Mercedes, com Tanto na direção. Além das armas de sempre, Tanto estava com uma metralhadora leve e uma bandoleira de munição. Ele sabia que havia outras bandoleiras similares no carro para o caso de precisar de mais munição. O Líder da Equipe da GRS permaneceu do lado de fora em frente ao Prédio C, falando ao telefone celular.

Alguns dos operadores reivindicaram saber o que os aguardava. O Líder da Equipe afastou o telefone e informou:

— Nós precisamos conceber um plano — disse ele referindo-se a como eles trabalhariam juntos com a milícia 17 de Fevereiro. Do lado de fora dos veículos e falando ao telefone também se encontravam Bob, o chefe do Anexo e o segundo na cadeia de comando, um funcionário da CIA que tinha ganhado a estima dos operadores por tratá-los com respeito.

Dentro dos veículos, os cinco operadores da GRS conferiram pela terceira vez suas miras, apertaram seus coletes e tentavam entender por que ainda não tinham saído. Provavelmente já teriam chegado a pé no Complexo pelo tempo em que estavam ali esperando. A maioria deles estava calada, mas Tanto tentou dar leveza ao clima reclamando que ele não tinha lugar algum para colocar a caneca de café que tinha levado.

— Você gasta 250 mil numa porra dum Mercedes e ele não tem lugar pra colocar a caneca. Mas que merda é essa?

À medida que o tempo passava e eles ficavam mais tensos escutando as conversas que aconteciam do lado de fora do carro, os operadores tiveram a

nítida impressão de que o plano de resgate sendo discutido por alguma razão não os incluía.

Do lado de fora do Mercedes, Tig gritou:

— Ei, a gente tem que ir agora! Estamos perdendo o momento!

— Não. Permaneçam onde estão, vocês têm que esperar — gritou de volta Bob, o chefe da base.

— Nós temos que conceber um plano — repetiu o Líder da Equipe.

— É tarde demais pra conceber um plano, caralho — berrou Tig. — A gente precisa chegar lá primeiro e *depois* conceber a porra de um plano.

Tanto saiu da Mercedes e se aproximou do Líder da Equipe e de Bob. Ele pediu que eles solicitassem apoio aéreo às forças armadas dos EUA, especificamente um drone ISR não tripulado, que recebeu esse nome por sua habilidade de capturar informação e fornecer vigilância e reconhecimento.¹ Tanto também pediu a eles que solicitassem um AC-130 fortemente armado, um avião de asa fixa com quatro motores projetados para ataques terrestres letais. Enquanto isso, Tanto disse aos chefes, ele e os outros operadores estavam atrasados para saírem.

O chefe da CIA olhou para Tanto, depois para o Líder da Equipe, depois de novo para Tanto. O operador teve a impressão de que seu chefe estava olhando através dele.

— Não — disse Bob —, vocês aguardam. Nós vamos fazer a milícia local lidar com aquilo.

Tanto não conseguia acreditar em seus ouvidos. Ele se virou para o Líder da Equipe:

— Ei, a gente precisa ir.

— Não — opôs-se o Líder da Equipe. — Temos que esperar. O chefe está tentando combinar com a 17 de Fevereiro e deixar que eles lidem com aquilo.

— O que você está querendo dizer com “deixar que eles lidem com aquilo”? — questionou Tanto. Ele não confiava muito na milícia 17 de Fevereiro, cujos membros ele e vários outros operadores consideravam mais sujeitos a virarem-se contra eles do que a servirem ao lado deles. Tanto não acreditava especialmente na palavra da milícia quando o objetivo era salvar vidas americanas.

— A gente tem que ir. Não vamos deixar a 17 de Fevereiro lidar com aquilo.

A memória de Tanto retornou ao impasse no aeroporto meses antes. Ele achou que Bob estava repetindo a postura “vá com calma”, “fique de fora” e “deixe que a milícia aliada lide com isso” que tinha adotado quando os milicianos hostis queriam assaltar Rone e outro operador da GRS. O incidente fora resolvido pacificamente, sem feridos e sem expor a presença da CIA em Benghazi, quando Rone e seu companheiro demonstraram que não seriam roubados sem lutar. Desta vez, Tanto pensou, Bob estava optando pela mesma tática ainda que a luta já tivesse começado e que os americanos estivessem perdendo e, possivelmente, morrendo.

— Eu já passei por isso antes — disse Tanto ao Líder da Equipe —, quando o chefe não nos deixou ir quando nossos companheiros estavam com problemas. Pergunte ao Tyrone. Ele está bem ali. Ele era um dos caras que estavam lá quando o chefe falou pra deixar a 17 de Fevereiro lidar com a situação e segurou a gente.

— Tanto, eu sei — disse o Líder da Equipe. — Estou trabalhando nisso.

Tanto voltou para a SUV e comentou com D.B.:

— Que monte de conversa fiada do caralho.

D.B. estava incrédulo. A cabeça tombada para a frente em sinal de frustração. Ainda que ambos soubessem que aquilo ainda não tinha acabado. Os planos ainda estavam em formação e mudando, com

informações e decisões voando entre Benghazi, Trípoli e Washington. Eles não sabiam com quem Bob estava falando, mas esperavam que a ordem de “espera” fosse revertida o quanto antes e que lhes dessem a luz verde.

Tanto usou seu rádio e retransmitiu sua conversa a Rone, Jack e Tig na BMW. Rone olhou pela janela do carro, sua expressão imobilizada entre a raiva e a indignação. Tanto levantou as palmas das mãos e suspendeu os ombros.

Rone falou no rádio:

— A gente tem que ir, tem que ir, tem que ir!

Com a visão ainda ofuscada pela lente mal colocada, Jack olhou pela janela da BMW, se perguntando se quem quer que estivesse atacando o Complexo algum dia atacaria o Anexo. Ele examinou o familiar yin e yang do momento: a descrença de que aquilo estava acontecendo em contraste com uma sensação de que sempre estiveram esperando por aquilo o tempo todo. Ao analisar a situação, Jack lembrou-se de que tinha deixado seu laptop ligado. O e-mail que tinha a intenção de mandar para a esposa permanecia não escrito.

Do banco do motorista na Mercedes, Tanto viu um civil chamado Henry, um sujeito de aparência séria e inteligente, quase careca, moreno, de óculos, atravessando a estradinha do Anexo. Tanto saiu apressado da SUV. Henry era um cidadão americano na faixa dos sessenta anos que trabalhava como intérprete no Anexo. Alguns tradutores em áreas hostis eram designados intérpretes de combate por terem treinamento especializado em armas. Henry não era um deles. Ele trabalhava no escritório revisando e traduzindo documentos do árabe e ocasionalmente saía em operações que não eram mais perigosas do que jantares com pessoas da região. Tanto interceptou Henry.

— Eu já passei por isso antes e precisamos que você venha com a gente — disse Tanto. — Se formos trabalhar juntos com a 17 de Fevereiro, nenhum de nós fala a língua bem o bastante para conseguir se comunicar. Precisamos de você aqui.

— Tanto — respondeu Henry —, eu não sou habilitado para usar arma.

— Não tem problema — disse Tanto. Ele sacou uma arma e a entregou a Henry. — Aqui está sua arma. Pega o seu capacete e o colete. Nós precisamos de você.

Sem hesitar, Henry disse:

— Combinado. Eu já volto.

Em pouco mais de dois minutos, Henry estava sentado no banco de trás da Mercedes, com o capacete e o colete bem firmes, a arma de Tanto na mão e um olhar de puro medo no rosto enrugado. Tanto achou que ele lembrava uma versão do Oriente Médio do comediante Bob Newhart. Passou mais um pente de munição a Henry.

Quando Jack viu Henry equipado e pronto, ele sentiu uma onda de admiração. *Aí está um cara, Jack pensou, que faz serviço administrativo e alguém deu a ele um colete à prova de balas, um capacete e uma pistola. Ele se voluntariou para vir a uma missão basicamente suicida. É o nosso trabalho fazer esse tipo de coisa. O trabalho dele é ficar atrás de uma mesa e traduzir árabe para o inglês. Só que ele está fazendo o que acha que é certo.*

De dentro de seus veículos ligados em ponto morto, os operadores mal conseguiam ver as chamas alaranjadas subindo do Complexo. Com as portas abertas, eles escutavam os cânticos ao longe. Tanto pegou seu rádio e falou de maneira que todos no Anexo escutassem a sua mensagem. Ele queria que ela chegasse a alguém do Complexo que estivesse na mesma frequência. Tanto repetiu a solicitação que fizera antes, agora como uma exigência:

— Mandem um [drone] ISR e uma aeronave Spectre!

Tanto não sabia, mas uma parte de sua exigência já estava sendo providenciada. Na primeira meia hora do ataque, às nove e cinquenta e nove da noite, o Comando da África das forças armadas dos EUA ordenou que um drone de vigilância fosse posicionado sobre o Complexo da Missão Especial. Levaria mais de uma hora para que ele chegasse a Benghazi, mas assim que estivesse lá, o drone conseguiria monitorar os eventos e transmitir imagens ao vivo para Washington.

Mas a solicitação para que houvesse apoio aéreo não seria algo fácil de cumprir. Um porta-voz do Pentágono diria depois que nenhum AC-130 dos EUA estava próximo de Benghazi na noite de 11 de setembro de 2012.

À medida que o tempo passava e os operadores aguardavam liberação para partir, o ar nos veículos ficava mais tenso. Os operadores imaginavam cenas sangrentas acontecendo com seus compatriotas a pouco mais de um quilômetro de distância. E quanto mais tempo ficavam ali ociosos, mais provável era que o mesmo destino os aguardasse.

Quando se aproximava das dez da noite e os rádios dos operadores estavam sintonizados na mesma frequência daqueles no Complexo, eles ouviram a voz de um dos agentes da DS no TOC do Complexo, Alec Henderson ou David Ubben.

— Estamos sendo atacados! — foi o grito que se ouviu, a voz apertada pelo estresse. — Há cerca de vinte a trinta homens armados atirando com AKs. Estamos sendo atacados! Precisamos de ajuda! Precisamos de ajuda agora!

Uma onda de adrenalina percorreu as veias dos operadores, mas novamente lhes disseram para esperar. Estavam acostumados a seguir ordens, e sabiam que a insubordinação poderia lhes custar o emprego ou coisa pior. Mas um pensamento em comum tomou os dois veículos: caso não lhes fosse dada permissão para irem logo, eles enfrentariam o problema com as próprias mãos.

Nota:

1. A sigla ISR vem das palavras *intelligence, surveillance e reconnaissance*. (N.T.)

CINCO

Invasão

Atrás do portão de aço trancado dentro da zona de segurança do casarão, o embaixador Chris Stevens e o especialista em comunicação Sean Smith estavam agachados no escuro com o agente da DS Scott Wickland.

Wickland escutou os intrusos abrirem caminho pelas portas de madeiras reforçadas na parte da frente do casarão, aparentemente as explodindo com uma RPG. Permanecendo fora de vista, o agente da DS espreitou pelas aberturas nas grades do portão de segurança. Wickland observava de sua posição protegida quando seus inimigos entraram com tudo empunhando suas AKs-47.

Eles pilharam a sala de estar e seguiram destruindo a mobília na medida em que infestavam o casarão. Vários deles chegaram ao portão da zona de segurança e começaram a golpear ruidosamente as grades. Tentaram olhar lá dentro, mas a área além das grades estava escura, e eles não conseguiram ver Wickland nem os dois homens que ele estava determinado a proteger. Os agressores tentaram invadir à força, porém os ferrolhos e as trancas os impediram.

Ainda sem ser visto, Wickland apontou seu fuzil de assalto para os intrusos quando eles chegaram ao portão e se preparou para atirar se

tentassem explodi-lo ou abri-lo à força. Wickland resolveu que, até que eles fizessem isso, manteria seu posicionamento secreto e não atiraria para assim não revelar sua localização e a presença do embaixador e do funcionário da comunicação. Wickland disse para Stevens e Smith se prepararem para um ataque.

Mas, em vez de tentar explodir o portão para abri-lo e entrarem na zona de segurança, os agressores recuaram. Eles arrastaram os galões de diesel que tinham encontrado perto do gerador novo e que já tinham usado para incendiar os veículos e o alojamento da 17 de Fevereiro. Wickland não tinha como saber se os agressores achavam que o embaixador americano estava trancado dentro da zona de segurança do casarão, mas fazia sentido para eles imaginarem que o portão gradeado os separava dos americanos que eles queriam alcançar. A intenção dos agressores era evidente: eles pretendiam usar o combustível dos próprios americanos para fazer com que a fumaça os expulsasse de lá ou para assá-los vivos.

Os agressores jogaram diesel nas poltronas estofadas, nas almofadas e nos sofás, ensoparam os tapetes persas e espalharam o líquido viscoso pela sala. Assim que os invasores saíram, eles atearam fogo no casarão. Do lado de fora, espalharam mais diesel para queimar as paredes de concreto exteriores da construção.

Incapaz de ver bem a sala de estar a partir de seu esconderijo, a princípio, Wickland não conseguia saber o que estava acontecendo. Em seguida, as luzes e os lustres do casarão se apagaram. O agente da DS se deu conta de que ele, Stevens e Smith tinham um novo inimigo. O casarão estava em chamas e se enchia rapidamente de fumaça tóxica.

A zona de segurança do Casarão C deveria supostamente fornecer ao embaixador e a outros americanos proteção de curto prazo contra ataque físico até que a equipe de resgate do país anfitrião ou combatentes

americanos conseguissem expulsar os invasores ou manifestantes. Não era projetada para mantê-los em segurança indefinidamente, e não era construída para protegê-los contra fogo nem agentes químicos. Nesse sentido, a zona de segurança de Benghazi era análoga a uma gaiola de tubarão usada por mergulhadores. Quanto mais permanecesse em uso, maior a possibilidade de os assassinos entrarem à força ou então o ar acabaria. O tempo favorecia o inimigo.

A visibilidade no casarão ficou limitada. O ar respirável tornou-se escasso. A fumaça do diesel queimando é uma nuvem negra letal que contém dezenas de venenos, incluindo benzeno, arsênico e formaldeído. Os americanos aprisionados sentiram a respiração ficar difícil. Toda vez que inalavam o ar, a fumaça torturava seus pulmões com fuligem, dióxido de nitrogênio, dióxido de enxofre e partículas de cinza quente que mais pareciam navalhas. O cheiro da queima do diesel pode ser intolerável por si só, uma mistura de ovos mexidos com enxofre às vezes descrito como Satanás preparando o café da manhã. Uma exposição rápida a ele desencadeia uma tosse dolorosa, náusea, dor nos olhos e de cabeça. Em seguida vem perda de consciência e danos nos órgãos. Exposição prolongada causa morte.

Quando a fumaça ficou mais intensa, os três americanos se jogaram no chão da zona de segurança e engatinhavam sobre as mãos e os joelhos, Wickland conduziu Steven e Smith até um banheiro que ele sabia que tinha uma janela externa gradeada. Ele enrolou toalhas molhadas em uma tentativa de selar o vão entre a parte inferior da porta e o piso de cerâmica, mas a fumaça continuou a penetrar. Wickland ficou de pé e abriu a janela na esperança de melhorar a ventilação, mas o efeito foi o oposto. A fumaça do lado de fora do casarão invadiu o banheiro, tornando ainda mais difícil a respiração dos homens sitiados.

O casarão não tinha sprinklers de emergência nem um sistema de supressão de incêndio com espuma. Se os americanos quisessem sobreviver, teriam de sair em meio aos seus inimigos, por conta própria ou com ajuda.

Wickland, Stevens e Smith pressionaram seus corpos contra o chão, tragando o restinho de ar respirável que sobrava. A fumaça ficou tão densa que Wickland não conseguia mais ver o embaixador e o especialista em informática no pequeno banheiro. Sofrendo com a falta de oxigênio, confinado em um cômodo repleto de fumaça e incapaz de ver seus companheiros, Wickland concluiu que permanecer naquele lugar significava morrer sufocado.

As grades na janela do banheiro tinham sido fixadas no concreto, então Wickland gritou para que Stevens e Smith o seguissem até um quarto vizinho. Lá, Wickland sabia, uma trava de emergência deveria permitir a ele abrir as grades de metal da janela por dentro. Ainda incapaz de ver através da repugnante fumaça preta, o agente da DS engatinhou para fora do banheiro até o corredor de entrada da zona de segurança. Ele escapuliu com passos rápidos na direção do quarto. Wickland gritava e pisoteava com força o chão enquanto fazia o percurso, usando o som para guiar Stevens e Smith, acreditando que eles o seguiam de perto.

Enquanto ia para o quarto, ele escutava explosões e tiros do lado de fora. Projéteis e balas zuniam pelo Complexo invadido. Os agentes americanos da DS e os guardas contratados pela milícia líbia ainda não tinham montado resistência alguma.

Imaginando que Stevens e Smith tinham saído do banheiro e o seguido, Wickland chegou à janela no extremo oposto do quarto e destravou a grade de segurança. A beirada inferior da janela vertical ficava a sessenta centímetros do chão, tinha aproximadamente um metro e meio de altura e um de largura. Com sua força se esvaindo, Wickland pulou a janela e caiu

em um pequeno pátio externo parcialmente delimitado por uma parede de sacos de areia branca de um metro e vinte de altura.

Através de uma névoa de privação de oxigênio, prestes a desmaiar, Wickland compreendeu que estava sozinho. Tinha de alguma maneira se separado de Stevens e Smith enquanto eles estavam ou no banheiro cheio de fumaça ou em algum lugar entre o corredor da zona de segurança e o quarto. Talvez eles tivessem feito uma curva errada ou talvez sequer o tivessem seguido até o corredor. De um jeito ou de outro, Wickland entendeu a terrível realidade: os dois homens que ele tinha jurado proteger, um deles o representante diplomático dos Estados Unidos, estavam presos em algum lugar dentro da zona de segurança em chamas. Para aumentar ainda mais a sua angústia, Wickland escutou tiros e achou que alguém do outro lado dos sacos de areia atirava nele.

O agente da DS, exausto, lutou para ficar de pé. Wickland arrastou-se novamente para dentro pela janela do casarão e voltou para a zona de segurança cheia de fumaça para procurar Chris Stevens e Sean Smith.

No Anexo, cada minuto que passava aumentava a raiva dos operadores. Juntamente com ela crescia a preocupação de os invasores terem instituído defesas para se protegerem do contra-ataque e reforçado o controle deles sobre o Complexo.

Os agressores tinham usado uma das mais antigas e potentes armas de guerra: a surpresa. Sem um rápido e esmagador contragolpe, os agressores teriam tempo para solidificar seus ganhos táticos e aumentar as chances de atingir seu suposto objetivo: matar ou capturar qualquer americano que conseguissem encontrar, principalmente o embaixador. A presença de Chris

Stevens em Benghazi era de conhecimento geral, principalmente depois que um conselheiro local tinha alertado a mídia para o evento do Hotel El Fadeel na noite anterior. Matar ou sequestrar um embaixador americano no aniversário dos Ataques de Onze de Setembro seria um golpe e tanto para qualquer grupo ou milícia islâmica extremista. Reduzir um posto avançado diplomático a uma ruína carbonizada seria um bônus.

Dentro da Mercedes SUV, Tanto não conseguia conter a sua fúria.

— Você sabe como vai ser difícil? — perguntou ele retoricamente a D.B.
— Você sabe como vai ser difícil contra-atacar aquele objetivo? Estamos perdendo o momento!

Se estivesse sozinho com D.B., Tanto teria ficado ainda mais furioso e soltado um monte de xingamentos criativos e empáticos que passavam por sua cabeça. Mas com o tradutor Henry no banco de trás já perdendo o fôlego, Tanto não quis assustar o senhor a ponto de ele entrar em pânico. Os operadores dividiam o mundo em duas categorias: atiradores e não atiradores. Henry era um não atirador.

Porém, embora ele estivesse furioso por o estarem mantendo parado ali, Tanto sentia uma calma interior. Ele considerava um dom adquirido com anos de experiência militar e como prestador de serviço de segurança: quanto mais as coisas se tornavam caóticas, mais confiante ele ficava. Para desviar sua atenção dos adiamentos, Tanto tentou concentrar-se em seus recursos. A equipe da Força de Reação Rápida seria composta de seis atiradores: cinco contratados — todos menos Oz, que ainda estava no jantar — e o Líder da Equipe da GRS. Tanto e os outros sabiam que eles estariam em menor número. Mas não eram apenas alguns caras com armas. Os operadores eram disciplinados e experientes, estavam fortemente armados e tão eximamente treinados quanto qualquer outra força do tamanho da deles no planeta. Estavam protegidos por coletes à prova de balas e tinham a

vantagem de possuírem óculos de visão noturna. De modo geral, Tanto gostou das chances da equipe do Anexo contra o que ele esperava ser uma força desordenada de radicais brutos, armados e cantando sem parar.

Isto é, a menos que a contínua passagem do tempo desse ao inimigo uma vantagem insuperável.

Se os agressores no Complexo tivessem qualquer experiência militar, os operadores da GRS sabiam que estariam se preparando para um contra-ataque. Quanto mais tempo os agressores tivessem para se entrincheirar, mais provavelmente eles protegeriam o perímetro do Complexo e organizariam posições defensivas, pelo menos até atingirem seus objetivos.

— Eles já devem ter tomado conta de tudo a essa altura — queixou-se Tanto. — Quanto mais a gente espera, mais os bandidos vão se entrincheirar. Eles vão estar protegidos.

No banco do passageiro da BMW, Jack estava piscando e esfregando os olhos, ainda tentando ajustar as lentes de contato. Mesmo com a vista embaçada, ele queria que parassem de adiar a saída deles para que pudessem trabalhar. Em seu ouvido ressoava a voz do agente da DS no Complexo informando sobre o ataque e pedindo ajuda. Jack virou para o banco de trás, onde Tig escutava a mesma voz em sua cabeça.

— Por que a gente ainda não foi pra lá, caralho? — perguntou Tig, ainda que ele soubesse a resposta. Estava claro para todos os operadores da GRS que seus superiores ainda trabalhavam pelo telefone para conseguir um compromisso firme e uma estratégia com os líderes da milícia 17 de Fevereiro. Tanto ecoou o lamento de Tig pelo rádio:

— Por que a gente ainda não foi pra lá, caralho?

Juntos, eles decidiram que o tempo de pedirem permissão tinha terminado. Os operadores desceram de seus carros em ponto morto e se amontoaram em frente ao Prédio C, perto do Líder da Equipe, de Bob, o

chefe do Anexo da CIA, e do segundo homem na cadeia de comando. Jack chamou a atenção de Rone e eles se encararam com uma incrédula expressão de olhos arregalados. Para Jack, o significado era claro: ficar adiando é loucura. Pior, é perigoso para os caras no Complexo e para nós. *A situação está mais do que séria, as pessoas precisam da nossa ajuda, e nós somos os únicos disponíveis*, Jack pensou. *Nós precisamos ir.*

Seus rádios crepitavam novamente de súplicas dos agentes da DS no TOC do Complexo.

- Fogo!
- Sob fogo intenso!
- Eles invadiram o Complexo!
- Estamos todos presos!
- Precisamos de ajuda!

Ainda assim, os chefes da base da CIA e o Líder da Equipe, todos falando vigorosamente em seus telefones, não davam aos operadores a ordem para irem em frente. Ao escutarem aquilo que os funcionários do Anexo falavam em seus telefones, os operadores contratados da GRS ficaram convencidos de que a agência queria que a milícia 17 de Fevereiro repelisse o ataque inteiramente sozinha, sem envolvimento direto americano além dos agentes da DS já presos dentro do complexo. Alguns operadores da GRS pensaram que aquilo, na melhor das hipóteses, era pura ilusão e, na pior, liderança negligente. Eles imaginaram qual seria o motivo para aquela esperança tão vã: se a Força de Reação Rápida permanecesse no Anexo, a CIA não seria forçada a se revelar nem a explicar a sua presença em Benghazi. Por outro lado, se os operadores secretos e os seguranças contratados entrassem em combate contra os islamistas radicais, com certeza a batalha atrairia a atenção global e uma apuração maciça. Especialmente no onze de setembro. Durante suas viagens anteriores a Benghazi, Tig tinha vivido múltiplas

experiências em que Bob, o chefe da base, dissera aos operadores para “não agirem”, mesmo quando americanos estavam potencialmente em perigo, aparentemente para evitar o risco de exposição da presença da CIA.

Outro fator também pode ter contribuído para o adiamento: O chefe da CIA parecia realmente preocupado com a possibilidade de o Anexo ser alvo de ataques. Se todos os operadores da GRS estivessem no Complexo, os americanos deixados para trás no Anexo teriam pouca chance contra uma grande força de agressores. Os operadores contratados, rotineiramente tratados como excesso de bagagem por muitos oficiais de inteligência da CIA, repentinamente transformaram-se nos americanos mais populares em Benghazi.

Receberam outra chamada de rádio do Complexo. O agente da DS esforçava-se tanto para se controlar que sua voz estava embargada. Vários dos operadores da GRS sentiram o medo beirar o pânico.

— Se vocês não chegarem aqui, nós vamos morrer!

Não foi necessário mais do que isso. Aproximadamente vinte minutos, possivelmente mais, tinham decorrido desde que os operadores se reuniram em frente ao Prédio C. Estavam há muito prontos para partir. Se a tropa quisesse dar alguma ajuda, ela tinha que ir. Com ou sem aprovação.

— Nós precisamos ir — afirmou Tanto ao Líder da Equipe. Não era uma pergunta. Os outros quatro operadores sentiram-se da mesma maneira. Tanto disse ao Líder da Equipe:

— Entra nessa porra desse carro.

O Líder da Equipe desligou o telefone e entrou.

Ainda lhes faltava uma confirmação ou uma ideia concreta de qual era o apoio que teriam da milícia 17 de Fevereiro. E, com os agentes da DS entrincheirados, os operadores não tinham nenhuma informação interna sobre o que estavam prestes a encarar. Mas Rone, Jack e Tig entraram em seu BMW à frente do comboio de dois veículos. O Líder da Equipe da GRS ficou no banco de trás da SUV, ao lado de Henry e atrás de Tanto e D.B.

Tanto colocou a mão no câmbio de marcha e chamou Rone pelo rádio.

— Tão na boa? — perguntou ele, usando gíria para saber se a equipe da BMW estava pronta.

Rone se inclinou para fora da porta meio aberta do lado do motorista. Ele olhou para o BMW atrás com um sorriso que dizia “a gente consegue”. Rone colocou seu braço musculoso para fora, fechou a mão, mostrando seu punho e levantou com vontade seu polegar. Tanto respondeu com o mesmo gesto.

Rone engatou a marcha do BMW e Tanto fez o mesmo no Mercedes.

Enquanto Tanto dava a volta na rotatória gramada no centro do Anexo e seguia para o portão, ele tentava visualizar a pequena família de tartarugas que morava ali. Não sabia ao certo o porquê, mas era um pequeno conforto, como dar tchau para o animal de estimação da família quando se sai de casa para trabalhar.

Durante a espera, Rone ligara para Oz, que estava no jantar, e dissera a ele para retornar para o Anexo imediatamente.

— Tem uma coisa acontecendo lá no consulado — informou Rone sem dar muitos detalhes. — Tenha cuidado e não chegue perto de lá. Tem muita coisa acontecendo.

Oz e a oficial de inteligência da CIA já tinham comido a sobremesa e agradecido a seus anfitriões, mas a oficial de inteligência demorava a se despedir.

— Nós temos que ir — disse Oz a ela quase rosnando. Ele não mencionou a ligação de Rone, para não dar pista aos seus anfitriões sobre o que estava acontecendo. Ela continuou a jogar conversa fora. Com um tom mais duro, ele repetiu:

— Nós precisamos ir. Agora.

Ela o olhou com a cara fechada.

A paciência de OZ se esgotou.

— Entre no carro. A gente está indo embora.

Oz despediu-se de seus anfitriões pela última vez enquanto forçava a oficial de inteligência a entrar mais depressa no veículo, uma SUV da Toyota pequena e com janelas escurecidas. Ele explicou a ela o que sabia enquanto ligava o radiotransmissor e seguiu em direção ao Anexo. A oficial de inteligência começou a disparar perguntas, fazer sugestões e mostrar a Oz o caminho.

— Você fica sentadinha, quieta e mantém os olhos abertos — Oz disse a ela. — Você está no nosso mundo agora. Me deixa fazer o que eu sei.

Ela obedeceu.

Oz já tinha em mente um caminho alternativo que os levaria de volta ao Anexo evitando o Complexo diplomático. Esse caminho também evitaria barreiras na estrada em uma área onde ele sabia que a bandeira preta inspirada na al-Qaeda geralmente tremulava em um prédio residencial. Ele fundiu o carro ao trânsito, dirigindo como na história de Cachinhos de Ouro, nem muito quente nem muito frio, nem muito rápido nem muito devagar. A oficial de inteligência estava com um lenço na cabeça como uma local, mas Oz era o perfeito ocidental louro de olhos azuis, comedor de

carne vermelha. A última coisa que ele queria era ser parado em um posto de verificação hostil ou em uma barreira de estrada improvisada e tentar explicar porque dois americanos estavam na rua de carro quase dez horas em uma noite em que o Complexo Americano estava sendo atacado.

Pelo rádio, Oz ouvia melancólicas chamadas vindas do Complexo. Ele não conseguiu ter certeza se o agente da DS tinha dito que o Complexo estava “sob fogo” inimigo ou se o inimigo tinha “posto fogo” nos prédios. Uma coisa ou outra, ele sabia que era ruim. Concentrou-se no combate à frente.

Oz seguiu pela Third Ring Road até a costa do Mediterrâneo, depois virou na estrada costeira principal e seguiu em direção aos arredores de Benghazi. Ele percorreu estradas secundárias para cortar caminho por campos de fazendas não cultivados; isso os levou de volta à rua que chamavam de Racetrack Road, a sudeste do Anexo. Aproximadamente vinte minutos depois de terem ido embora da casa de seus anfitriões, Oz e a oficial de inteligência entraram na Annex Road e pararam em frente ao portão. O BMW e a Mercedes já tinham ido embora.

A situação no Complexo continuava a piorar. Depois de entrar novamente na zona de segurança do casarão pela janela do quarto, o agente da DS Scott Wickland fez uma busca no corredor de entrada cheio de fumaça, porém não conseguiu encontrar Chris Stevens nem Sean Smith. Wickland sabia que os dois não conseguiriam sobreviver muito tempo naquelas condições, mas nem ele, caso não respirasse ar puro.

Lutando para respirar e quase derrotado pelo calor, Wickland voltou para o quarto e saiu novamente pulando a janela pela grade aberta. No pátio do

lado de fora, ele se recompôs e recuperou o fôlego. Entrou novamente, mas foi forçado a sair pelo calor e pela fumaça. Wickland não viu nem sinal do embaixador e do funcionário da comunicação.

Enquanto Wickland continuava com sua operação de resgate, agressores infestaram a Cantina, onde os dois agentes da DS lotados em Trípoli estavam escondidos numa sala dos fundos com um guarda da Blue Mountain. Outro grupo de invasores aproximou-se do TOC, onde Alec Henderson e Dave Ubben estavam trancados dentro da sala de comunicações.

Eles olhavam para o grande monitor e viam vários agressores tentando derrubar a porta de madeira reforçada para chegar até eles. Ubben levantou o fuzil de assalto M4, Henderson pegou uma escopeta e prepararam-se para o combate a curta distância. Os invasores aproximavam-se do TOC um de cada vez ou em grupos de dois e três e testavam a eficiência da porta e de sua barra de aço com voadoras. Um deles se agachou usando uma postura de futebol americano a uns oito metros de distância, disparou a correr com toda a velocidade e jogou o peso do corpo na porta, mas ela aguentou firme.

Os invasores pilharam e saquearam a Cantina e tentaram sem sucesso atravessar a trincheira. De volta à rua, com Ubben e Henderson os observando pelo monitor de segurança, os agressores arrastaram galões de combustível para perto de carros estacionados próximo ao TOC. Os galões já estavam quase vazios, o que frustrou o plano de incendiar mais veículos.

De volta ao casarão, Wickland fez várias outras tentativas frustradas de encontrar Stevens e Smith. Exausto e incapaz de voltar a entrar para fazer mais uma busca, Wickland sabia que ficar no pátio o deixaria exposto a tiros. Se perdesse os sentidos, o que temia acontecer, seria uma presa fácil. A alguns metros do pátio, uma escada apoiada ao lado do casarão levava ao

telhado. Wickland a subiu e pulou por cima de um parapeito com pouco mais de um metro que cercava a borda do telhado do casarão.

Wickland passou um rádio para os seus companheiros agentes da DS Alec Henderson e David Ubben no TOC para pedir ajuda, mas a garganta e os pulmões estavam tão devastados pela inalação de fumaça que ele, sentindo-se sufocado, mal conseguia pronunciar as palavras. Por fim, seus colegas compreenderam a terrível mensagem: Wickland não conseguia encontrar o embaixador Stevens nem Sean Smith, e o Casarão C estava em chamas. Depois de fazer o comunicado, Wickland desmoronou no telhado.

Até esse momento, na relativa segurança do TOC, Henderson e Ubben tinham apenas uma vaga ideia do que estava acontecendo na residência do embaixador a aproximadamente cinquenta metros de distância. Os monitores no TOC não mostravam fogo, somente fumaça no Casarão C, e de onde Henderson e Ubben estavam não conseguiam enxergar a ruína em que tinha se transformado o Château Christophe.

Antes da ligação de Wickland do telhado, a única coisa que os agentes da DS sabiam era que ele havia levado às pressas o embaixador Chris Stevens e o especialista em comunicação Sean Smith para a zona de segurança e que tinham se trancado lá. Imaginavam que eles estavam aguardando ajuda. Henderson e Ubben não tinham motivo para presumir outra coisa. Em consequência disso, os contatos via rádio feitos anteriormente e os telefonemas para o Anexo, Trípoli, Washington e todos os outros lugares, não tinham informado às potenciais equipes de resgate que os três americanos no Casarão C tinham se separado devido a um incêndio infernal e uma nuvem de diesel e que eles estavam em perigo mortal. Se essa informação teria feito os operadores saírem antes do Anexo é algo impossível de se saber.

Henderson e Ubben espalharam imediatamente a notícia do desaparecimento de Stevens e Smith e que Wickland estava ferido e esgotado no telhado. Com o monitor de segurança mostrando que os agressores estavam começando a se afastar, Ubben decidiu sair do TOC para ver se conseguia ajudar Wickland e encontrar os americanos perdidos.

Enquanto os operadores seguiam na direção do portão da frente do Anexo, D.B. virou a cabeça para o banco de trás da Mercedes e bombardeou o Líder da Equipe com perguntas. Eles tinham saído sem entender direito o acordo, se é que ele existia, com a milícia 17 de Fevereiro. D.B. sabia que a milícia possuía uma base grande ali perto e, dependendo do trajeto que fizessem, os veículos dos operadores passariam por ela a caminho do Complexo. Ele não queria nenhuma surpresa nem mal-entendido.

— Com quantos caras da 17 de Fevereiro nós vamos encontrar? — perguntou D.B. — Eles sabem que nós estamos indo? Eles vão nos reconhecer?

O Líder da Equipe não tinha certeza, mas compreendeu os potenciais riscos. Ele passou um rádio para avisar Rone e os homens na BMW:

— Estejam cientes, nós podemos estar entrando em território de fogo aliado. Não sabemos se a 17 de Fevereiro sabe que estamos a caminho.

— Copiado — disse Rone. — Vamos pegar o caminho de trás. Eles chegaram ao portão da frente do Anexo, um guarda levantou a cancela de aço, e Rone virou à esquerda na rua escura que chamavam de Annex Road. Com Tanto o seguindo a uns cinquenta metros no Mercedes, Rone percorreu uma pequena distância e virou à direita em uma rua sem nome. Logo chegou a um cruzamento e virou à direita novamente, na Racetrack

Road, passou pela pista de terra oval para corrida de cavalo e seguiu para o oeste na direção da Gunfighter Road. Lá ele virou à direita pela terceira vez e seguiu para o norte na direção do Complexo.

A intenção de Rone era minimizar o tempo gasto na congestionada Fourth Ring Road. Se eles se aproximassem pela Fourth Ring, os agressores no Complexo poderiam vê-los chegando desde muito longe. O caminho de Rone poderia demorar um minuto ou dois a mais, porém os operadores tinham certeza de que valia a pena, caso quisessem manter algum elemento surpresa para o contra-

ataque. Rone usara o mesmo caminho de trás, no sentido contrário, quando ele e Tig passaram pelo então tranquilo Complexo depois de conferirem a localização da reunião que estava agendada para o embaixador na manhã seguinte. O mundo inteiro tinha mudado nas duas horas que se passaram desde então.

Rone dirigia a BMW a uma velocidade um pouquinho acima da normal e Tanto o acompanhava mantendo a distância do Mercedes, para que pudessem reagir em caso de ataque. Ultrapassaram vários outros carros sem chamar atenção indesejada. A preocupação de Rone e Tanto era de que, caso fossem em alta velocidade na direção do Complexo, qualquer miliciano da 17 de Fevereiro que encontrassem poderia confundi-los com extremistas inimigos intencionados a se juntarem ao ataque. Ou então policiais exageradamente agressivos da já suspeita SSC líbia poderiam tentar fazê-los estacionar na esperança de extorquirem um suborno. Durante o período em que se aproximavam do Complexo, houve pouca conversa entre os sete homens nos veículos luxuosos transformados em transporte de tropas.

Jack considerava Rone o melhor motorista entre eles, por isso sentia-se confortável com seu velho amigo na direção do carro que seguia na frente. Entretanto, preocupava-se com a possibilidade de sofrerem uma emboscada

no caminho. Sua visão ainda estava um pouco embaçada, mas manteve a cabeça em movimento, olhando para frente e para trás, para a direita e a esquerda, atento à possibilidade de surgirem combatentes hostis ou algo que parecesse estranho. Tig fazia o mesmo no banco de trás.

Jack riscava mentalmente itens de sua lista de possíveis riscos: bombas na lateral da estrada, granadas lançadas por foguetes, franco-atiradores. As emoções conflitantes faziam uma corrida em circuito oval em sua cabeça: *Esses caras que se fodam. Como eles se atrevem a nos atacar?* Por outro lado: *Provavelmente nunca mais vou ver minha mulher e meus filhos de novo. Mas este é o serviço: Não temos chance. Americanos precisam da nossa ajuda, e nós iríamos querer que alguém fizesse o mesmo por nós. Não seremos capazes de viver em paz se não nos esforçarmos.* Finalmente fechava o circuito em seu inimigo: *Esses caras que se fodam.*

Pouco tempo depois que os dois veículos da Força de Reação Rápida saíram do Anexo, um agente da DS no Complexo passou mais uma mensagem pelo rádio. Desta vez, ele não fez o menor esforço para disfarçar o pânico em sua voz. A essa altura, Scott Wickland tinha dito aos amigos agentes da DS Alec Henderson e David Ubben que o Casarão C estava em chamas e que o embaixador e Sean Smith tinham desaparecido. Não estava claro se a nova mensagem de rádio tinha sido de Wickland no teto do casarão ou de Henderson e Ubben no TOC do Complexo.

Jack escutou a voz dizer:

— Precisamos de ajuda. Estão ateando fogo no prédio... está enchendo de fumaça.

No BMW, os três operadores não disseram nada um ao outro sobre o apelo do agente. Não precisavam. Sabiam que seu trabalho era permanecer focados nas tarefas e nos perigos que tinham à frente. Em sua carreira de dez anos como SEAL da Marinha, Jack normalmente tinha tempo de planejar

uma operação meticulosamente, levando em consideração todos os obstáculos imagináveis. Aquela ali era o oposto. Deveriam estar prontos para qualquer coisa.

O trânsito estava leve na Gunfighter Road, ou como as pessoas dali dizem, *Shari' al-Andalus*. Então os operadores chegaram a um cruzamento onde teriam que atravessar a Fourth Ring Road. Havia carros parados e pedestres andavam de maneira confusa. Rone e Tanto diminuíram a velocidade e passaram cuidadosamente pelo cruzamento.

Uns cem metros à frente, na esquina escura de uma rua de cascalho que seguia no sentido leste-oeste e levava da Gunfighter até o portão da frente do Complexo da Missão Especial, Jack viu um grupo de árabes armados de pé ao redor de vários veículos. Alguns deles usavam máscaras de esqui pretas. Jack avistou um Técnico — uma caminhonete com o que ele imaginou ser uma metralhadora pesada instalada na parte de trás, chamada de “dushka”. Do banco de trás, Tig pensou que fosse uma arma antiaérea. Se Tig estivesse certo, ela seria inútil no combate porque só apontava para o céu. Se Jack estivesse certo, a Dushka conseguiria facilmente jogá-los para fora da estrada.

Daquela distância, vendo o mundo pela bruma verde dos óculos de visão noturna, os operadores não sabiam se os árabes eram um pelotão de milicianos aliados da 17 de Fevereiro ou parte da força de ataque com a intenção de bloquear a estrada para o Complexo. De uma maneira ou de outra, os operadores não tinham chance. Continuariam adiante.

Rone desligou o farol do BMW, diminuiu a velocidade e movimentou-se lentamente até o cruzamento. Parou o carro ao lado de um muro de bloco de

cimento de dois metros e meio. Tanto parou o Mercedes atrás. Os árabes não fizeram nenhum movimento na direção deles, então os operadores começaram a ter esperança de que fossem mesmo aliados da 17 de Fevereiro.

Quando estacionaram, os operadores escutaram um ansioso agente da DS no Complexo implorar mais uma vez pelo rádio:

— Vocês têm que se apressar. Os prédios estão pegando fogo — depois ele repetiu o desesperado apelo anterior. — Se não chegarem aqui rápido, nós todos vamos morrer!

Rone avisou aos outros operadores no BMW para saírem devagar para que não assustassem milicianos possivelmente aliados e os fizessem pensar que eles eram os bandidos.

Do banco de trás do Mercedes, o Líder da Equipe da GRS disse que achava que o cruzamento devia ser o ponto de encontro deles com os milicianos da 17 de Fevereiro. Como os milicianos ficaram à vontade, os operadores se prepararam para sair dos veículos. Tanto virou-se para o tradutor.

— Henry, coordena essa parada e descobre quem é o comandante. A gente precisa seguir em frente. Estamos muito atrasados.

Henry e o Líder da Equipe da GRS aproximaram-se com cautela dos homens no cruzamento, avançando muito lentamente, com as armas na mão, mas apontando para baixo. Rone, Jack, Tig, Tanto e D.B. permaneceram alertas ao lado dos veículos, com as armas em punho.

De repente, tiros ressoaram perto dali e todos ficaram ainda mais atentos. O som crepitou e ecoou do outro lado do muro à beira da estrada e dos prédios, tornando difícil distinguir sua origem. Eram rajadas esporádicas e aleatórias, uma, duas, três de cada vez.

Ao se protegerem perto dos muros ou dentro dos veículos, vários operadores se deram conta de que se alguém entrasse em pânico por medo de ser baleado, um tiroteio poderia facilmente eclodir entre os homens reunidos no cruzamento. Um tiroteio na rua que chamavam, Gunfighter Road, ou Rua do Atirador. Os operadores não estavam preocupados uns com os outros, mas ainda não tinham certeza sobre o que pensar dos árabes com quem eles aparentemente deveriam juntar forças. Jack imaginou a pior das possibilidades: um incidente mortal com fogo aliado.

Na primeira vez em que ouviu os tiros, Jack achou que alguém estava atirando na direção deles de um local mais ao norte da Gunfighter Road. Depois percebeu que os tiros estavam vindo da direção do Complexo, a pouco mais de 350 metros de distância a leste dali. Alguém estava atirando na direção do cruzamento onde estavam os árabes. Balas daquela localização não poderiam atingir os operadores, que permaneciam ao sul do cruzamento, protegidos pelo muro e fora da linha de tiro.

No escuro e na confusão, com balas voando, carros passando e pessoas se movimentando em todas as direções, Jack se questionava se os tiros não estavam vindo de franco-atiradores nos prédios de três e quatro andares próximos ao cruzamento. Agachado dentro do BMW, abriu a porta do passageiro de uma vez e segurou o fuzil de assalto entre as pernas pronto para levantá-lo e revidar os tiros.

Henry e o Líder da Equipe estavam aliviados em descobrir que os árabes no cruzamento eram, sim, milicianos da 17 de Fevereiro e que seu comandante falava um inglês razoável. O comandante confirmou que ele e seus homens ajudariam os americanos a reassumirem o controle do Complexo. Ou pelo menos tentariam.

Ainda assim, Tanto não gostava da cena. Ele já havia expressado suas dúvidas em relação à Brigada dos Mártires de 17 de Fevereiro para os seus

companheiros operadores e dizia suspeitar que a milícia não tinha treinamento adequado nem era inteiramente genuína sua alegação de ser aliada dos americanos. Ao observar os milicianos em ação, ele os julgou indisciplinados e desorganizados, pois se espalhavam e paravam sem nenhuma ordem ou comportamento militar aparente. Vários pareciam interessados principalmente em controlar o trânsito entre a Gunfighter Road e a Fourth Ring Road. Mesmo assim carros atravessavam com seus ocupantes encarando os americanos na rua com seus coletes à prova de balas, suas armas, óculos de visão noturna e capacetes.

Incrédulo, Tanto se virou para D.B.:

— A gente estava esperando por *aqueles* caras ali?

O único miliciano a impressionar Tanto foi um negro africano com máscara de esqui. Como os tiros esporádicos continuaram, o miliciano caiu de bruços no chão e atirou com uma metralhadora Kalashnikov leve chamada PKM, e respondeu aos tiros disparando para o leste na direção do Complexo. De acordo com o que Tanto percebia, os camaradas do sujeito mascarado pareciam não saber o que fazer.

Tig escutou o comandante da milícia dizer que eles tinham tentado seguir de carro pela estrada até o Complexo, mas que tiveram que voltar, pois começaram a atirar neles. O Líder da Equipe, Rone e o comandante discutiram uma nova aproximação.

Enquanto o plano tomava forma, Tanto e D.B. moveram-se com cautela de seu carro na direção do cruzamento. Eles olharam para a rua de cascalho.

— É uma porra de um funil fatal — comentou Tanto, imaginando o quanto ficariam expostos ao fogo inimigo se tentassem continuar pela rua a pé ou de carro na direção do Complexo.

Eles conseguiam ver a fumaça preta subindo em espirais e a iluminação alaranjada do fogo elevando-se do local de destino deles. O céu sobre os

prédios próximos ao Complexo parecia emitir um brilho âmbar. Tanto inclinou rapidamente a cabeça um pouco mais para trás e viu o pontilhado de estrelas irradiando um verde sinistro em seus óculos de visão noturna. Quando usavam os óculos, os operadores não tinham visão periférica e sua percepção de profundidade era pouca, o que fazia com que parecesse que estavam vendo o mundo através de estreitos tubos de papelão com celofane verde na ponta.

Vários minutos depois de terem chegado ao cruzamento, enquanto as conversas sobre estratégia continuavam, D.B. virou-se para Tanto:

— Ei, Tanto, vamos subir.

— Combinado. Eu vou tentar.

D.B. estava pensando como o fuzileiro naval franco-atirador que tinha sido treinado para ser. Ele vira um prédio de quatro ou cinco andares do outro lado do muro de dois metros e meio. Se conseguissem chegar a um andar alto, poderiam conseguir uma posição favorável para ver quem estava atirando neles e o que acontecia dentro do Complexo. Poderiam até mesmo ser capazes de alvejar os atiradores inimigos.

Primeiro, contudo, eles teriam que superar o muro de dois metros e meio. Um pensamento passou pela cabeça de Tanto: *Jesus Cristo, estou ficando velho demais pra isto*. Ele saíra do Anexo com sua bermuda cargo e sabia que ralaria muito a pele até chegar ao alto do muro.

Tanto se aproximou do Líder da Equipe e do comandante a 17 de Fevereiro.

— Eu e o D.B. vamos a pé — informou Tanto. — Não podemos esperar mais.

O Líder da Equipe deu-lhes permissão, e Tanto foi até Rone.

— Ei, parceiro, a gente está indo nessa. Mantenho contato, aviso quando achar que o caminho está livre para vocês seguirem pela estrada.

Tanto pendurou seu fuzil de assalto no ombro esquerdo, pegou sua metralhadora leve e atravessou uma bandoleira de munição no peito. Jogou sua mochila no ombro direito. Encheu os bolsos com pentes. Quando terminou de se equipar, Tanto percebeu que dois jovens milicianos da 17 de Fevereiro com AKs-47 o observavam.

— Ei, vocês dois, venham com a gente.

Os milicianos concordaram com um gesto de cabeça. Tanto e D.B. os levaram na direção do muro.

Trancado dentro do TOC do Complexo, o agente da DS Alec Henderson continuava a se comunicar com o Anexo, a embaixada em Trípoli, e o Departamento de Estado em Washington. Ele espalhou a notícia de que Scott Wickland estava sofrendo devido a uma severa inalação de fumaça, que se encontrava no telhado do Casarão C e que Chris Stevens e Sean Smith continuavam desaparecidos. Descreveu os incêndios e os agressores que se espalhavam pelo Complexo.

O agente da DS David Ubben sabia que eles só precisavam de um agente no TOC para manter a comunicação. De acordo com o que ele e Henderson conseguiam ver no monitor, parecia que os agressores tinham se afastado do TOC e da Cantina depois de não terem obtido sucesso em chegar até os americanos dentro dos prédios. Se Ubben conseguisse chegar aos dois agentes da DS que tinham vindo de Trípoli e que estavam com o guarda líbio, talvez conseguissem formar uma equipe e encontrar os homens desaparecidos. Ele contou o seu plano para os agentes na Cantina via rádio.

Com equipamento de combate completo e arma na mão, Ubben abriu violentamente a porta do TOC e jogou uma granada de fumaça na passagem

que separava o TOC da Cantina. Henderson deu cobertura e Ubben preparou-se para sair. Usando a fumaça branca para ocultar seus movimentos, Ubben correu pela passagem e entrou na Cantina saqueada. Ele atravessou o prédio saqueado e encontrou o cômodo onde os dois agentes de Trípoli esperavam juntamente com o guarda da Blue Mountain. Eles removeram a barricada que tinha impedido a entrada dos agressores e os dois agentes de Trípoli juntaram-se a Ubben para tentar chegar ao Casarão C. Disseram ao guarda para ficar escondido na Cantina.

Sem saber ao certo onde os agressores poderiam estar, seguir a pé parecia suicídio. Do lado de fora havia um veículo blindado que os agressores não tinham conseguido queimar por ficarem sem diesel. Depois de pegarem a chave no TOC, Ubben e os dois agentes de Trípoli entraram depressa no carro e percorreram o curto caminho até o casarão. Correram até o pátio onde ficava a janela usada por Wickland. Os três agentes da DS subiram a escada até o telhado e encontraram Wickland vomitando devido à grave inalação de fumaça e prestes a perder a consciência.

Desesperado para encontrar Stevens e Smith, Ubben e os dois agentes de Trípoli desceram a escada. A zona de segurança ainda estava repleta de fumaça de diesel venenosa. A visibilidade continuava ruim. Dois dos agentes estabeleceram um perímetro defensivo para vigiar a janela, o terceiro entrou e começou a engatinhar pelo chão à procura do embaixador e do especialista em comunicação. Ele conseguiu ficar lá dentro pouco tempo antes que a falta de ar o levasse de volta para a janela.

Ubben e os dois outros agentes da DS se revezavam entre a terrível e extenuante busca e a vigia no perímetro defensivo. Cada vez que um homem saía do casarão sem ar e de mãos vazias, outro entrava.

SEIS

Gunfighter Road

Depois de entrar no Anexo, Oz foi direto para o Prédio C. Ali encontrou Bob, o chefe da base, e vários outros funcionários da agência do lado de fora, falando em seus celulares. A moça a quem ele acompanhou no jantar saiu depressa da Toyota e correu para dentro do Prédio C para descobrir o que estava acontecendo. Outros funcionários do Anexo perambulavam pela propriedade, movendo-se à vontade de prédio em prédio. Alguns pegavam seus pertences pessoais nos alojamentos em que moravam. Para Oz, vários dos moradores do Anexo pareciam arrebatados pelo tumulto e não sabiam para onde ir nem o que fazer.

Isto vai ser igualzinho a pastorear gatos, pensou Oz.

Seu colete à prova de balas e kit estavam no quarto, mas não havia mais tempo para pegá-los. Ainda usando a calça marrom e a camisa social de manga comprida do jantar, Oz caminhou depressa até Bob e o inundou de perguntas.

— Quais as novidades? Os caras levaram uma quantidade suficiente de armas? Onde, exatamente, está todo mundo que ficou aqui?

Bob rapidamente colocou Oz a par do que estava acontecendo e voltou para as suas ligações telefônicas. Oz não fez objeção, pois entendia que Bob

precisava ajudar a coordenar a reação, lidar com a milícia 17 de Fevereiro e informar continuamente Washington e Trípoli sobre o ataque que estava em curso.

Ao olhar ao redor do Anexo, uma sensação desconfortável se apoderou do estômago de Oz. Pela maneira como as pessoas andavam de um lado para o outro, parecia que não lhes tinha ocorrido que o Complexo poderia não ser o único alvo dos violentos extremistas antiamericanos. Era necessário constituir e fortificar defesas no Anexo imediatamente. Esse trabalho tinha caído em suas mãos, já que era o único operador da GRS que não estava a caminho do Complexo.

Ao mesmo tempo em que Oz entrou em ação, ele reprimiu um corrosivo sentimento de frustração e desapontamento que surgira quando voltavam de carro do jantar. Anos antes, sua esposa tinha lhe dado uma camiseta com uma pergunta estampada na frente: “Você sabe a diferença entre eu e você?” A resposta estava nas costas: “Você corre do fogo e eu vou em direção a ele.” Oz usava a camisa com orgulho e vivia de acordo com aquela mensagem. Agora, entretanto, como o único operador que não estava participando do esquadrão de resgate do Complexo, ele sentiu-se excluído. *Eu queria estar levando o combate até eles, em vez de ficar sentado aqui esperando que venham até nós*, ele pensou. *Eu não quero ser zagueiro nem ficar jogando no meio do campo. Quero ser o cara que leva a bola até o gol.*

Oz sabia que não podia perder tempo com aqueles pensamentos então ocupou a cabeça e concentrou sua energia em delinear um plano improvisado de defesa usando os recursos limitados e o pessoal que tinha à mão. Embora todos os oficiais de inteligência da CIA no Anexo tivessem algum treinamento e certa familiaridade para lidar com armas, Oz considerava a maioria deles despreparados para o combate. Em outras palavras, eram não atiradores. Ele calculou mentalmente quem estava ali e

concluiu que a sua equipe básica consistia de seis combatentes com diferentes níveis de experiência e treinamento militar, três americanos e três líbios.

Os americanos eram ele mesmo, o chefe da segurança do Anexo e um oficial de inteligência que tinha experiência de combate adquirida no Afeganistão. Os três líbios eram os guardas do Anexo, todos amigos ou familiares do dono daquela propriedade, que insistiu para que eles fossem contratados quando os americanos alugaram o Anexo. Ainda que Oz fosse confiar nos cinco homens, ele considerava que proteger o Anexo era uma responsabilidade só sua.

Oz fez com que os americanos remanescentes no Anexo se reunissem no Prédio C. Ali, a reforçada Área de Informações Confidenciais Compartimentadas poderia servir como último refúgio se o Anexo fosse invadido. Ele posicionou um funcionário de apoio do Anexo do lado de fora do Prédio C com um fuzil de assalto e disse a ele para não deixar que mais de uma pessoa de cada vez fosse a outro prédio, e somente se fosse absolutamente necessário. Dessa maneira, Oz não teria que buscar mais de um desgarrado em caso de emergência. O operador sabia que o serviço de telefonia celular dentro do Prédio C era ruim, então disse ao funcionário para deixar qualquer um que precisasse fazer ligações oficiais ficar do lado de fora, desde que ali perto.

Quando Bob, o chefe do Anexo, deu uma pequena pausa entre ligações, Oz lhe pediu para que reforçasse a regra de que todos deveriam ficar dentro ou bem perto do Prédio C.

— A minha maior preocupação é com o controle — disse Oz a ele. — Preciso saber onde está todo mundo, o tempo todo.

Bob concordou e, com a aprovação do chefe da base, o funcionário com a arma assumiu seu posto como monitor da porta. Oz atravessou correndo a

estradinha até o Prédio B e foi ao seu quarto pegar o kit. Sem trocar de roupa, colocou o colete à prova de balas, o capacete e os óculos de visão noturna. Pegou o fuzil de assalto e a mochila, que continha doze pentes extras, dois torniquetes e outros equipamentos médicos. Determinado a não ficar sem munição, pegou mais meia dúzia de pentes e os enfiou nos bolsos de trás e do lado enquanto saía correndo.

Carregando o seu próprio fuzil de assalto, o oficial de inteligência com experiência militar adquirida no Afeganistão viu Oz e perguntou como poderia ajudar. Ele o mandou para uma escada que ficava num canto a nordeste do Prédio C. A escada levava a um telhado plano de cimento cercado por um parapeito de um metro de altura feito com blocos de concreto e que ele podia usar como abrigo. Nos meses anteriores, os operadores tinham feito um plano de defesa do Anexo e nele o telhado do Prédio C era usado como primeira posição de combate. No telhado, havia galões de metal verdes lacrados com milhares de cartuchos de munição, incluindo munição para metralhadoras alimentadas por cinta, pentes para fuzis de assalto, e granadas que lembravam saleiros grandes, para serem usadas com lançadores de granadas. O plano dizia que as armas deveriam ser levadas para cima quando o combate começasse, para evitar que elas ficassem entupidas por causa de areia e poeira.

Oz subiu até o telhado com o oficial de inteligência que tinha treinamento militar, para dar uma olhada. A noroeste, na direção do Complexo, ele viu o brilho de balas traçantes cruzando o céu noturno. Não parecia haver nada fora do comum nas imediações do Anexo. Ele vasculhou a área ao redor com seus óculos de visão noturna, mas não viu ninguém tentando se aproximar sorrateiramente deles vindo da área desolada ao norte e ao leste que eles chamavam de Zumbilândia. Oz disse ao oficial de inteligência para permanecer em cima do telhado, de sentinela, e para avisá-

lo pelo rádio se escutasse ou visse alguma coisa incomum. Oz desceu e continuou sua ronda.

Ele posicionou o líder da segurança do Anexo no portão da frente com liberdade para movimentar-se entre essa posição e o Prédio C, que ficava há uns cinquenta metros dali. Oz sentia-se confiante no discernimento do sujeito e sabia que ele tomaria decisões certas sobre onde ficar. A prioridade, ambos tinham consciência, era proteger as pessoas no Prédio C. Se agressores irrompessem pelos muros do Anexo e viessem atirando neles, precisariam de atiradores dentro do prédio, uma posição de relativa força se invasores tentassem entrar pelas portas, um ou dois de cada vez.

Com o oficial de inteligência e o líder da segurança posicionados, Oz foi trabalhar na linha externa de defesa: os três guardas líbios. Meses antes, os operadores tinham construído várias plataformas de aço próximas aos muros do Anexo para serem usadas como posições de combate caso fossem atacados. O piso das plataformas enferrujadas, de um laranja amarronzado, era alto o bastante para permitir que os operadores que estivessem defendendo o Anexo atirassem por cima dos muros. As plataformas, a que os operadores chamavam de “torres”, eram grandes o suficiente para que dois combatentes se movessem e agachassem confortavelmente sem trombar um no outro.

Oz posicionou um dos guardas líbios em uma torre próxima ao portão da frente. Colocou outro em uma torre à esquerda na parte de trás do Prédio C. Oz pôs o terceiro em uma torre no canto sudeste da propriedade. O operador movimentava-se entre uma e outra para ter certeza de que os guardas tinham munição suficiente e estavam preparados para o combate. No mínimo, ele esperava que mantivessem suas posições e o avisassem sobre um ataque.

Enquanto Oz andava pelo Anexo, escutava as mensagens trocadas entre seus companheiros de equipe e os agentes da DS dentro do Complexo. Ele estava muito ocupado para se concentrar em tudo o que falavam, mas podia afirmar que a situação não parecia nada boa. Depois de posicionar os homens nas torres, Oz voltou para o Prédio C, ainda com a esperança de que os guardas líbios fossem corajosos e leais o bastante para não fugirem ao primeiro sinal de problema. Ele pensava o mesmo sobre os milicianos da 17 de Fevereiro que deveriam dar apoio aos seus amigos no Complexo.

Quando Oz organizou as defesas do Anexo, um supervisor dos três guardas líbios veio ao portão da frente e pediu para falar com Bob. Os membros da equipe do Anexo estavam familiarizados com aquele homem, então Oz permitiu que ele entrasse armado com uma pistola. O supervisor dos guardas fora ao Anexo para persuadir o chefe da base da CIA para que evacuasse o local imediatamente.

— Vocês têm que ir embora — recomendou o supervisor. — Este lugar não é seguro para vocês.

Oz o levou até o Prédio C para que ele conversasse com Bob. Oz voltou para o seu serviço enquanto o supervisor dos guardas e o chefe da base conversavam do lado de fora, mas Oz já sabia qual seria o resultado. Seis operadores e um tradutor do Anexo estavam a caminho de um Complexo diplomático dos EUA invadido e em chamas, onde um embaixador e seis outros americanos estavam em perigo mortal. Se todos, ou alguns daqueles quatorze americanos, saíssem vivos de lá, eles precisariam de um lugar para se refugiarem. Os homens e as mulheres no Anexo não iriam a lugar algum.

Perto da esquina sudeste do cruzamento da Gunfighter Road com a rua de cascalho que levava ao Complexo, Tanto, D.B. e os dois jovens milicianos da 17 de Fevereiro aproximaram-se do muro que tinham a intenção de pular. Com alguma sorte, eles chegariam a um prédio alto que poderiam usar como base para um franco-atirador e torre de reconhecimento. Tanto continuava apreensivo em relação aos combatentes da 17 de Fevereiro, mas sentia que aqueles dois eram confiáveis.

Quando a equipe de franco-atirador/observador partiu, Rone, Jack e Tig saíram do BMW e seguiram na direção do cruzamento. Muros de blocos de concreto cercavam a maioria das propriedades na área, então os operadores os usavam como abrigo. Moviam-se com cautela na direção norte da rua com a coronha dos fuzis no ombro e os canos apontados com segurança para baixo. O dedo indicador ficava perto do gatilho, mas sem encostar nele. O polegar acariciava a trava de segurança, pronto para trazer a arma à vida.

Rone aproximou-se do lado do motorista da caminhonete chamada de Técnico e que tinha a arma montada, abrigando-se atrás do bloco do motor. Jack posicionou-se na esquina sudeste do cruzamento. As luzes das casas e a oscilante iluminação da rua faziam com que os óculos de visão noturna fossem desnecessários naquele momento. Jack esticou a cabeça na esquina para examinar o portão do Complexo que ficava a pouco mais de 350 metros dali. Foi a primeira vez que visualizou os agressores que tinham atacado o Complexo e agora atiravam em sua direção. Viu oito ou nove árabes e pelo menos alguns deles tinham armas à vista.

Às vezes os agressores atiravam nos operadores e nos milicianos da 17 de Fevereiro de trás das barreiras de New Jersey do lado de fora do portão do Complexo. Em outros momentos, eles se aglomeravam do lado de fora. Estavam muito longe para que Jack os identificasse. A única coisa que

conseguia ver eram figuras sombreadas movimentando-se perto do portão. De repente, Jack escutou vários tiros altos vindos de perto. Um dos milicianos, no Técnico, deu vários tiros com balas de alto calibre na direção do Complexo. Os operadores sentiram as ondas de choque dos tiros reverberarem no peito.

Rone deu a volta na caminhonete e Jack se inclinou em uma das pontas do veículo para se juntarem ao tiroteio. Depois de dar vários disparos, eles voltaram abaixados para se abrigarem. Três milicianos da 17 de Fevereiro na esquina nordeste da Gunfighter Road com a rua de cascalho reagiram aos tiros dos agressores. Estes responderam com disparos esporádicos.

Quando Tig se deslocou para juntar-se a eles, um miliciano da 17 de Fevereiro no lado oeste da Gunfighter Road atirou duas granadas com um lançador de foguetes em direção aos homens do lado de fora do portão do Complexo. O miliciano que lançou as granadas estava posicionado mais ou menos vinte metros atrás de Tig, que escutou o alarmante zunido das bombas passando por cima da cabeça. As granadas não intimidaram os agressores, que continuaram atirando.

Tig respondeu com mais poder de fogo. Ele tinha levado seu próprio lançador de granadas e disparou três cartuchos altamente explosivos e de finalidade dupla, capazes de matar qualquer um dentro de um raio de cinco metros e ferir quem estivesse num raio de trinta metros. Cada projétil era lançado com um ressoante *fuump*, que era seguido por um silêncio momentâneo, interrompido pelo *cabum* da explosão. O lançador tinha um alcance de aproximadamente 320 metros, mas Tig propositalmente arremessou as granadas a uma distância um pouco menor para posicionar os explosivos bem em frente aos agressores e evitar o portão do Complexo. Ele tinha a preocupação de que acertar diretamente o portão pudesse atrasar

os operadores, os expondo a tiros quando chegasse a hora que entrassem por ele para dominar o Complexo.

Os operadores não conseguiam ver se as granadas de Tig feriram ou mataram os homens do lado de fora do Complexo, mas sem dúvida os poderosos explosivos os dispersaram. Os tiros dos agressores na direção da Gunfighter Road pararam. Quando os operadores olharam para a rua, depois do terceiro disparo de Tig, não havia ninguém entre eles e o portão principal. Era o momento dos operadores se aproximarem.

Primeiro, Tig correu de volta para o carro para pegar seu fuzil de assalto, uma metralhadora alimentada por cinta e dois tambores de munição com duzentas balas cada. Com mais do que o suficiente para carregar, deixou sua mochila no BMW. Enquanto Tig recolhia seu equipamento, escutou o agente da DS repetir o seu apelo pelo rádio:

— Nós vamos morrer se vocês não chegarem aqui! — disse o agente, soltando palavras sufocadas e lutando para respirar.

Depois da troca de tiros, o Líder da Equipe da GRS e o tradutor Henry retomaram a conversa com o comandante da 17 de Fevereiro. As discussões se concentravam na coordenação das forças combinadas e na possibilidade de a milícia fornecer armas pesadas para um contra-ataque, uma perspectiva que parecia não estar levando a lugar algum.

Tig escutava a discussão entre o Líder da Equipe e Henry com o comandante da milícia. O comandante tinha dito a eles que não queria mover suas tropas na direção do portão do Complexo, em vez disso, ele falou que ligaria para os agressores e negociaria a libertação dos americanos presos. Tig se perguntou como o comandante da milícia sabia para quem ligar e como ele podia ter uma relação tão boa com alguém ligado aos agressores para pensar que conseguiria negociar um acordo.

Um desenvolvimento positivo da conversa era que os milicianos da 17 de Fevereiro pareciam finalmente prontos para levantar barreiras em todos os cruzamentos que levassem ao Complexo, para impedir que os agressores chamassem reforços e dominassem completamente os quatorze americanos — sete do Complexo e sete da Força de Reação Rápida do Anexo — que estariam lá.

Sem o menor sinal de que a milícia se moveria além do perímetro da batalha, Tig, Rone e Jack se cansaram de esperar.

— Foda-se — esbravejou Tig. — A gente vai nessa.

Rone chamou Tanto pelo rádio:

— Pessoal, a gente vai começar a se aproximar a pé. O que vocês estão vendo, Tanto?

Tanto, D.B. e os dois milicianos ainda não tinham chegado ao lugar mais alto, e por isso Tanto informou:

— Acho que dá pra ir. Não estou escutando muitos tiros vindos de lá. Com certeza tem um incêndio no consulado, ele está em chamas. Vão lá e façam o que têm que fazer. Atirem, se movimentem, comuniquem e vocês vão ficar na boa.

— Copiado.

Tig passou um rádio para o Anexo para informar a Bob e aos outros que eles avançariam.

Reclinando-se para a frente, com as armas em punho, Rone, Jack e Tig deram a volta na esquina e foram para a rua de cascalho de pista dupla e esburacada que levava até o Complexo. Ficaram bem encostados no muro no lado sul e entravam e saíam por vãos que levavam a entradas de casas ou

marcavam a separação entre propriedades. Alternando a posição de liderança, cada um fazendo a cobertura do outro e expondo-se o mínimo possível, Rone, Tig e Jack entravam e saíam de dois canteiros de obras movendo-se constantemente pelo escuro na direção do Complexo. Seus músculos se retesavam enquanto olhavam atentamente de um lado para o outro. A cada passo, esperavam encontrar um inimigo.

As lentes de contato de Jack tinham finalmente se ajeitado e ele enxergava bem, mas na confusão da troca de tiros ficou momentaneamente desorientado. Ele perguntou a Tig:

— O portão é na esquerda ou na direita?

Tig respondeu que era na direita e Jack reorientou-se. A temperatura tinha chegado a 29 graus durante o dia e a noite estava apenas seis graus mais baixa. Quando, devido ao esforço, o corpo de Tig aqueceu demais, seus óculos embaçaram tanto que ele os achou inúteis e os levantou para o capacete.

Aproximadamente 140 metros rua abaixo, os três operadores se depararam com um homem desarmado na faixa dos quarenta anos falando ao celular. De calça larga e camisa polo, o sujeito parecia ter saído de uma das casas para ver o que estava acontecendo, como se um desfile estivesse passando por ali.

— Abaixa! Abaixa! — gritaram os operadores.

O homem apontou para o celular e continuou falando. Os operadores decidiram que ele poderia ser uma ameaça para si mesmo, mas não para eles. Abanando a cabeça e olhando com cara feia para ele, continuaram se movendo.

Jack e Tig escutaram vozes falando árabe de maneira rápida e em tom de urgência. Eles olharam para a esquerda e viram movimento do outro lado da rua, a uns quinze ou vinte metros deles.

Putá que pariu — pensou Jack. Quem é a porra DESTES caras?

Com uma olhada rápida, concluiu que os três homens não ofereciam perigo algum. Ao contrário, eram os autodesignados apoios para os operadores. Eram os milicianos que tinham revidado os tiros dos agressores da esquina nordeste do cruzamento. Eles agora estavam acompanhando os movimentos dos operadores do outro lado da rua. Jack e Tig perceberam que eles aprenderam com os movimentos dos americanos e faziam o mesmo percurso de entrada e saída nos canteiros de obras e entradas das casas em busca de abrigo ao se moverem para o leste.

Jack não sabia o quanto o trio seria útil, mas eles pelo menos estavam ali. Depois de toda a incerteza, pelo menos cinco membros da Brigada dos Mártires de 17 de Fevereiro tinham cumprido a promessa de dar apoio à Força de Reação Rápida americana: três na rua de cascalho e dois em busca de um local para o franco-atirador com Tanto e D.B.

À frente, os três operadores viram um grande monte de terra em frente a um canteiro de obras, a uns cem metros do portão do Complexo. Jack e Tig olharam para o monte com mais de cinco metros de altura e tiveram o mesmo pensamento: ponto de vantagem.

Ter um franco-atirador posicionado na rua enquanto eles se moviam para dentro do Complexo lhes daria cobertura e vantagem tática. Eles esperavam que o monte de terra fosse firme, mas assim que Jack e Tig começaram a subir, sentiram como se estivessem em uma duna de areia. As pernas afundavam até os joelhos enquanto subiam com dificuldade. Cada homem carregava vinte quilos ou mais de arma, munição, colete à prova de balas e equipamento, e o peso parecia aumentar a cada passo.

—Filho da puta — xingou Tig, com a respiração cada vez mais ofegante.

Jack também estava ficando sem fôlego e percebeu que estava pior que o parceiro. Ele sabia que os exercícios de Tig incluíam longas corridas ao redor

do Anexo, e Jack sentiu-se culpado por focar na força da parte superior do corpo e negligenciar os membros inferiores.

— Cara — Jack falou no meio do monte, suando baldes e bufando para conseguir respirar —, preciso malhar mais as pernas.

Mas Tig sentia-se igualmente esgotado. Suas longas corridas tinham deixado os músculos das pernas doloridos.

— Cara — arquejou ele —, eu devia correr muito *menos!*

Os dois tossiam e riam. Quando chegaram ao topo, Jack e Tig descobriram que não estavam alto o suficiente para ver pelos muros do Complexo. Subiram o monte para nada. Para dobrar a frustração deles, ao descerem deslizando, o tambor de munição da metralhadora alimentada por cinta de Tig caiu. Eles não tinham tempo para reatá-lo, então Tig optou pelo “estilo Rambo”. Ele separou mais de cem balas do tambor perdido, dividiu a cinta em duas, deixou metade dependurada na arma e jogou a outra metade sobre o ombro.

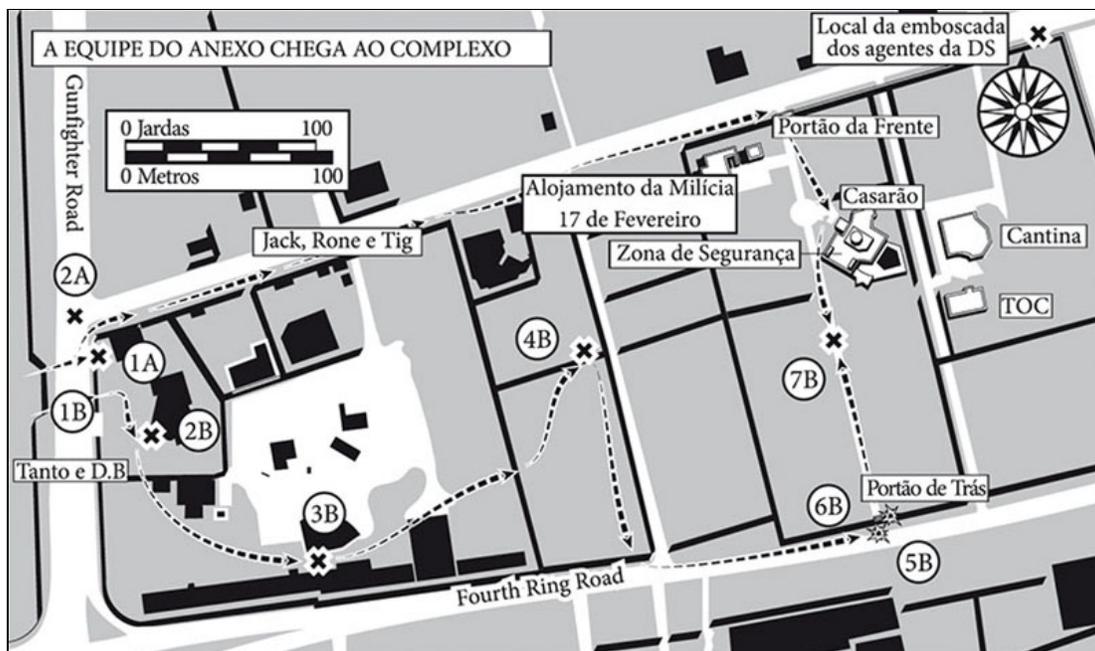
Tig sabia que a missão deles era salvar vidas no Complexo, mas isso não era a primeira coisa que lhe vinha à mente enquanto aproximava-se de seu destino. Seu primeiro pensamento era a sobrevivência. A cada passo, lançava os olhos de um lado para o outro e agarrava com mais força a metralhadora. O ex-Fuzileiro Naval repetia um único pensamento existencial: *Alguém virá nos enfrentar?*

Enquanto Tig e Jack escalavam o monte de terra, Rone tinha continuado a se movimentar adiante em direção ao portão. Ele se curvou atrás de uma das barreiras de trânsito à direita da entrada do Complexo e ficou esperando

seus parceiros. Rone passou um rádio para Tanto e D.B. para informar que tinham chegado ao portão e estavam se preparando para entrar.

Os primeiros a se juntar a Rone foram os três milicianos, que assumiram posições de cobertura perto das barreiras. Em frente a eles havia uma arcada de concreto de uns seis metros de largura e quatro de altura, pintada com uma amigável tonalidade de amarelo. Bem no fundo da arcada ficavam os pesados portões, seus balaústres de ferro forjado eram fixados em sólidas placas de aço para impedir que qualquer pessoa conseguisse abri-los à força, os escalasse ou derrubasse a tiros. Normalmente fechados, com exceção de quando veículos entravam ou saíam, os portões estavam escancarados. Alguém tinha dedicado um tempo para fixar a parte de baixo dos portões aos engates que ficavam na entrada para evitar que eles se fechassem sozinhos. Também aberto estava o portão de aço adjacente para pedestres.

Quando Jack chegou às barreiras de New Jersey, notou que um dos milicianos agachados ali perto tinha não apenas uma AK-47, mas também um lançador de granada dependurado nas costas. O operador ficou momentaneamente preocupado se aquele homem podia representar uma ameaça para Rone, então Jack ficou de olho nele, com a arma em punho, preparado para atirar se o miliciano apontasse a arma na direção do colega. O miliciano não demonstrou nenhum sinal de que era uma ameaça, então Jack chegou à conclusão de que ele deveria ser um dos caras do bem. Jack correu, aproximou-se do sujeito de uma vez e ajoelhou do lado esquerdo dele. Quinze centímetros separavam seus ombros enquanto olhavam para o portão.



- 1A - Encontro com a Brigada dos Mártires de 17 de Fevereiro
- 2A - Tig dispara um lançador de granadas para que parassem de atirar neles
- 1B - Pulam o muro
- 2B - Verificam se há inimigos antes de avançar
- 3B - Sobem um prédio de quatro andares na esperança de impedir disparos inimigos na direção do Complexo
- 4B - Muro desaba enquanto Tanto tentava pulá-lo
- 5B - Contra-ataque com lançador de granadas e armas leves
- 6B - Pulam o portão de trás
- 7B - Encontro com Tig e avanço para verificar a existência de inimigos e procurar sobreviventes

A alguns metros dali, Tig continuava a brigar com a munição da sua metralhadora alimentada por cinta. Ele se esforçava para tirar um segundo tambor de uma bolsa de lona improvisada. Tig queria que o tambor estivesse preso com segurança na arma, assim não ficaria sem balas quando o tiroteio começasse. Ele passou um rádio para o Anexo:

— Estamos entrando no Complexo.

Rone considerou a mensagem de rádio de Tig um sinal. Sem avisar seus companheiros, ele ficou de pé num pulo e contornou rapidamente a barreira de concreto. Rone deu a volta em um canto com cercas-vivas baixas, atravessou correndo o portão e entrou no Complexo com seu fuzil de assalto apontado diretamente para a frente.

Jack tinha pensado que fariam contato visual ou outro tipo qualquer de comunicação antes de se moverem. Mas quando viu Rone se movimentando, seu treinamento entrou em ação. Uma regra fundamental entre os SEALs e outros combatentes das Forças Especiais é a de que ninguém entra sozinho, jamais, não interessa se estão entrando em um cômodo ou em um espaço aberto. Rone fora treinado da mesma maneira, por isso Jack sabia que quando ele liderasse a investida, Rone teria certeza de que Jack e Tig lhe dariam cobertura.

Jack levantou-se de uma vez, contornou a barreira e correu para dentro do Complexo.

Tig estava lutando com sua arma quando Rone e Jack entraram. Estava de pé segundos depois, entretanto esse pequeno lapso foi suficiente para que alguém começasse, do leste, a atirar na direção da estrada de cascalho em ele que estava. Os tiros vieram de um cruzamento com uma rua que os operadores chamavam de Adidas Road porque ali havia uma loja de artigos esportivos.

Tig se jogou no chão atrás de uma barreira e uma bala zuniu por cima de sua cabeça. Ele pressionou o botão em seu rádio para falar:

— Ei, base, estão atirando em mim, mas não fui atingido!

Colado no chão, Tig olhou para cima e viu o brilho dos tiros passando por cima de si. Um dos milicianos da 17 de Fevereiro levantou-se a uns três metros à sua esquerda. Ele colocou a AK-47 no automático e disparou rajadas a uma taxa de seiscentas balas por minuto. Quando o pente esvaziou,

ele se abaixou para recarregar. Tig colocou seus óculos de visão noturna e entrou no combate. Ele levantou sua metralhadora, que estava totalmente carregada e a apoiou na parte de cima da barreira.

Quando Tig se preparou para atirar, um homem desarmado vindo da rua escura correu na direção dele com as mãos levantadas.

— Amigo! Amigo! 17 de Fevereiro!

Ainda pronto para abrir fogo, Tig chamou a atenção do miliciano que recarregava sua AK-47.

— Amigo! — gritou de novo o homem desarmado. — 17 de Fevereiro!

Tig e o miliciano armado trocaram olhares inquisitivos que Tig traduziu para a linguagem universal do soldado: *Quem é essa porra desse maluco?*

Tig suspirou. Quem quer que estivesse atirando neles do alto da rua tinha fugido, ou estava morto, ou ferido pela barragem da AK-47. De qualquer modo, os tiros vindos de lá haviam parado. Tig apontou dois dedos para os olhos fazendo um gesto para que o miliciano armado continuasse tomando conta do sujeito que acabara de chegar. O miliciano fez que sim com a cabeça.

Tig levantou-se com a arma em punho e correu na direção do Complexo para alcançar Rone e Jack.

D.B. assumiu a liderança quando a equipe de franco-atirador/observador se aproximou do muro de dois metros e meio perto da Gunfighter Road e da rua de cascalho que levava ao Complexo. Depois de pular o muro, apoiou-se em um joelho para dar cobertura aos outros dois milicianos da 17 de Fevereiro e, por último, a Tanto, quando estavam todos reunidos do outro lado.

Em frente estava o prédio alto que eles esperavam usar como base elevada. Mas antes de irem naquele caminho, queriam ter certeza de que não havia ninguém aguardando para fazer uma emboscada. Havia uma casa de bloco de concreto em construção vizinha do prédio que tinham escolhido. Tanto deu cobertura enquanto D.B. e os outros dois milicianos certificaram-se de que estava vazia.

Quando o trio retornou, o esquadrão foi para o prédio alto. Mas à medida que se aproximavam, Tanto e D.B. se deram conta de que, mesmo que chegassem ao topo, estariam muito longe do Complexo para conseguirem ver muita coisa. Mudaram os planos e continuaram seguindo em frente, com um se apoiando em um dos joelhos para dar cobertura enquanto os outros chegavam a um local onde podiam se abrigar, depois seguiam novamente usando os muros das propriedades como escudo enquanto pulavam de lote em lote. Toda vez que chegavam a um canto, não conseguiam ver o que havia adiante, por isso, Tanto e D.B. usaram uma manobra tática chamada “tomada de ângulo” ou “fatiar a torta”. O homem na liderança aproxima-se do muro perto do canto. A uma pequena distância desse canto, ele dá pequenos passos laterais em relação ao muro com a arma em punho. Com cada passo para o lado, ele verifica uma “fatia” da área escura do lado contrário ao canto, o que lhe permite de modo gradual saber se há alguém ali sem se expor ao mesmo tempo.

Quando Tanto estava em um canto, escutou a mensagem de rádio de Rone perguntando se era seguro para os operadores percorrerem a rua de cascalho. Depois de dizer a Rone que ele não conseguia ver, mas que não estava escutando nenhum tiro, Tanto seguiu em frente para o próximo canto.

Eles continuaram avançando de lote em lote, vasculhando as sombras e os passadiços sem iluminação para verificarem se não havia alguém

escondido. Assim como os companheiros operados na rua, eles esperavam ser alvejados a qualquer momento. Os dois operadores e suas sombras milicianas tentaram permanecer silenciosos e despercebidos, sem saber se uma grande força de agressores os esperava para o combate no próximo lote ou no lado oposto ao Complexo. Porém, enquanto equilibravam o movimento rápido com a permanência em segurança, acabaram privilegiando a velocidade porque sabiam que os americanos estavam em perigo dentro do Complexo.

Ao conduzirem sua equipe quadra abaixo, Tanto e D.B. perceberam que a maioria das construções era de casas térreas que não lhes serviriam de nada como torre para franco-atirador/de observação. Mas, com seus óculos, eles viram um prédio em construção cem metros à frente que deveria servir.

— Vamos chegar ao alto daquele lá e dar uma sacada no que a gente consegue ver — disse D.B.

Entraram no prédio alto e sem iluminação com cuidado, vasculhando cada andar e as escadas na medida em que avançavam. A respiração deles estava ficando mais pesada. O suor encharcava as camisas debaixo dos coletes. A metralhadora nos braços de Tanto e o fuzil de assalto pendurado em suas costas pareciam estar ganhando peso. Ele subiu as escadas primeiro, seguindo cuidadosamente na direção do inacabado quarto andar.

Quando Tanto subiu o último degrau, o panorama com que se deparou era ao mesmo tempo espetacular e horrendo. As chamas consumiam os alojamentos da 17 de Fevereiro perto do portão da frente. O casarão principal estava em brasa e faíscas alaranjadas alçavam-se ao céu negro do Mediterrâneo. Fumaça preta subia dos prédios ondulando, redemoinhando e mascarando as estrelas prateadas. Em circunstâncias diferentes, Tanto poderia ter achado aquilo estranhamente bonito. Ele desviou sua atenção da vista e concentrou-

se no rádio. Dando-se conta de que não tinha recebido nenhuma mensagem recente do Complexo, Tanto se perguntou se os americanos ainda estavam vivos.

A vista do quarto andar era surpreendente, mas frustrante. Uma fileira de árvores ocultava qualquer movimento no terreno do Complexo, tornando impossível para eles instituir ali um posto para franco-atirador e de reconhecimento, D.B chegou ao último andar e ficou ao lado de Tanto.

— Não serve pra nada! — reclamou ele.

Voltaram para baixo, reagruparam-se com os milicianos da 17 de Fevereiro e continuaram seguindo em frente. Os quatro homens atravessaram como lebres um campo aberto de terra e mato, pularam um muro, depois repetiram o processo em outro terreno infértil e outro muro. O deslocamento os levou até mais um muro, esse era perpendicular ao muro que cercava o lado oeste do Complexo. D.B. jogou sua mochila com o kit médico, munição extra e GPS para o outro lado, na intenção de pular em seguida.

A voz baixa de Tig chegou pelo do rádio.

— Estamos entrando no Complexo.

— Copiado — respondeu Tanto. — Nós ainda não chegamos. Estamos tentando encontrar com você aí.

D.B. e Tanto subiram no muro perpendicular ao Complexo. Quando chegaram lá em cima, perceberam que ainda não conseguiam ver dentro do terreno. Isso significava que não havia motivo para que pulassem para o outro lado. Um plano melhor, eles concordaram, seria dar a volta até o lado sul do Complexo e ver se conseguiam entrar pelo portão B1 na parte de trás, que dava na Fourth Ring Road. O casarão em chamas ficava virado para a frente do Complexo. Ao aproximarem-se por trás, Tanto, D.B. e os

milicianos possivelmente conseguiriam atacar de surpresa qualquer agressor levado para lá por Rone, Jack e Tig.

Quando Tanto estava começando a descer, parte do muro desmoronou. Ele caiu com força no chão ralando e machucando muito a perna esquerda. Escorria sangue dos cortes e ralados em seu braço esquerdo.

D.B. pulou do muro. Ele e um dos milicianos da 17 de Fevereiro correram para cima de Tanto.

— Cacete — xingou D.B. — Você está bem?

— Tô — respondeu Tanto. A perna estava machucada, mas ele não tinha quebrado nada. — Estou beleza. A gente tem que ir.

D.B. olhou de volta para o muro.

— Puta merda, minha mochila!

Eles já tinha se atrasado demais, primeiro no Anexo e agora tentando chegar ao Complexo. Os rádios estavam silenciosos. Isso não devia ser boa sinal. Subir em um muro já meio desmoronado para procurar a mochila de D.B. no escuro lhes tomaria mais tempo, um tempo que poderia significar vidas.

— Parceiro — disse Tanto —, foda-se. Eu tenho mais pentes.

D.B. sabia que ele estava certo.

Correram na direção da Fourth Ring Road. Enquanto corriam lado a lado, bufando e arquejando, D.B. deu uma olhada para Tanto e riu.

— Que merda, hein? — comentou D.B.

Sem fôlego para responder, Tanto devolveu o sorriso.

Depois de verificarem se não havia ninguém perto de outro muro, chegaram a um mercadinho que ficava a cinquenta metros do portão de trás do Complexo. Mais ou menos uns dez espectadores estavam em frente à loja, olhando para os incêndios dentro do Complexo. Tanto falou para os

seus dois companheiros da 17 de Fevereiro para ficarem de olho naquelas pessoas enquanto ele e D.B. iam até o portão.

Ao se afastarem da loja, Tanto e D.B. deram de cara com o comandante da 17 de Fevereiro falando ao telefone em árabe. Não estava claro como o líder da milícia tinha chegado àquele local, mas Tanto imaginou que os dois milicianos que eles trouxeram consigo deviam ter avisado a ele pelo rádio.

— Ei, parceiro — disse Tanto, apontando para os curiosos no mercadinho. — Aquele pessoal lá é da sua equipe? Eles são aliados?

— Não são, não — respondeu o comandante, em inglês.

— Então certifique-se de que eles não vão atirar na gente — disse Tanto. — Se atirarem, mata todo mundo.

O comandante da milícia confirmou com a cabeça enquanto continuava falando ao telefone.

Enquanto Tanto seguia em direção ao portão, resmungou entredentes:

— Cara, eu queria entender um pouco mais de árabe. Estou com o pressentimento de que ele está falando com os bandidos, falando pra eles que a gente está entrando.

Tinham se passado mais de quarenta minutos desde que o agente da DS Alec Henderson pressionara o alarme deitar e proteger, assim que os agressores armados invadiram o Complexo.

Durante esse tempo, um alerta sobre o ataque em curso tinha sido enviado pelo Centro de Comando de Segurança Diplomática do Departamento de Estado informando a Sala de Situação da Casa Branca, o Escritório do Diretor de Inteligência Nacional e o FBI, de acordo com o cronograma oficial do Departamento de Defesa. Em resposta a esse alerta, às

dez e trinta e dois da noite, horário de Benghazi, ou quatro e trinta e dois da tarde, horário de Washington, o Centro Nacional de Comando Militar, no pentágono, notificou o Escritório do Secretário de Defesa. A notícia chegou rapidamente ao Secretário de Defesa Leon Panetta e ao General Martin Dempsey, comandante do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas.

Panetta e Dempsey já tinham uma reunião agendada com o presidente Obama que aconteceria dali a meia hora, às cinco da tarde, horário de Washington, ou onze da noite, horário de Benghazi. Nela, Panetta declarou depois, eles discutiram possíveis reações. Panetta disse a um comitê do Congresso que Obama ordenou que o Departamento de Defesa reagisse com “todos os recursos disponíveis”. Panetta declarou que não falou diretamente com o presidente de novo naquele dia onze de setembro.

Enquanto isso, de acordo com uma carta que a Casa Branca enviou aos Republicanos no Comitê de Serviços Armados do Senado, atendendo a uma solicitação de Obama, a Secretária de estado Hillary Clinton ligou para o presidente líbio Mohamed Magariaf “para providenciar apoio adicional para proteger os americanos na Líbia e acesso ao território líbio.” Magariaf se comprometeu a fornecer “cooperação total”, dizia a carta.

Enquanto as opções militares continuavam sendo discutidas, o drone de vigilância desarmado dos Estados Unidos se aproximava do espaço aéreo da Líbia sobre Benghazi para fornecer imagens de vídeo ao vivo do Complexo em chamas. Mas às dez e trinta da noite, horário de Benghazi, o drone ainda estava a mais de meia hora de distância. Os operadores da GRS que se movimentavam dentro dos muros do Complexo faziam isso às cegas.

Enquanto o ataque estava acontecendo, Panetta mais tarde declarou no Congresso, dois pelotões de segurança de Fuzileiros Navais com base na Espanha receberam ordens para se preparar para o combate, um em Benghazi, outro em Trípoli. Uma força das Operações Especiais que estava

no meio de um treinamento na Europa Central recebeu ordens para ir a uma plataforma de concentração de tropas no sul da Europa. Informaram a uma equipe do departamento de Operações Especiais para ficar pronta para ir para a mesma plataforma.

Mas, no final, nenhuma delas foi enviada a Benghazi.

Panetta disse que consideraram a possibilidade de enviar aeronaves armadas juntamente com aviões-tanque e outros apoios. Entretanto, complementou, eles teriam levado pelo menos nove horas para chegar lá. Panetta disse que era “um problema de distância e tempo”. Autoridades da embaixada em Trípoli entraram nas discussões. Gregory Hicks, o chefe adjunto da embaixada, declarou para o Congresso que o adido de defesa na embaixada conversou com oficiais da AFRICOM e com o Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos. Hicks disse que perguntou ao adido de defesa:

— Estão mandando alguma coisa? Vão nos mandar alguma ajuda? Já tem alguma providência sendo tomada?

Hicks declarou que lhe foi dito que a ajuda mais próxima estava na base aérea dos EUA em Aviano, na Itália, onde aviões de combate da Força Aérea estavam a duas ou três horas de distância. Mas não havia nenhum avião-tanque disponível para que eles reabastecessem, portanto horas passariam antes que algum avião de combate pudesse decolar.

— E eu falei, “Muito obrigado” — declarou Hicks — e nós seguimos com o nosso trabalho.

Por fim, nenhum avião de guerra americano foi enviado a Benghazi.

A mais próxima e mais provável ajuda das forças terrestres americanas continuaria sendo a equipe de sete homens do pessoal lotado em Trípoli, a qual incluía dois operadores da ativa da Força Delta, o ex-SEAL Glen “Bub” Doherty e um linguista que atuaria como tradutor.

Enquanto os minutos passavam e o Complexo queimava, conversas sobre opções de reação e recursos disponíveis continuavam em Washington, Trípoli, no quartel general da AFRICOM, em Stuttgart, na Alemanha, e em outros lugares. Mais tarde naquela noite, uma conferência global incluiria representantes da AFRICOM, do Comando Europeu, Comando Central, Comando de Operações Especiais, Comando dos Transportes e do Exército, da Marinha, Força Aérea e Fuzileiros Navais.

Nenhuma daquelas discussões importava para os operadores que já estavam na linha de frente em Benghazi. Os membros da equipe de segurança da GRS no Anexo há muito tinham chegado à conclusão de que não poderiam esperar por ajuda externa. Não podiam esperar por drones, nem por aeronaves armadas, nem por Fuzileiros Navais lotados na Espanha. Não podiam esperar pelas equipes das Forças Especiais na Europa Central ou nos Estados Unidos, nem sequer os companheiros operadores da GRS e soldados das Forças Especiais que tinham saído de Trípoli e estavam a caminho. Não podiam esperar por uma ação dos presidentes dos Estados Unidos nem da Líbia, nem dos secretários de Estado e da Defesa. Não podiam esperar pelas Nações Unidas, pelo Exército dos Estados Unidos, pela Força Aérea, pelos Fuzileiros Navais, pela Marinha, pela Força Aérea da Líbia, por ninguém.

O Complexo da Missão especial em Benghazi tinha sido invadido. Prédios e carros estavam em chamas. Inimigos armados dos Estados Unidos perambulavam livremente do outro lado dos muros. O embaixador J. Christopher Stevens e o especialista em comunicação Sean Smith estavam

desaparecidos dentro de um casarão em chamas. Cinco outros americanos ainda continuavam em perigo.

A única opção dos operadores era agir. No Anexo, Oz se preparava para resistir e para rechaçar e repelir um possível segundo ataque. No Complexo, Tanto e D.B. seguiam em direção ao portão de trás. Rone, Jack e Tig entraram às pressas pelo portão da frente.

Nenhum deles tinha a menor ideia do que aconteceria em seguida.

SETE

Morto em Batalha

Jack irrompeu pelo portão do Complexo atrás de Rone. Quando passou por baixo da arcada de entrada, viu as costas da camisa xadrez alaranjada de Rone uns vinte metros à frente. Rone saiu correndo na direção do flamejante e esfumaçado casarão, e Jack seguiu o rastro dele.

Quando Jack chegou ao terreno bem cuidado do Complexo, ele virou de uma vez para a direita, um movimento que o fez sair da estradinha de tijolos e seguir por uma faixa grossa de grama bem tratada. Com o fuzil no ombro e o dedo próximo ao gatilho, Jack apoiou-se em um dos joelhos. Ele vasculhou a direita e esquerda, as partes da frente e de trás, dando cobertura a Rone.

À direita de Jack, depois de uma fileira de arbustos e várias palmeiras, ele viu os alojamentos da 17 de Fevereiro em chamas. Com todos os sentidos hiperatentos, Jack escutou tiros dispersos ressoarem de algum lugar dentro do Complexo. Não viu nenhum atirador no escuro e não conseguia saber de onde os tiros eram disparados. Ele sabia que estava vulnerável e exposto, mas não se movimentaria até que Rone estivesse protegido.

Quando Jack viu Rone chegar ao casarão, levantou-se e correu para se juntar a ele perto da entrada chamuscada. Dois agentes da DS que

procuravam o embaixador e Sean Smith já se encontravam lá. Estavam à direita das portas da frente que tinham sido explodidas, na área do pátio perto da janela baixa que os agentes da DS tinham acabado de usar em suas reiteradas investidas à zona de segurança, na tentativa de encontrar os homens desaparecidos. Os operadores e os agentes da DS fizeram um círculo ao lado da pilha de sacos de areia de pouco mais de um metro sobrepostos ao longo da beirada do pátio. Aos pés deles havia torrões de terra e cacos de cerâmica, restos de um vaso de barro quebrado.

Um dos agentes da DS que se encontraram com Jack e Rone era Scott Wickland. Sofrendo devido à inalação de fumaça, com os pulmões escoriados pelos gases do diesel, Wickland tinha descido do telhado do casarão e voltado a participar da tentativa de resgate. Jack mal o reconheceu. Wickland estava parecendo um limpador de chaminé, sua cara de menino e seu cabelo castanho claro estavam cobertos de fuligem preta. O vermelhão de vasos sanguíneos estourados cobriam seus olhos de pálpebras pesadas. Os ombros de Wickland estavam caídos. Os pés, descalços. As roupas eram trapos negros. O outro agente da DS de pé ao lado de Wickland era o grande David Ubben. Curvado pela fadiga, a camisa toda manchada de cinza, mostrava fraqueza em seu rosto rechonchudo. Há apenas alguns dias, os quatro homens tinham sentado do lado de fora do casarão e discutido suas preocupações sobre a carência de pessoal da equipe de segurança do Complexo; o pior medo deles tinha se tornado realidade.

Durante os poucos segundos em que os ex-SEALS e os dois agentes da DS entreolharam-se descrentes, ninguém disse nada. Ubben e Wickland abanaram a cabeça e olharam para o chão. Tinham treinado para aquilo ali e sabiam que era possível. Eles tinham reagido dando o melhor de si. Mas aquela situação era real e terrível, e não estava nem perto de acabar.

Do canto do olho, Jack olhou para as portas abertas. O saguão de entrada do casarão estava escuro, mas através da nuvem de fumaça ele viu o carvão incandescente e vermelho da madeira da mobília incinerada queimando lentamente sobre os arruinados ladrilhos de mármore do piso. Aquilo fez Jack lembrar-se de um forno à lenha para pizza. Ele conseguia sentir o calor intenso pulsando lá de dentro.

Com a voz rouca por causa da fumaça, Ubben quebrou o silêncio:

— Ainda tem gente lá dentro.

Imediatamente Rone e Jack foram para a janela no final do pátio. Wickland, Ubben e os dois agentes da DS vindos de Trípoli já tinham passado por ele diversas vezes, e a janela já estava despencando de sua armação, presa à construção apenas por um pedacinho na parte de cima. Jack não sabia aonde os agentes de Trípoli tinham ido, mas teve a impressão de que Wickland e Ubben estavam à beira de um colapso. Podiam dizer que estavam profundamente aliviados por ele e Rone assumirem a busca por Chris Stevens e Sean Smith.

Quando correram para a janela, Rone e Jack trocaram um olhar que dizia: tem como isto ficar pior? Jack acreditava que seria necessário um milagre para tirar alguém vivo dali, e teriam que permanecer vigilantes se quisessem eles mesmos sair.

Jack pulou a janela e entrou no quarto da zona de segurança do casarão. No momento em que seu pé encostou no chão, sentiu a mais intensa explosão de calor que já tinha experimentado. A única comparação em que conseguia pensar era a abertura da porta de um forno no Dia de Ação de Graças depois de um peru ter sido assado o dia todo. O nariz e os olhos dele sofreram com os vapores tóxicos e a fumaça de diesel. Gases cáusticos da queima de tecidos e de plástico pioravam o mau cheiro. Jack sentiu suas

lentes de contato secarem instantaneamente. Ele se perguntou se elas não podiam derreter em seus globos oculares.

Rone e Jack respiraram fundo e seguraram a respiração o máximo possível. Saíram em disparada, passando por mobílias e colchões espalhados pelo quarto durante as buscas anteriores dos agentes da DS. Eles entraram o máximo que conseguiram dentro do quarto e fizeram isso o mais rápido que puderam. Mas sem ar puro, não chegaram muito longe. Voltaram correndo à janela para respirar. A cada entrada, tentavam chegar um pouco mais fundo, esforçavam-se para ir mais longe com uma única respirada, mesmo sabendo que estavam abusando da sorte. *Vá longe demais, faça uma curva errada ou se perca no caminho escuro*, Jack disse a si mesmo, *e você também será um desaparecido*.

Tossindo e sentindo-se zonzos, Jack e Rone começaram a alternar suas buscas na zona de segurança e entravam pela janela do casarão fazendo revezamento. Sempre voltavam sozinhos. Frustrados por não conseguirem explorar as partes mais ao fundo da zona de segurança, tentaram passar pela porta de entrada. Dependendo de qual caminho fizessem os operadores conseguiam algumas respiradas toleráveis lá dentro e aumentavam em um ou dois minutos a busca. Mas inevitavelmente a fornalha os empurrava de volta para fora.

Em boa parte do casarão, a visibilidade era de um metro ou menos. Jack e Rone acenderam as lanternas acopladas às suas armas, mas os feixes brancos mal penetravam o negrume enfumaçado. Eles moviam e levantavam todas as mobílias com que se deparavam na esperança de encontrar seus compatriotas desaparecidos embaixo delas. Qualquer pessoa que ainda estivesse ali dentro provavelmente estaria caída, eles concluíram, então focaram a busca perto do chão. O calor era um pouco menos intenso embaixo, mas seus pés continuavam assando dentro das botas.

Jack sentiu uma onda de desesperança. *Não existe a menor possibilidade de estarem vivos*, pensou ele. *Não existe possibilidade de sobreviver a isto por mais do que alguns minutos.*

Ainda assim, ele e Rone continuaram a procurar.

Depois de mais de uma dezena de tentativas cada, Jack e Rone sentiam-se desalentados por ainda não terem conseguido chegar a alguns locais na metade de trás do casarão. Todas as vezes que tentavam, eram forçados a sair pela fumaça e pelo calor. Do lado de fora do pátio, eles deram a volta, correram até a parte de trás do imóvel para ver se conseguiam entrar por outro caminho. Ouviram tiros serem disparados ao longe, mas os agressores tinham se retirado da área ao redor do casarão e não estavam mais à vista. Mesmo assim, Jack e Rone se movimentavam em estado de alerta, com as armas em punho, os cotovelos dobrados perto do torso, as cabeças girando, os olhos vasculhando em busca de alvos.

Eles encontraram uma porta traseira aberta e entraram. Mas o local também estava muito escuro, quente e enfumaçado, por isso não conseguiram explorar muito antes de serem forçados a retroceder até a porta para recuperar o fôlego. Depois de algumas tentativas com os mesmos resultados desanimadores, eles abandonaram esse método e saíram. Jack deu a volta até a frente do casarão, achando que Rone o seguiria. Mas no escuro os dois operadores acabaram se separando.

Jack continuou sozinho na direção da área do pátio perto da janela do quarto.

Tig aproximou-se do casarão correndo pela mesma estradinha de tijolos e atravessando o mesmo campo gramado que Rone e Jack. Ele chegou ao

casarão enquanto seus companheiros operadores estavam fazendo buscas lá dentro. Não havia ninguém no pátio quando ele chegou, então Tig se posicionou atrás dos sacos de areia para criar um perímetro de defesa enquanto aguardava. Assim que entrou no Complexo, Tig viu um líbio de calça camuflada e camiseta afastando-se do alojamento em chamas da 17 de Fevereiro. O homem estava desarmado e parecia ser dali, então Tig não atirou nele. Fora isso, Tig encontrou o Complexo silencioso, com exceção dos estalos dos prédios em chamas.

Quando estava perto dos sacos de areia em posição de ataque na direção da frente do casarão, Tig escutou barulhos bem altos e sons de coisas se quebrando lá dentro. Ele não tinha certeza de quem estava lá, mas chegou à conclusão de que a barulheira deveria estar sendo feita por Jack, Rone, agentes da DS ou milicianos revirando mobília e vasculhando os cômodos. Enquanto Tig aguardava o aparecimento deles, surpreendeu-se ao ver uma Land Cruiser prateada acelerada contornando um canto do casarão.

Lá vêm os bandidos, Tig pensou.

Ele levantou a metralhadora automática alimentada por cinta e seguiu os movimentos da SUV com o cano da arma. Tig preparou-se para descarregar quando o veículo passava por ele em direção à frente do casarão. Um segundo antes de abrir fogo, reconheceu o rosto de David Ubben através do para-brisa. No veículo também estavam dois agentes da DS lotados em Trípoli.

Tig tirou o dedo do gatilho, abaixou a arma e soltou o ar.

Quando Jack voltou para a parte da frente do casarão, encontrou vários milicianos da 17 de Fevereiro entrando e saindo pela porta principal na tentativa de ajudar na busca. Jack foi ao pátio e enfiou a cabeça pela janela do quarto, com a intenção de tentar de novo. Imediatamente ele viu dois agentes da DS, David Ubben e o mais alto dos dois agentes de Trípoli vindo na direção da janela através da fumaça usando máscaras antigás. O primeiro pensamento de Jack foi se perguntar onde eles tinham arranjado o equipamento e como ele podia conseguir máscaras similares para si e seus companheiros operadores.

Quando os agentes chegaram mais perto, os olhos cansados pela fumaça de Jack recuperaram o foco. Os dois agentes da DS carregavam, cada um segurando um dos lados, um homem debilitado em direção à janela. Com a cabeça para cima, o homem estava de calça jeans escura e uma camiseta cinza. David Ubben e o agente de Trípoli, segurando cada um em um braço, suspendiam o torço e a careca do sujeito. As partes de trás de suas pernas estavam sendo arrastadas pelo chão cheio de cinzas. Jack inclinou-se pela janela e estendeu os dois braços. Quando os agentes chegaram, Jack enfiou a mão por debaixo dos braços dele e as travou no peito do sujeito. Jack levantou o homem sem reação e o puxou pela janela, em seguida o deitou gentilmente na área de concreto protegida pelos sacos de areia. Jack não reconheceu o homem. Ele não conseguia sequer dizer se era americano ou líbio.

Jack ajoelhou-se rapidamente à direita da cabeça daquele sujeito. Tinha aprendido em seu treinamento para SEAL que antes mesmo de tentar fazer a pessoa recuperar a respiração, precisava certificar-se de que a pessoa não estava sangrando a ponto de morrer por hemorragia. Jack levantou a camisa do homem e checkou o torso dele em busca de traumas no peito e na barriga. Não encontrou sinal algum de ferimento.

Parecia não haver sangue gotejando pela calça. Puxou a camisa do sujeito até o pescoço. Virou o homem de lado, para verificar se havia sangue ou algum trauma nas costas que pudesse revelar sangramento interno. Como não encontrou nada disso, Jack voltou a colocá-lo de costas. Todas as vezes que o operador movia o corpo e os membros dele, o sujeito caía sem firmeza alguma.

Jack abaixou-se e colocou a orelha no nariz e na boca do homem desacordado. Escutou com atenção, mas não conseguiu ouvir a respiração que procurava. Verificou infrutiferamente o pulso.

Suas mãos estavam no peito nu do homem e notou que a pele tinha um frio mortal. Olhou para o rosto do homem e viu que os lábios estavam contornados de roxo devido à inalação de fumaça de diesel. Jack considerou a possibilidade de fazer reanimação cardiorrespiratória, mas tinha certeza de que não adiantaria. Os agentes da DS ficaram ao lado de Jack e, com esperança, observavam-no trabalhar. Jack levantou o olhar para David Ubben.

— Não — disse Jack. — Ele se foi.

Ubben abanou a cabeça e virou-se. Jack viu lágrimas nos olhos dele.

Em breve Jack saberia que o homem que acabara de declarar morto era Sean Smith, um especialista em comunicação do Departamento de Estado de 34 anos, casado e pai de dois filhos pequenos, um famoso jogador de videogame conhecido pelos amigos online como Vile Rat. Apenas horas antes, Smith tinha escrito uma mensagem online reclamando que a “polícia” líbia estava tirando fotos do Complexo naquela manhã. Parte de uma mensagem que Smith tinha escrito agora parecia uma aflita profecia: “Isso se a gente não morrer hoje à noite.”

Jack não conhecia Smith muito bem. Tinham se encontrado alguns dias antes quando foram apresentados durante um jantar na cozinha do Anexo.

O operador sentiu-se péssimo com a morte de Smith, mas não havia tempo para lamentar. Jack e o outro agente da DS levantaram o corpo de Smith e o carregaram para um local próximo às portas da frente do casarão.

Quando Jack estava tentando salvar Smith, ele ouviu um dos agentes da DS dizer que não havia terminado de procurar:

— O embaixador ainda está desaparecido.

Jack retomou a busca assim como fizeram os agentes da DS e vários membros da milícia 17 de Fevereiro que tinham ido para o Complexo quando os agressores se retiraram. Em um determinado momento, Jack contou mais dez pessoas trabalhando na busca, mas o interior do casarão ainda estava muito quente. Eles focaram o máximo que conseguiam na zona de segurança, mas ninguém conseguia encontrar o embaixador Chris Stevens.

Depois de ter se separado de Jack no escuro quando voltavam para a entrada da frente, Rone encontrou Tig do lado de fora do casarão. Juntos, viram Jack inclinar-se sobre o corpo de Sean Smith.

— Esse aí é dos nossos? — perguntou Tig.

Rone não sabia.

A notícia de que Stevens ainda estava perdido e que o casarão ainda não estava desocupado se espalhou. Tig e Rone acenderam as lanternas em seus fuzis de assalto e entraram pelas portas da frente lado a lado.

Tig tinha estado no casarão meses antes, tinha, portanto, uma imagem mental da planta do andar e achou que poderia ser útil na busca. Eles entraram abaixados e permaneceram agachados para ficarem abaixo da fumaça, porém, em sua primeira ida, o calor era tão esmagador que eles

ficaram lá apenas uns trinta segundos e adentraram não mais do que cinco metros. Mesmo com as luzes, pouco conseguiam ver além dos canos de seus fuzis. Aquilo lembrou a Tig o que acontecia quando se acendia o farol do carro em uma neblina muito densa.

— Puta merda — disse Tig do lado de fora, com suor saindo de todos os poros. — Isto aqui vai ser difícil.

Eles respiraram fundo para entrarem de novo e sua segunda investida durou aproximadamente um minuto. Na terceira tentativa, Tig conseguiu ir mais adiante do que antes e chegou a uma pilha de mobília do lado de fora do portão de aço na zona de segurança. Parecia que o portão continuava trancado e Tig não conseguia passar pela mobília para alcançá-lo.

Tig gritou pelo embaixador o mais alto que seus pulmões permitiam.

Atrás de si, vindo do lado de fora do casarão, ele escutou uma resposta:

— Sim, estou aqui.

Tig reconheceu a voz como sendo do Líder da Equipe que, dirigindo a SUV da Mercedes com Henry ao seu lado, tinha saído do cruzamento na Gunfighter Road que levava ao Complexo e se juntado a eles.

Tossindo por causa da fumaça, Tig gritou de volta:

— Não, você, não! O Chris Stevens!

Tig não escutou resposta alguma vir de dentro da zona de segurança.

Chamar pelo embaixador encheu os pulmões de Tig de fumaça. Ele e Rone saíram de novo pela escada da frente. Depois de respirarem fundo algumas vezes, fizeram uma quarta tentativa. Novamente foram até a parte mais funda da sala de convivência aberta, mas de novo não encontraram sinal de Stevens. Tig deu a volta e retornou para a porta da frente. Não dava para ver nada além de trinta centímetros em cada direção, mas ele achou que Rone estava ao seu lado o tempo todo.

— Estou perdido! — gritou Rone de algum lugar do outro lado da sala lotada de fumaça. — Não consigo achar a saída!

Tig se virou para o amigo.

— Segue minha voz!

— Estou perdido — gritou Rone.

— Segue a minha voz!

Com cada respirada enchendo os pulmões de fumaça, eles continuaram chamando e respondendo várias vezes. De acordo com a direção dos gritos de Rone, Tig notou que o parceiro estava desorientado e se movia na direção da cozinha. Devido às suas buscas anteriores, Tig sabia que aquela parte do casarão ainda estava tomada pelas chamas. Ele berrou para que Rone continuasse a falar, depois correu na direção da voz dele. Quando visualizou Rone através da fumaça, Tig esticou o braço e o alcançou.

Os dois tossiam furiosamente, os pulmões desesperavam-se por ar fresco enquanto Tig conduzia Rone até a porta da frente para que ficassem em segurança do lado de fora. Quando os dois operadores recuperavam o fôlego, inclinados com as mãos nos joelhos e os fuzis pendurados, escutaram Tanto e D.B. passarem um rádio para informar que estavam prontos para entrar no Complexo pelo portão de trás. Agentes da DS e milicianos continuavam a busca no casarão, então Tig e Rone foram dar cobertura para os operadores que estavam entrando.

Rone e Tig foram para um caminho de terra que dividia o Complexo e que ia do muro norte até o muro sul. Ao longo de boa parte do caminho, na direção da metade de trás do Complexo, um pomar e um vinhedo forneciam muitíssimos esconderijos em potencial para inimigos. Tig e Rone posicionaram-se cada um de um lado do caminho. Rone ainda estava pensando no pique-esconde mortal de que tinham brincado dentro do casarão.

— Ei, parceiro, obrigado — disse Rone. — Você acabou de salvar a minha vida. Achei que fosse morrer lá dentro.

Tig sabia que Rone teria feito o mesmo por ele.

— Espero que todos nós consigamos sair desta vivos — disse Tig.

A aproximadamente dez passos de distância um do outro nas beiradas da estradinha, Tig e Rone olhavam para as áreas escurecidas pelas videiras e certificaram-se de que Tanto e D.B. não estavam caminhando na direção de uma emboscada. Um homem caminhou lentamente para fora do pomar, e os operadores apontaram as armas para ele. Mas Tig reconheceu que o homem era um guarda da Blue Mountain, e que aparentemente se escondera no meio das árvores aguardando os americanos chegarem.

Antes de movimentarem-se para o portão de trás do Complexo, Tanto e D.B. se protegeram atrás das barreiras de New Jersey de concreto na Fourth Ring Road, prevendo que alguns agressores pudessem fugir por aquele caminho quando Rone e Tig se movimentassem na direção da parte de trás da propriedade. Mas, depois de alguns minutos, ninguém tinha passado por lá, então Tanto passou um rádio para Tig:

— Vamos começar a entrar agora — informou Tanto. — Não atirem na gente.

— Copiado.

Tanto e D.B. tentaram abrir o portão, mas ele estava fechado. D.B. seguiu perto do muro da propriedade até a esquina sudoeste, para ver se conseguia localizar outra maneira de entrar. Como não encontrou nenhuma outra entrada e não era nada fácil pular o muro com a parte de cima cheia de arame farpado, D.B. resolveu pular o portão. Tanto achou que sua ideia era

melhor, então voltou correndo até o comandante da milícia do lado de fora do mercadinho e pediu ajuda.

— Ei, pegue uma das suas caminhonetes e traga até aqui para abrir esse portão à força — disse Tanto. — A gente estava achando que ia ter que pular, mas se você trazer uma daquelas suas caminhonetes pra cá a gente consegue abrir o portão na marra.

— Não, senhor. Não — disse o comandante da milícia com educação, mas também com firmeza.

— Traz uma porra de uma caminhonete pra cá e abre o portão à força — exigiu Tanto.

— Não, creio que não poderemos fazer isso — respondeu o comandante. — Não temos caminhonete.

Tanto percebeu que a milícia não tinha conseguido bloquear o trânsito na Fourth Ring Road, por isso os carros continuavam passando por ali com os motoristas buzinando enquanto passageiros esticavam os pescoços tentando ver os prédios em chamas no Complexo.

— Tá, então deixa a gente confiscar uma porra de um veículo desses aí — disse Tanto apontando para os carros que estavam passando.

— Não, senhor, não queremos fazer isso.

Quanta coisa boa pode oferecer uma milícia prestativa e amigável. Tanto pensou para manter a cabeça fria. D.B. já tinha se cansado daquela conversa. Ele escalou o portão e conferiu uma guarita dentro do Complexo para certificar-se de que estava vazia. Tanto ficou junto ao portão, esperando que D.B. o abrisse por dentro. Mas, depois de conferir a guarita, D.B. saiu correndo para encontrar Tig e Rone.

Carregado de armas e equipamentos, já ferido e sangrando devido à queda do muro, Tanto permaneceu aguardando do lado de fora da propriedade com os dois milicianos em quem ele tinha aprendido a confiar.

Ali perto também estavam uns vinte milicianos com o comandante que ele tinha começado a odiar.

Ele gritou para seu parceiro:

— D.B., abre a porra do portão pra mim!

Ele riu do absurdo daquela situação, jogando a cabeça para trás e buscando ajuda no céu escuro. *Estou aqui fora sozinho com este monte de miliciano*, Tanto pensou. *Ninguém está atirando em mim — ainda não. D.B., volta e ABRE A PORRA DO PORTÃO!* Tanto tentou várias vezes chamar D.B. pelo rádio, mas não conseguiu contato.

D.B., na verdade, tinha ouvido Tanto:

— Não! — ele gritou em resposta, mas Tanto não o escutou.

Com uma guarita insegura e um vinhedo escuro diante de si, D.B. não podia virar as costas para ameaças em potencial e destrancar o portão.

Por fim, Tanto colocou suas armas nos ombros, respirou fundo e pulou o portão. Antes que chegasse a seus companheiros operadores, Tanto escutou a voz de um de seus jovens companheiros da milícia 17 de Fevereiro.

— Senhor, senhor! Portão! — disse ele.

Tanto voltou até o muro de trás e abriu o portão por dentro. Ele chamou o comandante da milícia supondo que ele também entraria com suas tropas:

— Assim que você entrar, fecha e tranca o portão.

— Ok — respondeu o comandante. — Sim, senhor.

Tanto e os milicianos correram em direção a Tig, Rone e D.B. Ao longo do caminho, Tanto percebeu que os operadores tinham parado de olhar para o pomar sem iluminação, onde ele suspeitava poder haver agressores preparando uma emboscada. Tanto se jogou no caminho de terra que cortava o complexo e apontou sua arma para as árvores. De bruços, Tanto deu sua primeira boa olhada para o casarão principal, ainda em chamas, com as paredes exteriores enegrecidas perto das janelas por onde tinham

vazado as labaredas. Um pouco mais adiante, ele viu fogo e fumaça por cima do alojamento da 17 de Fevereiro. Ao ficar nessa posição, suando e sangrando, Tanto aproveitou a oportunidade para recuperar o fôlego e se preparar.

Tig informou a Tanto pelo rádio que ele precisava se movimentar para o outro lado do caminho de terra para cobrir a área oposta do pomar.

— Seu filho da puta! — Tanto respondeu a Tig. — Vira esse seu rabo pra lá e protege aquele lado. Quero ficar deitado aqui. Estou cansado, seu desgraçado! As reclamações de Tanto deram uma momentânea aliviada no clima, fazendo com que Tig e D.B. abrissem sorrisos enquanto ele rosnava. Mesmo rosnando, Tanto se movimentou para tomar conta do outro grupo de árvores.

Jack continuava perto do casarão para dar prosseguimento à busca, mas nenhum dos operadores ficava no mesmo lugar por muito tempo. Eles frequentemente perambulavam pelos prédios do Complexo, pelo pomar e pela área do vinhedo. Não sabiam para onde os agressores tinham ido, mas estavam esperando que voltassem a qualquer minuto.

Rone saiu do pomar e foi até o Centro de Operações Táticas e à Cantina. Tanto se juntou a Tig, D.B. e os milicianos no caminho de terra, e de lá eles se espalharam pelo pomar. Não tinham tempo para vasculhá-lo inteiramente, mas convenceram-se de que já tinham visto o bastante e que podiam voltar para a frente do Complexo, para o casarão e os outros prédios.

Um punhado de milicianos tinha se juntado a eles na marcha pelo pomar, espelhando suas ações e tentando ser úteis. Um membro da 17 de Fevereiro

que Tanto não tinha visto era o comandante, que havia prometido trancar o portão. Ele aparentemente se mantinha em segurança lá na retaguarda.

Quando Tig aproximou-se do caminho de terra no final de uma fileira de árvores, viu um dos milicianos virar apressado em um canto e disparar aproximadamente umas vinte balas no escuro com sua AK-47. Tig preparou-se para se juntar ao tiroteio, mas não viu alvo algum. Ele suspeitou que o jovem miliciano estava ou muito nervoso ou simplesmente queria falar que tinha participado de um tiroteio.

Tanto, D.B. e Tig movimentaram-se em direção à Cantina e ao TOC. Rone juntou-se a eles novamente e se separaram em duplas. Rone e D.B. foram conferir a Cantina. Não encontraram ninguém dentro do prédio saqueado, que estava lotado de mobília quebrada e comida estragada derrubada das prateleiras e das geladeiras.

Enquanto isso, Tig e Tanto foram conferir o TOC. Ele não estava totalmente vazio, já que o agente da DS Alec Henderson ainda estava trancado lá dentro, então Tig e Tanto tentaram falar com ele pelo rádio. Isso não funcionou, então ficaram do lado de fora e gritaram da porta do TOC.

— Tem alguém aí dentro? — perguntou Tanto. Ele ficou em frente a uma câmera de vídeo. — Está conseguindo ver a gente? Somos aliados e precisamos entrar.

Tanto não obteve resposta. Então ele e Tig flanquearam a janela principal do prédio, enquanto alguns milicianos da 17 de Fevereiro tentavam derrubar com chutes a porta de madeira reforçada. A porta resistiu, então o próprio Tig tentou chutá-la. Ela continuou sem sair do lugar. Tig pegou seu rádio novamente:

— Se vocês estiverem aí, abram a porta. Se não fizerem isso, vou abrir essa porra dessa porta no tiro.

Ele apoiou-se sobre um joelho e apontou a arma para a porta.

Imediatamente Henderson falou no rádio:

— Eu estou aqui, sim! Estou aqui!

O agente da DS explicou que achou que os agressores que tinham tentado invadir o TOC mais cedo tinham voltado.

— Fique em frente à câmera para que possa ver você — disse ele.

Tig ficou embaixo das lentes à porta de entrada e acenou. Henderson abaixou a arma, destrancou a porta e tirou a barra de ferro que a mantivera segura. Tig e Tanto tinham entraram intempestivamente dentro do TOC para certificarem-se de que não havia nenhum agressor lá dentro.

— Não, não! — berrou Henderson, saindo atabalhado e desorientado.
— Ninguém entrou aqui!

Tig voltou lá para fora, caminhou até um estacionamento a uns quinze metros de distância para providenciar a segurança do perímetro. Acoplou sua metralhadora alimentada por cinta no capô de uma Land Cruiser prateada e deu uma pausa para recuperar o fôlego.

Rone e D.B. se juntaram a Tanto no TOC e, juntos, verificaram se havia mais alguém no prédio. Então, Henderson voltou lá para dentro para pegar e destruir documentos e informações secretos, equipamentos de computador e outros materiais confidenciais.

Não parecia restar nenhum agressor inimigo perto do Complexo. Membros da milícia 17 de Fevereiro continuaram a percorrer a propriedade e perambulavam livremente de uma extremidade à outra. Alguns estavam de camisa preta, outros, branca, alguns usavam calça jeans, outros, calças com camuflagem para o deserto e outros com camuflagem florestal do exército. Alguns tinham barba, outros eram barbeados e alguns usavam capuz para cobrir o rosto. Nenhum deles estava com insígnia que demonstrasse sua filiação. Em praticamente todos os aspectos, eles eram fisicamente indistinguíveis dos agressores que tinham infestado o Complexo. A única

diferença perceptível era que nenhum deles, ao contrário dos agressores, tinha bandeiras com dizeres em árabe.

Os operadores e os agentes da DS chegaram até mesmo a fazer uma triste piada: “Qual é a diferença no visual dos líbios quando eles vêm para ajudar de quando eles vêm para nos matar? Não muita.”

Para os operadores, alguns dos milicianos pareciam genuinamente dispostos ao combate, a tentar localizar o embaixador e a procurar agressores que poderiam estar escondidos em cantos escuros do Complexo. Os operadores continuavam a ver os membros da 17 de Fevereiro com níveis diferentes de confiança, mas todos adotaram uma adaptação de Benghazi na Regra de Ouro: Se eles não representam uma ameaça, não atiramos neles.

Depois de conferirem a Cantina e o TOC, Rone retornou para o casarão. Ele ajudou Jack e o Líder da Equipe no frustrante esforço de chegarem mais fundo para tentar localizar o embaixador.

Tanto e D.B. ajudaram Alec Henderson a pegar e destruir material secreto no TOC, enquanto Tig permaneceu de sentinela do lado de fora no estacionamento. Henry, o tradutor, que tinha ido para o Complexo na SUV dirigida pelo Líder da Equipe, permaneceu fora de vista, encolhido dentro do veículo.

Eram aproximadamente onze da noite. A morte de Sean Smith tinha sido confirmada, aparentemente por inalação de fumaça. O embaixador Chris Stevens estava desaparecido. O casarão principal e o alojamento da milícia continuavam em chamas. Mas os agressores aparentemente haviam partido, talvez estivessem se retirando para ruas e casas próximas para se reagruparem. Os americanos tinham recuperado pelo menos

temporariamente o controle do Complexo da Missão Especial. Os sons dos tiros tinham quase cessado.

Para os inexperientes, deve ter sido tentador imaginar que a calma na ação significava que o combate tinha terminado. Os operadores não nutriam esse tipo de ilusão. Todos eles, sem exceção, acreditavam que seus inimigos e a noite estavam apenas começando.

OITO

Contra-ataque

Depois de conferirem o TOC e a Cantina, os operadores, agentes da DS e os reforços da 17 de Fevereiro voltaram para o casarão. Era difícil dizer quantos milicianos tinham entrado no Complexo, mas os operadores estimaram algo entre quarenta e cinquenta.

Todos os americanos estavam no casarão, com exceção de Tig, que, equivocadamente, achou que seus colegas ainda estavam destruindo material secreto no TOC. Eles saíram sem avisá-lo, por isso, Tig passou mais ou menos cinco minutos sozinho no estacionamento, fazendo segurança individual para um prédio vazio.

— Cadê você? — perguntou pelo rádio o Líder da Equipe.

— Estou perto do TOC — respondeu Tig.

— A gente não está mais aí, cara.

— Ah. Que porra.

Tig correu para o casarão, onde encontrou grupos de milicianos da 17 de Fevereiro à toa por ali enquanto os operadores e agentes da DS se alternavam na busca pelo embaixador. Com base nas informações dadas pelo rádio por milicianos aparentemente aliados, um consenso começou a se

formar sobre ser bem provável que os agressores voltariam, e os Americanos não podiam ficar no Complexo por muito mais tempo.

Tig escutou por acaso uma discussão, e nela os agentes da DS diziam ao Líder da Equipe da GRS que não tinham as armas adequadas para se defenderem durante a volta de carro até o Anexo. Tig deu a Ubben sua metralhadora alimentada por cinta e o tambor de munição que lhe restava. Tig ficou com o fuzil de assalto para se proteger.

Depois de se livrar do material confidencial no TOC, o agente da DS Alec Henderson foi ajudar na busca pelo casarão. Ele tirou a camisa, mergulhou-a na piscina e a amarrou na cabeça para tentar resistir ao calor e à fumaça. Quando Henderson deu um passo para dentro da porta da frente em uma de suas buscas, parte do teto da sala desabou. Ele conseguiu sair correndo, sem se ferir.

David Ubben não teve tanta sorte. Em uma busca individual pelo casarão, ele cortou o braço enquanto passava pela janela para entrar no quarto escuro. O sangue pingando de seu braço sujava sua roupa. Rone colocou suas habilidades paramédicas em prática, fez um curativo e Ubben continuou a busca.

Por terem entrado no Complexo depois de seus companheiros operadores e por um portão diferente, Tanto e D.B. ainda estavam se informando sobre tudo o que tinha acontecido. D.B. escutou a má notícia primeiro.

— Ei — disse ele a Tanto. — Perdemos um.

— Perdemos um? Quem? — indagou Tanto.

— Não conheço. Um cara da informática. E não estamos conseguindo achar o embaixador.

Tendo trabalhado juntos durante uma década no Iraque, Afeganistão e agora na Líbia, Tanto e D.B. conseguiam ler o humor e os sinais um do outro. Tanto sabia que o franco-atirador e ex-Fuzileiro Naval era normalmente calmo e sereno, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Mas, ali, naquele momento, viu raiva nos olhos do amigo. Tanto se sentiu da mesma maneira, não apenas em relação aos agressores que mataram Smith, mas também por causa do atraso com que saíram do Anexo. O tempo que passaram dentro da Mercedes e da BMW ligadas tinha voltado para assombrá-los. A possibilidade de que essa espera tivesse consequências os preocupava. Agora, Tanto temia, o custo era alto: um morto e um desaparecido.

As perdas feriam D.B. de maneira especialmente profunda. O devoto aos escritos de Joseph Campbell tinha organizado sua vida a partir de um código objetivo que exigia o cumprimento das promessas e obrigações feitas às pessoas que contavam com ele. Seu maior medo era desapontar alguém que confiasse nele. Sean Smith tinha feito isso, e estava morto. Chris Stevens também confiara nele, e estava desaparecido.

Tanto tentou aliviar a angústia do amigo.

— Ei, relaxa, parceiro — disse Tanto. — A gente tem uma noite longa pela frente.

Como D.B. não respondeu imediatamente, Tanto o pressionou um pouco mais:

— Ei, sargento, relaxa!

— Tá bom, já entendi — respondeu D.B., olhando feio para Tanto. — Parceiro, eu tô de boa.

Depois de ter dado a metralhadora a Ubben, Tig reuniu-se à equipe de busca. A visibilidade não tinha melhorado quase nada e a respiração continuava difícil. Tig tentou abrir a janela em um canto perto da outra janela do quarto que eles vinham usando para entrar, mas a tranca estava presa ou tinha derretido e emperrado.

A sensação nos pulmões era de que tinha inalado vidro quebrado, por isso Tig voltou para o lado de fora. Ele passou um rádio para o Anexo:

— Não conseguimos localizar o embaixador. Ou ele já saiu ou nós simplesmente não estamos conseguindo localizá-lo dentro da casa.

Ele voltou para dentro do casarão. Jack, Rone, D.B. e Tanto também faziam repetidas buscas por Stevens, mas seus esforços foram em vão.

Em uma das buscas, Tanto se deparou com Scott Wickland. O agente da DS originalmente responsável pela segurança do embaixador tinha encontrado chinelos para colocar em seus pés descalços, mas ele parecia exausto e seu rosto continuava coberto de fuligem.

— Sai daqui, parceiro — Tanto disse a ele. — Você não precisa ficar aqui dentro. Se recupera um pouco e fica preparado para ir embora.

Wickland abanou a cabeça e continuou a procurar.

Enquanto procuravam, os americanos e milicianos no Complexo recebiam confirmações pelo rádio e pelo celular que os agressores pareciam estar se reagrupando e buscando reforços para um novo ataque. Do lado de fora do casarão, operadores escutaram o Líder da Equipe falar com os agentes da DS para deixarem o Complexo imediatamente e irem de carro para o Anexo.

Eles não queriam ir embora sem Stevens, no entanto, sabiam que seriam alvos fáceis se ficassem ali por muito tempo.

Jack viu um dos agentes da DS de Trípoli pegar a Land Cruiser, parar a uns vinte metros da porta da frente do casarão e abrir o portamalas, se preparando para carregar o carro e ir embora.

Como Chris Stevens permanecia desaparecido apesar das buscas, os operadores começaram a se preocupar com a possibilidade de os agressores terem sequestrado o embaixador ao entrarem na zona de segurança do casarão pela mesma janela que Wickland usara para escapar. Em caso afirmativo, o sequestro teria acontecido depois de Scott Wickland perder Chris Stevens e Sean Smith de vista. Houve um curto espaço de tempo entre a subida de Wickland ao telhado e a retomada da busca por Ubben e os outros dois agentes da DS, o que continuou sem pausas desde então. Mas os operadores não podiam descartar o sequestro. Os agressores invadiram o Complexo com evidentes, ainda que grosseiras táticas militares. Talvez tivessem desde o princípio planejado pegar Stevens, e os incêndios que começaram deram-lhes a cobertura e o tempo suficiente para fazerem isso.

De pé perto da janela que levava à zona de segurança, Rone e Jack notaram uma coluna de sustentação quadrada com uma marca de mão ensanguentada a uns cinco metros do chão. Parecia que uma pessoa ferida tentara agarrar-se à coluna de concreto enquanto era arrastada para fora.

— Será que aquela marca ali é da mão do embaixador? — Rone indagou Jack.

Quanto mais os operadores conversavam, mais o sequestro parecia plausível. Na última vez que Wickland os viu, Chris Stevens e Sean Smith estavam juntos. Por que conseguiram encontrar Smith, mas não Stevens? Por que os agressores foram embora quase tão depressa quanto chegaram? Já tinham atingido seu objetivo?

Outra possibilidade levada em consideração era a de que Stevens de alguma maneira fugira por conta própria pela janela depois de Wickland subir para o telhado e estava escondido no pomar sem iluminação. Mas isso parecia uma vã esperança.

Pouco tempo depois, do lado de fora do casarão, David Ubben pediu a Jack para ajudá-lo a buscar laptops e mais material secreto no TOC antes que os agentes da DS fossem embora. Jack viu Tanto por perto e o chamou para ajudar. A equipe de três homens se movimentou de maneira tática, abaixados, com as armas em punho. Acreditavam que os agressores estavam voltando para o Complexo, e eles ainda nutriam a preocupação de que algum miliciano aliado podia tornar-se hostil. Embora Tanto já tivesse vasculhado o prédio do TOC com Rone e D.B., ele e Jack sabiam que deviam classificá-lo como “controle negativo”.

Quando chegaram ao prédio do TOC, Tanto falou para Jack:

— Vocês vão em frente. Vou ficar aqui fora para garantir que ninguém entre.

Pingando de suor e com o braço latejando, Tanto apoiou-se em um joelho a uns dez metros da entrada do TOC para dar-lhes cobertura. Novamente ele se pegou pensando no quanto brilhavam as estrelas no céu negro.

Tanto focou sua atenção no canto nordeste do Complexo, uma área escura onde havia uma casinha de jardineiro construída contra o muro. Sem luz na área e com um espaço grande de terra ao seu redor, Tanto ficou preocupado com a possibilidade de um ataque vir daquele canto sem que ninguém notasse. Permaneceu olhando naquela direção.

Jack foi o primeiro a entrar no prédio do TOC. Ele e David Ubben moveram-se rapidamente até a sala que Alec Henderson tinha feito de centro de comando e comunicações quando o ataque começou. Os dois homens fizeram uma entrada tática, Jack tomou a dianteira e Ubben seguiu imediatamente atrás dele. Quando se certificaram de que estava vazia, ambos largaram as armas e as deixaram penduradas no corpo.

Sem perder tempo, pegaram todos os laptops que estavam na sala de três por cinco metros bem iluminada. Precisavam pegar os hard drives também, mas eles estavam fixos por fios pretos grossos. Desconectá-los levaria muito tempo, então Ubben esticou os fios enquanto Jack os cortava com uma faca de serra paramilitar. Colocaram os hard drives na pilha de laptops. Enquanto trabalhavam, Jack mantinha-se afastado de uma janela grande do lado oposto à porta de entrada. As luzes no TOC acesas significava que eles estavam iluminados, e eram, portanto, alvos fáceis se alguém quisesse meter bala neles pela janela.

Depois de dar uma última olhada ao redor, Ubben disse a Jack:

— Já estamos com tudo que precisamos.

Com as armas ainda penduradas ao lado deles, os dois homens recolheram laptops e os hard drives e seguiram na direção da porta. Antes de dar o primeiro passo para o lado de fora, Jack deu uma olhada para Tanto e trocaram um aceno com a cabeça. Tanto, ainda apoiado no joelho, com a arma em punho, depois de vasculhar o local em busca de algum problema, gritou.

— Tudo beleza.

Enquanto retornavam para o casarão, Tanto percebeu que o portão de trás ainda estava aberto. Na mesma hora, lembrou-se do comandante a quem pedira para trancá-lo depois que entrasse. *Caralho*, pensou Tanto. *Aquele escroto filho da puta não fechou o portão de trás*. O portão estava a

uns cem metros de distância, por isso Tanto sabia que não podia fazer nada a não ser ficar puto.

Tanto continuou, movendo-se totalmente alerta, com o fuzil apontado para baixo. Parecia que Jack e Ubben tinham acabado de roubar uma loja de eletrônicos. Eles seguiam com dificuldade na direção do casarão, correndo meio abaixados no escuro. Jack sentia-se indefeso com a arma de lado e os braços cheios de computadores, então seguiu bem próximo de Tanto.

Foram direto para a traseira da Land Cruiser prata dos agentes da DS. O porta-malas aberto já estava um pouco cheio de armamento, mesmo assim Jack e Ubben depositaram os computadores por cima das armas longas e da munição. A Land Cruiser blindada, que tinha janelas à prova de balas e pneus *run-flat*, estava virada para o portão da frente do Complexo. Alguém colocara a Mercedes dos operadores do lado da Land Cruiser, a uma distância de quatro metros, virada no sentido contrário.

Na grama e na estradinha de tijolos do lado de fora do casarão, todos que não participavam da busca pelo embaixador estavam muito preocupados com a possibilidade de seus inimigos estarem se agrupando para recomeçar o ataque. O sentimento de que os americanos e seus aliados milicianos precisavam abandonar o Complexo imediatamente começou a se apoderar das pessoas. Jack ouviu por acaso um dos agentes da DS dizer que tinha recebido uma ligação telefônica alertando que “grupos enormes de bandidos estavam a caminho”. Jack não sabia a origem da ligação, mas não tinha razão alguma para duvidar.

Os operadores também souberam que os milicianos da 17 de Fevereiro, que deveriam supostamente bloquear as pistas que levavam ao Complexo, ou não eram capazes de conter um segundo ataque ou não fariam isso. O Líder da Equipe da GRS ligou de seu celular para o comandante da 17 de

Fevereiro e pediu a ele para fortificar os locais estratégicos para que a Land Cruiser e a Mercedes pudessem voltar em segurança para o Anexo. Há diferenças nos relatos, mas alguns operadores disseram que o comandante da milícia admitiu que seus homens estavam retrocedendo. Nesse caso, os agressores teriam o caminho livre para voltar e terminar o que tinham começado. Além disso, não haveria nada para impedi-los se decidissem sair do Complexo e ir para o Anexo, onde a defesa era bem mais branda.

Os barulhos e estouros dos tiros começaram do lado de fora dos muros do Complexo. Tanto escutou um estalo, depois outro, vindo da Fourth Ring Road. O portão de trás aberto o enfureceu ainda mais. Ele também escutou tiros vindos do lado leste do Complexo, perto da casinha de jardineiro que ele vigiava. Várias balas atingiram o interior da Land Cruiser, fazendo um barulho que parecia de moedas sendo arremessadas em uma lata.

Mesmo que estivessem se preparando para ir embora, e mesmo que suas esperanças de encontrar Stevens tivessem diminuído, Jack, Rone e D.B. continuavam a procurar pelo embaixador no casarão. Tanto assumiu posição defensiva no chão do lado de fora. Pouco tempo depois, ele começou a patrulhar o terreno, vigiando algumas dezenas de milicianos da 17 de Fevereiro que perambulavam pelo Complexo. A maioria era jovem e atlético, mas Tanto ficou intrigado com um homem corpulento que parecia estar na faixa dos cinquenta anos. Ele estava com uma AK-47 niquelada e vestido como se tivesse acabado de sair do trabalho em um escritório: calça azul-escuro, camisa social marrom. Tanto não conseguia dizer se o sujeito era um turista de guerra ou um combatente. O operador continuou a vigiar os portões e os muros com os óculos de visão noturna, conferindo os cantos escuros para ver se havia alguém pulando.

Pelo rádio, chegou uma mensagem do Líder da Equipe para que todos se reunissem nos veículos para partida imediata. Ninguém queria ir embora com Chris Stevens desaparecido. Mas tinham feito buscas incessantes e não obtiveram sucesso, por isso parecia provável a vários operadores que ele estava na mão dos inimigos. Se Stevens pudesse de alguma maneira ainda estar dentro do casarão, talvez em uma parte bem no fundo da zona de segurança a que não conseguiam chegar devido ao fogo, a morte de Sean Smith por aparente inalação de fumaça convenceu os operadores de que com certeza o embaixador também teria morrido. Neste caso, o trabalho não seria mais uma missão de resgate, mas um esforço para recuperar o corpo. Com uma força de agressores se aproximando além dos muros, não havia justificativa para o resgate de um corpo se isso significasse mais perdas. O Líder da equipe fez o chamado para irem embora, e todos os operadores estavam de acordo.

Rone e Jack carregaram o corpo de Sean Smith até a traseira da SUV e o colocaram no porta-malas da maneira mais delicada que conseguiram. Tanto foi ver Smith e expressar seu respeito. Tinha conversado com Smith somente uma vez e queria ter certeza de que aquele era o homem que conhecia. Tanto virou delicadamente a cabeça de Smith para ver se o reconhecia. Era difícil confirmar, já que o rosto dele ainda estava enegrecido pela fuligem. Tanto abaixou a cabeça e fechou a tampa do porta-malas.

Rone sentou no bando do motorista do Mercedes. O Líder da Equipe e Henry, o tradutor, continuavam conversando com os milicianos da 17 de Fevereiro.

Os cinco agentes da DS aglomeraram-se na Land Cruiser e estavam prontos para partir. Embora ainda exausto devido a seu martírio e sofrendo devido à inalação de fumaça, Scott Wickland assumiu a direção. Um agente de Trípoli foi no banco do passageiro. David Ubben e Alec Henderson se

apertaram atrás junto com outro agente de Trípoli. Antes de seguirem na direção do Mercedes, o Líder da Equipe e alguns outros operadores alertaram Wickland para que virasse à esquerda, não à direita, quando saísse do Complexo. Ir para a direita, o que os levaria na direção leste, poderia parecer o caminho mais natural, pois o Anexo ficava a sudeste do Complexo. Além disso, esse era o caminho que os agentes da DS normalmente faziam para ir ao Anexo. Mas o Líder da Equipe soube por telefone que os agressores estavam se agrupando na área e uma saída para a direita colocaria a Land Cruiser diretamente no caminho deles. Ao virarem para a esquerda, os Agentes da DS fariam o mesmo percurso que os operadores tinham usado, no sentido contrário, o que os faria atravessar áreas que poderiam ainda estar protegidas pela milícia 17 de Fevereiro.

Do banco de trás da Land Cruiser, David Ubben abriu a porta e chamou Jack, que estava do lado de fora perto do Mercedes:

— Ei, a gente não tem rádio. Vocês têm um aí?

Jack foi até Rone, que por algum motivo tinha ficado com um segundo rádio. Ele o levou a Ubben para que pudessem manter contato. Quando estava caminhando de volta para o Mercedes, Jack ouviu um som, seguido em uma fração de segundo por uma explosão.

Alguns minutos antes, Tig tinha decidido fazer as últimas buscas no casarão. Passou um rádio para o Líder da Equipe:

— Vou entrar mais uma vez.

— Não — respondeu o Líder da Equipe. Ansioso para evacuar o local, ele ordenou a Tig: — Fique de prontidão. Fique de prontidão.

Tig cumpriu a ordem, mas por um período muito curto. Os operadores e os agentes da DS estavam ao redor dos veículos, então ele decidiu fazer mais uma busca antes de partirem. Ele achava bem mais provável que Stevens ainda estivesse em algum lugar ali dentro. Tig estava pensando nas consequências da Batalha de Mogadíchio, na Somália, em 1993, imortalizada pelo filme *Falcão negro em perigo*, particularmente na parte em que pessoas da região arrastaram corpos de soldados americanos pelas ruas. *Eles vão fazer exatamente a mesma coisa com o Stevens*, Tig disse a si mesmo. *Uma coisa que eu não quero ver. A gente tem que achar o embaixador.*

Tig tirou seu pesado colete tático e deixou o fuzil de assalto do lado de fora da janela do casarão. Tinha quebrado seus óculos de visão noturna ao batê-los na armação da janela durante uma busca anterior, então também os deixou, juntamente com o capacete, do lado de fora. Apenas com sua lanterna e uma pistola, usando seu fino colete à prova de balas por cima da camiseta, Tig respirou fundo várias vezes, prendeu a respiração e entrou pela janela do quarto.

Os cômodos continuavam quentes e enfumaçados, por isso, Tig engatinhava ou se arrastava sobre a barriga. Ele movimentou-se pelo quarto e verificou os dois lados da cama. Como não encontrou nada, rastejou na direção do corredor de entrada da zona de segurança na esperança de chegar a uma parte mais ao fundo do casarão, outros cômodos a que ninguém havia chegado ainda.

Tig tinha meio corpo do lado de fora da porta do quarto quando ouviu a explosão.

Tanto estava andando entre a Land Cruiser e a Mercedes quando escutou: *Cabuum!* Sentiu a pressão do abalo da explosão, mas não tinha certeza de onde tinha vindo. Ele virou em direção ao portão da frente e viu milicianos da 17 de Fevereiro procurando abrigo. Quando Tanto correu para a frente do casarão, trombou com dois milicianos, um com a mão esquerda ensanguentada e gravemente mutilada.

— O que aconteceu? — gritou Tanto.

— Granada! — o amigo do homem ferido lhe disse.

Primeiro, Tanto equivocadamente pensou que o sujeito tentara jogar uma granada e que a tinha segurado por tempo demais. Momentos depois, quando houve uma segunda explosão, Tanto percebeu que o Complexo estava sendo atacado com granadas lançadas por foguetes, disparadas da direção do portão de trás, que estava aberto. Tiros vindos da área da Fourth Ring Road faiscavam na direção dos americanos e dos milicianos aliados.

Contra-ataque, Tanto pensou. *Eles vão começar a entrar. Vão começar a tentar dominar isto aqui de novo.*

Analisando o local para ver por onde os agressores poderiam entrar no Complexo, Tanto viu D.B. correndo para se juntar a ele próximo a frente do casarão. Balas voavam ao redor deles no escuro e pareciam chicotadas que não paravam de estalar.

— Aqueles filhos da puta estão atirando na gente? — perguntou Tanto a D.B. — É sério?

Eles estavam expostos no gramado da frente, então correram para se abrigar na Land Cruiser. Tanto viu clarões de canos de armas no portão de trás. Ele apoiou a arma no capô da SUV blindada e começou a atirar. Não estava usando tampão de ouvido, então os estrondos de seu fuzil estouraram seu tímpano esquerdo.

Depois da primeira granada, o Líder da Equipe passou um rádio para os agentes da DS na Land Cruiser:

— Saiam daqui agora, porra! Vai! Vai! Vai!

Tanto chegara à SUV antes que Scott Wickland tivesse engatado a marcha. Os agentes da DS encaravam Tanto através do para-brisa com os rostos angustiados.

Tanto gritou:

— Foi mal!

Ele levantou a arma e deu um passo atrás para se afastar da Land Cruiser. Tanto fez um sinal de guarda de trânsito para que os agentes da DS seguissem seu caminho.

Com operadores e vários milicianos disparando uma onda de tiros para lhe dar cobertura, Wickland pisou no acelerador e seguiu na direção do portão da frente do Complexo, que estava aberto. Quando passou por baixo da arcada de entrada e chegou à rua de cascalho, Wickland ou não prestou atenção nos reiterados alertas sobre para que lado ir ou se esqueceu. O desorientado agente da DS virou a Land Cruiser para a direita, e seguiu direto pelo caminho por onde estavam retornando os agressores.

— Aqueles burros do caralho! — disse Tanto em voz alta. — Estão de sacanagem comigo?

Mais ou menos no mesmo horário em que o segundo ataque começou, aproximadamente às onze horas da noite de Benghazi, o drone desarmado começou a sobrevoar a cidade. Ele passou imediatamente a enviar imagens ao vivo a Washington e Trípoli para que os dirigentes políticos pudessem ver

imagens aéreas granuladas da batalha no momento em que estava acontecendo.

Depois que a Land Cruiser saiu, Tanto foi para o outro lado da estradinha de tijolos, movimentando-se pela linha de fogo para ter um melhor ângulo de combate em relação aos agressores. Apoiou-se em um joelho e continuou a atirar. Toda vez que via o clarão de um cano, ele atirava de volta. Tanto sabia que estava exposto, mas sentia-se envolvido por um manto de proteção que ele atribuiu à sua fé.

D.B. procurou abrigo ao lado do casarão quando a Land Cruiser saiu acelerando. Ele e o Líder da Equipe não estavam tão confiantes.

— Tanto! Vem pra cá agora! — gritou o Líder da Equipe pelo rádio.

D.B. ecoou logo depois dele:

— Procura um abrigo!

Tanto ficou imóvel. Acreditava que se não tinha sido atingido ainda, um poder espiritual devia estar olhando por ele. O outro motivo era o seu treinamento sobre como reagir a uma emboscada. Tanto tinha a intenção de combater os invasores com agressividade, para demonstrar poder de fogo superior e impedir que o inimigo se sentisse encorajado. *Jogue neles tudo o que tiver. Faça com que voltem atrás*, disse ele a si mesmo.

Tanto escutou tiros vindo da sua direita. Ele olhou e viu um miliciano da 17 de Fevereiro, ninguém menos que o homem mais velho com roupas civis e a AK-47 niquelada, lhe dando cobertura a aproximadamente dez metros de distância. Os milicianos jovens não estavam em lugar algum. Mas aquele homem baixo, corpulento, de cinquenta e tantos anos estava sob um joelho,

atirando ao lado do operador na direção do portão de trás. Tanto não conseguiu conter um sorriso.

Ainda eram apenas os dois e, apesar da confiança nos anjos em seus ombros, Tanto se sentiu em menor número. Pegou o rádio com a mão que não estava usando para atirar e pressionou o botão com o polegar:

— Ei, uma ajuda aqui cairia bem. Seria bom se alguém pudesse vir se juntar a mim aqui.

— Copiado — respondeu D.B. correndo para dar assistência ao ex-Ranger e ao miliciano veterano, enquanto eles despejavam balas na direção do portão de trás. Ciente de que Tanto vinha gastando balas irrestritamente, D.B. jogou para ele um pente extra de munição do outro lado da estradinha.

Depois de lançada a primeira granada, Jack ouviu uma contínua saraivada de tiros enquanto as balas passavam zunindo perto de sua cabeça. A maioria dos milicianos e operadores que estavam de pé perto da SUV correram para o casarão para se abrigar. Quando Jack chegou à parede do casarão, à direita, ele viu uma fila de milicianos abrindo fogo na direção do portão de trás.

O treinamento de Jack o ensinara a sempre estabelecer uma segurança de 360 graus, com cobertura na frente, atrás, dos lados e em todos os ângulos. Quando viu a fileira de milicianos se abrigando em uma parede do casarão, concluiu que um agressor com uma arma automática podia correr por uma passagem no lado esquerdo do casarão e derrubar todos eles como se fosse uma fileira de patinhos. Todo manual dava aquela situação como exemplo de soldados que se punham vulneráveis ao ataque deixando um flanco desprotegido.

Jack correu para o canto do prédio no flanco esquerdo, apoiou-se em um joelho e conferiu a passagem e o leste para certificar-se de que não havia ninguém vindo dessas direções. Ele notou que Henry, o tradutor, estava se abrigando atrás dele, na parede do casarão. Entreolharam-se e trocaram sorrisos cansados. Henry tinha se comportado de maneira admirável durante o tiroteio, mas naquele momento seus olhos pareciam ser do tamanho de bolas de beisebol. Jack queria levar o tradutor de volta para onde estava o Líder da Equipe para que ele pudesse conversar com o comandante da 17 de Fevereiro sobre o que estava acontecendo.

O Líder da Equipe pensou a mesma coisa. Ele estava se esforçando muito para se comunicar com o comandante da milícia, então pediu a Tanto e D.B. para encontrarem o tradutor. Um minuto depois, D.B. chegou no canto onde Jack estava tomando conta de Henry.

— Ei, me segue — D.B. falou para Henry. — Vou te grudar no Líder da Equipe. Fica na cola dele. Aonde ele for, você vai. Ele precisa de você.

Quando a primeira granada explodiu, Tig levantou de uma vez no corredor de entrada dentro do casarão e correu de volta para a janela do quarto. A segunda granada explodiu assim que ele pôs o pé no pátio. Usando os sacos de areia para se proteger, Tig colocou às pressas o colete tático e o capacete e pegou o fuzil. Enquanto se equipava, ouvia os zumbidos e os estalos dos tiros vindos em sua direção. Tig olhou para a frente do casarão e viu um miliciano da 17 de Fevereiro usando calça jeans, camiseta e um colete de proteção parecido com o dele. O jovem miliciano atirava sozinho na direção do portão com uma AK-47.

Quando Tig olhou ao redor, viu a escada que levava ao telhado. Subiu até o alto, pulou o parapeito de concreto e conferiu o teto para se certificar de que estava sozinho. Embora o fogo ardesse furioso na parte de baixo, não parecia haver perigo iminente de o telhado de concreto desabar. Uma ameaça mais iminente vinha das balas voando na direção de Tig. Ele passou um rádio para o Líder da Equipe para informar sua localização. *Se eu levar um tiro, Tig pensou, quero que alguém saiba que estou aqui em cima.*

Tig procurou clarões de tiros vindos do canto nordeste do Complexo, mas não viu nada. Permaneceu abaixado e movimentou-se pelo telhado até o canto virado para o portão de trás, que dava na Fourth Ring Road. Continuavam a disparar em sua direção, e a vontade dele era conter aquilo.

Tig levantou-se de uma vez com o fuzil de assalto em punho. Emoldurada pelo portão aberto, havia a silhueta de um homem. Parado na rua a uns cinco metros do portão, tinha um lançador de granadas no ombro. Ele estava com a cabeça inclinada alguns graus, em posição de tiro, com o lançador de granadas apontado diretamente para o casarão.

O mais rápido que conseguiu, Tig apertou o gatilho de seu fuzil semiautomático e disparou de dez a quinze balas.

O homem com o lançador de granadas caiu de costas na rua. Os braços foram atingidos e a arma escorregou ao lado do corpo. Aparentemente, um dos tiros de Tig acertou a granada quando ela foi lançada, o que fez com que saísse girando inofensivamente de lado. O momento foi capturado em filme por uma câmera de segurança dentro do Complexo.

Os tiros ininterruptos que vinham do portão de trás pararam quase imediatamente, como se a imagem do atirador de granadas caído tivesse assustado os outros agressores a ponto de silenciá-los.

Quando os tiros dos agressores pararam, uma mensagem de rádio ordenava que os operadores se juntassem a Tig no telhado do casarão. Rone já tinha começado a providenciar cuidados médicos a vários milicianos feridos. Ele terminou rapidamente e subiu a escada.

Antes de Tanto ir para o telhado, um miliciano da 17 de Fevereiro aproximou-se dele em frente ao casarão.

— Senhor — disse ele —, encontrei isto.

O miliciano entregou-lhe um smartphone BlackBerry coberto de fuligem. Tanto limpou a tela com o polegar e viu que parecia um telefone dos Estados Unidos. Agradeceu ao miliciano e colocou o aparelho no bolso. Subiu a escada, assim como D.B.

Jack sentiu-se exausto ao subir a escada para juntar-se aos companheiros de equipe, seu colete à prova de balas o puxava para baixo, a dificuldade para subir era similar a de um homem tentando escalar do fundo de um poço vazio. Já tinha experimentado esse sentimento antes e ele o fez lembrar-se de seu treinamento da época de SEAL. Mais do que isso, aquilo fazia com se recordasse da primeira vez que participara do teste de admissão ao programa de treinamento dos SEALs. Enquanto Jack escalava a escada para o telhado do casarão, a pergunta do avaliador não parava de queimar em sua cabeça: “Se eu acender um isqueiro na sua bunda você consegue subir até a barra?” Naquele momento, o fogo estava literalmente na bunda dele.

Jack reuniu suas forças, alçou o corpo para cima do telhado e ele e os colegas operadores espalharam-se pela área. Todos assumiram posição de tiro, estabelecendo assim um perímetro de defesa naquele ponto de observação vantajoso.

Antes de ir para o telhado do casarão, D.B. disse ao Líder da Equipe que o tempo era inimigo deles. Não estavam em perigo apenas no Complexo, mas, quanto mais tempo o Anexo ficava sem a equipe completa de operadores, mais inseguro ele ficava.

— Nós precisamos reunir todos os americanos que conseguirmos e evacuar — alertou D.B. ao Líder da Equipe.

Alguns minutos depois de os operadores se reunirem no telhado, o Líder da Equipe passou uma nova mensagem pelo rádio:

— Reúnam-se agora. Nós estamos indo embora deste inferno.

O último a permanecer no telhado foi Tig, que ficou lá em cima dando cobertura enquanto os outros desciam.

Rone assumiu a direção da Mercedes. Jack ocupou o lugar do passageiro. Tanto entrou no banco de trás. D.B. e Tig foram no porta-malas com o corpo de Sean Smith. Eles posicionaram-se de maneira que pudessem olhar para trás e certificarem-se de que ninguém os estava seguindo. O Líder da Equipe e Henry permaneceram do lado de fora conversando com o comandante da milícia 17 de Fevereiro.

Jack abriu a porta da Mercedes.

— Entra na porra do carro — falou ele para o Líder da Equipe. — A gente tem que sair daqui.

O Líder da Equipe o olhou de cima a baixo. Sem dar uma palavra, ele e Henry entraram atrás, ao lado de Tanto. Com os canos das armas ainda quentes, sete homens e o corpo de um oitavo espremiaram-se na SUV blindada da Mercedes.

Pela janela lateral, Tanto olhou para os rostos perplexos dos vários milicianos que, ele percebeu, tinham participado de seu primeiro combate armado. Além deles, viu o casarão e o alojamento em chamas. A luz lançada

no gramado pelo fogo fez Tanto pensar em um impecável campo de futebol americano pronto para uma noite de jogo.

Eram mais ou menos onze e trinta da noite, aproximadamente duas horas desde que o ataque começara. Sentados no Mercedes, nenhum dos operadores sabia quantos agressores suas balas tinham atingido no escuro. O Complexo não estava repleto com corpos, como alguns guerreiros de poltrona sugeririam mais tarde, no entanto os operadores sabiam que, em defesa própria e de seus compatriotas, tinham infligido lesões a pelo menos alguns de seus inimigos.

Rone deu meia volta e levou a SUV na direção oposta, para o portão da frente. Apertados, ombro com ombro e coxa com coxa, os homens suados e fatigados recolheram-se a seus pensamentos. Jack se preparou e segurou a arma entre os joelhos, ciente de que podiam estar indo direto para uma emboscada.

Rone seguia em frente com a Mercedes lotada. No momento em que chegassem ao portão, o Complexo da Missão Especial dos Estados Unidos em Benghazi deixaria efetivamente de existir.

NOVE

Zumbilândia

Quando Scott Wickland virou para a direita depois de sair pelo portão da frente do Complexo com seus quatro companheiros agentes da DS, tiros atingiram a Land Cruiser blindada. Seguiram em frente, porém mais problemas os aguardavam à frente. Exatamente da maneira como tinham sido advertidos, Wickland e seus passageiros viram uma multidão ameaçadora aproximando-se pelo leste na rua de cascalho. Wickland deu ré na Land Cruiser e a virou para a direção contrária, para o oeste, como lhe tinham dito para fazer, e ficou na direção do cruzamento com a Gunfighter Road, onde os operadores tinham inicialmente deixado seus veículos.

Quando começaram a ir à direção oeste, os agentes da DS viram um homem que pensaram ser um miliciano aliado da 17 de Fevereiro gesticulando para que dessem meia-volta. Os confusos agentes da DS interpretaram o sinal como um alerta de que estavam indo para uma emboscada. Wickland confiou no homem, virou pela segunda vez, e se voltou para seguir na direção leste, em direção ao aglomerado de árabes margeando a rua de cascalho no escuro.

Uma das razões pelas quais os operadores disseram a Wickland para não virar à direita era um alerta que tinham recebido de líderes que eram

realmente aliados, da milícia 17 de Fevereiro. Agressores estavam se aglomerando a leste do Complexo, disseram os líderes, e os combatentes deles não poderiam continuar em seus postos. A outra razão era a crença baseada em fatos de que radicais islâmicos da milícia Ansar al-Sharia tinham fixado base em uma das propriedades residenciais a leste e não muito distante do Complexo. Dias antes, Tanto conversara sobre a base da Ansar al-Sharia com Henry, que tinha traduzido documentos que descreviam como a milícia fundamentalista e radicalmente antiamericana tinha de modo furtivo se tornado vizinha do Complexo da Missão Especial dos EUA.

Os agentes da DS de Benghazi também sabiam dessa vizinhança do Complexo e a consideravam uma entre as dezenas de propriedades próximas controladas por milícias potencialmente hostis.

Depois da segunda meia-volta, Wickland seguiu dirigindo cautelosamente, mantendo-se estável a vinte quilômetros por hora. Quando a Land Cruiser aproximou-se dos homens armados margeando a rua, nenhum líbio levantou a arma. Wickland continuou a seguir na direção leste. A menos de quatrocentos metros do portão principal do Complexo, um homem foi para a rua e acenou com as duas mãos numa tentativa de direcionar a Land Cruiser para a entrada de uma propriedade. Não dava para ter certeza se aquela era a suposta base da Ansar al-Sharia de que os operadores e os agentes da DS tinham ouvido falar, mas Wickland e seus companheiros agentes suspeitaram que era uma armadilha. Alguns gritaram para que seguissem em frente, e Wickland tentou fugir acelerando.

Imediatamente, os homens ao longo da rua nivelaram suas armas e abriram fogo. Balas esmurraram as laterais da Land Cruiser. Os agressores jogaram duas granadas debaixo do veículo. As explosões sacolejaram a SUV e estouraram dois pneus. Rachaduras em forma de teia de aranha

espalharam-se pelas janelas à prova de balas. Mas a blindagem aguentou, os homens lá dentro permaneceram ilesos, e a Land Cruiser continuou a ganhar velocidade com seus pneus *run-flat*.

Os agressores avançaram, alguns atirando com AKs-47 a uma proximidade de sessenta centímetros enquanto Wickland seguia em frente. As janelas não abaixavam, então os agentes da DS não teriam como revidar os tiros sem abrir as portas, algo que não estavam dispostos a fazer. David Ubben pegou o rádio que Jack lhe dera e chamou os operadores no Anexo:

— Estão atirando muito na gente! Estamos usando nossos pneus *run-flat*!

Ainda respirando com dificuldade devido à inalação de fumaça, Wickland passava dirigindo pela multidão e deu a volta em uma barreira de estrada. Aproximou-se do final da rua de cascalho, onde, perpendicularmente, atravessava a rua que os operadores chamavam de Adidas Road. O verdadeiro nome da rua era Shari' al-Qayrawan, e ela passava pelo coração do centro comercial margeado de lojas. Wickland virou de uma vez na esquina, evitando pedestres na rua e se deparou com um típico engarrafamento de fim de noite em Benghazi.

Temendo que os agressores estivessem atrás deles, Wickland subiu com a Land Cruiser em uma calçada e seguiu em frente o mais rápido que podia pelo canteiro central de terra e grama. Quando o trânsito na rua ficou menos pesado, ele desceu do canteiro central e, sacolejando, foi ultrapassando os carros. Daí a pouco, Wickland virou o volante de supetão para a direita e colocou a SUV na pista apropriada.

Enquanto seguiam para o Anexo, os perturbados agentes da DS se prepararam novamente para a batalha ao virem dois carros que aparentemente os seguiam. O primeiro virou em uma rua e foi embora não muito tempo depois de começar a seguir a SUV, mas o segundo permaneceu atrás da Land Cruiser com os faróis apagados. Quando a Land Cruiser

aproximou-se do Anexo, o segundo carro virou para um lugar onde havia muitos galpões, na fronteira com o terreno árido, que os operadores chamavam de Zumbilândia.

Enquanto fazia ronda dentro do Anexo pouco depois das onze da noite, Oz escutou um tiro a uns oitocentos metros de distância. Esse foi o primeiro aviso de que os agentes da DS estavam a caminho. A confirmação chegou por meio de uma mensagem de rádio dos operadores, que permaneceram no Complexo: “O Departamento de Estado está saindo.”

As câmeras de vídeo externas do Anexo mostravam a Land Cruiser danificada acelerando pela Annex Road. Alec Henderson passou um rádio para avisar que entrariam acelerando. O guarda de segurança na entrada abriu o portão e levantou a cancela de aço para deixá-los entrar direto. Ele soltou a cancela rapidamente e fechou o portão.

Oz ouviu o *flop-flop* dos pneus furados quando desceu a escada que levava ao teto do Prédio C. Ele correu para ver se os agentes da DS estavam feridos dentro da SUV infestada de marcas de tiros. Wickland parou a Land Cruiser em uma vaga entre os Prédios B e C. Bob, o chefe da base, e vários funcionários do Anexo queriam sair do Prédio C para cumprimentar os agentes da DS, mas Oz os convenceu a ficar lá dentro, onde conseguiria protegê-los. Oz prometeu pedir a pelo menos um dos agentes que fosse lá dentro para relatar o ocorrido durante a missão.

Os cinco agentes da DS desceram da SUV com a aparência exata que Oz esperava de homens que tinham acabado de ser atacados por milicianos, de fazer uma busca atrás da outra em um prédio em chamas e que atravessaram tiros e explosões de carro. Oz pensou que Alec Henderson precisava de um

grande copo de água ou de algo mais forte e de um lugar para deitar. Mas Henderson entrou no Prédio C para contar a Bob e aos outros funcionários do Anexo o que tinha acontecido no Complexo nas duas horas anteriores.

Quando Scott Wickland saiu do carro, ele parecia um *performer*, de máscara burlesca preta, com manchas de pele fantasmagoricamente brancas espreitando por rasgos na fuligem em seu rosto. Seus pulmões deteriorados não conseguiam capturar oxigênio suficiente e Wickland foi para o Prédio C descansar e receber cuidados médicos. Oz deu uma olhada rápida no antebraço ferido de David Ubben, mas o agente disse que estava bem.

— Preciso de gente nos telhados — disse Oz a Ubben e aos dois agentes da DS que vieram de Trípoli. Ele os queria posicionados rapidamente para servirem de camada de defesa adicional caso os carros que seguiram a SUV fossem o prenúncio de um ataque ou os operadores retornassem com inimigos em seu encalço. Oz mandou Ubben para o telhado do Prédio D no lado oeste do Anexo. Ele separou os dois agentes de Trípoli e enviou um para o Prédio A, perto do portão da frente, e o outro para o Prédio B, no lado leste. Depois retornou para seu posto no telhado do Prédio C.

Oz tinha começado a ouvir mais sons preocupantes, que iam de pneus cantando a tiros periódicos vindos da direção do Complexo. De vez em quando, via balas traçantes cortando o céu negro, algumas verdes, outras vermelhas. O propósito das traçantes era ajudar os atiradores a ver a trajetória de seus disparos e corrigir a direção deles. Só restava a Oz desejar que fossem dos americanos.

Ele passou um rádio aos operadores para verificar o status deles e foi informado que estavam reunidos perto do Mercedes preparando-se para partir. Ciente de que os companheiros de equipe em breve estariam a caminho, Oz desceu a escada para dar a última verificada na defesa do

Anexo. Depois se certificou de que o portão da frente seria aberto com facilidade para que Rone pudesse entrar sem ter que ficar esperando.

Quando Rone passou com o Mercedes por baixo da arcada para sair do Complexo, seus companheiros operadores disseram em uníssono:

— Esquerda. Vai pela esquerda!

— Entendi, gente — respondeu Rone com calma.

Por já saber que os agressores tinham lançadores de granadas, a preocupação de Jack aumentou. A blindagem debaixo da lataria do Mercedes aguentava balas de AK-47, mas granadas lançadas por foguetes eram bem mais letais. Ele tinha certeza de que seus inimigos os estariam esperando na rua para repetir a emboscada que armaram para os agentes da DS. Tinha ouvido pelo rádio que a Land Cruiser conseguira chegar ao Anexo sem baixas. Jack duvidava que teriam tanta sorte.

Quando saíram pelo portão, Jack percebeu que se sentia mais seguro dentro do Complexo destruído do que trancado em um SUV seguindo para um território incerto além dos muros. Agarrou uma alça no painel em frente a ele para se preparar para a explosão que tinha certeza que os atingiria. Não era a primeira vez, durante as duas horas desde que os ataques começaram, que Jack pensou em sua família. Ele comentou consigo mesmo: *Ok, provavelmente não vou sair desta, mas tenho que continuar tentando.*

Para surpresa dos operadores, ninguém atirou no Mercedes quando viraram à esquerda para seguir no sentido oeste pela rua de cascalho. Mesmo assim, Tanto achou que Rone estava acelerando demais.

— Calma aí, calma aí — disse ele. — Desacelera, cara, a gente tem que passar despercebido.

Rone diminuiu a velocidade e aproximou-se cuidadosamente do cruzamento com a Gunfighter Road. Manteve o farol apagado na rua escura para chamar menos atenção.

Quando os operadores chegaram à esquina onde haviam deixado o BMW aproximadamente uma hora antes, viram vários homens barbudos perambulando por lá, alguns com fuzis. Os operadores não tinham como saber se os homens eram aliados, membros da milícia 17 de Fevereiro ou se aqueles milicianos tinham sido substituídos por rivais da Ansar al-Sharia ou de outra milícia ardorosamente antiamericana.

Os árabes encararam a SUV abarrotada com um olhar sem expressão. Alguns deles cobriam o rosto com balaclava. Rone e o Líder da Equipe cumprimentaram os homens com pequenos e confiantes gestos de mão. Jack fez contato visual com um homem bem alto de sandália e “pijama masculino” largo. Ele estava com uma AK-47, mas não fez movimento algum de que a levantaria.

Tanto se pegou olhando pela janela e memorizando detalhes do caminho que ele e D.B. fizeram a pé daquele ponto até o Complexo. Tanta coisa tinha acontecido em tão pouco tempo. Apenas duas horas antes, eles assistiam a *Fúria de titãs*.

Tig estava furioso com a emboscada em que caíram os agentes da DS e culpava a milícia 17 de Fevereiro por não isolar todo o bairro Fwayhat Ocidental. Com amigos como aqueles, não precisavam de inimigos. Quando Rone virou à esquerda na Gunfighter, Tig olhou com melancolia para o BMW abandonada. Quando pegou seu lançador de granadas e foi para a esquina para reagir aos tiros, Tig deixara sua mochila no carro. Nela, estavam o kit médico, pentes de munição extra, e o pior de tudo, seu passaporte. Ele sabia que seria tentadoramente perigoso parar, então se

manteve em silêncio e Rone seguiu em frente. *Não vale a pena entrar em um tiroteio por isso*, Tig pensou.

Vários dos homens armados na rua gritavam para o Mercedes parar. Os passageiros disseram a Rone para continuar, mas ele estava bem adiantado em relação a eles. Nenhum tiro ou carro os alcançou depois do cruzamento.

Os operadores continuaram seguindo na direção sul da Gunfighter depois da Fourth Ring Road. Eles relaxaram momentaneamente ao se aproximarem de seu destino sem entrar em combate com homens armados, depois voltaram rápido a ficar em alerta máximo. Rone fez alguns desvios para certificar-se de que não estavam sendo seguidos. Tanto abaixou seus óculos de visão noturna, mas não viu ninguém se movimentando nos campos abertos ao redor do Anexo. Ele notou que a base da 17 de Fevereiro ali perto parecia abandonada, como sempre ficava à noite. O Café Rancilio, um estabelecimento ali perto, parecia estar aberto, mas Tanto não viu ninguém lá dentro. Os portões e as persianas das lojas estavam fechados. Com pouco trânsito nas ruas e nenhum pedestre à vista, Tanto achou que aquela parecia uma noite típica, como aquelas quando voltavam depois de darem um rolé.

Rone sentiu-se confiante o suficiente para acender o farol enquanto percorriam as ruas escuras. Ele manteve a velocidade baixa do trânsito que os rodeava. A ideia era ocultar três fatos desconfortáveis: a SUV da Mercedes tinha um cadáver no porta-malas, estava cheia de operadores americanos fortemente armados e estava procurando refúgio em um Anexo secreto da CIA.

Quando faltava um minuto para chegarem, Tanto passou um rádio para o Anexo:

— Vamos entrar acelerando.

Sem querer dar a impressão errada de que estavam sendo seguidos, Tanto tratou rapidamente de amenizar sua mensagem:

— Ignorem. Vamos entrar na boa.

Rone estacionou perto do Prédio A e os operadores saíram. O corpo de Sean Smith permaneceu no porta-malas da Mercedes. D.B. providenciou um lençol para cobri-lo.

Enquanto o Líder da Equipe conversava com Bob, Henry, o tradutor, teve seu merecidíssimo descanso junto com os não atiradores dentro do Prédio C. Outras pessoas dentro do prédio mantinham-se ocupadas destruindo material secreto antes da evacuação. Eles também carregavam vários pentes com munição para as equipes de segurança nos telhados e nas torres.

Rone também entrou, para cuidar de Scott Wickland. Os outros operadores correram para os postos de batalha aos quais foram designados. Antes de seguir para o seu posto no Prédio B, Tanto disse a D.B. que queria ir ao Prédio C dar uma verificada na quantidade de apoio externo e poder de fogo adicional com que poderiam contar.

Jack saiu na direção da escada que levava ao telhado do Prédio D. Ao olhar para o triângulo gramado onde morava a família de tartarugas, Jack viu a Land Cruiser detonada pelas marcas da batalha e concluiu que os agentes da DS tinham sorte de estar vivos. No mínimo era uma homenagem às avessas aos engenheiros que desenvolveram a blindagem da SUV.

Enquanto subiam nas lajes dos telhados, nenhum dos operadores se permitia imaginar que estava fora de perigo. Ainda assim, alguns experimentaram uma breve onda de alívio. Apesar de todos no Anexo sentirem o toque da morte devido ao falecimento de Sean Smith e ao

desaparecimento de Chris Stevens, Jack percebeu um pequeno aumento no moral agora que todos os outros americanos estavam juntos dentro do Anexo e que ninguém tinha morrido ou se ferido durante a fuga do Complexo.

A meia-noite se aproximava, o 11 de setembro de 2012 caminhava para o fim, e as forças de defesa do Anexo estavam posicionadas. O mais alto dos agentes da DS de Trípoli estava no telhado do Prédio A, vigiando o muro sul e o portão da frente. Estava escuro, então ele não demorou para se juntar a Tanto e D.B., quando eles se posicionaram atrás do parapeito no telhado do Prédio B. Ao oficial de inteligência da CIA com experiência em combate no Afeganistão que permanecia no alto do Prédio C, Rone se juntaria em breve. Em cima do Prédio D estavam Jack, David Ubben e o outro agente da DS de Trípoli. Era um afroamericano atarracado e veterano do exército. O Líder da Equipe ficou dentro do Prédio C e saía ocasionalmente para o pátio do prédio.

O líder da segurança do Anexo se posicionou perto do portão da frente, mas às vezes ia a outros lugares. Os três guardas líbios estavam nas torres de aço. Um permanecia perto do portão da frente, mas o guarda que estava na torre noroeste foi se juntar ao amigo no canto sudoeste da propriedade. Oz estava movimentando-se, levando água e munição aos lugares onde eram necessárias e verificando se estavam todos posicionados. Quando terminou esse serviço, foi para torre de combate localizada a nordeste do Prédio C. Tig se juntou a dois dos guardas líbios e passou um tempo com eles na torre no canto sudeste do Anexo.

Enquanto os defensores do Anexo se preparavam para qualquer coisa que pudesse acontecer dali para frente, a meia-noite ficou para trás e o onze de setembro chegou ao fim. Minutos depois do começo do novo dia, o Centro de Operações do Departamento de Estado em Washington enviou um e-mail para a Casa Branca, o Pentágono, FBI e outras agências do governo. O e-mail foi enviado à meia-noite e seis, horário de Benghazi, no dia 12 de setembro de 2012, e o título era o seguinte: “Atualização 2: A Ansar al-Sharia assume a responsabilidade pelo ataque a Benghazi.” A mensagem dizia: “A embaixada de Trípoli informa que o grupo reivindica responsabilidade no Facebook e no Twitter e anuncia um ataque à embaixada de Trípoli”.

Quando o e-mail foi revelado semanas mais tarde, ele desencadeou uma tormenta sobre quando a administração de Obama soube que o ataque ao Complexo não era apenas um simples protesto, desorganizado e espontâneo devido ao vídeo anti-Maomé *A inocência dos muçulmanos* no YouTube, como várias autoridades oficiais sugeriram inicialmente. Mas depois a questão se tornou mais obscura, quando uma investigação feita por um pesquisador do Instituto de Washington para Política do Oriente Próximo não encontrou evidência alguma de que a milícia radical tivesse publicado tal afirmação nas mídias sociais.

Mais ou menos no mesmo horário em que o e-mail foi enviado, os portões da Embaixada em Trípoli foram abertos, e por ele saiu uma equipe de reforço de segurança para pegar um voo fretado para Benghazi. A força de sete homens era composta por um ex-SEAL da Marinha, Glen “Bub” Doherty; dois membros da Força Delta; o Líder de Equipe da GRS com cargo hierárquico mais alto na Líbia; dois outros operadores da GRS; e um linguista.

De seu posto na torre sudeste, Tig pediu pelo rádio que alguém acendesse os refletores no perímetro exterior que iluminavam além dos muros do Anexo. Em pouco tempo, as luzes acenderam, mas alguém também acendeu os holofotes que iluminavam dentro do terreno do Anexo. Estas luzes faziam com que ficasse mais fácil movimentar-se no escuro, mas deixavam expostas as silhuetas das pessoas que defendiam o local nos telhados e nas torres, revelando suas posições. Igualmente preocupante era o fato de que as luzes interiores os cegavam, impedindo que enxergassem além dos muros do Anexo, onde agressores poderiam estar se escondendo.

Jack pediu pelo rádio que as luzes interiores fossem apagadas. Tig reforçou a solicitação. Como nada aconteceu, Jack pensou em atirar nelas, da mesma maneira que fizera quando era SEAL da Marinha durante ataques noturnos a navios no mar. Em uma missão, a equipe de SEALs de Jack recebeu a informação de que um dos filhos de Osama bin Laden estava em uma embarcação navegando na costa do Paquistão. Com um barco rápido eles emparelharam com o navio, prenderam escadas nele e subiram a bordo. A busca não encontrou sinal algum de bin Laden. Os únicos tiros que dispararam naquela noite foram para apagar as luzes.

No topo do Prédio D, Jack estava nervoso por causa das luzes, mas hesitou em atirar, pois não queria chamar a atenção para o Anexo com os tiros. Minutos que mais pareciam horas se passaram e Jack começou a reconsiderar. Justo nesse momento, o sotaque sulista de Tig esbravejou pelas ondas do rádio:

— Alguém apaga essas porras dessas luzes!

Encabulado, um empregado da segurança do Anexo respondeu:

— Eu tô indo. Eu tô indo.

Quando Jack parou de rir, as luzes internas foram apagadas.

Os operadores no Prédio B também se divertiram com o ataque de Tig. De seu posto no lado leste do Anexo, Tanto e D.B. escutaram uma voz em algum lugar cantando e falando animadamente em árabe com um megafone. Tanto queria saber se era alguém incitando alunos em uma faculdade de medicina ali perto para marcharem ao Anexo e dar cobertura aos milicianos da Ansar al-Sharia ou a outros inimigos dos Estados Unidos, que poderiam infiltrar-se entre eles para atacar. Outros cenários incendiaram a cabeça de Tanto, todos eles tinham como clímax um tiroteio. Esperar pacientemente não era o forte de Tanto. *Que caralho, seus filhos da puta, pensou ele. Se vão atacar a gente, ataquem agora.*

Tanto perguntou ao Líder da Equipe pelo rádio:

— Qual é a situação da aeronave Spectre? Agora era uma boa hora pra gente usar esse recurso.

Ele perguntou também pelo drone não tripulado sem saber que já havia um transmitindo imagens de algum lugar no céu. O Líder da Equipe disse a Tanto que tentaria descobrir.

Quando chegou ao telhado pela primeira vez, Tanto perguntou se alguém que estava lá dentro do Prédio C levaria comida, bebida e cadeiras enquanto eles ficavam ali esperando. A oficial de inteligência que fora jantar com Oz levou Gatorade, água e barras de chocolate. Ela tropeçou ao tentar passar por cima do parapeito e caiu de cara no telhado. Tanto achou que ela podia ter se machucado feio, mas a mulher levantou-se na hora, disse que estava bem e continuou a fazer suas entregas. Um funcionário de apoio a seguia com cadeiras de plástico.

Logo em seguida, sem nenhum sinal de movimento do outro lado dos muros, Tanto decidiu que podia usar um lançador de granadas para reforçar suas defesas. Ele desceu e procurou nos veículos, mas não teve sorte. Quando perguntou pelo rádio se alguém sabia onde ele podia encontrar um,

ninguém respondeu. Tanto foi ao Prédio C para perguntar por lá, mas se deu mal novamente. Enquanto os funcionários rasgavam documentos, destruíam materiais confidenciais e executavam outras tarefas prescritas para se prepararem para abandonar o Anexo, Tanto encheu os bolsos com mais pentes de munição e foi em direção à porta.

Quando estava saindo, Tanto se encontrou com o chefe da base, Bob, sentado no chão no corredor principal com as costas apoiadas na parede e a cabeça nas mãos. Para Tanto, parecia que Bob tinha desistido. Ainda que Bob estivesse falando ao telefone, Tanto pensou, a mensagem de sua linguagem corporal era de derrota. O operador abanou a cabeça com desdém, mas não disse nada. Um devastador e fulminante monólogo disparou em sua cabeça. *O seu papel de líder você certamente não consegue desempenhar. Não mostra isso pras pessoas apavoradas que estão sob sua responsabilidade. Talvez você esteja sentado aí falando ao telefone, mas não é o que está parecendo. Acha um jeito de se mostrar confiante e proativo. Acha um jeito de levantar o moral de todo mundo.* Ele segurou a vontade de dar um murro na cara do chefe da base.

Ao observar o comportamento de Bob, Tanto se lembrou do BlackBerry que o miliciano lhe tinha entregado do lado de fora do casarão. Nenhum dos agentes da DS relatara a perda de um telefone, então Tanto imaginava que ele pertencesse a Chris Stevens.

— Ei, senhor — chamou Tanto estendendo a mão com o telefone para Bob. — Toma aqui um telefone que a gente achou lá no consulado. Acho que você vai querer dar uma olhada nele.

O chefe da base pegou o BlackBerry em silêncio e Tanto retornou para o Prédio B. Tanto nunca ficou sabendo quem era o dono dele.

Em cima dos telhados, os homens conversavam, comiam os chocolates e reabasteciam seus sais e vitaminas. A maioria sofria com variados níveis de inalação de fumaça. Tig tinha a impressão de que iria tossir um pulmão. Alguns deles entravam nos prédios para irem rapidamente ao banheiro. Conferiam as miras e armas. Estabeleceram suas áreas de atuação, assim cada homem saberia qual território estaria sob sua responsabilidade caso agressores começassem a se aproximar.

Enquanto aguardavam, o Líder da Equipe informou aos operadores pelo rádio que um drone de vigilância estava no céu. Não falou nenhuma palavra sobre o Spectre, a aeronave armada. O Líder da Equipe pediu a um homem em cada prédio e nas torres para tirarem uma luz estroboscópica dos tambores de munição, de modo ajudar o drone a identificar suas localizações.

Tanto achou que as estroboscópicas também guiariam a aeronave armada, então ele tirou uma e a colocou no meio do telhado. Mas logo em seguida ele abandonou sua esperança por apoio aéreo armado.

— Estou achando que não vão mandar a aeronave armada — comentou Tanto com D.B.

D.B. tinha chegado à mesma conclusão. Ele soltou uma risada melancólica.

— Que se foda — disse Tanto. — O que é que a gente vai fazer? É simples, a gente vai fazer o que puder.

Do outro lado da estradinha, no alto do Prédio D, Jack entendeu o pedido do Líder da Equipe de forma diferente. Para Jack, ele queria que os operadores colocassem luzes estroboscópicas infravermelhas nos capacetes. Jack sabia que o drone era desarmado e não tinha a menor esperança de que enviariam uma aeronave armada. Pessoalmente, usar uma estroboscópica não lhe faria bem algum. Pior, se um dos agressores tivesse de alguma

maneira conseguido um óculos de visão noturna, a luz funcionaria como alvo na cabeça de Jack. Ele ignorou a ordem.

Estar no telhado deu a Jack a oportunidade de se examinar. Ele percebeu que sua calça jeans estava ensopada. Primeiro Jack pensou que devia ter caído na água sem perceber, mas depois reparou que ela estava encharcada de suor. Ao olhar para a calça, Jack viu um rasgo grande na perna esquerda. Uma aba do tamanho de um bolso, logo abaixo da virilha, aberta para a brisa leve do Mediterrâneo. Ele não tinha ideia de como aquilo tinha acontecido. Mas estava feliz por não ser alguns centímetros acima. Quando o primeiro chamado para agruparem-se foi feito, ele vestira a calça sem perder tempo com cueca.

As luzes exteriores continuavam a iluminar a área do lado de fora do Anexo e um homem que morava em um condomínio ao sul na Annex Road chegou ao muro do lado oposto à torre onde Tig estava. Em árabe, ele exigia que as luzes exteriores fossem apagadas. Tig chamou um dos guardas que falava inglês e pediu a ele para traduzir. O guarda disse a Tig que o vizinho falou que deviam “apagar as luzes, porque eles vão saber onde vocês estão”.

O comentário deixou Tig desconcertado. *O que ele quer dizer com “eles”?*, Tig se perguntou. *E como é que ele pode saber o que está acontecendo aqui?* Ele falou para o guarda dizer para o vizinho ignorar as luzes e voltar para dentro de casa. O homem foi embora bufando de raiva. Alguns minutos depois, uma caminhonete da Toyota e quatro carros saíram acelerando da propriedade, um depois do outro. Tig caminhou até o Prédio C para contar ao Líder da Equipe, mas nenhum deles conseguia pensar em quais poderiam ser as consequências daquilo, se é que haveria alguma. Tig deixou o capacete e os óculos de visão noturna quebrados no pátio do Prédio C enquanto falava com o Líder da Equipe.

Depois de cuidar de Scott Wickland no Prédio C, Rone perguntou pelo rádio se havia mais alguém ferido que precisava de sua ajuda. Ele não tinha que ver ninguém imediatamente, mas disse a David Ubben que queria dar mais uma olhada naquele braço ferido. Um funcionário do Anexo viu Rone perambulando impaciente para subir ao posto de combate no alto do prédio.

Rone parecia estar totalmente em casa e à vontade naquele papel, o funcionário disse a Jack mais tarde. Ele movimentava-se com confiança e tinha no rosto o sorriso de um predador. A autoconfiança de Rone animou os funcionários não atiradores no Prédio C, que tinham finalmente reconhecido que suas vidas dependiam dos operadores. O funcionário disse a Jack:

— Ele estava tipo “é isso aí, a gente vai soltar o ódio nesses caras”. Ele estava pronto para guerra e não dava a mínima para quantos deles estivessem vindo.

O funcionário ficou olhando Rone se equipar e não conseguia parar de pensar no quanto o musculoso ex-SEAL de barba esculpida lembrava o rei Leônidas do filme *300*. Jack sabia muito bem disso.

Quando estava fazendo suas rondas, Oz subiu no telhado do Prédio D e passou alguns minutos conversando com Jack para tomar conhecimento do máximo que pudesse sobre o que tinha acontecido no Complexo. Oz contou a Jack que se sentia frustrado por não estar com eles e perguntou se tinham matado muitos agressores. Jack respondeu que não sabia. Oz conferiu se tinham suprimentos e munição suficientes e em seguida desceu.

No telhado, Jack e o agente da DS de Trípoli conversaram sobre o quanto o Complexo estava despreparado para o ataque. O agente disse a Jack que se

os agressores não tivessem começado a cantar enquanto invadiam a propriedade pelo portão de pedestres, o resultado poderia ter sido pior, porque os agentes no casarão teriam sido pegos ainda mais de surpresa.

O comentário do agente fez Jack pensar na diferença entre o que aconteceu no Complexo e o que eles estavam preparados para enfrentar no Anexo. Quando o Complexo foi atacado, três agentes estavam relaxando do lado de fora do casarão, outro estava lá dentro assistindo a um filme e o quinto preenchia uns formulários no TOC. Um dos quatro milicianos da 17 de Fevereiro que haviam sido contratados para a segurança do Complexo estava ausente, e os guardas da Blue Mountain, desarmados. A equipe de defesa ativa do Anexo, por sua vez, possuía seis operadores fortemente armados e muito capacitados posicionados em telhados reforçados e torres de combate equipados para a batalha. Dando-lhes suporte, havia três agentes da DS, dois funcionários do Anexo experientes e, se eles permanecessem em seus postos, três guardas líbios armados que os operadores esperavam que estivessem prontos para lutar.

Outra importante diferença era a de que os homens no Anexo sabiam que o inimigo estava a caminho. Qualquer agressor que tentasse passar para o lado de dentro do muro se depararia com uma resposta feroz. O Complexo era um alvo relativamente fácil; os operadores tinham certeza de que o Anexo não seria.

Quando Oz desceu depois de sua conversa com Jack, ele se posicionou no topo da plataforma da torre perto do canto nordeste do muro. Aquela torre, conhecida como Posição de Combate Três, permitia que Oz tivesse uma vista de toda a Zumbilândia e de dois grandes cercados com algumas

centenas de ovelhas imundas. De vez em quando, dois homens que Oz supunha serem pastores caminhavam pela área. Oz os observava atentamente, mas não pareciam estar armados. Prestava atenção também nas ovelhas, pois se preocupava com a possibilidade de os agressores tentarem usar os animais como esconderijo e engatinhar no meio deles em direção ao muro.

Em algum momento antes da meia-noite e meia, Tanto e D.B. viram um carro chegar a uma área para estacionamento parcamente iluminada na Annex Road, aproximadamente trezentos metros a leste da posição deles. Os operadores sempre usavam o lote como local para recolha de veículos que achavam precisar de manutenção, e os deixavam lá para que uma companhia britânica os coletasse de caminhão. Perto da área para estacionamento havia uma casa que pertencia a uma família que não gostava da presença de americanos na rua. Os adolescentes que moravam lá andavam pela vizinhança com os amigos tentando parecer durões, como se fossem uma gangue de rua com porretes e facas. Às vezes eles acendiam e jogavam foguetes de garrafa e bombinhas da Zumbilândia por cima do muro leste do Anexo.

Outro carro parou na área para estacionamento e depois mais dois. Pelo menos mais dois outros carros chegaram nos minutos seguintes. Tanto e D.B. se entreolharam, depois abaixaram os óculos de visão noturna presos ao capacete. Prestavam muita atenção à área para estacionamento. Dois carros de polícia de Benghazi pararam no lote, mas foram embora em pouco tempo. Tanto narrava os acontecimentos pelo rádio e pontuou as idas e vindas com uma reclamação:

— Ei, os policiais estão indo embora!

Os outros carros ficaram.

— Nós estamos esperando os aliados virem fazer um cerco ao nosso redor? — perguntou Tanto ao Líder da Equipe pelo rádio. — Porque, cara, tem uns carros começando a se aglomerar no estacionamento onde a gente deixa os carros.

— Vou verificar — respondeu o Líder da Equipe. — Não estou sabendo de nada a esse respeito.

Cada carro que chegava ao lote deixava Tanto e D.B. mais apreensivos.

— Cara, não acho que a gente está esperando alguém. — disse Tanto. Eles tentavam determinar se os homens pareciam membros da milícia 17 de Fevereiro, mas não tinham como saber.

D.B. falou para Tanto que tinha visto homens afastando-se dos carros, a maioria na direção do Anexo.

— É o pessoal daqui que mora lá ou são bandidos? — perguntou Tanto.

— Não dá pra saber — respondeu D.B. — Parece que eles estão se movimentando. Mas não estão fazendo isso normalmente. Estão se movimentando taticamente.

Depois de uma pausa, ele completou:

— Acho que esses caras estão começando a vir na nossa direção.

Cheio de adrenalina, Tanto alertou pelo rádio:

— Estejam cientes, temos pessoas desconhecidas saindo do estacionamento e se movimentando na direção do nosso complexo.

Tanto olhou para uma área com árvores e mato e viu um homem avançando. Continuou a espreitar o escuro e viu outro. Em pouco tempo, já tinha contado meia dúzia de homens que se aproximavam. Tanto se perguntou quantos mais haveria que ele não conseguia ver no escuro. Os homens não tinham lugar para se abrigar, mas Tanto e D.B. os viam tentar se

esconder, movimentando-se regularmente de arbusto em arbusto, de uma árvore magrela para a outra. Tanto achou que os movimentos dos homens que se aproximavam lembravam crianças brincando de pique-esconde. A pulsação do operador aumentou.

Tanto repetiu sua mensagem de rádio para o Líder da Equipe.

— E então, estamos esperando algum aliado? Pessoas estão se movimentando na nossa direção. Preciso saber se temos aliados.

— Tanto — respondeu o Líder da Equipe. — Não consegui nada, nenhuma notícia nem confirmação de que haja algum aliado.

— Então temos autorização para atirar se precisarmos?

— A decisão é sua — respondeu o Líder da Equipe — neste momento, não temos aliado nenhum.

— Copiado.

Aumentou o número de homens se aproximando. Alguns usavam camisetas brancas. Iluminados pelas luzes exteriores do Anexo e pela lua no céu, eles tinham um brilho verde fluorescente nos óculos de visão noturna dos operadores. Quando os homens entre as árvores chegaram a uma distância de cem metros do muro do Anexo, Tanto contou nove. Mas ele se perguntou se outros, talvez usando camisa preta ou escondidos no mato, permaneciam invisíveis. Concentrou-se nos campos de tiro que ele, D.B. e o agente da DS no Prédio B tinham determinado, para garantir que tivessem coberto toda a área além dos muros e assim seus tiros se espalhassem por setores interconectáveis.

Tanto apertou a mão ao redor de uma área próxima ao cano de seu fuzil de assalto que os operadores chamavam de “cabo de vassoura”, para acender sua mira laser em intervalos de três segundos. Ele trocou o raio para um tipo que era invisível a olho nu, mas brilhava no formato de um ponto brilhante quando visto através de óculos de visão noturna.

Tanto movia o raio pelas figuras que se aproximavam, dando uma pausa entre uma mira e outra para o caso de algum dos homens do lado de fora do muro também ter óculos de visão noturna. Se fosse esse o caso, eles poderiam usar os óculos para fazer a mira contrária em relação aos americanos que estavam disparando o raio de cima dos telhados. Toda vez que acertava um deles com o raio, Tanto perguntava:

— Esse é o cara que você está vendo?

Quando D.B. confirmava, Tanto apontava para o próximo. Dessa maneira, ambos sabiam que estavam identificando os mesmos possíveis inimigos. Quando esse processo de mirar nos alvos começou, o agente da DS não tinha óculos de visão noturna, então só lhe restava forçar os olhos e torcer para, por conta própria, ver os homens que vinham na direção deles. Quando Tanto apontava para cada um dos possíveis alvos, entrava em contato com Oz pelo rádio, cujo ponto de vantagem na torre do canto nordeste dava-lhe uma visão similar dos homens que se aproximavam. Oz também os via chegando e respondia “Copiado” cada vez que via o laser de Tanto acertar um deles. Embora a tecnologia lhes desse uma vantagem, os operadores sabiam que a área além do muro estava lotada de pontos cegos, lugares escuros que seus óculos de visão noturna não os ajudavam a enxergar.

Enquanto preparavam-se para o combate, os operadores não paravam de pensar nos adolescentes que moravam em uma casa próxima dali. Os americanos resolveram que não atirariam até outra ação demonstrar que as figuras do lado de fora do Anexo eram inimigos e não os milicianos quase aliados ou adolescentes durões armados com nada mais poderoso do que bombinhas.

Tanto continuou a observar os homens tentando se esconder no setor sob sua responsabilidade, mas ele não via nenhuma arma. Então D.B. identificou

um homem armado em seu setor. Ele gritou:

— Vi AKs.

Tanto olhou de novo e também viu fuzis.

Os movimentos furtivos e as armas que tinham eram indicadores de que aqueles homens eram agressores que se aproximavam do Anexo por uma área a leste do muro. Mas os americanos queriam ainda mais confirmações antes de entrarem em combate. Ainda havia a possibilidade, não interessava o quanto ela era pequena, de que os homens fossem milicianos da 17 de Fevereiro indo ajudá-los. A única coisa que Tanto falou no rádio foi:

— Pessoal, estejam cientes. Acho que temos bandidos vindo na nossa direção.

Então Tanto viu um homem se apoiar no joelho.

Antes de Tanto e D.B. notarem os carros chegando e os homens se aproximando, Tanto passara um rádio para perguntar se ninguém tinha óculos de visão noturna sobrando para dar ao agente da DS no Prédio B. Um oficial de inteligência no Prédio C conseguiu um e o entregou a Tig, para que ele o levasse ao Prédio B em uma de suas rondas. Quando estava indo entregar os óculos, Tig parou no Prédio A para pegar duas caixas de água em um corredor na entrada da frente.

Ele subiu a escada ao lado do Prédio B e largou os óculos lá em cima. A essa altura, Tanto, D.B. e o agente da DS já estavam ocupados observando os homens se aproximarem do muro do Anexo.

Com o fuzil pendurado em frente de si pela correia, Tig caminhou para o lado leste do prédio C, na direção da área que os operadores chamavam de academia da prisão. Ele conseguia ver Oz em posição na torre nordeste, uns

trinta metros à frente, então carregou as garrafas de água naquele caminho. Quando Tig se aproximou da área em que malhavam, algo voou por cima do muro em sua direção.

Ele não conseguiu ver o que era, mas faíscas saltitavam de uma das pontas. Era um pavio aceso.

DEZ

Alvo Blindado

Tig caminhava a uma velocidade média e aproximava-se da academia da prisão quando a bomba caiu no outro lado da área onde eles malhavam. Estava protegido pelo colete tático pesado e pelo colete à prova de balas, mas a cabeça estava descoberta. Deixara acidentalmente o capacete na esquina do Prédio C quando foi conversar com o Líder da Equipe sobre o vizinho intrometido. Tig gelou, largou a água que estava levando para Oz e se preparou para o impacto.

Na cabeça apenas um pensamento: *Isto vai machucar.*

Mas depois do clarão e do estrondo, os 25 metros que o separavam da explosão foram suficientes para salvá-lo. Ele conferiu e, para sua surpresa, estava intacto, não tinha nenhum arranhão.

Tig não tinha certeza, mas, com base na imagem e no som da explosão, e na ausência de estilhaços, achou que o explosivo improvisado arremessado por cima do muro era uma bomba “gelatina”. Favoritas das milícias radicais líbias, as bombas gelatina eram explosivos baratos e moldáveis feitos de gelnite, um material similar à dinamite, porém mais estável e abundante. Os pescadores de Benghazi usavam bombas gelatina para facilitar o seu trabalho. Jogavam-na no Mediterrâneo, esperavam o gêiser, depois

coletavam os peixes que vinham à superfície. Os agressores pareciam estar usando as bombas com um propósito similar, para atordoar ou distrair os americanos antes de partirem para a matança.

No momento em que a bomba explodiu, os homens que estavam avançando sorrateiramente na direção do muro leste abriram fogo contra o Anexo.

Tig saiu correndo para juntar-se a Oz na torre nordeste. Ele subiu, ficou à esquerda de Oz e encontrou o amigo já combatendo os inimigos.

Antes da explosão, Oz estava de pé na plataforma de aço aguardando ansioso pela chegada de Tig com as garrafas de água. Ele escutou o *whoosh* de algo voando por cima do muro, mas não teve certeza do que era na hora. Quando houve a explosão e começaram os disparos, Oz entendeu que a bomba era o sinal para que os agressores comessem o ataque, da mesma maneira que os americanos às vezes usavam granadas de luz ou “*flash bangs*” para dar início a uma ação.

Pela localização com laser que ele tinha feito com Tanto via rádio, Oz já tinha uma ideia geral de onde os agressores estavam localizados, espalhados no escuro entre as árvores e os arbustos. Ele se concentrou nessas áreas quando o tiroteio começou, atento aos clarões dos canos e pedaços de camisas brancas à luz da lua. Toda vez que via um, Oz atirava na direção dele.

Enquanto as balas passavam por cima de sua cabeça, Oz viu seis inimigos tentando atirar nos holofotes que iluminavam a área exterior do Anexo.

A bomba gelatina aparentemente era o sinal para que os agressores começassem a atirar, mas não era o único explosivo que tinham levado. Em algum lugar nas árvores a leste do muro, um agressor estava com um lançador de granadas no ombro e disparou na direção do Anexo. Tanto escutou o som característico do lançamento, um gargarejo escaldante e um *uschh* seguido pouco depois de uma explosão. Era evidente que o atirador tinha mirado alto demais, pois a granada voou por cima do Anexo inteiro e aterrissou em algum lugar depois do muro oeste no lado contrário.

Porém, a audição de Tanto estava tão ruim devido aos disparos no Complexo que ele ainda não estava inteiramente certo de que o tiroteio tinha começado. Mesmo depois de ter visto o agressor ajoelhar-se, Tanto ainda estava um pouco convencido de que os sons que escutou eram de bombinhas de traque.

— Parceiro — perguntou ele a D.B. — Alguém acabou de atirar na gente?

— Cara, acho que sim — respondeu D.B. Ele passou um rádio para o Líder da Equipe para perguntar se ele sabia se os milicianos da 17 de Fevereiro estavam a caminho do Anexo, para ter certeza de que aquele não era um disparo dado por aliados.

— Nós não sabemos — respondeu o Líder da Equipe. — Mas se estão atirando em vocês, atirem de volta.

— Que se foda — disse Tanto. E começou a atirar.

D.B. fez o mesmo, mirando nos homens armados que tinha identificado antes, mesmo que estivesse furioso com o Líder da Equipe por ele estar bem protegido lá dentro do Prédio C. D.B. não precisava que ninguém lhe dissesse quais eram as regras de combate, especialmente quando essa pessoa não estava segurando uma arma. Ele interpretou o “atirem de volta” do Líder da Equipe como uma resposta de alguém que estava se achando o fodão, o

que o deixou ainda com mais raiva, pois a única coisa que queria era certificar-se de que não ia matar um aliado.

Tanto buscou o agressor ajoelhado com a mira infravermelha acoplada a seu fuzil de assalto, mas quando disparou, viu as primeiras balas acertarem a terra a uns três metros do alvo. Não tinha tempo para ajustar a mira, então fez a correção usando um método chamado “*Kentucky windage*”, que consistia em fazer a mira fina usando a experiência e a intuição. Com essas correções feitas, Tanto observava os homens que ele e D.B. tinham identificado antes começarem a recuar para não serem atingidos. Alguns dos agressores feridos tentavam se esconder ou reagrupar. Alguns ziguezagueavam mancando para frente e para trás pelas árvores e pelos arbustos. Os operadores continuaram a atirar, apoiando as armas no parapeito dos telhados e mirando para baixo nos agressores que vinham na direção deles do outro lado do muro leste.

Enquanto Tanto e D.B. combatiam os atiradores, o agente de Trípoli fez o seu trabalho cobrindo a área ao sul, fora do muro da frente do Anexo. Ninguém se aproximava pela grande área aberta naquela direção, mas os operadores cobriam o leste e o nordeste, e ficaram satisfeitos pelo agente da DS estar tomando conta de seu flanco.

Tanto estava arrebatado por aquela paisagem cheia de projéteis luminosos e balas zumbindo no escuro. Os óculos de visão noturna tornavam possível ver até mesmo o traçado de calor deixado pelas balas. Aquilo parecia como um show de laser à noite, e Tanto se sentia como uma criança dentro de um videogame. Depois da frustração por ter ficado na defensiva no Complexo, Tanto sentia que a mesa tinha virado. Os agressores recuavam desorientados, pois aparentemente estavam esperando uma repetição do que acontecera no Complexo três horas antes.

A gente está acabando com esses putos, pensou Tanto.

A troca de tiros continuou. Balas zuniam sobre as cabeças dos operadores e faziam barulho nas paredes, deixando crateras nos blocos de concreto.

De pé ao lado de Oz na torre, Tig ficava de lado na parede e descarregava seu fuzil de assalto nos agressores. Durante uma saraivada de tiros em sua direção, Tig sentiu o fôlego ser arrancado de seus pulmões.

— Ai, caralho, acho que levei um tiro — disse ele a Oz.

Tig agachou de dor e soltou uma torrente de xingamentos. Ele passou a mão direita por dentro da camisa, por baixo do colete tático e do à prova de balas, e não sentiu sangue nem achou buraco na pele. Chegou à conclusão de que um estilhaço devia tê-lo atingido como um peso-pesado, depois ricocheteado em seu equipamento de proteção. A lateral do corpo de Tig doía, mas não estava seriamente ferido, então voltou a disparar balas na direção dos clarões dos canos. Com seu capacete lá no Prédio C, Tig sabia que teve sorte de o estilhaço não o atingir 45 centímetros acima.

Durante o combate, uma bala atingiu o topo do muro exatamente em frente a Oz. Fragmentos de pedra voaram em seu rosto, bem abaixo dos óculos de visão noturna. Ele sentiu sangue escorrer da ponte do nariz. Atordoado, Oz se recompôs e se deu conta de que não tinha sido baleado nem estava com um ferimento sério. Ele limpou o sangue e voltou para o combate.

Uma bala inimiga atingiu um refletor externo à direita da torre onde estavam posicionados, o que fez a lâmpada explodir em cacos de vidro.

Enquanto rechaçavam o ataque, os operadores e os agentes da DS mantinham seus fuzis no semiautomático para economizar munição e manter a mira no alvo. Soldados da ficção, jogadores de videogame e jovens milicianos poderiam preferir a rajada de balas do fuzil no automático, mas os operadores consideravam isso um erro tático e um belo desperdício de munição.

O combate prosseguia, mas o tiroteio não era constante. Eles atiravam controladamente, disparavam uma ou duas balas bem miradas, depois faziam uma pausa, em seguida mais uma ou duas. Durante um período de dez minutos, vários operadores disseram, cada um atirou de trinta a sessenta balas em várias direções. Não sabiam quantos agressores tinham acertado na escuridão.

Tanto e Oz não tinham certeza de quantos homens enfrentavam no total. No entanto, devido às silhuetas e às camisetas brancas que viam através dos óculos de visão noturna, mais o número de clarões vindos de lugares diferentes, estimaram de quinze a vinte, com a possibilidade de chegarem a trinta.

Ao mesmo tempo, de seus postos nas torres, Tig e Oz tentavam ficar de olho nos dois pastores e no cercado com as ovelhas para se certificarem de que não havia ninguém querendo se esconder em meio aos animais para tentar se aproximar do muro. Os pastores ficaram fora da linha de tiro, mas Oz achou muito estranho o fato de eles permanecerem indiferentes às balas que voavam por ali. Suspeitou que estavam de alguma maneira ligados aos homens que atiravam no Anexo, mas, enquanto não disparassem uma arma, Oz não os combateria.

Nem ele nem Tig estavam usando protetor auricular e não demorou para os ouvidos de Oz palpitem ao barulho trovejante criado pelos dois atirando lado a lado na pequena torre. Durante uma pausa na ação, Oz

arrancou pedaços de gaze de um rolo em seu kit de primeiros socorros, os enrolou em forma de bola e enfiou nas orelhas. Perguntou a Tig se também queria, mas o colega achou que Oz estava engraçado demais para ser imitado e merecia mesmo era ser zoadado.

— Ah, então está um pouco alto demais pra você? — debochou Tig.

Tanto viu alguns dos agressores virarem e correrem para a casa onde ele sabia que moravam os adolescentes, perto da área do estacionamento. Ele continuou atirando até eles chegarem à casa. Tanto não ficaria surpreso se a família que morava lá estivesse apoiando os agressores, mesmo assim, não queria atirar em ninguém que não representasse uma nítida ameaça ao Anexo. Até onde sabia, a família deveria ser de inocentes moradores locais que tiveram a casa tomada à força por militantes. Quando os agressores chegaram à área do estacionamento, Tanto viu dois carros acelerarem na direção norte depois de virarem a esquina com a Annex Road.

— Parceiro — chamou ele —, a gente continua atirando?

— Cara, não sei se tem crianças na casa — respondeu D.B.

A vontade de Tanto era destruir a casa, mas ele sabia que D.B. estava certo. Se atirassem em alguém que não tinha nada a ver com o ataque, não interessava o quanto tivessem sido competentes naquela noite, seriam repreendidos ou coisa pior.

Com D.B. atirando a pouco mais de um metro de distância, quando o tiroteio terminou, o ouvido esquerdo de Tanto zumbia e estava quase imprestável.

— Seu filho da mãe — xingou com um sorriso amenizando sua acusação.

— Eu agora não estou conseguindo escutar merda nenhuma. Brigadão, cara.

— Ei — respondeu D.B. também sorrindo. — Vítima de guerra. Acho que cê devia ter usado protetor auricular.

Tanto mostrou o dedo do meio pra ele.

No meio da zoação, ambos sentiram que tinham dado a volta por cima e que começaram a assumir o controle. Se os agressores esperavam que este ataque seguisse o padrão do cerco ao Complexo, onde conseguiram acesso ao santuário americano sem ter que fugir de balas, os operadores queriam que eles soubessem que o Anexo não seria um alvo assim tão fácil.

Cerca de dez minutos depois de terem começado, os tiros dos agressores extinguiram-se completamente. Quando o tiroteio terminou, Oz escutou ruídos abafados e gemidos vindos dos arbustos onde os agressores tinham tentado se esconder, a aproximadamente cem metros do muro. Do alto do Prédio B, D.B. escutava gemidos juntamente com o que parecia ser o som de homens tentando recarregar armas.

Por meio de conversas via rádio entre os vários postos, os operadores souberam que, além dos pequenos ferimentos de Oz e Tig, e de uma cathedral lotada de sinos tocando nos ouvidos deles, todos no Anexo estavam bem.

Enquanto derramavam água e Gatorade garganta abaixo e tentavam relaxar, deixando a adrenalina ser reabsorvida pelo corpo, o ar ao redor deles fedia com o pungente aroma de pólvora.

Para divertir os colegas operadores, à meia-noite e quarenta e cinco Tanto passou um rádio para o Líder da Equipe e:

— É, estou achando que não vão mandar a Spectre, não, né?

O Líder da Equipe não respondeu, então Tanto preencheu o vazio:

— Copiado. Só queria saber.

Refletindo sobre o tiroteio recentemente vencido, Tanto desejou ter conseguido encontrar o lançador de granadas que procurara mais cedo. *Umás duas daquelas teriam matado todos eles*, falou consigo mesmo.

Como o ataque veio do lado leste do Anexo, os homens no alto dos Prédios C e D foram forçados a ficar de fora do tiroteio. Sabiam que não podiam disparar para o muro leste, pois atirariam nas costas de Tanto, D.B. e do agente da DS no Prédio B.

Frustrado por não ter participado do combate, Jack continuou observando cuidadosamente as áreas além dos muros norte e oeste. Se os agressores quisessem abrir uma nova frente, aquela deveria ser a opção deles. Jack estava particularmente preocupado com um caminho norte-sul estreito próximo ao Anexo, que os operadores chamavam de “Smuggler’s Alley” e passava entre o Anexo e a Fourth Ring Road. Durante os rolés, ele e Rone tinham passado de carro pelo beco de terra várias vezes para variarem a rotina caso alguém os estivesse vigiando. Jack sabia que os muros altos dos dois lados o transformavam praticamente em um corredor protegido que os agressores poderiam usar para se aproximarem do Anexo vindo do portão de trás do Complexo diplomático em chamas.

Jack vasculhou o beco em busca de sinais de movimento, mas não viu nada. Porém, ele sabia que seu trabalho era permanecer vigilante independentemente de o quanto seus olhos estivessem exaustos. Ocasionalmente, a cabeça de Jack ia ao encontro de sua família e da esperança de que viveria para ver seu terceiro filho nascer. Nos intervalos de silêncio interrompidos por tiros, Jack também pensava em como o louva-a-deus na oliveira ao lado de seu posto tinha ficado em meio ao combate.

Algumas vezes, Jack olhava para o canto sudoeste do Anexo, para uma casinha que abrigava um jardineiro responsável por manter a propriedade viçosa. Alto e magro, um homem de barba bem feita na faixa dos quarenta anos, o jardineiro várias vezes perambulou do lado de fora da casinha

enquanto as balas voavam, fumando e se ajoelhando para rezar. Jack achou aquilo quase cômico. *Aqui estamos nós em uma luta por nossas vidas*, pensou Jack, *e ele fica lá embaixo, esperando o melhor, fumando um cigarro.*

Durante e depois do tiroteio, Jack, David Ubben e o agente da DS em seus postos no Prédio D, imaginavam cenários diferentes para ataques novos ou relacionados aos que já tinham acontecido. Preocupavam-se especialmente com um prédio de quatro andares em construção a sudeste. Era uma estrutura de concreto que um inimigo poderia usar para posicionar um franco-atirador, de onde teria uma visão direta dos telhados do Anexo. Para os defensores do Anexo, ele permanecia aparentemente vazio. Sentiram-se agradecidos por seus inimigos serem mal treinados em relação a táticas e técnicas de combate.

Jack também observava um condomínio residencial exatamente a noroeste, com uma casa grande a pouco mais de vinte metros do muro do Anexo. Quando o tiroteio explodiu, dois homens desarmados saíram pela porta da frente e ficaram do lado de fora fumando, como se aquela fosse somente mais uma noite qualquer de quinta-feira em Benghazi. Jack avisou pelo rádio sobre aqueles dois homens para que não fossem confundidos com agressores hostis. O aviso era parte do mantra de batalha objetivo de Jack: *A comunicação é tudo. Se você se comunica bem e atira, você está à frente no jogo.*

Depois do término do tiroteio, Tanto levantou o braço para movimentar seus óculos de visão noturna. Entretanto, um parafuso que os prendia ao capacete tinha ficado frouxo, por isso eles caíram e quebraram. *Você só pode estar de sacanagem comigo*, pensou Tanto. Ele perguntou pelo rádio se

alguém tinha algum para lhe emprestar. Como ninguém respondeu, Tanto desceu para procurar um.

A caminho do Prédio C, comendo uma barra de chocolate, Tanto decidiu dar uma olhada nos três líbios que haviam sido contratados como guardas do Anexo. Ele sabia que Tig e Oz os tinham posicionado em postos de combate, então decidiu verificar se precisavam de munição ou de alguma outra coisa. Mas, quando chegou aos postos a que eles tinham sido designados, viu que tinham ido embora. Ele olhou do lado de fora do Anexo, e os carros deles também não estavam mais lá.

— Eles vazaram — disse Tanto a seus companheiros operadores.

Ele foi à Sala da Equipe no Prédio C, mas não conseguiu achar outros óculos. Um membro da equipe de segurança do Anexo deu um a ele.

— Tenho estes aqui — o membro da segurança disse, segurando-o. — Não vou precisar deles.

O presente era mais uma prova de que os operadores tinham ganhado a confiança dos funcionários do Anexo.

Tanto agradeceu e atarraxou os óculos no capacete. Ele encheu a mão de barras de chocolate e se juntou novamente a D.B. e ao agente da DS no Prédio B. Os três sentaram nas cadeiras de plástico tentando não pensar no quanto estavam mentalmente exaustos. D.B. sentia-se confortável no silêncio, mas Tanto não era do tipo que fica sentado sem falar por muito tempo.

— Cara — Tanto chamou D.B. —, se eles vierem com qualquer coisa maior do que lançadores de granadas e AKs, ou se vierem com um Técnico, irmão, não vamos ter como derrotar esses caras. A gente não tem armamento pra isso.

— É, eu sei — falou D.B.

— Foda-se, espero que eles não venham com um Técnico porque, se vierem, eu e você vamos ter que descer deste prédio e ir lá pra fora. Vamos ter que ir na direção deles, e vamos ter que fazer um ataque direto.

Novamente D.B. fez que sim com a cabeça e respondeu:

— É, eu sei.

A confirmação de D.B. era exatamente o que Tanto esperava escutar. D.B. dizer que aceitava as adversidades que poderiam ter que enfrentar juntos era para Tanto a reafirmação do vínculo que tinham estabelecido durante a década anterior, quando um salvava o outro no Iraque, Afeganistão, e agora na Líbia. Os comentários de Tanto também eram a sua maneira de dizer que, se tivessem que sair do Anexo com menos de uma dezena de combatentes para enfrentar uma força grande e fortemente armada, ele se sentiria confiante com D.B. ao seu lado. Por conhecer Tanto muito bem, D.B. captou a mensagem.

A discussão sobre com quais armas eles poderiam se deparar além de lançadores de granadas e AKs-47 fez Tanto pensar na mulher e nos filhos. A ideia de que poderia não mais falar com eles lhe deu arrepios. Tentou retirar à força aquele pensamento da cabeça.

Tanto se lembrou de uma cena da série de TV da HBO chamada *Band of Brothers*, em que um oficial ordena que um soldado com medo em uma trincheira comece a lutar. Ele lembrou-se de uma fala sobre abraçar a morte como um caminho para se encontrar a força para começar a lutar. *Não quero morrer*, pensou Tanto. *Nenhum de nós quer morrer. Mas essa é uma possibilidade, e se você não aceitá-la, isso vai ficar o tempo todo martelando a*

sua cabeça e você não será capaz de agir. Então aceite isso, tenha consciência de que existe a possibilidade de você nunca mais falar com a sua família.

Ter consciência de que tinha dito à esposa e aos filhos que os amava na última conversa que tiveram por telefone há menos de 24 horas foi o que reconfortou Tanto. Uma vez mais, contudo, ele tentou tirá-los da cabeça. Sabia que aquele era um círculo vicioso. Quanto mais Tanto se concentrava em sua família, menos focava em fazer direito o seu trabalho, que era a única coisa que podia aumentar as chances de reencontrá-los.

Tanto tirou o capacete e entornou água na cabeça, depois a sacudiu como um cachorro saindo de um riacho. Ele deslizou da cadeira, sentou-se no telhado com os cotovelos apoiados nos joelhos e os dedos entrelaçados em frente ao rosto. Tanto conferiu os bolsos para verificar se tinha munição e se estava com sua faca, preparando-se para o que estava por vir. Com o fuzil de assalto ao alcance da mão, fez questão de tentar lembrar tudo o que acontecera até então, nos mínimos detalhes. Se conseguisse voltar para casa, queria ser capaz de contar a história do que acontecera naquela noite em Benghazi. E se um de seus companheiros operadores não conseguisse o mesmo, Tanto queria ser capaz de contar à família daquele homem o quanto fora corajoso e o bem que fizera.

Sentado no telhado, ele ficou pensando no tempo que perderam no início da batalha aguardando o OK para reagirem à situação no Complexo. A raiva que tinha de Bob, o chefe do Anexo, aumentou ainda mais.

— Por que ele ficou falando pra gente não agir? — perguntou, retoricamente, antes de rogar uma praga em Bob. E concluiu sarcasticamente:

— Provavelmente, ele está agora mesmo tentando chamar a 17 de Fevereiro pra vir salvar a gente.

D.B. sentia-se do mesmo jeito. Ele acreditava que Sean Smith teria sobrevivido e que Chris Stevens não estaria desaparecido se eles tivessem corrido para o Complexo bem na hora em que ficaram prontos.

Tanto chamou baixinho o agente da DS que estava sentado sozinho do outro lado do telhado vigiando a área além do muro sul.

— Ei, parceiro. O que foi que aconteceu lá?

— A gente estava sentado conversando de bobeira — contou ele aos operadores —, quase indo dormir. Estávamos fumando narguilé. Aí de repente a gente escutou uma cantoria e já tinha gente no portão, aí de repente aquela merda toda virou um inferno e eles começaram a atirar.

— Então vocês não receberam alerta nenhum?

— Nada.

— O que os caras da 17 de Fevereiro fizeram?

— Cara, eles nem estavam lá.

— Onde estavam os caras da Blue Mountain?

— Não sei onde eles estavam também — respondeu o agente da DS. — A gente não sabia, não fomos alertados de nada. Quando a gente soube o que estava acontecendo, eles já estavam em cima da gente.

Tanto e D.B. pediram desculpa por não terem chegado lá antes.

Depois que o tiroteio acabou, Jack viu carros chegando e pessoas reunindo-se no norte da Zumbilândia. Tanto, Tig e alguns outros defensores do Anexo escutaram cantos vindos da direção da Fourth Ring Road. Vários deles viram fumaça subir do alojamento da 17 de Fevereiro, que continuava a queimar no Complexo.

Desconhecidos dos americanos no Anexo, saqueadores, curiosos e talvez algumas pessoas que participaram do primeiro ataque perambulavam livremente pelo Complexo às escuras. Havia uma carcaça queimada de Land Cruiser em frente ao alojamento com os pneus de borracha derretidos até os aros de ferro. Documentos oficiais espalhavam-se pelo TOC e esvoaçavam do lado de fora pela grama pisoteada. Uma das folhas continha a agenda do embaixador Stevens para a semana. A estradinha de entrada estava salpicada de capsulas de balas. Uma poltrona bege estofada com braços levemente curvos flutuava na piscina do casarão ao lado de um guarda-chuva e um conjunto de almofadas vermelhas. Móveis do pátio, utensílios e outros entulhos repousavam no fundo azul da piscina. Manchas negras de fuligem e palavras em árabe pintadas com spray espalhavam-se como hera pelas paredes amarelas externas dos imóveis. Jovens armados exultavam ao céu enquanto fotógrafos capturavam a cena com as chamas dos prédios incendiados servindo de pano de fundo.

As portas explodidas da frente do casarão levavam a uma ruína chamuscada que lembrava o interior de uma enorme lareira. Tinta e papel de parede enroscavam-se descolados das paredes queimadas. O chão de mármore estava rachado como um mosaico antigo e os tapetes grossos que o cobriam foram reduzidos a cinzas. Portas de madeira no interior do casarão haviam sido destruídas e estavam dependuradas. O conteúdo de vasos de pedra estava derramado como poças de lama. Era inacreditável que um lustre coberto de fuligem acinzentada ainda permanecesse dependurado no teto. Metal retorcido, vidro quebrado e restos estilhaçados de mobília enegrecida completavam a cena de assassinato apocalíptico.

O fogo no casarão tinha se consumido. O imóvel já tinha esfriado o suficiente para permitir que homens de Benghazi se apressassem pelos cômodos e corredores, incluindo aí a zona de segurança, na qual entraram

pela janela aberta do quarto. Alguns foram lá para despojar o casarão de qualquer coisa remanescente de valor ou relevância. Várias pessoas saíram de lá com bolsas lotadas de roupas dos americanos. Em algum momento por volta da uma da manhã, ou noventa minutos depois que os últimos americanos saíram da propriedade, alguns poucos homens de Benghazi chegaram aos cômodos inacessíveis no fundo da zona de segurança do casarão. Ali eles encontraram um homem branco de meia idade imóvel com os lábios pretos de fuligem e a camisa branca totalmente manchada de cinza.

O jovem líbio que fez um vídeo com o celular do homem sem movimento contou à CBS News que ouviu alguém gritar em árabe:

— Tem um corpo, um estrangeiro!

Quando o homem estava sendo carregado pela janela do casarão, o vídeo capturou alguém gritando em árabe:

— Deus é maravilhoso! Ele está vivo, está vivo!

O homem que fez o vídeo contou à CBS News que ninguém sabia a identidade daquele homem. Disse que várias pessoas gritaram por um médico, mas não encontraram nenhum entre as pessoas no local.

Um relatório do governo dos EUA informou que seis homens que acreditavam estar agindo como bons samaritanos levaram a pessoa sem identificação para o Centro Médico de Benghazi, que ficava a aproximadamente três quilômetros do Complexo, entre a Second e a Third Ring Road. Chegaram lá por volta da uma e quinze da manhã. Embora o homem não apresentasse sinal de vida, os médicos disseram que tentaram ressuscitá-lo por aproximadamente 45 minutos antes de declararem-no morto por aparente inalação de fumaça.

Às duas da manhã, a embaixada dos EUA em Trípoli recebeu uma ligação do telefone celular de Scott Wickland, aquele dado a Chris Stevens quando se refugiaram na zona de segurança. Durante a ligação, uma pessoa falando

em árabe fez a descrição que se encaixava com a do embaixador e disse que o homem sem identificação estava no hospital de Benghazi. Alguém tinha aparentemente pegado o telefone no bolso da calça dele, e o falante de árabe ficou ligando para números salvos nele. Mas quem fez a ligação não conseguia providenciar uma fotografia nem outra prova qualquer para que os diplomatas pudessem ter certeza de que quem estava com ele era realmente Stevens.

Para complicar ainda mais as coisas, primeiramente, não ficou claro qual era o hospital envolvido. Quando as autoridades da embaixada souberam que o homem havia sido levado para o Centro Médico de Benghazi, temeram que aquela fosse uma armadilha, de acordo com o relatório oficial. Fontes locais disseram a eles que o centro médico era aliado da milícia Ansar al-Sharia e que poderia estar sob controle dela. Os funcionários da embaixada dos EUA suspeitaram que alguém tivesse simplesmente encontrado o telefone ou o pegado com Stevens, que estaria ou morto, ou sequestrado. A alegação de que o dono do telefone estava em um hospital podia ser um artifício malicioso para que os americanos saíssem e caíssem em uma emboscada. O adido político da embaixada, David McFarland, pressionou seus contatos em Benghazi para conseguir respostas.

Mesmo que a alegação de quem estava ligando fosse verdade, existia a possibilidade de que qualquer americano que fosse ao hospital para encontrar Stevens atravessasse caminhos com agressores feridos no Complexo e seus companheiros. Se as autoridades americanas tivessem certeza de que era o embaixador e de que estava vivo, tratariam a situação como resgate de refém e mandariam operadores armados até os dentes para lá. Como o contexto era diferente, eles foram prudentes e aguardaram. Para acelerar o processo, autoridades da embaixada enviaram ao hospital um líbio de confiança para conferir a identidade da pessoa e sua condição. O

líbio era o mesmo homem que tinha resgatado o piloto americano do F-15 abatido em 2011 e que agora administrava a escola em que Stevens planejara fazer o Cantinho Americano.

Quase simultaneamente, a notícia de que uma equipe de sete homens vindos de Trípoli tinham chegado ao aeroporto de Benghazi se espalhou pelos rádios do Anexo. Mas parecia que eles não se juntariam à defesa do Anexo tão cedo. Bob, o chefe do Anexo, e os diplomatas em Trípoli estavam pelejando para conseguir que o governo líbio enviasse transporte e segurança ao aeroporto para escoltar a equipe de reação até o seu destino. Nenhum dos recém-chegados tinha trabalhado em Benghazi antes, por isso não sabiam andar lá. Fazer a apropriação de veículos na rua para fins militares não era uma opção, especialmente em uma noite em que a temporada de caça a americanos parecia estar aberta.

Um tempo depois do tiroteio, D.B escutou o Líder da Equipe dizer que eles também poderiam conseguir ajuda de uma equipe de Operações Especiais vinda da Itália. D.B. sentiu o moral melhorar com as notícias da equipe de Trípoli e da possibilidade de uma segunda unidade de reforço. A experiência de combate tinha ensinado a D.B. uma equação básica da matemática militar: *em qualquer combate que estiver, você vai sempre querer que apareça a maior quantidade de aliados possível e com a maior quantidade de armas que conseguirem.*

Enquanto isso, autoridades em Trípoli e Washington debatiam se a equipe de reação de Trípoli deveria ir ao hospital numa missão de resgate ou para o Anexo reforçar as defesas antes que todos os americanos que foram para lá fossem evacuados. Essa decisão dependia primeiramente de

descobrir se um americano estava de fato no hospital, e se estivesse, se era Chris Stevens. A maior de todas as questões era se ele ainda estava vivo.

ONZE

Bombardeio?

Depois do tiroteio, Oz e Tig permaneceram na torre de aço tentando aliviar a tensão. Tig puxou seu colete e levantou a camisa para que Oz pudesse dar uma olhada na lateral de seu corpo. Havia vergões vermelhos e irritados onde os estilhaços acertaram a pele de Tig, mas nenhum dos ferimentos necessitava dos cuidados de Rone. Eles conversavam e descansavam, mas ainda assim permaneciam vigilantes. Ambos sabiam que não podiam relaxar, pois continuavam a escutar vozes de homens movendo-se pelos arbustos, alguns aparentemente feridos. Os músculos dos operadores doíam por terem ficado de pé por tanto tempo e agachados atrás de uma caixa cheia de sacos de areia na beirada da torre.

Tig buscou a água que tinha deixado cair perto da área onde se exercitavam quando a bomba explodiu. Oz bebeu primeiro enquanto Tig vigiava a área além do muro, depois trocaram.

Enquanto isso, Rone chamou David Ubben e pediu-lhe para ir até o telhado do Prédio C para que pudesse ir dar uma olhada no curativo do braço de Ubben. Depois que Rone refez o curativo, Ubben continuou no alto do Prédio C com Rone e o funcionário do Anexo que tinha experiência em combate adquirida no Afeganistão.

O Anexo tinha ficado em silêncio durante um tempo depois do tiroteio e, durante esse período, alguns oficiais de inteligência voltaram aos seus quartos para juntarem seus pertences. Tig decidiu deixar a torre nordeste para encontrar-se com o Líder da Equipe e recomendar que todos os atiradores também tivessem permissão para fazer um rodízio nos telhados e nas torres que davam para os quartos.

Quando Tig estava descendo a escada, foi iluminado pela lanterna de David Ubben, apontada para ele do telhado do Prédio C. Tig ergueu as mãos aborrecido e Ubben apagou a lanterna. *Que merda é essa, cara? A gente estava num tiroteio agora mesmo. Está querendo me matar?*

O Líder da Equipe concordou com a sugestão de Tig, que foi ao quarto que dividia com Jack e enfiou o computador e o iPad em uma mochila, depois voltou ao Prédio C e perguntou ao Líder da Equipe se alguém tinha visto seu capacete. Enquanto o Líder da Equipe foi procurar saber, Tig entrou e viu o zelador e o cozinheiro do Anexo com uma escopeta, sentados em silêncio em um sofá com os olhares completamente perdidos.

Tig sentiu compaixão pelos não atiradores, o que não sentia por vários outros homens que tinham treinamento em armas. Os operadores precisavam da maior quantidade de defensores que pudessem encontrar em telhados e torres, não em sofás. *Vocês são atiradores, porra, pensou Tig. Estamos lutando por nossas vidas. E vocês ficam aí com a bunda no sofá.*

No alto do Prédio B, Tanto e D.B. continuavam conversando com o agente da DS de Trípoli sobre as falhas na segurança no Complexo. À luz do que aconteceu, especialmente em relação à facilidade com que os agressores tinham entrado na propriedade, os operadores não conseguiam entender

como as solicitações para aumentar o pessoal e as medidas de segurança foram negadas ou adiadas. Nunca tiveram uma resposta satisfatória.

Por volta das duas e trinta da manhã, os homens no prédio B notaram carros chegando à mesma área de estacionamento onde os agressores haviam se reunido mais cedo. Tanto perguntou ao Líder da Equipe pelo rádio:

— Estamos esperando aliados no estacionamento agora? Estou vendo mais carros chegando.

— Não estou esperando ninguém — respondeu ele.

— A 17 de Fevereiro fez barreiras para não deixar os bandidos se aproximarem daqui?

— Não estou sabendo de nada a esse respeito — disse o Líder da Equipe.

— Está certo — falou Tanto. — Então esteja ciente de que temos mais pessoas começando a se aglomerar no estacionamento.

Em quinze minutos, Tanto contou a chegada de oito a dez carros que chegavam sozinhos ou em duplas. Depois alguns outros chegaram, perfazendo um total de quinze. Tanto observava os homens moverem-se continuamente para dentro da casa na fronteira com a área do estacionamento.

Tanto passou um rádio para Oz na torre:

— Mais pessoas estão entrando naquela casa. Fica de olho aberto, cara. Acho que vão atacar a gente de novo.

Oz agradeceu pelo alerta e disse a Tanto que tinha visto os carros e homens.

Tanto e D.B. trocaram olhares desconfiados. Tanto se levantou da cadeira de plástico e começou um monólogo frustrado direcionado a ninguém em particular.

— É sério isso? Eles vão fazer essa merda de novo? Só podem estar de sacanagem comigo. São mesmo tão burros assim?

Tanto bebeu um pouco de água e prendeu a alça do capacete. Alguns minutos mais tarde, o Líder da Equipe informou pelo rádio:

— Estejam cientes, o ISR está nos informando que dez carros se reuniram no estacionamento a sudeste do Anexo.

Tanto respondeu ao Líder da Equipe:

— Copiado. Eu já tinha falado isso, amigão. Ei, fala com esses caras do IRS que eles não estão prestando pra nada. Não estão informando nada que a gente já não saiba.

Contudo, Tanto complementou que seria útil se o drone de vigilância desse uma vasculhada mais ampla para ver se outros inimigos em potencial estavam movendo-se na direção do Anexo de algum lugar mais distante. O Líder da Equipe concordou em perguntar.

Por volta das três e quinze da manhã, o homem no prédio B viu uma fileira de homens armados sair da casa perto da área do estacionamento. Os operadores decidiram não atirar para deixar os vinte homens ou mais que se aproximavam pensarem que os defensores do Anexo tinham baixado a guarda. *Deixa os caras chegarem mais perto*, pensou Tanto. *Temos uma emboscada armada, por isso vamos esperar e pegá-los o mais perto que precisarem chegar. Aí a gente vai simplesmente esmagar essas porras desses caras.*

Várias das luzes externas do lado leste do Anexo tinham sido atingidas durante o primeiro tiroteio, então os agressores podiam ter imaginado que não estavam sendo vistos durante a aproximação em meio às árvores no escuro. Se estivessem mesmo pensando assim, não conheciam o poder dos óculos de visão noturna. Enquanto os homens avançavam lentamente, D.B. e Tanto ficaram admirados que seus adversários não variaram a tática que

usaram no primeiro tiroteio. Eles novamente se movimentavam de árvore em árvore, arbusto em arbusto, a partir do mesmo ponto de origem. O agente da DS continuou a vigiar o sul, e novamente não viu ninguém se aproximando daquela direção. Os outros operadores não viram nenhum movimento vindo da Zumbilândia ao norte nem do Smuggler's Alley a oeste.

Os agressores chegaram a cem metros de distância do muro leste do Anexo, depois cinquenta, quarenta, e ainda assim os operadores não começaram a atirar.

De seu posto no alto da torre, pronto para o combate, Oz notou um carro parado do outro lado das barreiras New Jersey perto do portão de trás do Anexo, localizado no canto norte do muro leste. Oz não sabia quando o carro tinha chegado, mas sabia que ele não deveria estar ali.

Primeiro Oz viu apenas uma sombra, mas depois enxergou a figura completa de um homem indo até a traseira do carro. Quando o sujeito ergueu o braço para arremessar algo na direção do portão de trás, Oz o enquadrou na alça de mira e pressionou o gatilho. O homem desabou na terra. Houve um clarão e ressoou uma explosão. Mas a bomba que o sujeito tentou arremessar no portão de trás caiu inofensivamente a pouco menos de dois metros dele. Os operadores acreditavam que o homem tinha a intenção de criar uma abertura para que ele e outras pessoas invadissem.

Depois disso, Oz, D.B. e Tanto entraram em ação. Concentraram seus projéteis nos homens armados nas árvores e nos arbustos, com a intenção de subjugar os agressores com força superior. Os agressores atiraram de volta, mais do que durante no primeiro tiroteio.

Assim que Tig pegou seu capacete com o Líder da Equipe, escutou uma explosão e o barulho de tiros do lado de fora do muro leste. Ele voltou para a torre e se juntou novamente a Oz, que já tinha eliminado o sujeito com a bomba.

No meio do segundo tiroteio, o Líder da Equipe chamou Oz e Tig no rádio para dizer que tinha recebido uma ligação estranha do comandante da milícia 17 de Fevereiro. Os operadores não tinham a menor ideia de que membros da milícia aliada estavam nos arredores. E naquele momento o Líder da Equipe avisava que um comandante tinha ligado para reclamar.

— Os caras da 17 de Fevereiro alegam que vocês estão atirando neles — disse o Líder da Equipe.

— Que se foda — respondeu Tanto. — Alguém começou a atirar na gente primeiro e continuou atirando. Se são eles, mande pararem.

Um pouco depois, o Líder da Equipe concordou:

— Se estão atirando em vocês, atirem neles.

— Copiado — disse Tig.

Ele e Oz não tinham mesmo parado de atirar.

Tig, Oz, Tanto e D.B. atiravam em todos os alvos hostis que conseguiam identificar. Tanto mirou até mesmo em carros no estacionamento ao longe. D.B. e Tanto se mantinham abaixados atrás do parapeito do Prédio B enquanto movimentavam-se para a esquerda e para a direita, visualizando seus inimigos através de seus óculos de visão noturna e abriam fogo. Tanto

mirou em uma fila de agressores. Ele viu suas balas acertarem um na cabeça e o homem desabar.

Oz e Tig trocavam de posição na torre como parceiros de dança e atiravam uma vez atrás da outra na direção dos arbustos. Não sabiam quantos agressores tinham atingido, mas a diminuição dos disparos que vinham do lado de fora do muro leste sugeria que estavam acertando seus alvos.

Pela segunda vez, os homens nos Prédios C e D não podiam participar. Eles não tinham uma visão clara do outro lado do muro onde os agressores estavam escondidos. Ainda que conseguissem ver o inimigo, colocariam os homens no lado leste do Anexo em perigo, pois teriam que atirar entre eles ou por cima de suas cabeças.

Depois de cinco minutos de troca ininterrupta de tiros disparados de ambos os lados, com ainda mais chumbo voando do que no primeiro tiroteio, os agressores começaram a retroceder. Após cinco minutos mais, todos os tiros vindos do lado de fora do Anexo pararam. Tanto viu vários de seus inimigos caídos na terra e testemunhou um homem em quem tinha atirado recebendo ajuda para entrar na casa na fronteira com o estacionamento. Outros correram para os carros e fugiram acelerando. Embora alguns dos agressores usassem a casa como refúgio, os operadores dizem que não atiraram no imóvel porque não sabiam se havia crianças e mulheres lá dentro.

Pela segunda vez, os agressores tinham se retirado sem chegarem aos americanos dentro do Anexo. Em dois tiroteios de aproximadamente dez minutos cada, separados por mais ou menos duas horas, a única coisa que conseguiram foi ferir o tórax de Tig e o nariz de Oz durante o primeiro combate, e não causaram nenhum ferimento durante o segundo. Em troca, os operadores tinham cobrado um preço alto, mas a quantidade de

agressores mortos ou feridos permanecia desconhecida. O contraste em relação ao ataque ao Complexo era total, e o otimismo dos operadores foi elevado, já que tinham rechaçado dois ataques armados praticamente sem nenhum arranhão.

Horas de vigilância quase constante começaram a pregar peças nos olhos cansados de Jack. Ele estava olhando para um ponto em cima da parte noroeste do muro, a uns quarenta metros de seu posto no Prédio D, e teve certeza de que havia ali um homem imóvel. Perguntou ao agente da DS perto de si se ele estava vendo a pessoa, mas era apenas sua imaginação.

Mais ou menos meia hora se passou sem qualquer nova ameaça, e os dois homens no Prédio D contaram histórias sobre suas experiências militares.

— Se isto aqui fosse no Iraque — comentou o agente da DS com Jack —, uns dois Blackhawks pousariam aqui pra levar a gente embora ou pra nos ajudar.

— É — disse Jack. — Não fica esperando que isso vá acontecer aqui. A gente não tem nada.

Jack tinha começado a pensar que eles podiam ficar presos no Anexo por vários dias antes de alguém conseguir pensar em uma maneira de evacuá-los dali em segurança.

Durante um período de tranquilidade, o agente da DS conversou pelo celular com alguém que Jack imaginou ser do Departamento de Estado. O agente da DS disse que o ataque ao Complexo já estava sendo noticiado em seu país, e as informações da mídia sugeriam que tudo começou com manifestações de rua por causa de um filme anti-islâmico. Jack sabia que protestos dessa natureza não tinham acontecido em Benghazi, então ele se

perguntou o que mais havia de errado na história que estava sendo contada. Mas tinha preocupações maiores e colocou aquele pensamento de lado.

O agente da DS também soube pelo telefonema que parecia que um homem branco tinha sido encontrado vivo no casarão do Complexo e que tinha sido levado para um hospital próximo. Surpreso, Jack pensou em espalhar a notícia pelo rádio para levantar o ânimo de todo mundo, mas depois pensou melhor.

Jack queria acreditar que o embaixador estivesse vivo, mas a notícia parecia boa demais para ser verdade. Talvez fosse outro equívoco, como as notícias sobre os ataques em Benghazi terem começado com protestos semelhantes aos que ocorreram espontaneamente no Cairo. Por um lado, se o homem no hospital fosse realmente o embaixador, Jack estava feliz por Stevens não ter sido sequestrado e assassinado por terroristas, como ele e Rone temiam. Mas Jack estivera dentro do casarão diversas vezes e tinha tirado Sean Smith pela janela. Não conseguia imaginar como alguém poderia ter sobrevivido lá dentro depois que os operadores e os agentes da DS foram embora.

Quando Tig voltou a vigiar a área a nordeste do muro, visualizou dois homens líbios andando na direção sul em direção ao Anexo por uma pista de terra escura entre as cabanas com telhado de zinco do estábulo. Não tinha certeza, mas podiam ser os pastores que vira mais cedo. Tig acionou a mira laser, que emitiu um raio vermelho visível.

— Se continuarem vindo, vou apontar o laser neles — Tig disse a Oz.

No escuro, os operadores não conseguiam ver se eles estavam com armas, mas Tig não se arriscaria. Ele continuava a ouvir os cantos vindos da direção

do Complexo, e não entendia por que alguém se aproximaria do Anexo a pé depois de dois tiroteios, a não ser que quisessem começar um terceiro.

Tig mirou e o raio vermelho brilhou no peito de um dos homens, depois o moveu para o do outro. *Se continuarem vindo*, pensou ele, *com certeza mato vocês dois*.

Os dois pararam imediatamente quando viram o ponto vermelho dançando no peito. Ambos viraram-se abruptamente para o oeste e se abaixaram ao lado de uma construção separada do Anexo perto de um grupo de árvores. Não voltaram mais, e Tig nunca ficou sabendo quem eles eram.

As ovelhas nos cercados continuavam a ser uma preocupação para Oz e Tig. Os animais levantavam e abaixavam a cabeça como nadadores em uma piscina lotada e trombavam uns com os outros em busca de uma posição. De tanto os operadores ficarem observando as caras compridas das ovelhas no escuro, elas começaram a parecer quase humanas. Para piorar as coisas, regularmente os carneiros levantavam-se apoiando nas patas de trás para montar nas ovelhas. Toda vez que isso acontecia, Oz e Tig, olhavam de novo para certificarem-se de que não era um homem movendo-se em meio às ovelhas na direção do muro do Anexo. Apesar de Tig ter recuperado seu capacete, os óculos de visão noturna quebrados tornavam particularmente difícil para ele distinguir entre acasalamento no rebanho e humanos agachados.

Ele e Oz pediram granadas de luz ou “flash bangs” pelo rádio para jogarem nos cercados. Os operadores achavam que o barulho faria os animais se reagruparem, o que lhes permitiria conferir se não havia os agressores escondidos em meio ao rebanho. Não havia nenhuma bomba do tipo lá, então Tig e Oz levaram em consideração a possibilidade de ligar as lanternas, mas isso deixaria exposta a posição deles na torre.

Por fim, Oz teve uma ideia.

— Vamos começar a matar as ovelhas.

Se ele e Tig tivessem visto pelo menos uma pessoa em meio às ovelhas, provavelmente teriam feito isso. Como esse não era o caso, Oz e Tig deixaram de lado a ideia de promover uma matança de ovelhas. Parte da hesitação deles estava relacionada ao fato de saberem que desencadeariam um pesadelo burocrático de críticas posteriores quando o dono dos animais exigisse restituição e seus chefes, explicações. Ademais, todos aqueles tiros nas ovelhas atrairia mais atenção indesejada e agravaria o zumbido em seus ouvidos. Apesar de zoar Oz por causa de seu protetor auricular de gaze, Tig tinha feito o mesmo.

Eles passaram o tempo contando piadas e conversando, dizendo um ao outro que os Estados Unidos tinham aplicado bem o dinheiro em treinamento para ensinar-lhes como ser soldado. Ambos já tinham presenciado ação antes, mas nada tão prolongado nem intenso quanto aquilo.

— Finalmente — disse Tig com uma risada cínica — a gente colocou nosso treinamento em prática.

Quando Tanto teve certeza de que o segundo tiroteio tinha acabado, ele voltou para a sua cadeira de praia, comeu a barra de chocolate deixada pela metade e lavou a boca com goladas de água. *Acabamos com esses caras de novo*, ele pensou. É provável que a gente saia desta, com ou sem a ajuda. Só precisamos achar um jeito de sair daqui. Mas, caralho, as coisas estão indo bem.

— Parece que afastamos os agressores — informou Tanto ao Líder de Equipe por rádio. — Não tem ninguém lá fora. Foi todo mundo embora.

Ele podia ter parado por aí, mas Tanto tinha orgulho de sua reputação de fodão. Não resistiu a alfinetar o Líder da Equipe e em outras autoridades da base sobre o fato de que quem estava assistindo ao vídeo transmitido pelo drone não tinha avisado sobre a aproximação dos homens a pé antes do segundo ataque.

— Agora vai lá, conta isso pros caras do ISR, porque é óbvio que eles não estão vendo o que está acontecendo aqui embaixo.

Oz deixou Tig sozinho na torre para que pudesse checar os outros postos de combate e ver se os atiradores precisavam de água, munição, uma pausa para irem ao banheiro ou alguma outra coisa. Oz subiu a escada do prédio C e encontrou Rone ao lado de uma metralhadora alimentada por cinta no canto noroeste do telhado, enquanto o agente da DS David Ubben fazia a vigilância perto do canto nordeste. O funcionário do Anexo que tinha estado no Afeganistão desceu do telhado para pegar seus pertences pessoais.

Rone e Oz ficaram lado a lado, vigiando a Zumbilândia e a área do estábulo em busca de movimento. Ficaram em silêncio durante longos períodos, resultado de profunda fadiga e para evitar revelar suas posições. Mas de vez em quando conversavam em voz baixa. Oz perguntou a Rone como as coisas tinham sido no Complexo. Depois de contar a Oz o que acontecera, Rone confessou a ele que estava muito orgulhoso das ações de todo mundo.

— Sabe, cara — comentou Rone —, nós temos uns guerreiros da pesada aqui. Esses caras são tão bons quanto qualquer outro com quem já trabalhei.

Rone já tinha servido no Afeganistão e no Iraque, e fora condecorado por bravura quando estava entre os SEALs da Marinha. Escutar que ele admirava tanto a equipe que tinham em Benghazi encheu Oz de orgulho.

— Acho que estamos todos muito satisfeitos por termos uns aos outros — disse Oz.

Oz perguntou a Rone como o Líder da Equipe tinha se comportado no Complexo. Ele não se juntara aos operadores nos postos de combate no Anexo, mas Rone não tinha problema com isso ou com o trabalho dele no Complexo.

— Ele mandou muito bem — respondeu Rone. — Deixou a gente fazer as nossas paradas enquanto lidava com o comando e o controle.

Rone contou a Oz que tinha ficado perdido dentro do casarão em chamas e como Tig o colocara em segurança.

— Ele salvou a minha vida porque voltou pra me pegar — contou Rone.

Eles voltaram a ficar em silêncio e continuaram a vigiar o outro lado do muro, escutando barulhos e tirando de vez em quando os óculos de visão noturna para ver melhor. Rone perguntou se Oz precisava de cuidado médico para o corte no nariz, mas o colega disse que estava bem. Depois de mais um silêncio, conversaram sobre as esposas e os filhos.

Rone contou a Oz que estava ansioso para voltar para casa e ver a família, especialmente depois de ter estendido sua permanência em Benghazi. Rone achava divertido que ele, Oz e Tig tivessem filhos e que a esposa de Jack estava grávida. Confidenciou sua felicidade por ser pai e o quanto estava ansioso para dar um fim à carreira de operador e criar o filho recém-nascido, Kai. Brincou que seriam todos cidadãos idosos quando seus filhos mais jovens estivessem se formando no ensino médio.

— Acho que vai ser mais fácil pra mim, que tenho um menino — Rone brincou com Oz. — Você vai estar velho quando tiver que brigar com os

namorados da sua filha!

Continuaram juntos observando a Zumbilândia enquanto a longa noite prosseguia. O funcionário que tinha estado no Afeganistão retornou, mas Oz disse a ele que podia voltar para o Prédio C. O telhado estava seguro com Rone, Oz e David Ubben.

Tanto desceu do Prédio B e foi sozinho até o alto do Prédio A, perto do portão da frente, para cobrir o muro sul caso os inimigos os abordassem por uma nova localização. Ele também queria vigiar o prédio em construção do outro lado da rua que preocupava Jack pela possibilidade de ser base para um franco-atirador. Não havia cadeira ali, então Tanto ficava em pé ou apoiava-se em um joelho enquanto lutava contra a exaustão que aumentava à medida que a noite se arrastava.

Um funcionário do Anexo perguntou pelo rádio se alguém nos telhados precisava de alguma coisa. Ninguém respondeu, então Tanto gritou:

— Ei, você aí! Quero, quero, sim. Quero comida e um pouco de água aqui no alto do Prédio A. E se alguém conhecer uma stripper loura e peituda pode mandar a garota pra cá também.

Ele deu uma olhada para o Prédio B e viu D.B. abanando a cabeça e rindo.

Os suprimentos de Tanto foram entregues por um funcionário afro-americano levantador de peso que tinha os músculos do peitoral salientes.

— É — começou Tanto — você tem um peitão. Não é louro nem tem olho azul, mas vou ter que me virar com você mesmo.

O funcionário caiu na gargalhada.

Ele fez companhia a Tanto durante uns quinze minutos e ficaram conversando aos sussurros para passar o tempo. Com seu tímpano esquerdo estourado e o ouvido direito zunindo, Tanto sabia que não podia confiar em sua audição. Durante mais de uma hora, pensou estar escutando vozes vindas de um campo do lado de fora do muro sul. Ele olhou no mato, mas não conseguiu ver ninguém lá. Tanto pediu ao funcionário para escutar. Ele disse a Tanto que o campo estava silencioso. Quando o funcionário saiu, Tanto novamente achou que estava escutando vozes.

Como estava tudo quieto no Anexo, Rone passou um rádio para saber se alguém mais precisava de cuidados médicos. Novamente sozinho, Tanto aproveitou a oportunidade para tratar de seu braço esquerdo, que tinha machucado quando caiu do lado de fora do Complexo. Rone subiu ao telhado do Prédio A, onde limpou e enfaixou o braço de Tanto, depois se juntou de novo a Oz e David Ubben no alto do Prédio C.

Pouco tempo depois, Tanto deu uma olhada por cima do muro sul e viu um carro com vários jovens virando na direção do portão da frente do Anexo. *Meu Deus, lá vem, Tanto pensou. Carro bomba. E sou eu quem está mais perto dele.* Ele encolheu-se o máximo que pôde atrás do parapeito do Prédio A, mantendo os olhos abertos enquanto sentia o traseiro tensionado. Mas com a mesma rapidez que o motorista virou na direção do portão fechado, ele engatou ré e foi embora. Tanto soltou o ar, mas não relaxou.

Ficou intrigado pensando em quem eram aqueles homens e no que eles estavam fazendo ali àquela hora da madrugada. *Eles fazem parte da milícia? São um bando de estudantes?* Tanto soube que, na mesma hora, D.B. viu um homem andando do lado de fora do Anexo com um telefone. *Telefones fazem leituras com GPS. Ele está usando o GPS para pegar as coordenadas daqui?* Coordenadas de latitude e longitude podiam ser usadas para

aperfeiçoar a mira, mas Tanto não queria se prender a especulações e, de qualquer maneira, não poderia fazer nada a respeito.

Logo depois, D.B. passou um rádio a Tanto para avisar que estava indo para o quarto deles. Sua camisa polo preta estava ensopada de suor, por isso ele a trocou por uma camisa social também preta. Quando D.B. voltou, Tanto perguntou se ele tinha ficado sabendo de alguma novidade.

— Parece que os caras de Trípoli, os nossos parceiros, estão a caminho — respondeu D.B.

Por volta das quatro horas da manhã, horário de Benghazi no dia 12 de setembro de 2012, ou dez da noite anterior em Washington, a secretária de estado Hillary Clinton emitiu uma declaração condenando o ataque e confirmando a morte de Sean Smith, embora ele ainda não tivesse sido identificado publicamente. Nela estava escrito: “[U]m dos nossos funcionários do Departamento de Estado foi morto. Estamos com o coração partido por essa terrível perda. Nossos sentimentos e nossas orações estão com a família dele e daqueles que sofreram nesse ataque.”

A breve declaração de Clinton também insinuava um possível motivo ou pelo menos uma possível explicação. “Algumas pessoas têm procurado justificar esse odioso comportamento como reação ao material incitante postado na internet. Os Estados Unidos condenam qualquer esforço intencional de denegrir as crenças religiosas dos outros. Nosso compromisso com a tolerância religiosa remonta ao início de nossa nação. Mas deixe-me ser clara: Não existe justificativa para atos violentos desse tipo.”

Mais tarde, quando a controvérsia em relação às ações do governo Obama antes, durante e depois do ataque eclodiram, críticos chamaram a

declaração de Clinton de “um tiro no pé”. Disseram que ela marcou o início de uma conspiração de motivação política para enganar o povo, pois inferia falsamente que os ataques foram deflagrados pelo vídeo *A inocência dos muçulmanos*, e que ele tinha feito os moradores de Benghazi atacarem o Complexo espontaneamente como forma de protesto. A teoria por trás da alegação dos críticos de Obama era a de que, em meio à campanha de reeleição, o presidente não queria admitir que sua administração tinha fracassado em antever uma ataque terrorista, ou reagir a ele, planejado para acontecer no aniversário do Onze de Setembro.

Autoridades do governo afirmaram que aquelas alegações eram falsas e negaram que tivessem motivações políticas. Eles disseram que a declaração de Clinton refletia a compreensão incompleta que tinham sobre o ataque enquanto ele se desdobrava. Disseram também que a prioridade máxima ao longo da noite era desembaraçar alegações e contra-alegações sobre as possíveis motivações dos agressores, encontrar Chris Stevens e organizar o resgate dos americanos sitiados. Eles também alegaram que embaixadas no Cairo e em outros lugares tinham sofrido ataques espontâneos desencadeados pelos trailers no YouTube e que as incoerências continuavam a existir sobre se os vídeos tinham desempenhado um papel em Benghazi também. Matérias publicadas mais tarde por diversas agências de notícias, notadamente o *The New York Times*, sugeriam que o vídeo *A inocência dos muçulmanos* instigaram os ataques ao Complexo. Mas isso, também, foi veementemente contestado, bem como a conclusão da *Time* de que a al-Qaeda não desempenhou qualquer papel direto no ataque. Como um crítico de mídia colocou, mais de um ano depois dos ataques, os acontecimentos em Benghazi permaneciam encobertos pelo manto da incompreensão e “atolados em um turbilhão político e ideológico”.

Uma hora depois da declaração de Clinton, o líbio enviado ao hospital pela embaixada dos EUA em Trípoli, livrou autoridades americanas de uma das duas questões mais prementes. Ele confirmou que o árabe que ligou do telefone de Scott Wickland tinha dito a verdade. O homem branco declarado morto no Centro Médico de Benghazi aproximadamente às duas horas da manhã do dia 12 de setembro de 2012 era, sim, o embaixador J. Christopher Stevens.

A especulação que os operadores tinham feito antes sobre Stevens ter sido sequestrado estava incorreta. Ele tinha ficado dentro do casarão desde o início do ataque, escondido em algum lugar no fundo da zona de segurança, em um local ao qual os agentes da DS e os operadores não conseguiram chegar em meio ao fogo e à fumaça. A marca de mão feita com sangue que Rone e Jack viram devia ser de outra pessoa, possivelmente de David Ubben depois que machucou o antebraço durante uma de suas buscas. O fato de terem encontrado Stevens na zona de segurança tornava improvável que o BlackBerry que Tanto entregou a Bob pertencesse ao embaixador.

Quando souberam que Stevens estava dentro do casarão o tempo todo, os operadores duvidaram das alegações dos líbios de que o embaixador estava vivo quando foi encontrado, ainda que por um breve momento. Levando em consideração o inferno enfumaçado que tinham experimentado durante suas buscas, a completa ausência de resposta quando chamaram Stevens pelo nome várias vezes e a rapidez com que Sean Smith tinha sucumbido, os operadores tinham certeza que Stevens tinha morrido por inalação de fumaça antes de saírem do Complexo. Nenhum vídeo ou foto de Stevens que apareceram desde que fora encontrado contradisse essa conclusão.

No dia de sua morte, Chris Stevens era um diplomata de carreira de 52 anos de idade que tinha dedicado a vida para melhorar as relações entre os Estados Unidos e o mundo árabe. O presidente Obama elogiou Stevens, que morreu “na cidade que ajudou a salvar”. Obama diria na Assembleia Geral das Nações Unidas: “Ele agia com humildade, mas também defendia uma série de princípios — uma crença de que os indivíduos deveriam ser livres para determinarem seu próprio destino e viver com liberdade, dignidade, justiça e oportunidade.”

Com a confirmação da morte de Stevens, a equipe de operadores de Trípoli não tinha razão para aventurar-se a entrar no território potencialmente hostil ao redor do Centro Médico de Benghazi. Seria necessário fazer acordos para reaver os restos mortais de Stevens, mas somente se isso pudesse ser realizado sem colocar mais ninguém em perigo. Com o transporte e uma escolta de segurança finalmente providenciados pelo governo líbio, o esquadrão de sete homens de Trípoli saiu do aeroporto em direção ao Anexo. Aproximadamente cinco horas haviam se passado desde que saíram da embaixada.

Quando chegaram ao Anexo, um dos operadores de Trípoli, Glen “Bub” Doherty, pôde aproveitar a oportunidade para desfrutar de uma reunião improvisada com seus amigos ex-SEALs, Jack e Rone, e o novo colega deles, Tanto.

Glen tinha 42 anos, mas parecia dez anos mais novo, divorciado, era uma mescla carismática de espírito livre e feroz autodisciplina e um homem que encarava o trabalho pesado e as festas com o mesmo vigor. Atleta talentoso e leitor voraz, Glen ficava tão confortável entre seus amigos à toa do surfê e do

esqui quanto com os operadores especiais de elite. De fato, “confortável” era uma palavra que definia como Glen se encaixava no mundo e em sua própria pele.

Ele cresceu na cidadezinha próspera perto de Boston chamada Winchester, em Massachusetts, era o filho do meio de um corretor de valores/entusiasta do boxe e de uma dona de loja de doces. Aprendeu a pilotar na Universidade Aeronáutica de Embry-Riddle, no Arizona, mas não ficou lá tempo suficiente para se formar. Durante anos, ele ficou pulando de um lugar a outro trabalhando como instrutor de esqui e guia de rafting em corredeiras. Glen estava na maturidade de seus 24 anos quando, em um grupo de SEALs da Marinha, encontrou seu propósito. Com Glen trabalhando como paramédico e franco-

atirador, sua equipe de SEALs reagiu ao atentado ao USS Cole, no Iêmen, em 2000, entre outras missões. Seus planos de sair das Forças Armadas mudaram com o Onze de Setembro, depois do qual Glen serviu duas vezes na guerra do Iraque. A equipe dele levou alguns dos primeiros contingentes de Fuzileiros Navais a ir no sentido norte para Bagdá e tomar o controle dos palácios de Saddam Hussein.

Glen começou a trabalhar como operador contratado depois de sair dos SEALs em 2005 e saía de sua casa na Califórnia para cumprir missões no Afeganistão, Paquistão, Iêmen e, mais recentemente, Trípoli, onde tinha trabalhado ao lado de Tanto. Nos intervalos de suas viagens, ele dividia o tempo entre malhar, beber cerveja, ficar de bobeira e ser o coautor de um livro sobre o que é ser um franco-atirador. Ao longo da vida, colecionou um surpreendente número de pessoas que o consideram melhor amigo. O apelido “Bub”¹ encaixava-se bem ao homem seguro de si que acreditava que qualquer trabalho devia ser

feito direito e que nenhuma festa devia acabar no mesmo dia em que começou.

Para Jack, Glen era talentoso, bom em tudo o que fazia, um cara que trazia as pessoas para perto de si com uma simpatia magnética e um sorriso iluminado. Jack conhecia muitos ex-SEALs machões e rudes. Bub não era nem uma coisa nem outra. Jack continuava sua vigia do alto do Prédio D e não sabia que seu antigo parceiro estava entre os operadores vindos do aeroporto. Mas queria muito que estivesse. Numa situação complicada, eram poucas as pessoas que Jack conseguia pensar em ter na sua equipe além dele.

Independentemente do que tinha acontecido na noite anterior, revolucionário ou rotineiro, homicida ou mundano, um dia novo em Benghazi sempre começava do mesmo jeito. Quando a luz do dia se aproximava no dia 12 de setembro de 2012, os muezins ligavam os alto-falantes no último volume no topo dos minaretes das mesquitas da cidade e convocavam os fiéis para rezar o *Fajr*. Escutar os cânticos do alto do Prédio D fez Jack sentir-se tenso.

Um católico não praticante, Jack considerava-se respeitador de todas as culturas e religiões. *Todo mundo tem sua própria ideia sobre o que e quem é Deus, pensou ele. Ninguém está certo, ninguém está errado. A pura verdade é que ninguém sabe, por isso se tem fé. Se você cresce na China, a sua ideia sobre como são as coisas e de que maneira elas acontecem é diferente daquelas que têm as pessoas que cresceram na América do Sul ou no Oriente Médio. Uma pessoa afirmar que sua religião é a certa e que a de todos os outros é errada e ingênua é a mais completa ignorância.*

Mas tinha sido uma noite longa. Jack não se sentia tolerante em relação às pessoas que tinham tentado matá-lo e não estava a fim de escutar cânticos em árabe. Seus músculos doíam, seus olhos ardiam muito, a pele e suas roupas estavam cheias de suor e poeira. Dois homens bons estavam mortos, e o martírio ainda não tinha terminado. Certo de que os agressores eram radicais islâmicos, Jack colocou a culpa por tudo o que ele e seus companheiros americanos sofreram nos terroristas que tentavam mascarar sua fome por poder alegando defenderem suas crenças religiosas.

Conforme o chamado para a oração continuava, Jack foi ficando cada vez mais nervoso. *O que será que estão falando agora?, pensou ele. Será que é o normal ou eles estão falando “Matem os Americanos!” Ou então “Ei, parem de brigar!” Seja o que for, não aguento escutar isso agora.*

Jack não era de mergulhar na raiva, então transferiu os pensamentos relacionados ao chamado para a oração em Benghazi para a esposa e os filhos na casa que ele esperava ver de novo. *Aqui estou eu, do outro lado do mundo. Eu quase não sobrevivi à noite. E minha mulher está provavelmente em casa pronta pra ir dormir, sem a menor ideia do que está acontecendo neste exato momento.* Esse pensamento levou Jack a refletir nas vidas afortunadas de vários americanos, particularmente em contraste com as pessoas inocentes em lugares como Benghazi, onde milicianos armados vagavam pelas ruas, prédios eram queimados e estrangeiros aglomeravam-se em propriedades com muros altos aguardando resgate ou o próximo ataque. *As pessoas nos Estados Unidos acordam e vão para seus trabalhos das nove às cinco todos os dias e não têm consciência de todas essas batalhas, guerras e pessoas que morrem a cada minuto em todo o mundo. Isso é vida. É assim que outros países vivem. Esse é um acontecimento diário em alguns lugares.*

O Líder da Equipe contou a novidade pelo rádio:

— Os caras de Trípoli estão vindo.

Ele contou que os operadores estavam espalhados em uma escolta de dez carros, mas havia mais alguns detalhes. Ele pediu a Tanto, que continuava no Prédio A perto do portão da frente, para conferir a identidade deles antes de deixá-los entrar. O líder da segurança no Anexo permanecia em seu porto perto do portão da frente, mas, lá de cima, Tanto tinha uma visão melhor do portão.

Tanto não tinha certeza se a equipe de Trípoli ou se aqueles que os escoltavam sabiam a localização do Anexo, então ele contou ao Líder da Equipe que usaria o laser para fazer um círculo no céu acima do portão quando estivessem se aproximando, uma técnica militar que ele chamava de “laçar” o alvo. Se um dos operadores de Trípoli estivesse usando óculos de visão noturna, ele veria o laser nitidamente, como se Tanto tivesse acendido uma placa de “Há vagas” em um hotel de beira de estrada. Sem os óculos, o raio infravermelho era invisível.

— Copiado — disse o Líder da Equipe.

Minutos depois o Líder da Equipe passou um rádio para informar que o comboio estava seguindo no sentido oeste pela Fourth Ring Road e que em breve passaria pela Annex Road. Tanto ficou no alto do Prédio A e fez o círculo sobre o portão, embora tivesse dúvidas se a equipe de Trípoli entenderia a mensagem transmitida pelo sinal. Só para garantir, D.B. contribuiu para o sinal de boas-vindas com discretos flashes de luzes visíveis.

Aproximadamente às cinco da manhã, uma fila de dez carros virou à direita na Annex Road. Eles passaram pela casa suspeita e pela área do estacionamento vazia onde os agressores tinham se reunido duas horas antes. Tanto ficou surpreso pelos carros parecerem sedans da polícia,

pintados de vermelho e branco, vários deles com sirenes de luzes vermelhas e azuis no teto. Por lhe terem dito que a milícia estava a caminho, Tanto esperava Técnicos com visual brutal e armas acopladas, caminhonetes cheias de homens armados com roupas camufladas e outros aparatos intimidadores. *Eles estão vindo desarmados demais levando em consideração tudo o que passamos até agora*, Tanto pensou. Mesmo assim, estavam vindo, e ele estava feliz em vê-los, apesar de manter a arma apontada na direção deles, por precaução.

Os carros pararam em fila, um atrás do outro, ao longo do muro no lado sul da Annex Road. A polícia líbia ou os milicianos permaneceram dentro dos veículos, enquanto sete homens inequivocamente americanos, bem armados e equipados para o combate pisaram na rua de cascalho e aproximaram-se do portão a pé. Tanto baixou a arma e disse ao líder da segurança para deixá-los entrar.

Tanto tinha trabalhado com a maioria dos que estavam chegando quando estivera em Trípoli, então, enquanto passavam pelo portão, ele gritava de cima do telhado e cumprimentava vários deles pelo codinome.

— Ei — dizia ele —, é bom ver você. Bem-vindo à festa. A gente está detonando aqui.

No alto do Prédio D, Jack baixou o cano ao fuzil e observava os operadores entrarem no Anexo. Quatro deles eram operadores da GRS, inclusive o Líder da Equipe na Líbia; dois eram membros da ativa na Força Delta; e o sétimo era um senhor de mais idade que servia de tradutor. Jack rapidamente os perdeu de vista quando passaram caminhando pela oliveira na direção do Prédio C e ele foi para o lado leste do telhado para ver melhor.

Mesmo com a parca luz dentro do Anexo, Jack reconheceu imediatamente um dos membros da equipe: Glen “Bub” Doherty. Jack não iria largar o seu posto e chamar o amigo, mas permitiu-se um momento de

bom humor. Os dois ex-SEALs não se viam há aproximadamente três anos, desde que participaram de um treinamento da GRS com Rone. Mas Jack sabia que quando o perigo tivesse passado, eles iriam colocar o papo em dia e contar histórias. Jack preferia ter se encontrado com Glen num bar, bebendo sua cerveja IPA artesanal favorita, mas teria que se contentar com aquela situação ali.

Os sete membros da equipe de Trípoli entraram no Prédio C para elaborarem os detalhes da evacuação com o chefe do Anexo e seu adjunto. A maior preocupação deles era garantir que as ruas e o aeroporto estivessem sem inimigos, para minimizarem a chance de estarem indo em direção a uma emboscada.

Ainda faltava mais ou menos uma hora para que o sol se levantasse, mas dentro dos muros do Anexo a sensação que começou a tomar conta do lugar era a de que o pior da noite e da batalha já tinha acabado. Embora os operadores de Benghazi continuassem em seus postos nos telhados juntamente com David Ubben e os dois agentes da DS de Trípoli, vários deles disseram que a chegada de reforços e a escolta da milícia os fez sentir que em breve estariam a salvo longe de Benghazi.

Contudo, à medida que os minutos continuavam a se arrastar, os operadores começaram a ficar tensos novamente. Não tinham como tolerar mais atrasos. Como estudantes da história militar, Rone e Oz conseguiam narrar de cor um monte de exemplos de ataques à primeira luz do dia. De pé, juntos perto do canto noroeste do telhado do Prédio C, eles suspeitavam que, quando o Sol se aproximasse do horizonte, os agressores usariam a luz parca para testar a determinação dos fatigados americanos que passaram a noite defendendo o Complexo e o Anexo. Rone e Oz sabiam que, se os seus inimigos tivessem programado direito, os operadores teriam perdido a

vantagem dos óculos de visão noturna e os postos de combate ficariam visíveis.

— Temos que sair daqui, cacete — disse Oz. — Já está clareando.

Depois que a equipe de Trípoli passou aproximadamente dez minutos dentro do Prédio C, a porta foi aberta e uma das pessoas que tinham acabado de chegar seguiu caminhando com passos largos para encontrar a escada que levava ao telhado. Glen Doherty queria dar um oi para Rone.

Quando Glen aproximou-se da escada, uma mensagem foi transmitida pelo rádio informando que todos os moradores do Anexo tinham a última oportunidade para irem aos quartos recolher pertences essenciais antes de se reunirem no Prédio C para ir embora. O plano de evacuação era a equipe de Trípoli liderar um grupo de retirada rigidamente controlado, composto de cinco sobreviventes do Complexo e a maioria da equipe do Anexo. Os americanos ficariam espalhados em meio ao comboio de carros de polícia da milícia que continuavam estacionados do lado de fora do portão da frente. Eles iriam refazer a rota para o aeroporto, depois seguiriam para Trípoli em um pequeno jato que a equipe de reação tinha fretado para irem a Benghazi.

Uma das complicações era o fato de o jato ser muito pequeno para carregar todos os quase trinta Americanos, incluindo aí a equipe de Trípoli dentro do Anexo. Como resultado, a evacuação inicial não incluiria os operadores de Benghazi, vários outros atiradores e nem os restos mortais de Sean Smith.

De acordo com o plano, em vez de aguardarem na área aberta do aeroporto, os homens deixados para trás ficariam na relativa segurança do Anexo com o corpo de Smith até que tivessem recebido a notícia de que

outro avião tinha chegado. Quando o segundo avião pousasse, o comboio da milícia retornaria ao Anexo para escoltar os remanescentes e o corpo de Smith até o aeroporto. Já estavam tentando coordenar com contatos locais confiáveis o recolhimento do corpo do embaixador Stevens no Centro Médico de Benghazi, para que seus restos mortais pudessem seguir junto com os operadores e o corpo de Sean Smith no avião para Trípoli. De lá, o plano era os operadores arranjam voos para casa ou para Washington e os dois americanos mortos em batalha seriam recebidos com honras na Base da Força Aérea de Andrews, em Maryland.

Quando Tanto soube que ele não faria parte da primeira evacuação, pediu a D.B. para cobrir o lado sul do Anexo do alto do Prédio B. Ele desceu do Prédio A para ir ao banheiro. Quando voltou para o telhado, notou que o comboio da milícia tinha permanecido parado desde que chegaram ao Anexo. Tanto passou um rádio ao Líder da Equipe para perguntar por que a milícia não tinha feito barreiras nas ruas adjacentes para evitar um terceiro ataque ao Anexo.

Tanto mal tinha tirado o polegar do botão do rádio quando escutou um estranho som sibilante. Ele apertou o botão novamente.

— Bombardeio?

Nota:

1. *Bub* é uma gíria que pode ser traduzida como companheiro, camarada, chegado. (N.T.)

DOZE

Morteiros!

Quando os planos de evacuação tomaram forma dentro do Prédio C, Glen Doherty soube que em breve iriam embora do Anexo e que seus amigos da equipe de segurança em Benghazi ficariam para trás aguardando um segundo avião. Eles provavelmente se encontrariam quando chegassem todos a Trípoli, mas Glen não era o tipo de homem que deixava passar a oportunidade de se encontrar com um amigo. Rone estava logo acima de sua cabeça no telhado do prédio. Talvez tivessem tempo para uma visitinha rápida.

Lá no telhado, Rone estava meio agachado, parcialmente protegido pelo parapeito no canto noroeste, com seu colete à prova de balas e capacete bem colocados, e nas mãos tinha uma metralhadora de dez quilos alimentada por cinta. Oz estava trinta centímetros à direita de Rone, com equipamento similar e segurando um fuzil de assalto. A seus pés havia milhares de

cartuchos de munição. Eles vigiavam a Zumbilândia movimentando os olhos para a esquerda e para a direita.

No caso de um ataque, os dois operadores tinham coreografado uma estratégia de recarregamento em que um sinalizava para o outro antes de abaixar-se atrás do parapeito. Enquanto um recarregava, o outro aumentava a cadência de tiro para manter as balas voando e os inimigos acuados.

O terceiro homem no telhado do Prédio C era David Ubben, que fazia a vigilância de pé no canto nordeste, perto do alto da escada. O Prédio C ficava de lado em relação ao muro de trás do Anexo, por isso, de seu posto, Ubben estava a menos de dez metros do muro, enquanto Rone e Oz estavam umas duas vezes mais longe.

O posto de Ubben ficava a mais ou menos quinze metros à direita de Oz. Àquela distância, Oz e Ubben mal conseguiam se ver na escuridão do início da manhã. Mas a cada minuto que passava, a visibilidade melhorava vagamente. Quando passaram das cinco horas da manhã, depois de mais de sete horas de batalha, Oz olhou para o grande agente da DS, que tinha a silhueta desenhada pelo fraco brilho alaranjado do crepúsculo antes do sol nascer.

Oz escutou alguém subindo a escada e viu o contorno de um homem subindo no parapeito ao lado de Ubben. O sujeito trocou algumas palavras com Ubben virado para Oz e Rone. Glen atravessou o telhado até o canto nordeste, com seu sorriso brilhando na direção de Rone. Os dois ex-SEALs deram um aperto de mão, depois se puxaram para perto um do outro e deram um forte abraço, batendo o peito e passando os braços ao redor das costas.

Rone apresentou Glen a Oz.

— O Glen também é franco-atirador — disse Rone. — A gente está precisando de outro atirador bom aqui em cima.

— É, mas espero que a gente não precise de você — disse Oz a Glen enquanto davam um aperto de mão.

Depois de jogarem um pouco de conversa fora, Glen se virou para seguir no sentido sul do telhado e olhar por cima da porta da frente do prédio. Rone e Oz voltaram sua atenção para o norte, na direção da Zumbilândia.

Então tudo mudou.

Uma granada lançada por foguete ou um morteiro fez um estrondo do lado de fora do muro do Anexo e explodiu muito perto da localização de Rone e Oz. Imediatamente, tiros disparados por homens invisíveis escondidos na Zumbilândia começaram a voar na direção das pessoas no telhado do Prédio C. Rone não hesitou. Começou a atirar com a metralhadora sem parar, girando a poderosa parte de cima do corpo para a esquerda e a direita, inundando de balas e traçantes a localização dos agressores. Ele soltou uma base de tiros fulminante, com rajadas frequentes de cinco a sete balas, metódica e letalmente disparadas através da área aberta além do muro norte. Se os agressores acharam que encontrariam os americanos dormindo durante a aurora, Rone os mostrou que estava totalmente acordado e pronto para o combate.

Os implacáveis tiros disparados da arma automática de Rone ecoavam nas orelhas cheias de gaze de Oz, *da-da-da-da-da, da-da-da-da-da*, que reagiu com a mesma rapidez de Rone, detonando os inimigos com tiros constantes com seu fuzil de assalto. Ele não conseguia ver os agressores, por isso mirava em todos os lugares em que via clarões de canos de armas. Em pouco tempo, pontinhos de luz brilharam por buracos em um barracão Quonset na linha de tiro deles. Rone e Oz continuaram atirando.

Em seguida veio uma segunda explosão. Um morteiro caiu quase diretamente no alto do muro norte, uns dez metros à frente do posto de David Ubben.

— Fui atingido! — gritou Ubben. — Fui atingido!

Entre os tiros, Oz olhou para a direita e viu o agente da DS ferido sentado na caixa de madeira que usavam como degrau para pular o parapeito e chegar à escada. Ubben estava de costas para a Zumbilândia, com as mãos pressionadas na cabeça. Ele não parecia seriamente ferido, por isso Oz resolveu ajudá-lo assim que o tiroteio acabasse.

Depois que uma mensagem via rádio ter ordenado que todos os funcionários do Departamento de Estado se reunissem para a evacuação, Jack levou o agente da DS à escada do Prédio D a fim de despedir-se dele. Ele tinha tirado alguns dos seus equipamentos pesados, e Jack o ajudou a carregar tudo até a escada. O agente da DS desceu do parapeito do telhado, pisou no primeiro degrau da escada e Jack entregou-lhe os equipamentos.

Nesse momento, a primeira explosão e onda de choque chacoalharam o Anexo. Jack estava a aproximadamente cinquenta metros de distância, mas sentiu e escutou o estrondo com a mesma intensidade que os homens no Prédio C. Uma nuvem de fumaça preta subiu do lugar onde houve a explosão. O agente da DS descia com dificuldade a escada no canto nordeste do Prédio D, enquanto Jack tentava compreender o que estava acontecendo. *Pode ter sido uma granada lançada por foguete, pensou ele. Ou talvez alguém vindo da Zumbilândia tenha colocado um explosivo ao lado do muro norte, para estourá-lo e entrar aqui.*

Jack olhou à direita para o telhado do Prédio C. Viu Rone e Oz mandando ver, atirando muito na direção da ruela de terra que cortava a Zumbilândia na direção norte. Jack não conseguia ver o inimigo, mas levantou o fuzil de assalto e atirou na mesma direção, juntando sua arma ao combate. Jack direcionou seus tiros a partir dos projéteis luminosos de Rone, mas logo parou por não ver um alvo claro.

A segunda explosão aconteceu menos de trinta segundos depois da primeira e foi diferente e mais poderosa. Jack reconheceu que aquele tiroteio não era igual aos anteriores. Depois de dois ataques frustrados ao Anexo pelo lado leste com bombas de gelatina e AKs-47, os agressores mudaram a tática, melhoraram o planejamento e aumentaram o poder de fogo. A detonação da segunda bomba, muito próxima a primeira e acompanhada por ondas de tiros de fuzil vindos da parte norte da Zumbilândia, também sugeriam um toque de sofisticação militar e um perturbador nível de precisão e coordenação.

Jack viu e escutou a segunda explosão quando ela atingiu o topo do muro do Anexo, seguida por uma onda de choque e uma nuvem de fumaça preta. Enxergou Rone e Oz ainda atirando na Zumbilândia. Mas Jack queria uma visão melhor antes de recomeçar a atirar, por isso não estava disparando. Ele não entendeu imediatamente o que tinha provocado a segunda explosão.

Foi aí que escutou um estalo no rádio e uma explicação. Um dos companheiros operadores gritou:

— Morteiros!

Na primeira vez que Tanto gritou “Bombardeio?”, ele fez uma pergunta, pois não tinha certeza do que tinha escutado. Embora tivesse captado um som

perturbador ao longe, Tanto achou que ele pudesse ter sido causado por algo inocente como alguém pisando em um saco fechado de salgadinhos.

No Iraque, Tanto tinha se acostumado aos *chuusch* e *vuusch* que ressoavam quando foguetes eram disparados, e aos *clunck* emitidos pelos mosteiros enfiados nos tubos para serem lançados. Embora Tanto tivesse escutado algo parecido com um *vuusch*, com a audição comprometida, aquilo não se pareceu com nada que tivesse ouvido antes em combate.

Mesmo assim, o som o fez encolher-se e se apoiar em um dos joelhos no telhado do Prédio A. Quando a bomba explodiu, aproximadamente vinte segundos depois que ouvira o *vuusch*, Tanto se virou na direção do Prédio C e viu os homens no telhado combatendo o inimigo. As armas deles pareciam serras circulares cortando toras de madeira. Ele se moveu para as beirada norte do Prédio A, encontrou uma linha de visão nítida da Zumbilândia, e adicionou mais uma arma à batalha. Mas depois de apenas alguns disparos ele parou.

Espera aí, Tanto pensou. Se fôssemos nós, atiraríamos morteiros para prepararmos um ataque. E se eles vão atacar, isso vai acontecer do campo ao sul que eu supostamente deveria estar vigiando.

Ele virou e se posicionou para olhar por cima do muro sul. Tanto viu os dez carros do comboio da milícia acelerarem para longe do Anexo até locais desconhecidos. Ele esperava que alguns deles estivessem tentando localizar a origem dos morteiros, mas considerou mais provável que a maioria ou todos estavam fugindo. *Como baratas quando se acende a luz*, Tanto pensou.

Então escutou outro *vuusch*. Mesmo com seus ouvidos feridos, antes da segunda explosão, Tanto sabia o que estava acontecendo. Alguém perguntou pelo rádio se estavam sendo atacados com granadas lançadas por foguete.

— Não, era um morteiro! — esclareceu Tanto.

Quando a pessoa repetiu a pergunta, Tanto voltou a falar enfático no rádio:

— Morteiros! MORTEIROS! *MORTEIROS!*

No prédio C, depois da segunda explosão, Oz se escondeu atrás da beirada do parapeito para repor o pente descarregado de seu fuzil de assalto. Como tinham planejado, Rone não hesitou. Permaneceu na posição vertical, totalmente engajado no combate e atirando mais rápido para mascarar a ausência temporária da arma de Oz.

Rone segurava a metralhadora preta com suas mãos másculas, firmando com força o coldre no ombro. Com um rosnado ensurdecido, a arma ingeria a cinta de balas e as vomitava na Zumbilândia com intenção mortal. Os espessos bíceps de Rone se flexionavam para a esquerda e para a direita. Balas e fumaça branca jorravam do cano. Rone continuou atirando enquanto Oz recarregava, defendendo os homens e as mulheres nos prédios e torres à sua esquerda, direita e também atrás de si, e protegendo aqueles que estavam debaixo de seus pés no Prédio C. Expondo-se ao fogo, Rone cumpriu a promessa de “soltar o ódio” nos agressores inimigos que estavam tentando matá-los.

Então outro morteiro explodiu. Rone parou de atirar.

Depois de dois disparos que erraram por pouco o alvo, os agressores ajustaram a mira, o que gerou resultados devastadores. A terceira explosão foi um morteiro que atingiu o telhado do Prédio C, a meio caminho entre Rone e Oz no canto noroeste e David Ubben no canto nordeste.

Quando o morteiro explodiu no telhado, Oz tinha acabado de recarregar. Estava terminando de se levantar para recomeçar a atirar. O ensurdecido estrondo jogou Oz para trás e o desequilibrou, fazendo com que desabasse sobre um dos joelhos. Ele de alguma maneira conseguiu se recuperar antes de cair no chão. Através de uma nuvem de fumaça preta, Oz olhou para a esquerda. A explosão tinha acertado Rone.

O ex-SEAL com a barba de rei Leônidas, que tinha estendido sua permanência em Benghazi para proteger o embaixador J. Christopher Stevens, que tinha a intenção de não mais trabalhar como operador da GRS para ajudar a esposa, que estava ansioso para criar seu filho pequeno e ver seus dois garotos mais velhos transformarem-se em homens, que indistinta e compulsivamente zelou por seus companheiros operadores, que liderou o grupo de resgate ao Complexo, que entrou em um prédio em chamas em busca de dois homens desaparecidos e que reagiu às duas primeiras explosões levantando-se com uma metralhadora e devolvendo fogo tinha absorvido a força devastadora da explosão.

Oz viu Rone deitado de lado, encolhido quase em posição fetal, imóvel e em silêncio. A metralhadora tinha sido arrancada de suas mãos e estava quebrada em algum lugar no gramado lá embaixo. Rone estava olhando para o lado contrário ao de Oz, na direção do parapeito, por isso o operador não conseguia dizer se o colega estava consciente. Mas se Rone não estava se levantando e voltando para o combate, Oz sabia que tinha razão para temer o pior.

Oz olhou para o canto nordeste, mas por causa da fumaça ele não conseguia ver se David Ubben continuava na proteção perto da escada. Não escutou som algum vindo daquela direção. Ele sabia que Glen Doherty estava em algum lugar no lado sul do telhado, mas não viu nem ouviu o operador de Trípoli que tinha conhecido menos de cinco minutos atrás.

Oz recolheu seus pensamentos dispersos pela explosão da bomba e concentrou-se em seu treinamento. Sabia que antes de conseguir ajudar qualquer outra pessoa, ele precisava certificar-se de que não seriam invadidos. Seu primeiro movimento seria ir para o lugar onde estava Rone e impedir que seus inimigos pensassem que os defensores americanos estavam derrotados e o Anexo, indefeso.

Combata, disse Oz a si mesmo. *Levante o fuzil e entre na batalha.*

Ele olhou novamente para Rone. *Se ele estiver muito ferido, intensifique a batalha até que possamos cuidar dele. Agora se levante e combata.*

Oz agarrou o cabo do fuzil de assalto com a mão direita. Mas ao tentar levantar o braço esquerdo para segurar o cano de metal negro, nada aconteceu. Ele tentou novamente, mas o braço recusou-se a atender o comando dele. Oz olhou para baixo e viu seu antebraço com um rasgo de dez centímetros que começava no pulso. Não sentia dor, mas, quando Oz segurou e levantou o braço para inspecionar o estrago, sua mão e pulso ficaram dependurados a um horripilante ângulo de quarenta graus em relação ao restante do braço.

Sem perceber o quanto seu braço estava machucado, e determinado a voltar a atirar, Oz tentou várias vezes virar a mão esquerda para o lado do cano, mas, inútil, ela voltava a cair. Oz a olhou, chocado, sem compreender como o morteiro lhe tinha rasgado a carne do braço esquerdo, estourado cinco centímetros do rádio, destruído parte do nervo radial e quebrado a ulna. Sangue empapava a massa pastosa.

Antes que Oz conseguisse reagir, outro morteiro atingiu o telhado à sua direita, a quarta explosão em uma sucessão rápida. Ela soltou uma ofuscante bola de luz branca. Oz olhou para trás e vislumbrou Glen rapidamente. O operador de Trípoli olhava para a direção oposta, a uns cinco ou seis passos de distância. Quando a explosão atingiu o Prédio, ela derrubou Glen com o

rosto para baixo no telhado de concreto encharcado. Primeiro Oz pensou que Glen tinha se jogado no chão para se proteger. Mas então ele se deu conta de que Glen não tinha amortecido o impacto. O choque da explosão o derrubara como a um carvalho cortado com machado. Com base no local onde Glen caiu, parecia plausível que ele tinha tentado voltar ao parapeito no norte para ajudar os companheiros operadores após a terceira explosão. Ele deve ter escutado o próximo morteiro seguindo na direção do telhado e virado para o sul, em uma fracassada tentativa de fugir da explosão.

Independentemente da maneira como tinha acontecido, o ex-SEAL de sorriso cativante e muitos melhores amigos, que serviu bravamente na guerra do Golfo, que voava pelos ares em esquis, pranchas de surfe e festas, que veio ansioso de Trípoli para ajudar seus amigos americanos, estava caído, imóvel e em silêncio, com os braços ao lado do corpo, no alto do Prédio C.

Oz ainda não sabia o que tinha acontecido com David Ubben.

Depois do segundo impacto direto no telhado, Oz permaneceu curvado, sangrando, mas sem sentir dor. Ele se virou de uma vez para o norte, pois assim ficava de frente para a Zumbilândia. Repetiu para si que o Prédio C tinha se retirado do combate e que era seu trabalho reverter essa situação, antes mesmo de poder tentar ajudar Rone, Glen e a si mesmo ou procurar por David Ubben.

Ainda recusando-se a aceitar seu ferimento, Oz tentou novamente levantar sua arma, suspendendo o braço esquerdo e jogando desajeitadamente a mão para cima, como se fosse aquele brinquedo em que

uma bola presa a uma cordinha tem que cair dentro de uma haste de madeira. Fracassou em todas as tentativas.

Veio outro morteiro, o quinto em aproximadamente noventa segundos e o terceiro a acertar em cheio o alto do Prédio C. Oz escutou o morteiro aproximar-se do telhado. Ele virou para o lado contrário ao do som e viu apenas de relance o clarão ofuscante. Quando a bomba voadora atingiu o lado oposto do seu percurso em arco e explodiu, Oz teve a sensação de que todo o seu corpo havia sido ferroadado por mil abelhas de aço.

Estilhaços entraram rasgando o lado direito de seu pescoço, perto da artéria carótida. Um fragmento dentado escapou do colete à prova de balas de Oz e ficou enterrado cerca de um centímetro no seu peito. Outro pedaço perfurou a parte central, um pouco a esquerda do abdômen e entrou rasgando o diafragma. Estilhaços penetraram na lateral esquerda de seu corpo, quinze centímetros abaixo da axila, e mais metal o atingiu praticamente no mesmo lugar do lado direito. De oito a dez fragmentos acertaram a perna direita quase na virilha, perto da artéria femoral. Quatro ou cinco perfuraram a perna direita, da panturrilha até a coxa. Pequenos e ensanguentados buracos pontilhavam os ombros e braços, como se Oz fosse um boxeador e seu adversário tivesse colocado um prego no polegar da luva. Um estilhaço atingiu o lado direito do quadril de Oz e enfiou-se entre a cintura e o telefone celular no bolso da frente. Cinco pequenos fragmentos retalharam suas bochechas, logo abaixo dos óculos de visão noturna, três debaixo do olho direito, dois debaixo do esquerdo. Uma lasca arrancou a pele da ponta do nariz.

Abalado pela dor que parecia lhe incendiar todos os nervos e com sangue escorrendo por mais lugares que podia imaginar, Oz abaixou em busca de abrigo contra o parapeito no canto noroeste. Não escutava tiros vindos da Zumbilândia e começou a aceitar que sua mão não tinha solução. Ele parou

de tentar levantar a arma. Em vez disso, Oz se esforçou para sentar-se e viu Rone ali perto, ainda encolhido de lado.

Oz esticou o braço para pegar a perna de Rone. Estava fraco demais para puxar o colega para perto de si, então se esforçou para tirar a dor de sua mente e conseguir procurar pulso na artéria femoral de Rone. Nada. O colega não tinha feito nenhum som nem movimento desde a primeira vez em que Oz o tinha visto caído de lado.

Enquanto procurava o pulso de Rone, Oz sentiu-se totalmente molhado.

Putá merda, estou sangrando demais.

Ele esticou o braço direito para encostar a mão na superfície do telhado e percebeu, para seu alívio, que a sensação era fria. Se fosse seu sangue, ele sabia que estaria quente e viscoso. Oz percebeu que o telhado estava ensopado não de sangue, mas de água. Os morteiros tinham feito vários buracos em um tanque de mil litros que ficava ali no alto. Era água o que escoava ao seu redor.

Não estava sangrando demais, mas sabia que isso poderia acontecer em breve. Abaixou a cabeça para ver o sangue escorrendo de seu braço machucado e disse a si mesmo que tinha que estancar aquilo. Lembrou-se de que deixara a mochila com os kits de primeiros socorros na torre com Tig, mas tinha um menor preso no lado direito de seu colete tático. Nele havia um torniquete inteiriço, gaze, um curativo para ferimento no peito e um tubo nasal para abrir uma via aérea. Oz abriu o kit e tentou colocar o torniquete em seu braço esquerdo usando apenas a mão direita, a única que funcionava, só que estava muito fraco ou abalado para usá-lo apropriadamente.

Ele viu o contorno escuro de um homem pular do alto da escada. Sem saber se era aliado ou inimigo, largou o torniquete e procurou sua arma

através do crepúsculo nebuloso. Encontrou o fuzil perto dos pés e esticou o braço para pegá-lo.

Sozinho na torre nordeste, Tig passara boa parte das duas horas anteriores como um pastor distante vigiando os cercados com ovelhas em busca de agressores que quisessem se aproximar por ali. Também ficara de olho nos caminhos de terra da Zumbilândia além do muro. Suas costas doíam. Os pulmões ardiam pelas buscas no Casarão. A barriga roncava de fome por não ter comido nada e passado a noite inteira à base de Gatorade e água. Tig sentou na cadeira de plástico e aguardava a evacuação, que poderia acontecer a qualquer momento. Enquanto olhava fixamente para a Zumbilândia, Tig escutou um perturbador *tunk* de algum lugar ao sul, seguido de um igualmente desconcertante *ffuuuvvv*.

Morteiro? Impossível, pensou ele. A 17 de Fevereiro já deve ter lacrado a cidade a essa altura. Certo?

Morteiros são armas de cerco, geralmente projéteis largados dentro de tubos ocos de metal e lançados com uma trajetória em arco para caírem em alvos remotos. Tig já os tinha escutado muitas vezes em sua carreira militar. Outras pessoas diriam que a primeira explosão do terceiro tiroteio parecia ser de um lançador de granadas, mas Tig tinha certeza de que era um morteiro. Quando explodiu, o operador olhou para o oeste e viu um clarão desenhar a silhueta dos homens no alto do Prédio C. Então viu a saraivada de balas disparadas do Prédio martelar a Zumbilândia. Quando se preparava para juntar-se a eles, Tig escutou um som mais profundo e sinistro, algo como um *ffuuuummm*.

Estavam despejando morteiros e, quando a segunda explosão atingiu o alto do muro, Tig teve a nítida impressão de que sua torre seria a próxima a ser atingida. Sabia que D.B. conseguiria cobrir a sua área de cercados de ovelhas e caminhos de terra do alto do Prédio B. Em vez de ficar na torre e correr o risco de ser detonado, Tig agarrou o fuzil com força, pegou a mochila de Oz e pulou lá embaixo. Abaixado, movimentou-se na direção da área onde malhavam, no sentido do Prédio C.

Na terceira explosão, exatamente em cima do telhado, Tig olhou para cima e por um instante viu um clarão ofuscante. Em seguida todo o telhado desapareceu em uma mortalha de fumaça preta. Numa sucessão rápida, a quarta explosão chacoalhou o telhado e depois a quinta.

Fragmentos de pedra choviam em Tig e quicavam como granizo no telhado fino que cobria a academia da prisão. Seus pensamentos dispararam na direção dos homens que estava tentando alcançar. *Que merda*. Os tiros do Prédio C pararam assim que o primeiro dos três morteiros aterrissou no telhado, por isso ele soube que os homens lá em cima estavam feridos ou coisa pior. A boa notícia, se é que se podia dizer isso, era que os tiros da Zumbilândia também tinham parado.

Quando correu na direção da escada na parte de trás do prédio, Tig informou pelo rádio:

— Ei, pessoal do Prédio C, vocês estão bem? Vocês estão bem?

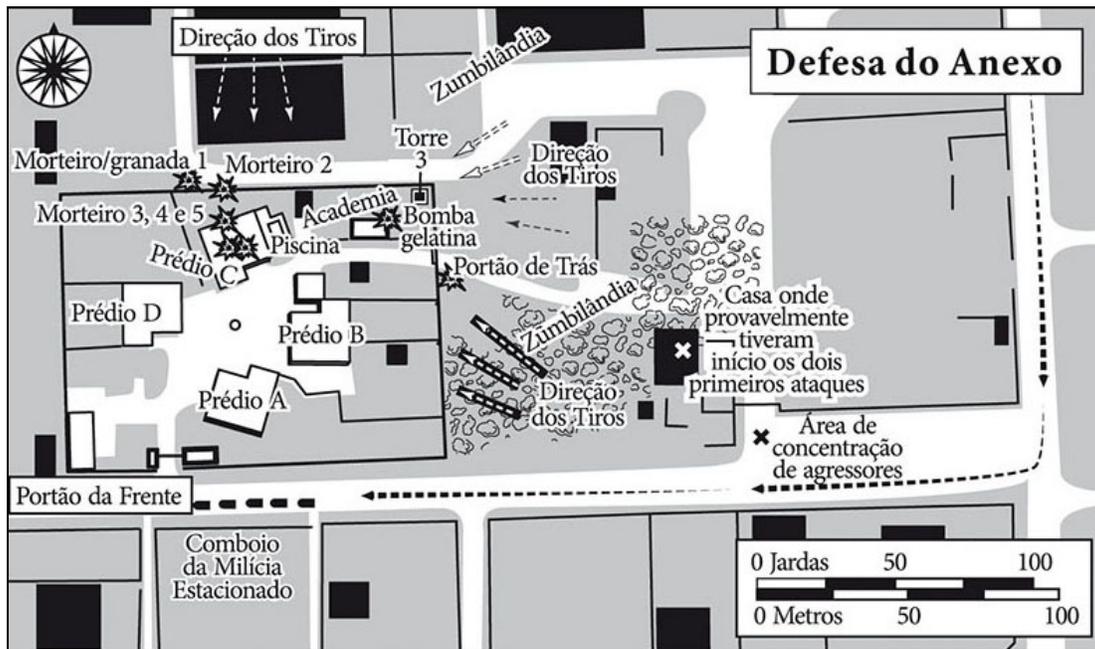
— Estamos — foi a resposta do Líder da Equipe de dentro do prédio. Estamos bem aqui dentro, tudo bem.

— Vocês, não! — gritou Tig. — Os caras no telhado, porra!

O Líder da Equipe não respondeu nem ninguém no telhado. Depois de um momento de silêncio, Tig escutou a voz de Jack preencher o silêncio do rádio:

— Não estou vendo nenhum movimento.

No alto do Prédio D, Jack tinha ficado observando o telhado vizinho intermitentemente desde a primeira explosão. Quando a terceira, quarta e quinta explosões atingiram o Prédio C, ele viu nuvens negras de fumaça subirem de onde Rone e Oz estavam atirando na direção da Zumbilândia segundos antes.



Jack não via os homens caídos, que tinham despencado atrás do parapeito e estavam cobertos pela fumaça preta. Mas durante o silêncio que se seguiu, Jack pensou ter escutado alguém gemendo de dor. Por pior que fosse, essa notícia era mais promissora do que aquilo que estava temendo. Jack achava duvidoso que alguém no alto do Prédio C pudesse sobreviver a um único morteiro que atingisse diretamente o local, ainda mais três. Seu coração ficou apertado quando viu as duas últimas explosões.

Enquanto Tig subia a escada até o telhado, Jack continuava a procurar sinais de vida, ainda que permanecesse atento à ação inimiga no norte e oeste. Enquanto Jack aguardava notícias, ele ficou pensando no quanto os morteiros foram precisos. Três disparos que acertaram em cheio um telhado relativamente pequeno foram tão extraordinários quanto letais. *Eles devem ter alguém orientando, pensou. Havia uma pessoa por ali, provavelmente posicionada em um local elevado nos observando de cima. Acertaram o muro, e depois fizeram a correção e os três últimos acertaram bem no alvo.*

Também lhe veio à cabeça que os agressores tinham mirado no prédio mais importante e mais cheio de gente dentro dos muros. O Prédio C abrigava a Área de Informações Confidenciais Compartimentadas e a Sala da Equipe dos operadores, o que logicamente fazia dele o Posto de Comando e, portanto, o local mais provável para os americanos se refugiarem. *Para serem tão precisos, pensou Jack, tão certos com aqueles morteiros, tiveram de ser muito proficientes e de saber de antemão a localização exata daquele prédio.*

Talvez seus inimigos tivessem feito aquilo usando cálculo de posição, resultado de tentativa e erro com a ajuda de um observador escondido. Outra possibilidade era a de que os agressores tivessem usado coordenadas de latitude e longitude por meio de um equipamento de GPS, talvez em um carro que passou em frente ao portão da frente ou pelo smartphone de alguém caminhando do lado de fora do Anexo. D.B. lembrou-se do homem que vira caminhando do lado fora do Anexo e achou que ele podia ter empreendido uma abordagem mais primitiva de localização de alvo: o cálculo de distâncias a partir da contagem dos passos dados a pé.

Quanto mais Jack pensava naquilo, mais era dominado pelo pavor. Agora que o inimigo tinha descoberto o posicionamento dos prédios no Anexo, eles podiam disparar mais uns vinte ou trinta morteiros dentro dos muros.

Todos os telhados e as rotas de fuga estavam vulneráveis. Pior, Jack antevia que os morteiros eram apenas a primeira onda de ataque com força total. Da maneira que Jack previa, primeiro os agressores reduziriam a resistência dos defensores americanos fazendo chover morteiros nos locais onde estavam posicionados. Em seguida, entrariam por terra com granadas lançadas por foguetes e metralhadoras pesadas. Jack sabia que ele e seus companheiros operadores ergueriam uma força de combate feroz, mas no final os muros do Anexo cederiam. Os defensores em menor número e com menos armas resistiriam apenas durante um tempo contra uma força esmagadora.

Considerando o que já tinha acontecido e as várias maneiras com que o Anexo poderia ser invadido, Jack concluiu que tinha chegado ao ponto mais baixo não apenas da longa noite, mas de toda a sua vida. Temia que os homens no alto do Prédio C estivessem mortos ou morrendo, se juntando, portanto, a Chris Stevens e Sean Smith na lista de baixas. Por algum motivo, ele não escutou a mensagem do Líder da Equipe pelo rádio que informava estarem todos bem dentro do Prédio C, por isso Jack suspeitava que os morteiros tivessem penetrado pelo telhado e matado também algumas ou todas as pessoas que estavam lá dentro. Parecia apenas uma questão de tempo até que ele e todos os outros americanos em Benghazi estivessem mortos. Não queria imaginar o que os radicais podiam fazer com seus corpos.

Os pensamentos de Jack voltaram para os morteiros. Refletiu sobre o quanto eram impotentes os combatentes do Anexo contra bombas vindas do alto. *Você não sabe se ela está chegando, pensou ele. Você não tem como se defender. Está simplesmente em campo aberto. Não tem como reagir revidando com tiros. É basicamente uma loteria. Se a sua hora chegou, ela chegou, e a morte pode vir direto do céu e exterminá-lo num instante.*

Ele escutou a mensagem de rádio do Líder da Equipe solicitando a todos os postos de combate que se apresentassem por ordem de localização. Do Prédio A. Tanto informou:

— Tudo certo, copiado.

D.B. relatou que estava seguro no Prédio B. Todos aguardavam alguma voz vinda do Prédio C. Nada.

— Prédio C, apresente-se.

Nada ainda.

— Prédio C?

O silêncio fez com que os piores temores na cabeça de Jack fossem compartilhados por Rone, Oz e David Ubben. Era impossível imaginar que a situação pudesse piorar, mas esse seria o caso se Jack soubesse que um quarto homem estava no telhado: seu amigo Glen “Bub” Doherty.

Por fim, Jack preencheu o silêncio no rádio.

— Prédio D — disse ele com uma voz melancólica. — Estou bem, copiado.

Assim como Jack, D.B. também achava que era apenas uma questão de tempo até que mais morteiros os atingissem. Sabia que tinha que cobrir a área leste do muro, mas também considerava abandonar seu posto se escutasse os sons característicos do disparo de morteiros. Em seguida, disse a si mesmo: *Que coisa mais estúpida. Geralmente o morteiro que te atinge é aquele que você não escuta.*

Depois que o terceiro morteiro atingiu o telhado, Tanto escutou pneus cantarem na área sul do Anexo ao redor da pista de corrida de terra. Como mais nenhum morteiro foi lançado, ele acreditou que alguns membros do comboio de dez carros tinham na verdade saído em busca dos agressores para afugentá-los.

Ao mesmo tempo, ficou se perguntando quando ele e os outros operadores de Benghazi receberiam auxílio da equipe de Trípoli, pois toda ela, com exceção de Glen, permanecia dentro do Prédio C. Pelo rádio, chamou D.B. no telhado ao lado:

— Cadê essas porras desses caras de Trípoli?

Tanto voltou sua concentração para um possível ataque por terra. *Preciso me preparar*, disse a si mesmo. Olhou para o prédio de quatro andares em construção do outro lado da rua na direção sul. Tanto disse a D.B. que continuava a escutar vozes no campo perto do prédio, sussurros e murmúrios vindos do meio das ervas daninhas. D.B. jogou para ele um binóculo por um espaço estreito entre os telhados, o que ajudaria Tanto a vasculhar o prédio e os terrenos ali perto.

Enquanto inspecionava o seu setor, Tanto passou um rádio ao Líder da Equipe para informar-lhe que o comboio de dez carros que faria a escolta tinha ido embora.

— E não parece que eles vão voltar — disse Tanto. — A gente vai precisar de outro jeito de ir embora.

Enquanto Tanto seguia vigiando, sentiu que estava preparado para tudo o que já tinha acontecido e para tudo o que estava por vir. *Você não tem tempo pra sentir pena de si mesmo*, pensou ele. *Você não sente pena de mais ninguém. Você pode sentir pena quando estiver em segurança sentado na boa tomando uma cerveja, aí você vai poder até uivar pra Lua. Quando tudo tiver terminado, você pode ficar com pena.*

A cada degrau que subia na escada, Tig girava a cabeça na direção da Zumbilândia, procurando clarões de canos de armas para ver se alguém estava prestes a acertá-lo pelas costas. Os agressores tinham parado com os disparos depois que o terceiro morteiro atingiu o telhado, mas nem Tig nem nenhum dos outros americanos sabiam se seus inimigos voltariam a atirar, a lançar mais morteiros ou a tentar violar os muros do Anexo e invadi-lo. Não esperavam nada menos do que isso.

Tig pulou o parapeito e abaixou-se para olhar o telhado enegrecido. O Sol ainda estava abaixo do horizonte e a fumaça continuava a espiralar-se, o que dava a Tig pouco mais de um metro de visibilidade.

— Preciso de ajuda aqui em cima — pediu ele pelo rádio.

O primeiro homem que Tig visualizou foi David Ubben escorado no parapeito a três metros do canto nordeste, consciente, mas atordoado, com uma pistola na mão direita. Tig ajoelhou-se ao lado de Ubben e pegou a arma, temendo que por estar em choque e sentindo dores, o agente da DS pudesse confundi-lo com alguém que devesse ser baleado. Ele jogou a pistola de lado e pegou uma lanterna de cabeça no kit médico de Oz. Tig tampou a lente para evitar que a lanterna se tornasse um alvo para os agressores.

Tig viu que Ubben estava com ferimentos graves na parte inferior da perna esquerda e outros sérios no braço esquerdo abaixo do cotovelo. Ele tirou dois torniquetes do kit médico de Oz. Exatamente como Rone tinha demonstrado dias antes durante o curso de reciclagem médica, Tig colocou o primeiro torniquete na perna mais machucada de Ubben. Como trabalhava no escuro, Tig acidentalmente raspou a mão na ponta de um dos ossos protuberantes de Ubben. O osso afiado como lâmina rasgou a pele de

Tig, mas ele se preocuparia com isso depois. Prosseguiu com o braço de Ubben e prendeu o segundo torniquete bem debaixo da axila. Enquanto trabalhava, Tig tentava incessantemente o tranquilizar.

— Aguenta aí, cara... Você vai ficar bem... A gente vai levar você lá pra baixo... Vai dar tudo certo... A gente vai tirar você daqui.

Tig voltou aos seus tempos de Fuzileiro Naval e sacou o apelido motivacional que achou ser o mais forte de todos:

— Aguenta aí, Devil Dog.

Ubben só conseguiu resmungar uma resposta.

Quando os dois torniquetes estavam no lugar. Tig começou a afastar-se do agente da DS para ver quem mais precisava de ajuda. Ubben aprumou-se:

— Cara, preciso da minha pistola!

— Copiado, guerreiro — disse Tig. Esticou o braço para pegar a arma, mas de costas para Ubben ele rapidamente descarregou o pente para que assim o homem ferido não atirasse acidentalmente em si mesmo nem em outros que por ventura subissem a escada para ajudar. Depois de devolver a arma a Ubben, Tig encurvou-se atrás do parapeito e deu uma olhada ao redor.

À sua esquerda, Tig viu alguém deitado sem se mexer, com o rosto virado para baixo perto do centro do telhado. O homem parecia já não precisar mais de ajuda. E Tig queria priorizar aquelas pessoas que poderiam se beneficiar mais.

— Alguém mais precisa de ajuda? — gritou ele.

Escutou um gemido vindo do canto noroeste e, ao arrastar-se apressado para aquele lado, Tig passou por um buraco no concreto maior do que seu punho feito pelo impacto do morteiro. Ao lançar-se com ímpeto na direção dos gemidos, viu o contorno de dois homens ao lado um do outro no canto noroeste, um movendo-se, o outro parado.

Com a frustração aumentando, Tig passou um rádio novamente:

— Ei, estou com quatro homens atingidos. Preciso de ajuda aqui. Agora!

Ele começou a suspeitar que ninguém queria deixar a relativa segurança do Prédio C, devido à possibilidade do tiroteio e dos disparos de morteiros recomeçarem.

D.B. respondeu do alto do Prédio B, com muita raiva na voz:

— Preciso saber se alguém vai subir lá no Prédio C, senão eu vou ter que descer daqui pra ir lá.

Ele não conseguia entender por que os membros da equipe de Trípoli não correram imediatamente para a escada do Prédio C para ajudar. Tanto sabia que D.B. tinha a melhor linha de tiro para proteger o Anexo, então disse ao colega para ficar no Prédio B, pois ele iria lá.

Antes que Tanto se movimentasse, alguém de dentro do Prédio C disse a todos para ficarem em seus postos:

— Deixa com a gente. Nós vamos subir.

Para Tig, a espera por ajuda pareceu uma eternidade. Através de um véu de dor, Oz escutou Tig pedir mais ajuda. Ainda não compreendendo totalmente que ele era uma das quatro pessoas que precisavam de ajuda, Oz pensou no homem caído a seu lado: *Putá merda, tenho que ajudar o Rone.*

Quando chegou a Oz, segundo depois, Tig o forçou a concentrar-se primeiro em seus próprios ferimentos.

— Cara, olha isto aqui —disse Oz a Tig. Usando a mão direita, ele levantou a inanimada mão esquerda para colocá-la no lugar certo. Depois, quando a soltou, viu-a cair para trás e voltar a ficar naquele ângulo bizarro. — Acho que está quebrada.

— Parceiro, para de fazer isso. Você vai foder o negócio mais ainda.

Tig pegou o fuzil de assalto no colo de Oz e o colocou de lado. Pegou o torniquete inteiriço que Oz não tinha sido capaz de colocar, pôs a fita ao

redor da parte superior do braço do colega e o apertou bastante para estancar o sangramento. Tig sabia que Oz precisaria de muito mais ajuda dentro do Prédio C e, depois, em um hospital. Ele o ajudou a ficar de pé e perguntou se ele conseguia caminhar até a escada.

— Acho que consigo — respondeu Oz dando passos hesitantes à frente.
— Eu dou um jeito.

Quando Oz saiu caminhando tropeçadamente, Tig caiu de joelhos e rolou Rone para que ficasse deitado de costas no telhado molhado. Arrancou o colete tático e os outros equipamentos e levantou a camisa do colega para checar se havia em seu torso, na frente e atrás, sinais de sangramento. Os únicos ferimentos que Tig notou foram pequenas marcas de estilhaços na testa de Rone. Como não encontrou nenhuma ferida aberta que necessitasse de cuidado imediato, Tig pressionou seus dedos no pescoço grosso de Rone em busca de pulsação na artéria carótida. Sentiu uma contração muscular momentânea, mas nenhuma pulsação. Levantou as lentes vermelhas na lanterna de cabeça e iluminou os olhos de Rone. As pupilas do guerreiro não reagiram. Tig pressionou o ouvido contra o peito de Rone, mas não escutou nada. Encostou a orelha na boca dele, mas não sentiu respiração alguma.

Tig trabalhava em silêncio. Os agressores que vinham atirando da Zumbilândia tinham aparentemente recuado. Não havia mais disparos de morteiro. Tig sabia que isso podia mudar a qualquer momento, mas, naquele instante, o único som que ouvia era o gotejar da água que escorria dos buracos feitos pelos estilhaços no tanque ali perto.

Era doloroso para ele, mas sabia que não podia fazer nada por Rone. Deixou o amigo e correu até o homem caído com o rosto no chão no meio do telhado. Tig não conhecia Glen, e não sabia que um dos operadores de Trípoli tinha subido ao telhado. Ele pensou que o homem de barba

desgrenhada caído de braços era Jack. *O que é que ele está fazendo aqui, cacete?*, Tig pensou.

Então se lembrou de que tinha escutado a voz de Jack pelo rádio informando que não havia movimento no alto do Prédio C. Tig rolou o sujeito, colocou-o deitado de costas e se deu conta de que a quarta pessoa que precisava de ajuda era um operador de Trípoli.

O fuzil de assalto de Glen ainda estava pendurado nele. Tig o tirou e colocou de lado. Fez o mesmo procedimento que com Rone e obteve os mesmos resultados. Novamente, não encontrou sinal de ferimento grande, apenas um corte no lado esquerdo do abdome. Como Rone, Glen não reagia, não tinha pulsação, não respirava, não emitia sons cardíacos e não movimentava os olhos sob a luz.

Nesse momento, Tig já tinha companhia no telhado. Juntando-se a ele estavam o Líder da Equipe da GRS de Benghazi, um operador de Trípoli que era paramédico e os dois membros da Força Delta conhecidos pelos operadores como D-boys. Um dos D-boys ajudou Oz quando ele caminhava na direção da escada.

— Você consegue descer sozinho? — perguntou o D-boy.

— Consigo, vou ter que conseguir — respondeu Oz.

O D-boy ajudou Oz a se posicionar na proteção perto da escada. Oz sabia que tinha perdido muito sangue, então enganchou com firmeza o braço direito no degrau acima por precaução. Depois, Oz baixou aos poucos a perna para começar a descer. É melhor tomar cuidado, Oz disse a si mesmo. *Você sobreviveu a tudo isso e não vai quebrar o pescoço descendo daqui.* Mas, exatamente como temia, o pé escorregou e seu corpo bateu na escada. Ele segurou todo o peso com o braço direito, ergueu-se novamente e voltou a apoiar o pé para descer.

Lá embaixo, Oz deu a volta pelo canto nordeste e passou pela piscina cheia de musgo. Trombou com um dos operadores de Trípoli, um paramédico que o conduziu durante o resto do caminho até o interior do Prédio C.

Lá no telhado, os D-boys se esforçavam para conseguir descer com o grande David Ubben pela escada sem machucá-lo ainda mais. No final das contas, um dos D-boys usou uma fita de nylon de três centímetros de espessura para atar Ubben nas costas. Depois desceu a escada carregando o agente da DS de 113 quilos. Enquanto isso, Tig movimentava-se de um posto de combate ao outro no telhado, recolhendo armas e as empilhado ao lado do parapeito.

Quando chegou ao corpo de Rone, Tig olhou ao redor, mas não viu a metralhadora, em seguida pegou o revólver do colega. Antes de seguir em frente, Tig parou para improvisar uma oração. Colocou a mão no peito de Rone e sussurrou:

— Deus, tome conta dele. Guie este homem para o lugar onde ele tem que estar. Cuide da família dele.

Foi até Glen, pressionou a mão no peito dele e fez a mesma oração. Em seguida, recolheu as armas de Glen.

Um oficial de inteligência dentro do Prédio C pediu pelo rádio que Rone descesse para ajudar a tratar dos ferimentos de Oz.

— Rone, precisamos de você no CP — disse ele, usando a abreviação para Posto de Comando. Ninguém respondeu, então ele repetiu. — Rone precisamos de você no CP!

— Ei! — disse Tig. — o Rone se foi. Ele não está mais entre nós.

Fatigado e desanimado, mas também furioso por tudo o que tinha dado errado desde o começo do martírio deles, Tig arrastou os corpos dos dois ex-SEALs para perto da escada, para que fosse mais fácil descer com eles quando chegasse a hora de ir embora.

Tig catou a pilha de armas, desceu a escada e correu para a frente do Prédio B. Ele entrou, jogou as armas em cima de um sofá e olhou para onde algumas pessoas cuidavam de Oz.

Com uma pequena ajuda do paramédico, o ensanguentado Oz conseguiu entrar no Prédio C com suas próprias forças. O paramédico fez um curativo no ferimento em seu pescoço e o deitou num sofá. A condição de Oz era grave, mas sua vida não corria perigo imediato, então o paramédico voltou ao telhado para ver se havia alguém pior. Um grupo de oficiais de inteligência e outros funcionários do Anexo ficaram tomando conta de Oz, mas nenhum deles tinha muito treinamento médico. Foi quando um deles chamou Rone e o que conseguiu foi a resposta brusca de Tig informando que ele tinha falecido.

Oz se deu conta de que teria que cuidar de si mesmo.

— Fui atingido. Sei que estou sangrando — disse ele às pessoas. — Alguém pega uma tesoura e corta a minha roupa. Vocês precisam me deixar pelado para procurar por sangramentos na frente e atrás.

A oficial de inteligência que ele tinha escoltado ao jantar dez longas horas antes foi até a enfermaria, mas não conseguiu achar a tesoura. Quando Oz escutou-a pedir ajuda para encontrar a tesoura, ele por alguma razão lembrou-se exatamente de onde estava, na terceira prateleira na primeira das estantes e gritou para informá-la.

O chefe adjunto do Anexo já tinha sacado uma grande faca de combate dobrável para começar a cortar as roupas de Oz.

— Cuidado com isso aí — brincou Oz. — Só me falta ser esfaqueado agora, né?

Quando viu que Oz estava em boas mãos, Tig correu para a parte de trás do prédio. Ele se esforçava para levantar uma porta de segurança feita de aço que lhe permitiria abrir a porta de trás para que os D-boys levassem Ubben para dentro sem ter que dar a volta no prédio o carregando. Mas os morteiros tinham danificado a porta, fazendo com que ficasse muito difícil levantá-la. Quando Tig conseguiu abrir a porta de trás, Ubben já estava lá dentro e suas feridas mais sérias na perna e no braço já estavam sendo tratadas. O paramédico de Trípoli já estava ministrando solução intravenosa em Ubben e Oz.

Tig ainda estava com a mochila de Oz e foi até a enfermaria para repor o material que tinha usado. A atrocidade do que tinha acontecido se apoderou dele e o operador começou a abrir com violência os armários e a espalhar tudo em busca do material que queria. Quando o funcionário do Anexo perguntou o que diabos ele estava fazendo, Tig ficou tentado a levantar os punhos para ele. Em vez disso, vociferou:

— Estou procurando mais torniquetes pro caso de atirarem mais morteiros!

Ele saiu furioso com a intenção de voltar para o seu posto na torre. No caminho, um dos D-boys disse a ele que não podia voltar para lá porque era perigoso demais.

— Vai se foder. Fiquei sozinho lá a noite inteira — esbravejou Tig.

O Líder da Equipe de todos os operadores da GRS na Líbia, que ficava em Trípoli, interveio antes que a coisa descambasse para a agressão física. Ele disse a Tig para ficar perto do Prédio C, assim todos poderiam ver a localização uns dos outros. Ainda espumando, Tig acatou a ordem. *Estou aqui olhando pra um muro, pensou ele. Não consigo ver nada, não posso fazer nada, não tenho como reagir se qualquer coisa acontecer. Ótimo plano. Chegaram aqui há cinco minutos e já estão falando o que é que nós temos que fazer.*

Quando estava parado em um lugar que considerava terra de ninguém no lado leste do Prédio C, Tig escutou pelo rádio que um comboio de cinquenta veículos Técnicos estava a caminho do Anexo para proteger a evacuação e escoltá-los até o aeroporto. Era uma melhora e tanto em relação ao comboio de dez carros parcamente armados que fugiram correndo com o rabinho entre as pernas quando os morteiros começaram a atingir o Anexo.

Jack também escutou a mensagem de rádio e ele achava que todos os operadores remanescentes em Benghazi estavam pensando a mesma coisa: *Espero que estejam vindo nos escoltar até o aeroporto, e não nos atacar. Não sabemos quem é aliado, quem é bandido. Há milícias lá fora, elas parecem todas iguais, e algumas delas estão tentando nos matar.*

Se não tivessem escolha, combateriam um comboio de cinquenta Técnicos, com cem ou mais homens fortemente armados. Se chegassem a isso, Jack tinha certeza de que o Anexo seria lembrado como um Álamo do século XXI, sem nenhum americano sobrevivente.

Alguém levou um caminhão-plataforma com grades laterais de madeira e o posicionou na frente do Prédio C para transportar os corpos de Rone e

Glen. Por coincidência, Rone tinha usado o mesmo caminhão no dia em que ele e outro operador foram coletar os suprimentos no aeroporto e se depararam com um grupo de milicianos hostis.

Tig seguiu na direção da escada do Prédio C para ajudar a descer com os homens mortos em batalha. Disse que sabia onde encontrar fitas fortes que os ajudariam a baixar os corpos do telhado. Os D-boys não se interessaram ou não queriam perder tempo.

— Deixa com a gente — disse-lhe um deles. — Não precisa se preocupar.

Tig os viu subir a escada até o telhado e colocar o corpo de Rone em cima do parapeito. O operador sabia o que aconteceria em seguida, por isso virou-se para não ver. Posteriormente, Tig não conseguia se livrar do repugnante som do corpo de Rone batendo no pátio de mármore depois de uma queda de cinco metros.

Jack olhava do alto do Prédio D. Tinha perdido algumas das mensagens de rádio, por isso ainda não sabia tudo o que tinha acontecido. Ele viu um D-boy levantar um corpo mole, e Jack soube que era Rone. Reconheceu a calça cargo cáqui e a camisa xadrez alaranjada. A barba de rei Leônidas não deixava dúvida alguma e extinguiu qualquer esperança. Ele se virou para o outro lado.

Depois de Rone, os D-boy fizeram o mesmo com Glen. O corpo bateu em um arbusto ao cair, o que lacerou seu abdômen. Indignado e com raiva, Tig disse a si mesmo que ambos mereciam mais do que aquilo. Não havia ninguém atirando neles, os morteiros tinham parado, e um enorme comboio aliado estava supostamente a caminho.

O máximo que Tig podia fazer por Rone naquele momento era segurar suas mãos frias, enquanto um D-boy o pegava pelos pés. Juntos, eles o carregaram para a lateral do Prédio C. Dois outros membros da Equipe de Trípoli carregaram Glen.

TREZE

Comboio

A cada minuto que passava, o sol se aproximava lentamente do horizonte e banhava o Anexo com uma luz turva. Com o enorme comboio a caminho, o Líder da Equipe da GRS em Benghazi disse aos defensores remanescentes nos telhados para descerem e recolher os últimos pertences pessoais. Ele estava do lado de fora do Prédio C quando deu a ordem. Olhando para baixo do telhado do Prédio D, Jack e ele trocaram olhares. O Líder da Equipe fez um movimento de cabeça com a tristeza entalhada no rosto o rosto. O operador sabia que Rone tinha falecido, mas ainda não tinha ficado sabendo de Glen.

Jack desceu, correu até seu quarto e encheu apressado uma bolsa de pano com seu laptop, telefone celular e tudo mais que imaginou poder conter informação pessoal. Pegou a sacola com sua carteira de motorista e seus cartões de crédito, mas, por causa da pressa, exaustão e tristeza, Jack esqueceu a caixinha com sua aliança de casamento. Ela ficaria em Benghazi, assim como boa parte de Jack.

Ele foi para a Sala da Equipe no Prédio C e preencheu o espaço restante na bolsa de pano com armas, rádios e outros equipamentos confidenciais. Jack olhou para fora e viu o caminhão plataforma. O corpo de Rone estava lá

no chão, então Jack e um dos D-boys o levantaram e colocaram na carroceria de aço o mais delicadamente que conseguiram.

Em seguida, Jack viu o segundo corpo. Ele tirou os olhos do abdômen lacerado e mirou o rosto inconfundível: Glen.

Jack lutou para que seus joelhos não dobrassem. Dois homens que considerava como irmãos tinham acabado de morrer em um telhado a trinta metros de onde estava. E agora colocava os corpos deles na caçamba de um caminhão-plataforma. Doeu-lhe mais do que conseguia descrever, pois não tivera sequer a oportunidade de cumprimentar Glen.

Quando os americanos preparavam-se para ir embora do Prédio C pela última vez, o mármore branco do chão da sala de estar estava coberto pelo vermelho do sangue de Oz e Ubben. A porta para o Prédio C foi aberta e os funcionários empurraram as macas com Oz, que permanecia desperto e Ubben, inconsciente. Oz estava só de cueca e, em vez de pedir para buscarem roupas, queria as três coisas de que precisava para sair de Benghazi: sua carteira, seu telefone e seu passaporte.

Jack e algumas outras pessoas suspenderam a maca de David Ubben e colocaram-na em um carro compacto branco. Mesmo com a maca tendo sido enfiada até o final, os pés de Ubben ficavam para fora. O paramédico de Trípoli pulou lá atrás para cuidar do homem ferido durante o percurso. Antes de as pessoas que estavam suspendendo a maca a colocassem dentro do carro, Oz levantou a cabeça e procurou Jack.

— Rone me defendeu. Ele salvou a minha vida.

Aproximadamente às seis horas da manhã, o Líder da Equipe da GRS de Benghazi chamou Tanto pelo rádio:

— Temos outra milícia a caminho e é das grandes. São mais ou menos cinquenta veículos, e são Técnicos, são fortes. Identifique-os e assegure que são os aliados.

De pé no alto do Prédio A, olhando por cima do portão da frente, Tanto pensou naquela ordem por alguns segundos.

— Se não forem — respondeu ele —, como é que eu vou parar esse pessoal, caralho?

Pouco tempo depois, o prometido comboio rugia pela Annex Road, uma procissão de quase quatrocentos metros composta por Toyotas brancos empoeirados com poderosas metralhadoras Dushka, repletas de soldados com aparência dura em camuflagens de tons cinza, bege e marrom. Estavam cobertos de lançadores de granadas, AKs-47 e outras armas.

Nem Tanto nem outro operador qualquer sabia a qual milícia eles pertenciam, ou se eram uma força oficial do governo líbio. Mas não era essa a preocupação principal dos americanos. Contanto que aqueles soldados ou milicianos fossem aliados e estivessem dispostos a escoltá-los até o aeroporto, os operadores só tinham uma reclamação. Como Tig disse a si mesmo: *Porra, se esses caras são aliados nossos, por que não se apresentaram para nos ajudar desde o início?*

O momento da verdade chegou, e Tanto baixou a arma. Deu as boas-vindas ao comandante do comboio no veículo que vinha à frente com o sinal universal de “hang loose”, dobrando os três dedos do meio da mão esquerda e sacudindo o polegar e o mindinho abertos.

O comandante da milícia líbia sorriu e devolveu o cumprimento surfista.

Tanto informou o Líder da Equipe pelo rádio.

— É, esses aí são os caras.

Enquanto todos dentro do Anexo recolhiam seus pertences pessoais, Tanto chamou a atenção do comandante com outro gesto. Ele transformou a mão em uma arma de dedos e deu uma sacudida de cima para baixo, depois apontou para o campo do outro lado da rua. Entre os soldados americanos, o movimento servia para mostrar a localização de um inimigo.

O comandante entendeu. Ele chamou um Técnico com Dushka e disse ao artilheiro para vigiar o campo. Em seguida, enviou uma esquadra de tiro composta de quatro homens para procurar inimigos em potencial. Com muita rapidez, eles saíram de lá com dois homens que estavam escondidos nos arbustos. Tanto olhou com satisfação um dos milicianos aliados colocar algemas nos pulsos daqueles homens e os levarem para uma das caminhonetes. O operador não sabia por quanto tempo os homens tinham ficado escondidos lá. Também não sabia se estavam envolvidos nos disparos de morteiro, se eram de uma equipe de reconhecimento ou outra coisa qualquer ligada à milícia hostil. Mas, pelo menos, Tanto não estava imaginando vozes vindas do campo a noite toda. Ele nunca soube o que aconteceu com aqueles homens.

O nascer do sol no dia 12 de setembro de 2012 foi às seis e vinte e dois da manhã em Benghazi, no exato momento em que os americanos sobreviventes faziam os preparativos finais para deixar o Anexo. Meia dúzia de carros do Anexo alinhou-se para sair pelo portão da frente e reuniram-se com o grande comboio, juntamente com o carro compacto que levava Oz e Dave Ubben. Tig estava na direção do caminhão-plataforma com os corpos de Rone e Glen; Jack ia no banco do passageiro. O corpo de Sean Smith continuou no Mercedes para seguir até o aeroporto.

Quando estavam todos aguardavam o sinal para sair, Jack viu uma discussão eclodir entre Bob, o chefe do Anexo, e o Líder da Equipe da GRS em Benghazi. Bob disse ao Líder da Equipe que queria ficar para colher informações e dados de pessoas da região sobre o que acontecera e quem deviam culpar. O Líder da Equipe se opôs, mas Bob manteve-se firme, fumando um cigarro do lado de fora do Prédio C.

— Você está dispensado do serviço! — disse o Líder da Equipe a Bob. — Entra nessa porra desse carro.

Bob apagou o cigarro e obedeceu, mas não tinha terminado de discutir.

Quando os americanos passaram pelo portão, infiltraram-se em meio à escolta armada, que se certificaram de que as caminhonetes que possuíam metralhadoras dessem cobertura a cada um dos veículos do Anexo de ambos os lados. Vários Técnicos seguiram na frente como uma espécie de cunha motorizada bloqueando cruzamentos para que os americanos pudessem seguir adiante sem parar. Tanto estava preocupado com a possível vulnerabilidade a ataques no decorrer da movimentação para o aeroporto durante o dia, mas em seguida decidiu que eles faziam parte da “maior e mais hostil coisa que existia na cidade”. Ninguém em sã consciência mexeria com eles.

Quando Tig estava saindo com o caminhão-plataforma pelo portão, Jack viu o jardineiro que ficava fumando e rezando em frente à casinha dele durante o tiroteio. Ele transformou-se em uma guarda de honra de um homem só e acenava para os patrões americanos.

Jack olhou pela janela de trás da cabine do caminhão para certificar-se de que os corpos envoltos em lençóis continuavam em segurança. Ele notou um buraco no vidro com o formato perfeito de uma bala e o mostrou a Tig. E retornaram para o silêncio de seus próprios pensamentos.

Jack pensou na esposa de Rone, Dorothy, e no filho pequeno que nunca conheceria o pai. Ele sentiu pontadas de dor ao lembrar que Rone lhe dissera que Benghazi seria o último serviço dele como operador da GRS e o quanto estava ansioso para chegar em casa e ficar com a família para sempre. Jack estremeceu ao recordar que Rone estendera sua permanência duas vezes. Sucessivos pensamentos dolorosos lhe vinham à cabeça. Sentiu-se esmagado pela memória de Rone dizendo que planejava fazer uma surpresa para a esposa e levá-la para viajar pelo oeste e visitar Jack e sua família. *Ela ainda nem sabe que o marido está morto, pensou ele, e nunca vai ficar sabendo dessa viagem porque agora ela não vai mais acontecer.*

Jack queria que outra pessoa tivesse se encontrado com ele no aeroporto cinco semanas antes, que outra pessoa tivesse lhe entregado uma pistola carregada como presente de boas-vindas, e que outra pessoa o tivesse colocado a par do estado das coisas para que pudesse fazer um bom trabalho e se manter em segurança em Benghazi. Mas Jack sabia também que Rone nunca se esquivava de proteger as pessoas ou de fazer o que achava que era correto.

Jack também desejava que Glen jamais tivesse saído de Trípoli para ajudá-los e que não tivesse subido aquela escada para cumprimentar Rone. Mas sabia que Glen não iria querer que qualquer outra pessoa tivesse pegado o seu lugar no avião para Benghazi. Ele sabia que a ligação com os amigos definia a vida de Glen. E Jack sabia que as ações de Glen estavam de acordo com o código do guerreiro que conduzia suas vidas: se seus companheiros operadores estivessem enfrentando o perigo em telhados no alto de prédios, Glen estaria lá também.

Sentado no banco do passageiro na cabine do caminhão plataforma, virando a cabeça para trás para tomar conta dos corpos, Jack sentia-se

devastado. Seu único consolo era saber que Rone e Glen tinham morrido como heróis.

Quando o comboio chegou ao aeroporto, um guarda da equipe da milícia que estava lá os impediu por um breve momento de entrar. Mas não demorou para o comboio passar por um portão, chegar à parte não comercial da pista e estacionar perto do pequeno jato que a equipe de Trípoli fretara. Alguns operadores de Trípoli carregaram David Ubben na direção da escada que levava à porta do avião. Os operadores o tinham amarrado à maca para que pudessem virá-la de lado e entrar com o agente da DS severamente ferido pela porta estreita. Ubben alternava entre consciência e inconsciência.

Seus companheiros operadores começaram a erguer a maca de Oz, mas ele os mandou parar:

— Nem fodendo. — Eu entrei neste país andando e, porra, eu vou sair andando desta cidade.

Oz foi rapidamente até a beirada do carro compacto e ergueu o corpo. Concentrando esforços, firmou-se. Dando um passo atrás do outro com dificuldade, se aproximou do avião com o sangue pingando de seu braço esquerdo apesar de estar com o torniquete. Quando a tripulação uniformizada do avião viu Oz se aproximando, eles arregalaram os olhos e correram para estender toalhas pelo carpete do corredor e em um sofá perto da cauda da aeronave.

Oz subiu a escada, depois se deitou no sofá. As pessoas que carregavam a maca colocaram Ubben no chão ao lado dele. O paramédico de Trípoli sentou no chão entre eles e se preparou para o voo.

Outros americanos embarcavam enquanto sua bagagem era colocada no compartimento de carga. Durante o período em que estavam carregando a aeronave, a milícia, que aparentemente controlava o aeroporto e era bem menor que o comboio militar que escoltou os americanos, opôs-se à presença do comboio militar que escoltou os americanos. Jack vigiava dezenas de homens preparados para o combate gritando uns com os outros na pista.

Isto vai ser um completo massacre, pensou Jack. Se alguém começar a atirar, não existe abrigo, está todo mundo parado de pé por ali. Ele ficou segurando com firmeza seu fuzil de assalto enquanto a fúria da discussão aumentava. Jack fez uma silenciosa oração de operador: *Por favor, ninguém atira.*

Tanto observava o confronto e previa o futuro: *A milícia que administra o aeroporto tem, tipo, dois carros aqui. A nossa milícia tem cinquenta. Não existe solução diplomática pra isso. Quem tiver as maiores armas ou a maior quantidade delas vai vencer.*

Quando a tensão pareceu estar no máximo, um miliciano atirou com sua AK-47 inadvertidamente para o chão perto de seus pés. Os operadores prepararam-se para a ação, suspeitando que o disparo acidental incitasse os irrequietos a começarem a atirar. Em vez disso, ele acabou neutralizando a situação, como se aquele negligente tiro isolado tivesse feito com que lembrassem como todos eles poderiam facilmente ser mortos.

Quando todos os americanos já estavam no avião, Bob, o chefe do Anexo, novamente se recusou a ir embora. Ele estava em Benghazi como oficial de inteligência, e mesmo assim recebia ordens para evacuar com uma lista interminável de questões sem resposta sobre o que tinha acabado de acontecer. Bob começou um novo concurso de gritos, desta vez com o Líder da Equipe da GRS no país, que tinha vindo de Trípoli. Este exerceu sua

autoridade como o oficial de segurança americano hierarquicamente mais importante na Líbia.

— Você está dispensado do serviço! — gritou ele. — Ou você entra naquele avião ou eu vou enfiar você lá.

Por fim, Bob obedeceu.

O avião estava superlotado de americanos ansiosos para decolar. Porém, antes que o piloto começasse a taxiar, os homens e mulheres a bordo suspeitaram que tinham sido picados pela serpente do azar: um segundo disparo acidental fez um estrondo, desta vez dentro do jato. Houve mais um atraso, pois a tripulação e os operadores tiveram que descobrir se a bala perfurara o casco da aeronave pressurizada, fazendo com que ela não fosse segura para voar.

Putá merda, pensou Oz, a gente nunca vai conseguir sair daqui? O choque tinha passado, bem como a morfina que lhe tinham dado. Estava deitado no sofá retorcendo-se com a pior dor que já tinha experimentado. Oz tentava fazer piadas para distrair-se e levantar o ânimo. Mas seu braço começou a lhe dar solavancos de agonia que o faziam liberar uma torrente de xingamentos, em vez de recuperar seu humor.

À medida que o atraso se prolongava, a maior preocupação de Oz tornou-se Ubben. *Vou pegar a minha pistola e falar pra praga do comandante levantar voo de um jeito ou de outro, pensou Oz. A gente tem que levar o Dave pra um hospital, senão ele vai morrer.*

Por fim, alguém descobriu que a bala tinha se entocado na armação de metal de um assento. Por volta das sete e meia da manhã, o primeiro avião repleto de sobreviventes do ataque ao Complexo da Missão Especial e ao Anexo da CIA levantou voo.

Ficaram para trás Jack, Tanto, D.B., Tig, o agente da DS Alec Henderson, os dois D-boys, dois dos operadores de Trípoli, o linguista lotado em Trípoli e o Líder da Equipe da DRS no país, juntamente com os corpos de Rone, Glen e Sean Smith.

Membros da milícia que fez a escolta entenderam que os americanos abandonariam seus veículos, então alguns deles pediram as chaves. Um homem com olhos suplicantes aproximou-se de Tanto para pedir as chaves de um BMW de quatro portas, idêntico ao sedan em que estava a mochila de Tig que eles tinham deixado na esquina da Gunfighter Road.

— Veículo, senhor? — pediu ele. — Veículo?

Quando os operadores tiveram certeza de que outro avião viria, eles tiraram munição, mapas, kits médicos e outras coisas dos veículos, deixando-os vazios. Tig se deu conta de que quando a equipe do Departamento de Estado foi embora no primeiro avião, não tinham conseguido tirar o corpo de Sean Smith da SUV da Mercedes. Ele pegou as chaves e, com ajuda, colocaram o corpo de Sean Smith no caminhão-plataforma ao lado de Rone e Glen. Tanto entregou as chaves dos outros veículos para o líder da milícia. Os operadores observaram o comandante distribuí-las entre seus homens, que se emocionaram como adolescentes ganhando o primeiro carro. O canto dos pneus derrapando enquanto os milicianos retiravam-se do aeroporto pôs fim à relação com os milicianos, nebulosa devido à constante dúvida: aliados ou inimigos?

Vários bengasianos que serviram como contatos locais para o Anexo tinham, de alguma maneira, ficado sabendo do acontecido e foram ver os

americanos partirem. Um líbio de quem vários dos operadores gostavam se acabou em lágrimas enquanto se desculpava.

— Isso não devia ter acontecido de jeito nenhum — disse ele. — Eu sinto muito mesmo.

— A culpa não é sua — Tanto o consolou. — Você não fez nada. Mas deem um jeito nisso.

— Nós vamos fazer isso, sim — disse o homem. — Com certeza vamos fazer as pessoas pagarem pelo que fizeram.

— Vocês têm que fazer isso, senão coisas desse tipo vão continuar acontecendo — repreendeu Tanto. — Vocês têm que consertar isso ou não nos verão aqui mais. E se virem, não será como aliados.

Outro líbio aos prantos era o homem que tinha ido ao hospital identificar Chris Stevens. Ele compreendeu que não haveria nenhum Cantinho Americano em sua escola. O sonho de um “espaço amigável e acessível” onde o bengasiano comum pudesse aprender sobre os Estados Unidos tinha morrido juntamente com o embaixador.

Uma hora depois de o primeiro avião partir, os operadores receberam a notícia de que membros da força que os tinha escoltado ao aeroporto tinham ido ao Centro Médico de Benghazi reaver o corpo de Stevens. Quando a equipe de resgate retornou, Henderson removeu o lençol para identificar oficialmente o corpo. Stevens estava descalço, mas totalmente vestido, não tinha sinal algum de ferimento ou abuso e os olhos estavam fechados num repouso sereno. Os operadores colocaram o corpo do embaixador no caminhão-plataforma com os outros três.

A Força Aérea da Líbia concordou em enviar um volumoso avião de carga C-130 para levar os homens remanescentes e os corpos para Trípoli. Enquanto o esperavam chegar, os operadores, exaustos, deitaram na pista para descansar um pouco, mas mantiveram suas armas carregadas ao alcance da mão. Compartilharam os telefones para ligar para os entes queridos em casa e informar que estavam bem.

Jack não sabia o que sua esposa tinha escutado nos noticiários, se é que tinha escutado alguma coisa, por isso queria tranquilizá-la. Sua gravidez ainda não tinha chegado ao terceiro mês, e Jack estava preocupado com a possibilidade de ela abortar por temer que ele estivesse morto. Ele certificou-se de que ela estava calma, depois disse:

— Não interessa o que você vai ver no jornal, fique sabendo que já acabou. Estou bem. A gente vai se encontrar logo.

Jack contou à mulher que Rone também estava em Benghazi e ela perguntou se ele estava bem. As emoções que vinham se acumulando nele durante as duas últimas horas afogaram Jack. Ele começou a chorar. Ele sobreviveu, esse era o yang. A perda de seus amigos era o yin.

— Ele não conseguiu.

— O que você quer dizer com ele não conseguiu? — questionou ela, aumentando o tom de voz.

Jack estava praticamente sufocado pela resposta.

— Te conto quando voltar — disse por fim. — Mas não comenta isso com ninguém, porque os familiares ainda não foram notificados. Eu vou te ligar logo, logo. Te amo.

Horas de espera pelo avião deram a Tanto tempo para refletir sobre seus companheiros operadores. *Se tivessem sido quaisquer outros seis caras, acho que nenhum de nós teria sobrevivido. Perdemos Rone, perdemos Bub e Oz se feriu, mas podia ter sido pior. Poderíamos estar todos mortos. Foi como se o destino nos tivesse colocado juntos. Nenhum desses caras tem um pingo de pânico no corpo.*

Incomodava Tanto o fato de que iria embora em um C-130 líbio, em vez de num avião americano. Quanto mais pensava nisso, mais convencido ficava: *Se tivessem nos dado o que pedimos desde o começo, suporte aéreo e coisa e tal, não teríamos perdido Rone e Bub. E se tivessem deixado a gente sair do Anexo no início, o embaixador e Sean estariam vivos.*

Mais de duas horas depois de os americanos chegarem ao aeroporto, o avião da Força Aérea Líbia aterrissou e baixou a rampa de carga. Os operadores levaram o caminhão-plataforma até a cauda da aeronave. Eles embarcaram os corpos carregando dois em macas médicas, dois em macas de lona. Um dos braços de Glen estava para fora, perpendicular ao corpo, nessa posição devido à rigidez cadavérica. Tanto forçou o braço para baixo e certificou-se de que Glen estava coberto.

Quando tudo já havia sido embarcado, a tripulação líbia suspendeu a rampa na cauda e taxiou para decolar. Eram *aproximadamente* dez e meia da manhã, cerca de treze horas após o início do ataque ao Complexo. Eles fizeram a viagem até Trípoli em silêncio, alguns cochilando, outros refletindo, todos exaustos.

Quando o C-130 pousou, funcionários da embaixada se encontraram no aeroporto com as últimas pessoas que foram evacuadas de Benghazi e os

cumprimentavam com abraços e lágrimas. Um dos D-boys subiu a rampa levando os sacos em que colocariam os corpos e Jack fez a última coisa que podia por seus amigos mortos em batalha. Ele e o D-boy desdobraram os sacos plásticos brancos e os esticaram no chão do avião. Suspenderam Rone, depois Glen, e os colocaram dentro dos sacos.

Jack fechou o zíper e despediu-se pela última vez.

Epílogo

Quando o C-130 líbio levantou voo carregando os últimos operadores e os quatro corpos, a Batalha de Benghazi, um combate entre os americanos e seus inimigos, terminou. Mas aquele era apenas o início. Antes mesmo de os sobreviventes retornarem para casa, explodiram controvérsias em relação a como autoridades em Washington comportaram-se antes, durante e depois do ataque. A acrimônia pode ser dividida basicamente em três frentes:

- Antes do ataque: Quem merece, se é que alguém merece, ser culpado e potencialmente punido por falhas de segurança no Complexo? Essas falhas contribuíram para as mortes do embaixador J. Christopher Stevens e de Sean Smith? Afastaram, sem prejuízo da remuneração, quatro funcionários do Departamento de Estado, mas todos foram reempossados e receberam novos cargos no Estado. Dois, mais tarde, se aposentaram voluntariamente.

- Durante o ataque: A reação militar dos EUA foi apropriada? Se não, por quê? E relacionada a essa pergunta, questiona-se: Uma ação militar mais agressiva dos EUA era possível? Se sim, ela poderia ter impedido as mortes de Tyrone “Rone” Woods e Glen “Bub” Doherty e os graves ferimentos de Mark “Oz” Geist e David Ubben?

- Depois do ataque: O governo de Obama enganou o povo por razões políticas ao conectar incorretamente o ataque aos protestos desencadeados pelos vídeos do filme *A inocência dos muçulmanos*? E relacionada a essa pergunta, questiona-se: O governo minimizou a importância de um possível papel desempenhado pela al-Qaeda nos ataques?

Como muitas outras questões em Washington, a maioria das respostas foi dada com base em um lado ou outro da divisão partidária do país. Republicanos e conservadores criticaram severamente o presidente Obama, a então secretária de estado, Hillary Clinton, e a administração que lidou com os ataques em Benghazi. Democratas e liberais defenderam vigorosamente o presidente, Clinton e a administração. O que circula na mídia vai de um extremo a outro quando se questiona se alguém em Washington merece receber a culpa e ser punido e se os ataques deveriam ser considerados uma tragédia, um escândalo ou as duas coisas.

Entretanto, no início de 2014, uma conclusão ganhou considerável força em ambos os lados das fronteiras partidárias: os ataques poderiam ter sido evitados. Isto é, se pelo menos o Departamento de Estado tivesse dado os passos apropriados para melhorar a segurança no Complexo em reação aos muitos alertas e incidentes durante os meses anteriores. Essa conclusão foi apresentada em um relatório bipartidário do Comitê de Inteligência do Senado.

Esse mesmo comitê também confrontou a questão controversa relacionada à ordem para “aguardar”, explorando se a equipe do Anexo atrasou a reação aos ataques no Complexo. O relatório final concluiu: “Embora alguns membros da equipe de segurança tenham expressado frustração por não poderem reagir mais rapidamente ao ataque no Complexo da Missão, o comitê não encontrou evidência de atraso

intencional ou obstrução feitas pelo chefe da base nem por nenhuma outra parte.” Em nota de rodapé, o comitê revelou que “anotações informais” obtidas por intermédio da CIA indicavam que a equipe de segurança partiu para o Complexo sem a aprovação do chefe da base, Bob. Contudo o comitê aceitou o testemunho de Bob, que disse: “Nós enviamos a nossa QRF [Força de Reação Rápida] o mais breve possível para o Departamento [de Estado].” Entretanto, os membros da equipe de segurança do Anexo mantêm o seu relato de que receberam várias vezes a ordem para “aguardar” antes de decidirem partir por conta própria.

Em um livro de memórias sobre seu mandato como secretária de estado, publicado em junho de 2014, Hillary Clinton deu o mais detalhado relato de suas ações até hoje. Ela denunciou o que chamou de “desinformação, especulação e total logro” quando se refere aos ataques e escreveu que Obama “deu a ordem para fazer o que fosse necessário para apoiar o nosso pessoal na Líbia.” Ela revelou: “Perder aqueles destemidos servidores públicos no cumprimento de seus deveres foi um golpe esmagador. Como secretária, eu era a única responsável pela segurança do meu pessoal e nunca senti essa responsabilidade mais profundamente do que naquele dia.” Ao abordar a controvérsia sobre o que desencadeou o ataque e se a administração enganou o povo, ela sustentou que o vídeo *A inocência dos muçulmanos* desempenhara um papel, embora não estivesse nítido até que ponto. “Havia uma quantidade enorme de agressores naquela noite, e era quase certo que tinham motivações diferentes. É incorreto afirmar que todos eles foram influenciados por aquele vídeo odioso. Como também é igualmente incorreto afirmar que nenhum deles foi.” O relato de Clinton foi recebido com elogios e críticas na mesma medida.

Durante o período em que Clinton promovia seu livro, uma nova investigação estava sendo iniciada por um Comitê Especial do Congresso

sobre os eventos que envolvem o ataque terrorista em Benghazi em 2012. Presidido pelo ex-promotor federal e Deputado Federal Trey Gowdy, um republicano da Carolina do Sul, a criação do comitê prometeu investigar questões sobre Benghazi durante a campanha presidencial de 2016 e depois dela.

Como explicado na “Nota ao Leitor”, este livro não tem a intenção de apoiar ou satisfazer um lado ou outro das controvérsias pendentes. Ao contarem a sua história, os operadores de Benghazi esperam que sua batalha e suas ações sejam entendidas em seus próprios termos, fora de interesses políticos ou partidários.

Outra prioridade para os operadores é ver os agressores identificados, caçados e punidos. Em agosto de 2013, o presidente Obama confirmou que uma acusação confidencial tinha sido apresentada contra um número não revelado de suspeitos. Algumas organizações de mídia noticiaram que entre os acusados estava Ahmed Abu Khattalah, um líder da Ansar al-Sharia de Benghazi. Abu Khattalah reconhece que estava na cena, mas nega envolvimento no ataque. Ele foi capturado em um ataque aos EUA em junho de 2014 e estava aguardando julgamento.

A milícia Ansar al-Sharia também nega participação, mas louvou o ataque em uma declaração lida na televisão em 12 de setembro de 2012. Em janeiro de 2014, o Departamento de Estado categorizou a Ansar al-Sharia de Benghazi e a separada, porém aliada, Ansar al-Sharia de Derna como grupos terroristas, em boa parte pelo suposto envolvimento delas nos ataques ao Complexo e ao Anexo. Também categorizado como terrorista foi Sufian bin Qumu, um líder da Ansar al-Sharia de Derna que passou vários

anos como detento da Baía de Guantánamo; ele foi identificado anteriormente por autoridades americanas como “provável membro da al-Qaeda”. Entretanto, uma porta-voz do Departamento de Estado alegou que “não temos indicações de que o núcleo da al-Qaeda dirigiu ou planejou o ataque em Benghazi.”

Três dias depois do ataque ao Complexo, os corpos de J. Christopher Stevens, Sean Smith, Tyrone “Rone” Woods e Glen “Bub” Doherty estavam de volta aos Estados Unidos em esquifes cobertos com bandeiras. O presidente Obama, o vice-presidente Joe Biden, a secretária de estado Hillary Clinton e o secretário de defesa Leon Panetta estavam entre os presentes para a repatriação.

Depois de uma breve parada em Trípoli, os quatro operadores de Benghazi que não tinham sido feridos pegaram um voo para a Base Aérea de Ramstein, um estabelecimento da Força Aérea dos EUA na Alemanha, e depois para Washington, onde fariam um relato da missão. Jack pegou um voo comercial e teve a experiência surreal de perceber que a pessoa sentada no corredor ao lado estava lendo uma matéria no jornal sobre os ataques em Benghazi.

Para Mark “Oz” Geist, o retorno para casa foi postergado pela primeira das várias internações em hospitais. No final, ele fez mais de doze cirurgias e passou um tempo no Centro Médico Nacional Militar Walter Reed com David Ubben, que também fez várias cirurgias e uma quantidade significativa de reabilitações devido a seus ferimentos.

Desde que retornaram para casa, todos os cinco operadores, sob juramento, deram seus testemunhos sobre os eventos descritos neste livro.

Em dezembro de 2013, o governo dos Estados Unidos condecorou os que trabalhavam em Benghazi em cerimônias secretas. O Departamento de Estado deu aos operadores que reagiram aos ataques no Complexo placas que saudavam: “[O] heroísmo demonstrado pelos membros da equipe de segurança, sob fogo diante de risco extremo para a própria segurança durante o ataque mortal contra as instalações dos EUA em Benghazi, na Líbia, no dia 12 de setembro de 2012. As ações heroicas desses profissionais foram abnegadas, valorosas e representativas dos mais altos padrões de bravura no serviço federal de segurança.” Hillary Clinton foi quem assinou a nota. O Departamento de Estado deu aos mesmos homens medalhas que carregavam a palavra “Heroísmo”, adornada com fitas azul e prata. A CIA deu a todos os operadores medalhas de honra recém-criadas do tamanho de pires de café.

Honrarias também foram prestadas postumamente a Rone e Glen, cuja família criou uma fundação em memória a seu nome. A missão dela é “levar educação e recreação para os necessitados. O site da fundação é www.glendohertyfoundation.org. Separadamente, a família e amigos de Stevens criaram o The Ambassador J. Christopher Stevens Memorial Fund for Middle Eastern Studies na faculdade em que ele havia estudado, a Universidade da Califórnia em Berkeley. Doações podem ser feitas pelo site <http://givetocal.berkeley.edu/stevens-middle-eastern-studies>.

Embora os operadores tenham lutado na batalha e, segundo a opinião geral, salvado aproximadamente vinte vidas americanas, por não serem nem funcionários da CIA, nem militares da ativa, foram considerados inelegíveis a condecorações ainda mais altas, recompensas que foram para homens que desempenharam papéis menores e nunca deram um tiro sequer. Como funcionário da agência, o Líder da Equipe da GRS em Benghazi recebeu a *Distinguished Intelligence Cross*, a mais alta honraria conferida pela CIA.

Essa condecoração é dada a membros do serviço secreto por “um ato voluntário ou por atos de heroísmo extraordinário envolvendo a aceitação de perigos existentes com bravura conspícua e coragem exemplar.” Bob, o chefe da CIA em Benghazi, ao que consta, também recebeu uma prestigiosa medalha do serviço de inteligência, de acordo com o *The Daily Beast*. Um Fuzileiro Naval membro da Força Delta recebeu a *Navy Cross* por heroísmo; o outro membro da Força Delta, um primeiro sargento, foi condecorado com a *Distinguished Service Cross*, a segunda honraria mais alta do exército, de acordo com o *The Washington Times*.

Depois de Benghazi, os operadores contratados voltaram para casa, para suas famílias e vidas, e até agora permaneceram em silêncio enquanto tomavam decisões sobre o futuro. Todos se aposentaram de prestação de serviços de segurança do governo para trabalharem no setor privado. Mark “Oz” Geist, Kris “Tanto” Paronto e John “Tig” Tiegen usaram seus verdadeiros nomes neste livro. Os nomes Jack Silva e Dave “D.B.” Benton são pseudônimos usados para satisfazer o desejo que têm de preservar a privacidade deles e de suas famílias. O único outro pseudônimo foi o de Henry, o tradutor do Anexo. Todas as outras informações sobre os personagens que receberam pseudônimos são verdadeiras. O nome de todos os outros indivíduos neste livro foram revelados anteriormente em testemunhos ao Congresso e outros fóruns públicos.

Olhando à frente, os operadores sobreviventes em Benghazi sabem que os eventos daquelas treze horas tingirão o resto de suas vidas. Eles continuam tendo contato próximo, e todos usam um bracelete preto de

alumínio gravado com os nomes dos dois operadores mortos em batalha e com a localização e a data de suas mortes.

Acima de tudo, os operadores especiais sobreviventes desejam que Chris Stevens, Sean Smith, Tyrone Woods e Glen Doherty, a quem este livro é coletivamente dedicado, sejam lembrados não como vítimas ou peças descartáveis em um jogo político, mas como americanos corajosos que se colocaram no caminho do perigo, que acreditavam no trabalho que faziam e no seu país, e que morreram servindo ao próximo.

Uma Nota sobre as Fontes

Este livro não poderia ser escrito sem a cooperação e a sinceridade dos cinco operadores especiais de Benghazi. Os relatos que fizeram dão acesso a uma perspectiva da tropa na linha de frente e também simulam um olhar virtual de drone daquelas treze horas de batalha. Porém, durante a grande quantidade de conversas e entrevistas, todos os cinco homens esmeraram-se para evitar expor informações, táticas operacionais e técnicas que o governo americano considera confidenciais. Por exemplo, não falaram sobre certos detalhes do emprego deles como prestadores de serviço de segurança em Benghazi. No entanto, numerosas outras fontes publicadas e não publicadas deixaram claro que os primeiros a reagir ao ataque no Complexo eram empregados da Global Response Staff (GRS), como Glen “Bub” Doherty. A identificação dos operadores como tal foi um simples lance de lógica do autor.

Como resultado do cuidado dos operadores em relação a certas questões, este livro deve muito a várias outras fontes, inclusive jornalistas e autores que passaram anos cobrindo assuntos militares e o serviço secreto dos EUA. Por exemplo, no encalço da batalha, Greg Miller e Julie Tate, do *The Washington Post*, publicaram uma importante matéria detalhando a natureza e o trabalho da Global Response Staff (GRS) com informações sobre os operadores contratados para trabalhar no Anexo da CIA em

Benghazi. David Ignatius, também do *Post*, fez uma significativa associação preliminar entre a GRS e os eventos de 11/12 de setembro de 2012. Eles e muitos outros que escreveram sobre a batalha são citados no item Bibliografia Seleccionada. Também citado foi o testemunho da secretária adjunta de estado, Charlene Lamb, que falou sobre a Força de Reação Rápida que agiu no Anexo. Em sua declaração, ela mostrou um mapa que mostrava claramente a localização do Anexo.

Informações valiosas sobre a presença americana em Benghazi vieram também de fontes inesperadas. Um exemplo é a edição de dezembro de 2011 da revista *State*, publicada pelo Departamento de Estado. Um artigo escrito pelo agente da Segurança Diplomática Mario Montoya forneceu informações e detalhes em relação ao estabelecimento do Complexo da Missão Especial. Ele também discutiu os esforços do governo dos EUA para recolher lançadores de mísseis antiaéreos. Foram várias as fontes sobre os veículos usados pelos operadores, inclusive notícias na mídia e livros anteriores sobre Benghazi. Uma fonte em potencial que se mostrou elusiva foi Bob, chefe do Anexo. Tentativas de contatá-lo para ouvir o lado dele da história foram infrutíferas.

Elementos essenciais da narrativa vieram do relatório de dezembro de 2012 emitido pela Comissão de Averiguação de Responsabilidade do Departamento de Estado, que investigou os ataques no Complexo e no Anexo. O relatório dessa comissão foi importante na medida em que forneceu detalhes sobre o ataque no Complexo pela perspectiva dos agentes da DS. Valiosos também foram o Relatório Intermediário dos Membros da Conferência Republicana da Câmara sobre os Eventos Envolvendo os Ataques Terroristas em Benghazi, na Líbia, e o Relatório de Inteligência da Comissão Especial do Senado Americano sobre os Ataques Terroristas nas Instalações dos EUA em Benghazi, na Líbia, em 11/12 de setembro de 2012,

entre outros. Vários relatórios do Serviço de Pesquisa do Congresso, listados na Bibliografia Seleccionada, foram úteis em relação a informações sobre segurança em instalações diplomáticas no exterior, política dos EUA e relações com a Líbia.

Bibliografia Seleccionada

Abbas, Mohammed. "Libya's Benghazi laments city's decay under Gaddafi" Reuters, 16 de maio de 2011, <http://www.reuters.com/article/2011/05/16/us-libya-benghazi-idUSTRE74F3ZP20110516>

Agência Central de Inteligência (CIA). "The World Factbook: Libya", <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ly.html>

Agência Federal de Investigação (FBI). "Seeking Information on Benghazi Attacks" <http://www.fbi.gov/wanted/seeking-info/seeking-information-on-attacks-in-benghazi/seeking-information-on-attacks-in-benghazi-poster>

Blanchard, Christopher M. "Libya: Transition and U.S. Policy" Serviço de Pesquisa do Congresso, 18 de outubro de 2012, <https://www.fas.org/sgp/crs/row/RL33142.pdf>

Blanchard, Christopher M., e Jim Zanotti. "Libya: Background and U.S. Relations" Serviço de Pesquisa do Congresso, 18 de fevereiro de 2011, <http://fpc.state.gov/documents/organization/157348.pdf>

Booth, William. "Benghazi doing better than Tripoli, rebels say" The Washington Post, 14 de agosto de 2011, https://www.washingtonpost.com/world/middle-east/benghazi-doing-better-than-tripoli-rebels-say/2011/08/11/gIQAFqKjFJ_story.html

Bosalum, Feras. "T-shirt store starts new fashion trend in Libya's Benghazi" Reuters, 30 de junho de 2013, <http://www.reuters.com/article/2013/06/30/us-libya-fashion-idUSBRE95T03Z20130630>

Bulugma, Hadi M. Benghazi Through the Ages. 1972.

Burton, Fred, e Samuel M. Katz. "40 Minutes In Benghazi" Vanity Fair, agosto de 2013, <http://www.vanityfair.com/news/politics/2013/08/Benghazi-book-fred-burton-samuel-m-katz>

Burton, Fred, e Samuel M. Katz. *Under Fire: The Untold Story of the Attack in Benghazi*. Nova York: St. Martin's Press, 2013.

Butters, Andrew Lee. "Dispatch from Libya: Why Benghazi Rebelled" *TIME*, 3 de março de 2011, <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,2056521,00.html>

Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. "Interim Progress Report for the Members of the House Republican Conference on the Events Surrounding the September 11, 2012 Terrorist Attacks in Benghazi, Libya." 23 de abril de 2013, <https://oversight.house.gov/wp-content/uploads/2013/04/Libya-Progress-Report-Final-1.pdf>

Campagne, Jean-Pierre. "Thousands of Chinese workers leave behind Libyan ghost town" *Times of Malta*, 17 de junho de 2011, <http://www.timesofmalta.com/articles/view/20110617/world/Thousands-of-Chinese-workers-leave-behind-Libyan-ghost-town.371017>

Campbell, Robert B., LTC (Ret.). "An Adventure in Benghazi: An Episode During the 1967 Arab-Israeli War" *OfficerReview*, junho de 2011: 11–12.

ClimaTemps.com. "Benghazi Climate & Temperature", <http://www.benghazi.climatemps.com>

Clinton, Hillary. *Hard Choices*. Nova York: Simon & Schuster, 2014.

Comitê de Supervisão e Reforma do Governo. "Benghazi Attack Pictures", outubro de 2012, <https://oversight.house.gov/wp-content/uploads/2012/10/2012-10-09-Lamb-Testimony-FINAL1.pdf>

Comitê de Supervisão e Reforma do Governo. "Benghazi: Exposing Failure and Recognizing Courage." Audiência realizada em 8 de maio de 2013. Washington, DC: Escritório de Impressão do Governo dos EUA, 2013, <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/CHRG-113hhr81563/html/CHRG-113hhr81563.htm>

Comitê de Supervisão e Reforma do Governo. "Deputy Assistant Secretary of State Charlene Lamb Testimony Before House Oversight Committee"; Washington, DC, quarta-feira, 10 de outubro de 2012, <https://oversight.house.gov/wp-content/uploads/2012/10/2012-10-09-Lamb-Testimony-FINAL1.pdf>

Comissão Especial de Inteligência do Senado dos EUA. “Review of the Terrorist Attacks on U.S. Facilities in Benghazi, Libya, September 11–12,2012, Together with Additional Views.” 15 de janeiro de 2014, http://fas.org/irp/congress/2014_rpt/benghazi.pdf

Crisp, Will. “Hanging Out in Benghazi’s Car Boot Arms Market” Vice, 30 de abril de 2013, http://www.vice.com/en_se/read/benghazis-car-boot-arms-fair

Departamento de Estado dos EUA. “Background Briefing on Libya” Gabinete do Porta-voz. Washington, DC, 9 de outubro de 2012, <http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2012/10/198791.htm>

Departamento de Estado dos EUA. “Benghazi Weekly Report—September 11, 2012.” 11 de setembro de 2012, <https://oversight.house.gov/wp-content/uploads/2012/10/9-11-12-Memo.pdf>

Doornbos, Harald, e Jenan Moussa. “‘Troubling’ Surveillance Before Benghazi Attack” Foreign Policy, 1º de novembro de 2012, http://www.foreignpolicy.com/articles/2012/11/01/troubling_surveillance_before_benghazi_attack#sthash.tHcCp1Ny.dpbs

Entous, Adam, Siobhan Gorman e Margaret Coker. “CIA Takes Heat for Role in Libya” The Wall Street Journal, 1º de novembro de 2012, <http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424052970204712904578092853621061838>

Ferran, Lee. “American Killed in Libya Was on Intel Mission to Track Weapons” ABC News, 13 de setembro de 2012, <http://abcnews.go.com/Blotter/glen-doherty-navy-seal-killed-libya-intel-mission/story?id=17229037>

Ferran, Lee. “Reporter’s Notebook: Remembering an Ex-SEAL, Fallen in Libya” ABC News, 17 de outubro de 2012, <http://abcnews.go.com/Blotter/reporters-notebook-friends-remember-seal-fallen-libya/story?id=17499523>

Flynn, Sean. “Murder of an Idealist” GQ, dezembro de 2012: 282–286, <http://www.gq.com/story/sean-flynn-j-christopher-stevens-benghazi-libya-ambassador>

FoxNews.com. “Transcript: Whistle-blower’s account of Sept. 11 Libya terror attack” 8 de maio de 2013, <http://www.foxnews.com/politics/2013/05/08/transcript-whistle-blower-account-sept-11-libya-terror-attack/>

Garamone, Jim. "Little Describes Pentagon's Benghazi Decision Process" American Forces Press Service, 2 de novembro de 2012, <http://archive.defense.gov/news/newsarticle.aspx?id=118420>

Garcia-Navarro, Lourdes. "Benghazi's Citizens Fill The Libyan Government Gap" Morning Edition, NPR, 9 de março de 2011, <http://www.npr.org/2011/03/09/134384820/Benghazi-Update>

Glen Doherty Memorial Foundation. "His Story: Glen Anthony Doherty" <http://www.glendohertyfoundation.org/about-gdmf/glen-doherty/>

Griffin, Jennifer. "What laser capability did Benghazi team have?" FoxNews.com, 4 de novembro de 2012, <http://www.foxnews.com/politics/2012/11/04/what-laser-capability-did-benghazi-team-have/>

Gumuchian, Marie-Louise. "Two years on, Benghazi threatens "another revolution" in Libya" Reuters, 31 de janeiro de 2013, <http://www.reuters.com/article/2013/02/01/us-libya-benghazi-idUSBRE91002N20130201>

Halim, Amr Ben. "A return to Benghazi evokes memories of Libyan in the 1950s" The National, 14 de maio de 2011, <http://www.thenational.ae/thenationalconversation/comment/a-return-to-benghazi-evokes-memories-of-libyan-in-the-1950s>

Herridge, Catherine. "CIA moved swiftly to scrub, abandon Libya facility after attack, source says" FoxNews.com, 5 de dezembro de 2012, <http://www.foxnews.com/politics/2012/12/05/cia-moved-swiftly-scrub-abandon-libya-facility-after-attack-source-says/#ixzz2IE8icKIQ>

Ignatius, David. "David Ignatius: CIA's Benghazi timeline reveals errors but no evidence of conspiracy" The Washington Post, 1º de novembro de 2012, https://www.washingtonpost.com/opinions/david-ignatius-cias-benghazi-timeline-reveals-errors-but-no-evidence-of-conspiracy/2012/11/01/a84c4024-2471-11e2-9313-3c7f59038d93_story.html

Issa, Rep. Darrell, e Rep. Jason Chaffetz. Letter to President Obama. 19 de outubro de 2012, <http://oversight.house.gov/wp-content/uploads/2012/10/10.19.12-Issa-and-Chaffetz-to-President.pdf>. Ver também anexos em <http://oversight.house.gov/release/oversight-committee-asks-president-about-white-house-role-in-misguided-libya-normalization-effort/>

Judicial Watch. “Benghazi aftermath photos” 12 de novembro de 2013, <http://www.judicialwatch.org/document-archive/benghazi-foia-response-including-photos/>

Karadsheh, Jomana, e Tim Lister. “Benghazi tries to escape its ghosts, past and present” CNN, 29 de janeiro de 2013, <http://www.cnn.com/2013/01/29/world/africa/libya-benghazi-past-present>

Kelley, Michael, e Geoffrey Ingersoll. “Intrigue Surrounding The Secret CIA Operation In Benghazi Is Not Going Away” Business Insider, 3 de agosto de 2013, <http://www.businessinsider.com/the-secret-cia-mission-in-benghazi-2013-8>

Kelley, Michael, e Geoffrey Ingersoll. “It’s Time To Discuss The Secret CIA Operation At The Heart Of The US Mission In Benghazi” Business Insider, 17 de maio de 2013, <http://www.businessinsider.com/the-secret-cia-mission-in-benghazi-2013-5>

Kiely, Eugene. “Benghazi Timeline: The long road from “spontaneous protest” to premeditated terrorist attack” FactCheck.org, 26 de outubro de 2012, atualizado em 6 de novembro de 2012 e 9 de maio de 2013, <http://www.factcheck.org/2012/10/benghazi-timeline>

Kirkpatrick, David D. “A Deadly Mix in Benghazi” The New York Times, 28 de dezembro de 2013, <http://www.nytimes.com/projects/2013/benghazi/?hp#/?chapt=0>

Kormann, John G. *Echoes of a Distant Clarion: Recollections of a Diplomat and Soldier*. Washington, DC: New Academia Publishing, 2007.

Kurtz, Howard. “Benghazi Brawl: The pundits take on The New York Times” FoxNews.com, 31 de dezembro de 2013, <http://www.foxnews.com/politics/2013/12/31/benghazi-brawl-pundits-take-on-new-york-times/>

Lake, Eli. “Exclusive: CIA Honored Benghazi Chief in Secret Ceremony” The Daily Beast, 21 de maio de 2013, <http://www.thedailybeast.com/articles/2013/05/21/exclusive-cia-honored-benghazi-chief-in-secret-ceremony.html>

Lederer, Edith M. “UN Panel: Libyan Weapons Spread at Alarming Rate.” AP, 9 de abril de 2011, <http://bigstory.ap.org/article/un-panel-libyan-weapons-spread-alarming-rate>

Maxwell, James. "Libya: Why Benghazi Matters." Think Africa Press, 30 de maio de 2013, <http://thinkafricapress.com/libya/libya-why-benghazi-matters>

McLean, Alan, Sergio Peçanha, Archie Tse, e Lisa Waananen. "The Attack on the American Mission in Benghazi, Libya" The New York Times, 1º de outubro de 2012, <http://www.nytimes.com/interactive/2012/09/20/world/africa/the-attack-on-the-american-mission-in-benghazi-libya.html>

McDonnell, Patrick. "Political football, Benghazi style" Winnipeg Free Press, 21 de maio de 2011, <http://www.winnipegfreepress.com/opinion/fyi/political-football-benghazi-style-122381063.html>

Milbank, Dana. "Letting us in on a secret" The Washington Post, 10 de outubro de 2012, http://www.washingtonpost.com/opinions/dana-milbank-letting-us-in-on-a-secret/2012/10/10/ba3136ca-132b-11e2-ba83-a7a396e6b2a7_print.html

Miller, Greg, e Julie Tate. "CIA's Global Response Staff emerging from shadows after incidents in Libya and Pakistan" The Washington Post, 26 de dezembro de 2012, https://www.washingtonpost.com/world/national-security/cias-global-response-staff-emerging-from-shadows-after-incident-in-libya-and-pakistan/2012/12/26/27db2d1c-4b7f-11e2-b709-667035ff9029_story.html

Mongabay.com. "Population estimates for Benghazi, Libya, 1950-2015", http://books.mongabay.com/population_estimates/full/Benghazi-Libya.html

Montoya, Mario. "Mission to a Revolution" State, dezembro de 2011: 18–23, <http://www.state.gov/documents/organization/178204.pdf>

Morris, Harvey. "In Letter to Friends, Slain U.S. Ambassador Expressed Hope" The New York Times, IHT Rendezvous (blog), 12 de setembro de 2012, <http://rendezvous.blogs.nytimes.com/2012/09/12/slain-u-s-ambassadors-letter-to-friends-and-family/>

Nordland, Rob. "In Libyan Rebel Capital, Shouts of Thanks to America and the West" The New York Times, 28 de maio de 2011, <http://www.nytimes.com/2011/05/29/world/africa/29benghazi.html>

Pargeter, Alison. Libya: The Rise and Fall of Qaddafi. New Haven: Yale University Press, 2012.

Redmayne, Nick. "Rising from the revolution: Life in Benghazi" CNN, 17 de maio de 2013, <http://travel.cnn.com/benghazi-travel-610366>

Risen, James, Mark Mazzetti, e Michael S. Schmidt. "U.S.-Approved Arms for Libya Rebels Fell Into Jihadis' Hands" The New York Times, 5 de dezembro de 2012, <http://www.nytimes.com/2012/12/06/world/africa/weapons-sent-to-libyan-rebels-with-us-approval-fell-into-islamist-hands.html>

Rohloff, Florence Hartke. Flight from Benghazi. Nova York: Vantage Press, 1998.

Scarborough, Rowan. "Delta Force Marine awarded Navy Cross for fight at CIA annex in Benghazi" The Washington Times, 16 de novembro de 2013, <http://www.washingtontimes.com/news/2013/nov/16/delta-force-marine-awarded-navy-cross-fight-cia-an/?page=all>

Schmitt, Eric, Helene Cooper, e Michael S. Schmidt. "Deadly Attack in Libya Was Major Blow to C.I.A. Efforts" The New York Times, 23 de setembro de 2012, <http://www.nytimes.com/2012/09/24/world/africa/attack-in-libya-was-major-blow-to-cia-efforts.html>

Snapp, Trevor. "The New Libyans" Vice, 31 de março de 2011, <http://www.vice.com/read/the-new-libyans-754-v18n4>

Stark, Freya. The Coast of Incense. Londres: John Murray, 1953.

Temehu Tourism Services. "Benghazi" 8 de agosto de 2013, http://www.temehu.com/Cities_sites/benghazi.htm.

The New York Times. "A Timeline of Events in Benghazi", 8 de maio de 2013, <http://www.nytimes.com/interactive/2013/05/08/us/benghazi-pentagon-timeline.html>

The Wall Street Journal. "How the Benghazi Attack Unfolded" <http://online.wsj.com/news/articles/SB10000872396390444620104578008922056244096>

The Wall Street Journal. "Witness Hicks: How the Benghazi Attack Unfolded" Washington Wire (blog), 8 de maio de 2013, <http://blogs.wsj.com/washwire/2013/05/08/witness-hicks-how-the-benghazi-attack-unfolded/>

Thorn Tree Forum. “An update on Eastern Libya...Benghazi, Cyrene, Tobruk, etc.” 12 de maio de 2012, <http://www.lonelyplanet.com/thorntree/thread.jspa?threadID=2199652>

Tiersky, Alex, e Susan B. Epstein. “Securing U.S. Diplomatic Facilities and Personnel Abroad: Background and Policy Issues” Serviço de Pesquisa do Congresso, 8 de novembro de 2013, <http://www.fas.org/sgp/crs/row/R42834.pdf>

TheTownTalk.com. “Transcript: Testimony of Gregory Hicks on Benghazi” 8 de maio de 2013, <http://archive.thetowntalk.com/article/20130508/NEWS01/130508017/Transcript-Testimony-Gregory-Hicks-Benghazi>

Vandewalle, Dirk. A History of Modern Libya. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Von Mittelstaedt, Juliane. “Libya’s Soccer Rebellion: A Revolution Foreshadowed on the Pitch of Benghazi” Spiegel Online, 15 de julho de 2011, <http://www.spiegel.de/international/world/libya-s-soccer-rebellion-a-revolution-foreshadowed-on-the-pitch-of-benghazi-a-774594.html>

Wainstein, L. “Some Aspects of the U.S. Involvement in the Middle East Crisis, May–June 1967” Instituto de Análises de Defesa, 1968, <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/US-Israel/CriticalIncidentNo.14.pdf>

What The Folly?!. “Transcript: Testimony of Regional Security Officer Eric Nordstrom on the ‘Security Failures in Benghazi.’” 11 de outubro de 2012, <http://www.whatthefolly.com/2012/10/11/transcript-testimony-of-regional-security-officer-eric-nordstrom-on-the-security-failures-in-benghazi/>

Youssef, Nancy A. “Libyans, diplomats: CIA’s Benghazi station a secret – and quickly repaired” McClatchy Newspapers, 12 de novembro de 2012, <http://www.mcclatchydc.com/news/nation-world/world/middle-east/article24740137.html>

AGRADECIMENTOS

Um sincero agradecimento vai primeiro e acima de tudo para as famílias da equipe de segurança do Anexo. Seu amor e apoio sustentaram os operadores durante o tempo em que ficaram em Benghazi, especialmente durante as treze horas de combate. Um profundo reconhecimento também para os mentores, amigos e camaradas dos membros da equipe nas forças armadas dos EUA e em qualquer outro lugar, que ajudaram a treinar os operadores para aquilo que encontraram naquela noite e por preparar os sobreviventes para o que viria depois.

O editor Sean Desmond, da Twelve, foi um inabalável entusiasta e colaborador perspicaz. Tomo emprestada a frase de Sean e afirmo que a assistente editorial Libby Burton merece entrar para as “forças especiais da editoração”. Agradecimentos específicos para Jamie Raab, Deb Futter, Brian McLendon, Paul Samuelson, Mari C. Okuda, Rick Ball, Carol Ross e para a equipe da Twelve e da Grand Central por tratarem deste livro com tanto esmero.

O extraordinário agente Richard Abate, da 3Arts, agiu como o anfitrião de um complexo jantar e conseguiu reunir uma lista de convidados aparentemente incompatíveis com seu talento singular. Sua assistente, Melissa Kahn, garantiu que todos os pratos fossem servidos quentes.

Dana Hatic criou ordem a partir do caos ao colher detalhes de uma quantidade enorme de fontes e montou uma inestimável linha cronológica. Nick Lehr preparou com destreza um sofisticado dossiê sobre Benghazi que contempla desde sua história até suas idiossincrasias, o que expôs seu talento como pesquisador e escritor. Steve Wylie bateu todos os recordes de velocidade no que se refere a transformar gravações digitais de entrevistas em transcrições volumosas e sem erro.

Agradecimento especial a Sid e Gerry Zuckoff, por me darem tudo o que eu precisava.

Por fim, a Suzanne, Isabel e Eve: hoje e sempre, vocês são a razão e a recompensa de tudo.

Índice Remissivo

Abu Khattalah, Ahmed
Acampamento Militar Doha
Adidas Road
Aeroporto Internacional de Benina
AFRICOM
Agência de Segurança Diplomática
Agentes da DS. Ver também Henderson, Alec; Nordstrom, Eric; Smith, Sean; Ubben, David;
 Wickland, Scott
 em Benghazi
 em Trípoli
AK-47
Akin, Ali
Al-Ahly Benghazi
Al-Ahly Trípoli
al-Funduq
al-Qaeda
Anexo da CIA em Benghazi. Ver Anexo
Anexo
 Annex Road
 Área de Informações Confidenciais Compartimentadas (SCIF)
 evacuação do
 guardas,
 portão da frente
 portão de trás
 Prédio A
 Prédio B
 Prédio C

Prédio D
sala da equipe
segurança do
Smuggler's Alley
telhado

Arafat, Yasser

Área de Informações Confidenciais Compartimentadas. Ver Anexo; Prédio C; Área de Informações
Confidenciais Compartimentadas (SCIF).

Asquith, Dominic

Avião de carga C

Baía de Guantánamo

Band of Brothers

Bani Hilal

Bani Salim

Base Aérea de Ramstein

Base da Força Aérea de Andrews

Benton, Dave "D.B."
defendendo o Anexo
defendendo o Complexo diplomático
evacuação de
histórico de
na equipe de franco-atiradores/observação
na força de reação rápida
no Anexo
no Casarão C
saindo do Complexo diplomático

Biden, Joseph

bin Laden, Osama

bin Qumu, Sufian

BlackBerry

Blackhawk (helicóptero)

Blackwater

"Bob" (chefe do Anexo da CIA em Benghazi)

Bourne, Jason

Brigada dos Mártires de 17 de Fevereiro

Butler, Gerard

Call of Duty

Campbell, Joseph
Cantinho Americano
Centro do Comando de Segurança Diplomática do Departamento de Estado
Centro de Conhecimento de Língua Inglesa
Centro Médico de Benghazi
Cirenaica (região)
Clinton, Hillary
Comando de Operações Navais Especiais
Combatente de F-15
Comitê Especial do Congresso
Comitê de Inteligência do Senado
Comitê Internacional da Cruz Vermelha
Companhia de Petróleo do Golfo Árabe
Complexo da Missão Especial do Departamento de Estado dos EUA. Ver Complexo diplomático
Complexo diplomático
 aglomeração e pilhagem
 Alojamento da Mártires de 17 de Fevereiro
 ataque ao
 Cantina
 Casarão C
 Centro do Comando de Segurança Diplomática
 Château Christophe
 evacuação do
 portão da frente
 segurança da
 Serviço de Segurança Diplomática. Ver Agentes da DS
 TOC (Centro de Operações Táticas)
 zona de segurança
Conselho Nacional de Transição da Líbia (TNC).
Conselho Supremo de Segurança da Líbia. Ver SSC
Corporação Nacional do Petróleo
Cretz, Gene

Daily Beast, The
Dalai Lama
Dempsey, Martin
Departamento de Estado
Doherty, Glen “Bub”.

como paramédico
defesa do Anexo
em Trípoli
evacuação de
histórico de
morte de
www.glendohertyfoundation.org

Downey, Robert, Jr.

Draper, Hannah

Drone (ISR)

Dubs, Adolph

Dushka (metralhadora)

Embaixada dos EUA

em Bagdá

em Beirute

no Cairo

em Trípoli

Embaixador Americano na Líbia. Ver Stevens, J. Christopher

Equipamento de GPS

Escola Básica de Demolição Subaquática

Escritório do Diretor de Inteligência Nacional

Falcão negro em perigo

Fajr (oração)

Fatiar a torta (tática militar)

FBI

Fezânia (região)

Força Aérea Líbia

Força Delta (D-boys)

Foreign Policy

Fúria de titãs

Fuzil de assalto M4

Fuzileiros Navais

alojamento

Fwayhat Ocidental

Gannas, Abdurrahman al-

Geist, Mark “Oz,”

defendendo o Anexo
evacuação de
fazendo segurança para oficial de inteligência
ferimento de
histórico de
no Anexo
Google Earth
Gowdy, Trey
Grupo Muçulmano Senussi
GRS (Global Response Staff). Ver também Benton, Dave “D.B.”; Doherty, Glen “Bub”; Geist, Mark
“Oz”; Paronto, Kris “Tanto”; Silva, Jack; Teigen, John “Tig”; Woods, Tyrone “Rone”
em Benghazi
necessidade de
reação no Complexo diplomático
em Trípoli
Irmandade Muçulmana
Gunfighter Road
Grupo Blue Mountain Libya

Habib, Bubaker
Ham, Carter
HBO
Henderson, Alec
chegada ao Anexo
evacuação de
identificando Stevens
histórico de
ligações telefônicas/conversas pelo rádio
no Casarão C
saindo do Complexo diplomático
trancado no TOC
“Henry” (tradutor)
no Anexo
no Complexo diplomático
na Gunfighter Road
Hicks, Gregory
Hotel El Fadeel

Iêmen

linocência dos muçulmanos, A
ISR. Ver Drone (ISR)

Jalu, Adel
Johnson, Lady Bird
Johnson, Lyndon
Kadafi, Muamar

Kadafi, Saadi
Katyusha (foguetete)
Kentucky windage
Kormann, John

“La Bomba”
“laçar”
lago 23 de Julho
Libi, Abu Yahya al-
Líder da Equipe da GRS. Ver Líder da Equipe
Líder da Equipe da GRS em Benghazi
em Trípoli
no Anexo
no Complexo diplomático
na Gunfighter Road

Magariaf, Mohamed
MANPADS
Martin, Ian
Martin, Ricky
Martinec, John
McFarland, David
Milícia Ansar al-Sharia de Benghazi
Milícia Ansar al-Sharia de Derna
Ministro da Defesa da Líbia
Ministério das Relações Exteriores da Líbia
Mukhtar, Omar al-
Mussolini, Benito

Não há dia fácil
New Yorker
New York Times, The

Nordstrom, Eric

Obama, Barack

administração de

Oficiais de inteligência da CIA (COs)

Onze de Setembro

Operações Especiais

Panetta, Leon

Paronto, Kris “Tanto,”

defendendo o Anexo

defendendo o Complexo diplomático

evacuação de-

histórico de

na força de reação rápida

na equipe de franco-atiradores/observação

no Anexo

saindo do Complexo diplomático

Tantoismo

Pentágono

PKM (metralhadora Kalashnikov leve)

Posto de Comando (CP). Ver Anexo; Prédio C; Sala da Equipe

Powell, Colin

Primavera Árabe

Profeta Maomé

Racetrack Road

Rahman, Omar Abdul

Rancilio Café

Regimento Ranger do Exército dos EUA

insígnia

Credo dos Rangers

Rafael

Reagan, Ronald

Restaurante Venezia

Revolução Líbia

Rice, Condoleezza

Rice, Susan

Ring Road

Fifth
First
Fourth,
Third
RPG (lançador de granadas)
Rusk, Dean

Sala da Equipe da GRS. Ver Anexo; Prédio C; Sala da Equipe
SEALs. Ver SEALs da Marinha
SEALs da Marinha
 Hell Week
 SEAL veterano
 Tridente (insígnia)
Sala de Situação da Casa Branca
Salty Frog (bar)
Senussi, Idris al-
Shari' al-Andalus. Ver Gunfighter Road
Shari' al-Qayrawan. Ver Adidas Road
Silva, Jack
 defendendo o Anexo
 defendendo o Complexo diplomático
 evacuação de
 histórico de
 na força de reação rápida
 no Anexo
 no Casarão C
 saindo do Complexo diplomático
Skype
Smith, Sean
 desaparecimento de
 evacuação de
 histórico
 morte de
 no Casarão C/na zona de segurança
 “Vile Rat,”
SOFREP.com
Spectre AC-30 (aeronave)
SSC. Ver Conselho Supremo de Segurança da Líbia (SSC)

comportamento suspeito do
SST (Equipe de Segurança Local)
Stevens, J. Christopher
como embaixador
como enviado especial
desaparecimento de
diário de
histórico de
membro do Comitê de Relações Internacionais do Senado
morte de
no Centro Médico de Benghazi
no Casarão C/ na zona de segurança
segurança de

Técnico (veículo improvisado)

Tek, Nathan

Tibesti Hotel

Tiegen, John “Tig”

como paramédico
defendendo o Anexo
defendendo o Complexo diplomático
evacuação de
histórico de
na força de reação rápida,,
no Casarão C
saindo do Complexo diplomático

Tomada de ângulo (tática militar)

Tripolitânia (região)

Ubben, David

chegada ao Anexo
defendendo o Anexo
evacuação de
ferimento grave de
histórico de
no Casarão C
no Complexo diplomático
saindo do Complexo diplomático
trancado no TOC

Universidade Aeronáutica de Embry-Riddle
USS Cole

Washington Post

Washington Times

Wickland, Scott

chegada ao Anexo
defendendo o Complexo diplomático
histórico de
inalação de fumaça
ligações telefônicas de
no Casarão C/na zona de segurança
saindo do Complexo diplomático

WikiLeaks

Woods, Dorothy (esposa de Tyrone)

Woods, Kai (filho de Tyrone)

Woods, Tyrone “Rone,”

como paramédico
defendendo o Anexo
defendendo o Complexo diplomático
evacuação de
histórico de
morte de
na força de reação rápida
no Anexo
no Casarão C
saindo do Complexo diplomático

Xbox

YouTube

Zumbilândia

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

13 horas

Wikipédia do autor

https://en.wikipedia.org/wiki/Mitchell_Zuckoff

Good reads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/328012.Mitchell_Zuckoff

Twitter do autor

<https://twitter.com/mitchellzuckoff?lang=pt>

Sobre o autor

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6732